

Márcio Vieira de Souza

REDES INFORMATIZADAS DE COMUNICAÇÃO:

A teia da rede internacional DPH



Blucher Open Access

Márcio Vieira de Souza

Redes Informatizadas de
Comunicação: a teia da rede
internacional DPH

Blucher

Redes Informatizadas de Comunicação: a teia da rede internacional DPH

© 2017 Márcio Vieira de Souza

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela editora
Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Souza, Márcio Vieira de
Redes informatizadas de comunicação : a teia da
rede internacional DPH [livro eletrônico] / Márcio
Vieira de Souza. – 2. ed. -- São Paulo : Blucher, 2016.
232 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-8039-181-7 (e-book)

1. Comunicação – Aspectos sociais 2. Comunicação
e tecnologia 3. Redes de computadores 4. Sociedade
da informação 5. Tecnologia – Aspectos sociais 6.
Tecnologia da informação I. Lapolli, Édis Mafra. II. Título.

16-0602

CDD 303.4833

Índices para catálogo sistemático:
1. Redes informatizadas: Tecnologias da informação e da
comunicação: Sociologia

Márcio Vieira de Souza

Redes Informatizadas de Comunicação: a teia da rede internacional DPH

TESE DE DOUTORADO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção

Orientadora: Profa. Dra. Édis Mafra Lapolli

2ª edição

Florianópolis

Dedicatória

Ao Cícero, aquele que planta sementes...
Meu filho, que com tão pouco tempo de convivência
já me ensinou muito.

Agradecimentos da 1ª edição

In memoriam

Um agradecimento especial a minha falecida mãe Edi Vieira de Souza pela compreensão e pelo companheirismo de todas as horas e que, além de dar apoio familiar, colaborou diretamente neste trabalho.

A minha orientadora Dra. Édis Mafra Lapolli pelo apoio nas horas difíceis e decisivas. Aos membros da banca, Dra. Alcina M. Lara Cardoso, Dra. Ana Maria B. Franzoni, Dra. Arceloni N. Volpato, Dr. Francisco Antônio P. Fialho.

Aos membros da Associação Diálogo, da Rede DPH e da Fundação Charles Leopold Mayer (FPH) representados nas pessoas de Vânia de Oliveira Parreira, Vladimir Ugarte, Michel Sauquet, Catherine Guernier, Erika Campelo, Suzanne Humberst e Pierre Calame.

Dedicatória e agradecimentos da 2ª edição

Para a Sol, Solange Cristina da Silva, parceira e companheira que, nestes anos, tem iluminado a minha vida e a do Cícero com sua dedicação e compreensão.

Um agradecimento a Jonatas Eliakim e Bonie Santos, representando a Editora Blucher com sua eficiência e sensibilidade na publicação deste e de outros trabalhos em que tenho participação.

Esta pesquisa e publicação contou com o apoio de:



Contato FPH

FPH bureau exécutif, 38 rue Saint Sabin, F 75011 Paris-France

FPH siège social et bureau en Suisse, Chemin de Longeraie, 9 CH 1006 Lausanne-Suisse.



ritimo Réseau d'information et de documentation
pour le développement durable et la solidarité internationale

Ritimo

Réseau des centres de documentation et d'information pour le développement et la solidarité internationale

Siège social

21 ter, rue Voltaire, 75011 Paris – France

Fax. 01 44 64 74 55

Ecrire à contact@ritimo.org

“Diga-me como te organizas e eu te direi quem és”
Pierre Calame (2001, p. 218)

Sobre o autor

Nasceu em Lages, Santa Catarina. É formado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (1985), fez duas especializações em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Unisinos, mestrado em Sociologia Política pela UFSC (1995) e doutorado em Engenharia de Produção pela UFSC (2002). Foi chefe de departamento do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e professor de mestrado do Programa de Pós-graduação em Gestão em Políticas Públicas da Univali, onde também trabalhou no departamento de Educação a Distância. Foi membro e fundador da ONG DIÁLOGO – Cultura e Comunicação e da TV Floripa – o canal comunitário de Florianópolis.

É autor, entre outros trabalhos, dos livros *As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil* (1996) e *Redes informatizadas de comunicação: a teia da rede internacional de DPH* (2008), e foi um dos organizadores e coautor, entre outros, dos livros *A comunicação na aldeia global: cidadãos do planeta face a explosão dos meios de comunicação* (2005), *Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária* (2015) e *Tecnologias da informação e comunicação na segurança pública e direitos humanos* (2016).

É professor adjunto da UFSC, onde é um dos líderes do Grupo de Pesquisa de Mídia e Conhecimento (CNPq), e atua no Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC-UFSC) e como professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação (PPGTIC-UFSC) e no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC-UFSC). Atualmente, é supervisor do Laboratório de Educação em Rede do Centro Tecnológico (LEDLAB) do EGC-UFSC.

Conteúdo

Lista de figuras	15
Lista de tabelas	19
Lista de quadros	21
Lista de abreviaturas.....	23
Resumo	25
<i>Abstract</i>	27
Apresentação: redes informatizadas de comunicação no contexto atual da sociedade em rede	29
Prefácio.....	33
Capítulo 1 – Introdução	37
1.1 O problema pesquisado	37
1.2 Origem do trabalho	37
1.3 Objetivos.....	38
1.4 Justificativa	39
1.5 Estrutura do trabalho.....	40
Capítulo 2 – Metodologia	43

Capítulo 3 – Revisão da literatura.....	49
3.1 Introdução.....	49
3.2 A globalização, a desterritorialização e a cidadania.....	50
3.3 O crescimento da rede no Brasil e no mundo	51
3.4 Novas tecnologias, vontade política e cidadania	53
3.5 Mídia e conhecimento e a rede	54
3.6 O conhecimento proibido e o conhecimento aberto	56
3.7 A globalização e as redes	57
3.8 As redes na era da informação e do conhecimento	57
3.9 As redes de movimentos sociais no processo de democratização da sociedade.....	59
3.10 As redes físicas (tecnológicas) e as redes (de movimentos) sociais.....	61
3.11 Redes neurais artificiais e a autopoiesis	63
3.12 As redes e a teoria dos fractais	66
3.13 Pierre Lévy e o movimento social da cibercultura	71
3.14 O impacto das tecnologias e as teorias apocalípticas e as integradas	72
3.15 A rede, a criatividade, a inovação e os cenários de luta	75
Capítulo 4 – Resultados: análise e discussão	77
4.1 História da rede DPH.....	77
4.2 Análise de uma rede social na rede virtual.....	86
4.3 A rede DPH e suas ferramentas informáticas	120
4.4 Identificação e análise organizacional da rede DPH: a criação de um modelo cartográfico e de um método de identificação de redes comunicacionais na internet.....	148
Capítulo 5 – Conclusão.....	179
5.1 Conclusão geral.....	179
5.2 Conclusões específicas.....	180
5.3 Recomendações para trabalhos futuros.....	183
Fontes bibliográficas.....	187
Anexos.....	197

Lista de figuras

Figura 1 Organograma	58
Figura 2 As cinco formas básicas das redes físicas	62
Figura 3 A interconectividade das redes	62
Figura 4 A dimensão fractal na comunicação.....	68
Figura 5 As várias dimensões fractuais de uma rede de ensino tradicional	69
Figura 6 Desenho de um sistema de educação a distância	70
Figura 7 Gráfico dos dados da rede.....	84
Figura 8 Fases da rede DPH.....	85
Figura 9 Número total de endereços eletrônicos filiados à rede	87
Figura 10 Proporção de endereços eletrônicos por língua	87
Figura 11 Porcentagem por região geográfica	89
Figura 12 Representação gráfica do fluxo das mensagens.....	95
Figura 13 Animação	95
Figura 14 Comunicação interna	97

Figura 15 Procedência dos questionários	99
Figura 16 Proporção das respostas por continente	99
Figura 17 Perfil majoritário de instituições	100
Figura 18 Demonstração gráfica da classificação	101
Figura 19 Comunicação externa	102
Figura 20 Metodologia/mediação	104
Figura 21 Tesouros: as palavras-chave da Rede DPH	107
Figura 22 Desenvolvimento da rede DPH	109
Figura 23 Técnica/tecnologia DPH	110
Figura 24 Estrutura e as formas de institucionalização da rede	111
Figura 25 Organização: os fluxos e refluxos	112
Figura 26 Financiamento da rede DPH	114
Figura 27 Redes: breve reflexão	117
Figura 28 Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI	122
Figura 29 LAMCO – UNIVALI	123
Figura 30 Rede vozes do silêncio	124
Figura 31 Diálogo – cultura e comunicação	124
Figura 32 Rede DPH	125
Figura 33 Dossier	126
Figura 34 Fiches RITE	126
Figura 35 Fichas DPH	127
Figura 36 Ferramentas de navegação	128

Figura 38 DPH em NAVIBASE.....	143
Figura 39 Ferramenta.....	143
Figura 40 Botões e as instruções de navegação do NAVIBASE	144
Figura 41 Recherche Guidée.....	145
Figura 42 CDS/ISIS.....	145
Figura 43	154

Lista de tabelas

- Tabela 1 Dados da rede 83
- Tabela 2 Países e áreas continentais 88
- Tabela 3 Classificação das mensagens por tema..... 93
- Tabela 4 Classificação da forma..... 101

Lista de quadros

Quadro 1 Exemplo de mensagem eletrônica 91

Quadro 2 Regras de interface: o que não fazer na Web..... 122

Lista de abreviaturas

- ABVP – Associação Brasileira de Vídeo Popular
ACA – Associação Amigas da Comunicação Alternativa (Uruguai)
APM AFRIQUE – (Cameroun) Le réseau panafricain
ARCI – (France) L'Association de Recherche Coopérative Internationale
ASSO.A.L – (Cameroun) Association des Amoureux du Livre (Cameroun)
AMARC – Associação Mundial de rádios comunitárias
CCFD – (France) Le Comité Catholique contre la Faim et pour le Développement (CCFD) CCJ – Centro de Comunicacion Javier (México)
CCRSS – (Inde) Centre for cooperative research in social sciences
CDTM – (France) Centre de Documentation Tiers Monde (France)
CEARAH periferia – Centro de Estudos, articulação, referências sobre assentamentos Humanos (Brasil)
CEDAL FRANCE – (France) Centre d'Etude du Développement en Amérique Latine
CINEP (Colombie) – Centro de Investigacion y Educacion Popular (Colombia)
COMCOSUR – Comunicacion Participativa Cono Sur-Europa (Uruguai)
DPH – Rede Diálogos para o progresso da Humanidade
DIÁLOGO – Associação Diálogo Cultura e Comunicação (Brasil)
ECHOS – ECHOS COMMUNICATION (Bélgica)
ECOLE DE LA PAIX-L'association L'Ecole de la Paix (Bélgica)
ENTRE SIGNES ET CULTURES – L'association Entre Signes et Cultures (França)
ESPACIOS – Association Espacios Culturales de Innovación Tecnológica (México)
FPH – Fondation Charles Leopold Mayer Pour le Progress d'lHomme (França)
FRATERNITÉ EUROPE-ASIE – Association Fraternité Europe Asie (Viêt-Nam/France)
GEA – Grupo de Estudios Ambientales (México)

- GEYSER – Association française travaillant dans les secteurs de l’agriculture, l’environnement, le développement local et rural. (France)
- HABITAT ET PARTICIPATION – Réseau Charte européenne pour le Droit à Habiter et la Lutte contre l’Exclusion (Belgique)
- HIC – Coalition Internationale pour l’Habitat (México)
- ICSF – International Collective in Support of Fishworkers (Índia)
- INASIA – Initiative in Research and Education for Development in Asia (Sri Lanka)
- INDECS (Brasil) – Instituto de projeto em Comunicação e Sociedade
- INDESO-MUJER – Instituto de Estudios Jurídicos Sociales de la Mujer (Argentina)
- IREN – Development innovations and networks
- JURISTES SOLIDARITES – Réseau international d’information et de formation à l’action juridique et judiciaire.
- L’AMI – Association Appui Mutuel pour un usage social de l’Information (France)
- NORTH SOUTH CENTRE – Centre Nord-Sud du Conseil de l’Europe
- PACS – Programme Régional de Recherches Economiques et Sociales du Côte Sud
- PASOS – Réseau d’échange d’expériences entre ONGs mexicaines investies dans des processus de développement rural (México)
- PDP – Promocion del Desarrollo Popular (México)
- POLIS -POLIS – INTERNATIONAL NETWORK IN ENVIRONMENTAL EDUCATION GREECE)
- PRODAR – Programme coopératif de réseaux d’agro-industrie rurale en Amérique latine et Caraïbes (Costa Rica/Perú)
- RESEAU HOST – Réseau international Histoire des Transformations Sociales
- RITIMO – Réseau d’Information Tiers Monde (France)
- SAPÉ – Serviços de Apoio a Pesquisa em Educação (Brasil)
- UNIONE INQUILINI – Syndicat regroupant des comités de locataires qui luttait contre les expulsions dans quelques villes du nord de l’Italie (Itália)
- UNIRR – União de Redes de Radiodifusão Comunitária (Brasil)
- VIDEAZIMUT – Coalizão Mundial de Vídeo pela Democracia

Resumo

A partir do estudo de caso da rede DPH (Rede Diálogos para o Progresso da Humanidade), estuda os impactos e influências das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na formação de redes organizacionais em nível local e global. Resgata, analisa e sistematiza a história cronológica da rede DPH. Analisa as ferramentas e recursos utilizados de Tecnologia da Informação e comunicação pela rede DPH e sua influência na organização da mesma. Reflete, sobre os conceitos de “redes” tecnológicas e sociais e identifica em forma de organograma, o modelo organizacional desta rede. Analisa e identifica as dinâmicas organizacionais e suas modificações, a partir de um nó local (micro) até um nível fractal internacional (macro). Como conclusão, faz uma proposta metodológica de construção de modelos para identificação e análise de organizações virtuais em rede.

Abstract

This thesis, which is a case study of the DPH network (Rede Diálogos para o Progresso da Humanidade – Dialogues Network for Humanity’s Progress), studies the impact and influence of Information and Communication Technologies (ICT) on the establishment of organizational networks at a local and global level. It presents, analyzes and systematizes the DPH network’s chronological history. It analyzes the tools and resources of Information and Communication Technologies used by the DPH network and their influence on its organization. This work also discusses the concept of social and technological “networks”, and identifies, through a rank diagram, their organizational model. In addition to that, this thesis analyzes and identifies the dynamics of organization and their modifications, starting from a local node (micro) up to an international fractal level (macro). As a conclusion, it presents a methodological proposal of models construction for the identification and analysis of networks of virtual organizations.

Apresentação: redes informatizadas de comunicação no contexto atual da sociedade em rede

É com imenso prazer que faço a apresentação desta versão, em formato ebook, do Livro *Redes informatizadas de comunicação: a teia da rede DPH*. Esse trabalho foi apresentado em formato de tese de doutorado no programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no ano de 2002. A primeira versão impressa deste livro foi editada pela Editora Blucher no ano de 2008 com apoio de duas entidades francesas, a Fondation Charles Léopold Mayer pour Le Progres de L'Homme (FPH) e a Réseau d'information et de documentation pour le developpement durable et la solidarité internationale (RITIMO). Essas organizações participaram diretamente do estudo de caso da rede que deu origem à pesquisa e, conseqüentemente, ao livro.

Esta nova tiragem em formato ebook continua mantendo a base original do relatório de pesquisa da tese. As modificações realizadas são a inclusão desta Apresentação, que contextualiza e reflete sobre este trabalho, e do Prefácio escrito pelo professor Francisco Fialho. O autor do Prefácio, e hoje colega de departamento, tem autoridade para escrever sobre este trabalho, pois tive a honra de ter seu acompanhamento durante esta pesquisa desde o início até a participação como avaliador na banca de defesa. Outra importante diferença é que nestes tempos de mídias digitais e de recursos educacionais abertos, tenho a satisfação de dizer que viabilizamos e apresentamos esta edição em formato totalmente gratuito e com licença Creative Commons.

Quando o estudo de caso deste trabalho foi realizado, na virada do milênio, as tecnologias da informação e da comunicação estavam começando a mudar o mundo, e uma revolução tecnológica apenas se esboçava. A internet no Brasil era discada (via telefone fixo), e o acesso a ela era limitado a órgãos de Estado, grandes corporações e universidades por meio da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Na sociedade civil, por meio de redes de ONGs (organizações não

governamentais) existiam apenas algumas experiências comunitárias de internet, desenvolvidas de forma inovadora, com destaque para o Alternex, um serviço ligado ao Ibase, ONG do Rio de Janeiro criada pelo Betinho que era vinculada a outras redes informatizadas em outros países, chamada de Associação para o Progresso da Comunicação (APC). Ainda em meados dos anos 1990, outra rica experiência regional acontecia em Natal, Rio Grande do Norte, onde o Centro de Defesa de Direitos Humanos e Memória Popular (CDHMP) utilizava um bulletin board system (BBS) com um banco de dados interativo com registros da cultura e direitos humanos do Nordeste brasileiro, principalmente da região do Potiguar. Uma terceira experiência era a rede DPH (Diálogos para o Progresso da Humanidade). O registro inicial dessas três redes inovadoras na internet sob a perspectiva de um movimento pela democratização da comunicação no Brasil está registrado em um trabalho meu chamado *“As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil (1984-1994)”*, que foi baseado na minha dissertação de mestrado em Sociologia Política (SOUZA, 1996). Assim, o estudo de caso deste trabalho, bem como os termos e conceitos em suas reflexões, possui um contexto histórico que deve ser considerado.

É importante lembrar que quando este trabalho foi defendido como tese de doutorado não existiam redes sociais de relacionamento no Brasil. O Orkut surgiu em 2004, e só em 2008, ano de publicação desta tese como livro impresso pela Blucher, a sede do site de relacionamento foi transferida da Califórnia para o Brasil. Os brasileiros passaram a dividir a responsabilidade do controle mundial do Orkut com os indianos. Isso ocorreu devido ao grande número de usuários no país, que na época eram 40 milhões. A palavra final sobre qualquer mudança do Orkut era da Google Brasil. Lembrando ainda que o Facebook só passou a ser hegemônico no Brasil entre 2010 e 2011, época de lançamento do filme *A rede social*. Portanto, este estudo, suas metodologias de pesquisa e ferramentas utilizadas têm, de certa forma, algum pioneirismo, e isso implica entender também suas limitações. Hoje, falar em rede social é algo banal, comum e muitas vezes até confundida teoricamente como sendo apenas as redes de relacionamento que foram criadas por meio de mídias digitais e que já são utilizadas por grande parte da população (por exemplo, o Facebook, o WhatsApp, o Twitter etc.).

Com a era da globalização e a criação da internet, surgiu um fenômeno de redes sociais que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação para articular e auto-organizar que tomou dimensões globais. Com o avanço das mídias digitais, surgiu um movimento civil internacional que troca informações, comunica-se e pressiona governos e corporações via comunicação eletrônica, atividades muito difíceis de controlar e censurar. Mídia digital, conhecimento e as redes são três elementos que caminham juntos e articulados. Pode-se dizer que, com o advento da internet, o conhecimento aberto está disputando a hegemonia

com o conhecimento fechado na sociedade contemporânea. Um exemplo disso é o movimento mundial de produção de mídia digital, aberta, livre e voluntária, que se organiza em um sistema de organizações sem fins lucrativos e que tomou uma dimensão internacional, transformando-se em um importante fenômeno de reconfiguração constante da rede, intimamente ligado ao movimento de acesso aberto, de recursos educacionais abertos (REAs) e aos conceitos de Wiki e de Communs. Hoje, fala-se em Ciência das Redes como um processo aglutinador, transdisciplinar, em um mundo complexo e em uma sociedade em rede.

Quando este trabalho foi realizado, apenas algumas tendências e indícios desse fenômeno estavam acontecendo e sendo identificados. Não existiam Cursos Online Abertos e Massivos (MOOC), os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) estavam iniciando sua jornada, e a Wikipédia surgiu apenas quando esta tese estava em fase final (2001-2002), e só começou a tonar-se relevante internacionalmente próximo ao lançamento do livro, em 2008, pela Editora Blucher. Nessa época, o Orkut era novidade e mandava no Brasil.

Atualmente, existem várias ferramentas e recursos analíticos que ajudam a criar métricas, sedimentar e identificar “nós” ou nodos e a estudar organizações sob a perspectiva de redes. Quando desenvolvemos este trabalho os recursos eram escassos. Utilizamos e-mail, a base de dados da rede DPH e suas fichas documentais, que eram enviadas via disquete pelo correio para fazer parte da base de dados internacional. Fizemos ainda entrevistas, utilizamos documentos da rede impressos e a ferramenta Organochat para dar forma visual aos vários níveis fractais da rede, de modo que hoje seriam considerados artesanais. Por incrível que pareça, a base de dados da rede DPH ainda está no ar (<http://www.d-p-h.info/>), mantida pela organização francesa RITIMO, e serve de memória para várias experiências ricas, complexas e históricas.

Acreditamos, junto com a Editora Blucher, que neste livro há várias reflexões que ainda podem servir como referência para estudos das tecnologias da informação e comunicação (TIC), particularmente na área de redes sociais e mídias digitais, em seus mais variados aspectos. No Capítulo 3, no qual há uma revisão de literatura, tirando os aspectos conjunturais, existem ainda muitas referências à base dos meus trabalhos atuais, tanto no que se refere à teoria de redes como a identificação de níveis fractais em meus estudos sobre o conceito de educação em rede. Além disso, no aspecto metodológico, no Capítulo 5, desenvolvemos uma metodologia que ainda não existia e que pode ser referência para identificar um modelo organizacional virtual em forma de rede, seus níveis fractais e sua cartografia.

Finalmente, gostaria de me referir a um link entre este livro com a coleção de ebooks de título *Mídia, educação, inovação e conhecimento* que atualmente coordeno na Editora Blucher no formato Open Access, particularmente ao

livro *Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária*, organizado por mim e pelo Dr. Kamil Giglio (<https://www.blucher.com.br/index.php?/livro/detalhes/midias-digitais-redes-sociais-e-educacao-em-rede-1134>). Essa publicação de 2015 mostra um pouco da continuação das pesquisas e experiências que realizamos com os membros do grupo de pesquisa em mídia e conhecimento (CNPq) da Universidade Federal de Santa Catarina e outros pesquisadores parceiros no mesmo sentido do trabalho aqui apresentado.

Marcio Vieira de Souza, maio de 2017

Prefácio

Yesterday I had a dream.

Sonhei com um lugar encantado chamado ESCOLA, sem muros que limitam o olhar dos alunos e sem paredes que os impeçam de confraternizar. Fauna e flora rica e variada. Grama verde respirando chuva. Bancos naturais arrumados em círculo pela própria mãe natureza.

Escondidos nas profundezas de prodigiosos baobás e centenárias figueiras, espaços de trabalho equipados com as mais modernas das mais modernas tecnologias, como diria o grande poeta Gilberto Gil, conectando ambientes semelhantes espalhados pelos quatro cantos do planeta.

Como na ágora grega, espaços de encontros, de trocas, de construções e reconstruções, de novos saberes sempre recheados por delicados sabores.

Aí eu acordei para a realidade do dia. Prefaciando um livro é como compor um poema para a mulher amada. Mulher do outro, do autor e, por isso mesmo, ainda mais desejada.

Conheço Márcio de um tempo que foi ontem, mas que se prolonga em um eterno amanhã. Jornalista e professor, apaixonado pelas redes, sem perceber que ele mesmo é uma multidão de Márcios eternamente perdidos em conversações arquetípicas, sem nunca chegar a um acordo.

Acima como embaixo é o segredo de Hermes, o Trismegisto, três vezes Mago. Lá fora como cá dentro. Redes dentro de redes, centralizadas, descentralizadas ou distribuídas, mas de preferência de Tucum, rede preferida pelo meu saudoso Pai, gostosas de se deitar nelas.

Segundo Marshall McLuhan, “os homens criam as ferramentas, e as ferramentas recriam os homens”. Falamos de mudanças. Elas acontecem. Somos viajantes de um rio cujas águas nunca são as mesmas.

Para Paulo Freire, a mais importante questão a ser formulada é: “educar para quê?”. Sua resposta é: para transformar o mundo; **não** para reproduzir o mundo, para ser a mudança que se quer ver no mundo. É óbvio que estamos falando de uma escola bem diferente desta que está aqui, que impõe ideologias em vez de ensinar como nos livrar delas.

Queremos uma educação aberta e estimulante, que descortine novos horizontes profissionais, afetivos e sociais. Queremos uma educação que favoreça escolhas mais significativas em todos os campos. Uma educação que ajude as pessoas a confiarem em si mesmas e a construírem uma sociedade mais justa, em que crianças e jovens se tornem adultos realizados, solidários, empáticos, afetivos e inspiradores.

Como queremos ou podemos transformar o mundo? Que mundo queremos para nós e nossos filhos? Sabemos que não queremos mais um mundo pautado em competitividade, individualismo e mecanicismo, voltado ao controle da natureza e dos seres humanos.

É aí, neste espaço sagrado, como proposta para se responder a esta pergunta, que se insere o livro *Redes informatizadas de comunicação: a teia da rede internacional DPH*. O DPH se refere a diálogos para o progresso da humanidade. Diálogo é a resposta. Uma escola que está sempre se reformulando, uma obra inacabada, um projeto infinito.

Este livro estuda os impactos e influências das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) na formação de redes organizacionais em nível local e global. Se é verdade que o sonho da aldeia global de McLuhan é uma realidade hoje, é verdade também que essa aldeia nunca foi tão cruel, necessitando ser humanizada.

Também analisa e identifica as dinâmicas organizacionais e suas modificações a partir de um nó local (micro) até um nível fractal internacional (macro). A asa de uma borboleta, arrastando o vento e espalhando o pólen do futuro, a provocar tsunamis transformadores.

Não precisamos mais de professores heróis, que cultuam apenas a razão, impõem sua autoridade pelo controle e ensinam conhecimentos que reproduzem uma lógica social ultrapassada. Precisamos de professores Magos, que empoderem seus alunos na construção de tantos mundos quantos sejam necessários para produzir felicidade, aquilo que seja “real valor”, tanto a nível individual quanto coletivo.

O professor Mago fala de incertezas, da volatilidade das verdades; incentiva a volta ao mistério, a descoberta de novas heurísticas e a formulação de algoritmos criativos e inovadores.

O professor Mago:

- educa para assumir a magia do mundo;
- educa para gozar da própria magia;
- educa para realizar sonhos, os seus e os dos outros;

- educa para o riso;
- educa para amar, amar muito, amar além do que se pensa possível;
- educa para reinventar e reinventar-se a cada instante.

Queremos mais que “corpos praticantes” ou “corpos aprendentes”. O que desejamos, acima de tudo, é uma sociedade com pessoas brincantes, inteligentes, com senso crítico e senso de humor. Capazes de criar e inovar; pessoas com vidas plenas de significado. Pessoas capazes de usar as novas tecnologias, sim, mas acima de tudo, de saber refletir sobre seus usos. Precisamos de pessoas Magas; por isso, precisamos de professores Magos, mais do que professores heróis.

Que os diálogos na rede DPH, assim como aqueles que se situam dentro de nossas redes internas, possam nos conduzir a esse espaço novo com o qual sonhamos, a Escola Floresta, sempre a nos convidar para penetrar em seus mistérios e provar dos seus frutos.

Florianópolis, maio de 2017
Francisco Antonio Pereira Fialho

Introdução

1.1 O problema pesquisado

A fábrica como início e fim do processo produtivo foi substituída por redes cada vez mais complexas, de diferentes tipos: aglomerados, clusters etc. Compreender a produção a partir dessa perspectiva das redes organizacionais é fundamental na Engenharia de Produção do século XXI.

Neste relatório, partindo do estudo de caso da rede DPH (Rede Diálogos para o Progresso da Humanidade), estuda-se os impactos e influências das tecnologias de informação e comunicação na formação e organização de redes de movimentos sócio-técnicos.

1.2 Origem do trabalho

A ideia de estudar as redes tecnológicas e rede sociais de comunicação surgiu inicialmente na pesquisa de dissertação de mestrado que o autor defendeu em 1995, em Sociologia Política na UFSC, sob o título: *As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil*. Este trabalho faz uma reflexão, em alguns itens, sobre redes e sobre a internet e suas possibilidades democráticas para as organizações sociais no Brasil (SOUZA, 1996).

Aprofundar esta temática através do estudo de caso da rede DPH, surgiu via a participação e a assessoria que o autor presta a Associação Diálogo Cultura Comunicação, organização não-governamental de Santa Catarina, filiada a rede DPH. Neste processo, se integra um trabalho desenvolvido em convênio da Assoc. Diálogo com a UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), onde o autor é professor. O pesquisador também tem contato e presta assessoria à Fundação francesa Charles Leopold Mayer (FPH) há cerca de dez anos em vários projetos.

A FPH é a mentora e estimuladora da rede DPH. Este contato possibilitou a aproximação com a rede DPH, que possui uma inserção na internet, produz uma importante dinâmica de troca de informações via T.I.C. e a produção de um banco de dados original, com a filiação de organizações civis de vários países do mundo, que possuem uma enorme diversidade de atividades. Entre outros, estes foram fatores que fizeram com que a rede DPH fosse a escolhida para o estudo de caso desta tese.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Os sistemas produtivos modernos são redes complexas envolvendo fornecedores, sub-fornecedores, sub sub-fornecedores, além de imbricações com diversos outros atores como o Estado, os concorrentes, a sociedade civil, comunidade local, comunidade global, dentre outras. O objetivo geral é o de compreender melhor o funcionamento dessas redes, de forma a subsidiar futuras reflexões na área da Engenharia de Produção.

Pretende-se com este trabalho:

- Estudar e refletir sobre os impactos e influências das Redes de tecnologias da informação e da comunicação, na formação de Redes de movimentos sociais e organizacionais em nível local e global.
- Analisar, como estudo de caso, a Rede internacional informatizada DPH – Diálogos para o Progresso da Humanidade (rede DPH) e identificar um modelo organizacional em forma de organograma desta rede.

1.3.2 Objetivos específicos

- Refletir, a partir do estudo de caso da rede DPH, sobre os conceitos de “redes” e identificar em forma de organograma, o modelo organizacional desta rede.
- Resgatar, analisar e sistematizar a história cronológica da rede DPH.
- Analisar as ferramentas e recursos utilizados de Tecnologia da Informação e Comunicação (T.I.C.) pela rede DPH e sua influência na organização da mesma.
- Analisar e identificar as dinâmicas organizacionais e suas modificações na rede DPH, a partir de um nó local (micro) até um nível fractal internacional (macro).
- Criar um modelo cartográfico da rede DPH e uma metodologia de identificação e análise de redes.

1.4 Justificativa

1.4.1 A rede DPH: originalidade e importância

Estudar a *rede DPH – Diálogos para o Progresso da Humanidade*, uma “rede internacional de intercâmbio de experiências e reflexões úteis para a ação” (DPH, 1998) é uma oportunidade para poder refletir sobre as possibilidades e potencialidades de redes internacionais baseadas em novas tecnologias (banco de dados, internet, listas, publicações) em um futuro que se aproxima rapidamente. Pelo fato desta experiência ser uma rede internacional, multilinguística, sem fins lucrativos e composta “por pessoas e organizações formais e informais interessadas em intercambiar o melhor de seus conhecimentos e experiências” (ibid, 1998), acredita-se que este estudo de caso, pode servir para análise dos impactos e influências das tecnologias de informação na formação de Redes de movimentos sociais e organizacionais na era da globalização.

A *rede DPH* teve como objetivo inicial, criar um banco de dados com informações que represente “o melhor da experiência de cada membro, seja qual seja a sua procedência, da ação de base ao laboratório de investigação e pesquisa” (DPH, 2000, p. 8).

No início, todo o debate e esforço da rede foi no sentido de criar e estruturar o “banco dados ISIS-DPH”, uma ferramenta informacional criada para arquivar e sistematizar as experiências mais significativas dos membros da rede DPH, para que pudessem compartilhar esses conhecimentos. Foi escolhida como ferramenta inicial para criação da base de dados, o Programa ISIS da UNESCO. Esta opção ocorreu principalmente porque este banco de dados possui uma linguagem aberta, pública e sem fins lucrativos. Outro motivo, era o fato de que esta ferramenta era bastante difundida, sendo que muitas bibliotecas em todo o mundo utilizavam esse padrão e programa.

Com o tempo, a rede se estruturou, se diversificou e se tornou mais complexa, passando a ter co-responsáveis e articulações de pessoas e entidades coligadas na Ásia, África e na América, além de se expandir pela Europa. A rede DPH tem entre seus filiados, organizações não-governamentais (ONGs), associações, pesquisadores, redes temáticas, comprometidas “com a luta contra a exclusão ou pela construção da paz; com o desenvolvimento sustentável, apoio ao movimento de rádios comunitárias, crédito solidário, pedagogia e direito alternativos, entre outras” (DPH, 2000, p. 9). Esta rede humana é ancorada e baseada em uma “filosofia partilhada, pois o DPH é igualmente um banco de experiências que permite multiplicar os diálogos, um conjunto de metodologias, um leque de ferramentas técnicas e uma grande variedade de publicações” (idem, p. 10).

Atualmente a rede DPH é uma rede de redes, composta por um variado número de entidades que falam entre outros o francês, língua original no que o sistema foi criado, inglês, espanhol e português. Existe ainda articulação com grupos de países de línguas orientais, entre eles, o chinês. O Banco de dados DPH é composto por um “TESAUROS”, sistema de “palavra-chave” que serve para busca e pesquisa dos temas das fichas que contém as experiências sistematizadas do banco de dados. A riqueza e a diversidade do conteúdo desse banco de dados, sua utilização ou não, e a metodologia de uso feita pelos membros da rede local e global destes conteúdos, são objetos deste estudo. Vai-se pesquisar também a utilização da *rede* (internet) pela rede DPH. Nesse processo serão estudados os sites da rede DPH, o uso dos fóruns e listas eletrônicas e do *e-mail* para troca de informações, conhecimento e organização da rede que são utilizados pela rede DPH. Acredita-se que o grande número de dados e informações desta rede dinâmica, que tem as Tecnologias de Informação como base, e nunca foi estudada, é um filão original e importante para pensar a relação entre as redes tecnológicas de informação e a sociedade, e a própria sociedade em forma rede.

1.5 Estrutura do trabalho

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos.

Este capítulo descreve a motivação e os objetivos da pesquisa. Seu caráter é introdutório, sendo também ressaltada a justificativa e a estrutura do trabalho.

O próximo capítulo aborda e explicita a metodologia utilizada por essa pesquisa.

O capítulo 3 faz uma revisão da literatura discutindo os conceitos de mídia e conhecimento e sua relação com as redes, o próprio conceito de Redes: o que são e seus dilemas; a Web: a rede de redes, organizações não-governamentais virtuais; redes, fractais e a teoria do caos.

O capítulo 4 faz a análise e discussão e apresenta os resultados da pesquisa. Ele se divide nos seguintes itens:

1.5.1 A história da rede DPH

Contextualização, cronologia e desenvolvimento histórico da rede DPH.

1.5.2 Análise de uma rede social na rede virtual

Os desafios organizacionais de uma rede humana e as tecnologias de Informação e comunicação utilizadas. Análise da rede social na internet, mensagens

na internet e participação na rede DPH, grupos de discussão, links. Análise das mensagens temáticas da lista de discussões da rede.

1.5.3 A rede DPH e suas ferramentas informáticas

Neste item são analisadas as ferramentas informáticas da rede, baseadas principalmente nos sites na internet e no banco de dados DPH.

1.5.4 Identificação e análise organizacional da rede DPH

A criação de um modelo cartográfico e de um método de identificação de redes comunicacionais na internet.

O último capítulo apresenta as conclusões obtidas e faz recomendações para trabalhos futuros.

Finalmente, é apresentada a bibliografia utilizada, bem como, a citada neste trabalho e os anexos.

Metodologia

Este trabalho possui, quanto a forma de abordagem do problema de pesquisa, uma metodologia de análise qualitativa, descritiva e explicativa, com uma análise baseada em um resgate histórico, em documentos da rede DPH, nas bases de dados da rede, impressos, entrevistas gravadas e informações da rede na internet.

Parte de um material empírico, em relação a um ponto de vista dos procedimentos técnicos, para realizar um estudo de caso da Rede DPH, que é conseguido através da base de dados ISIS-DPH, que através da tecnologia de Banco de dados ISIS da UNESCO adaptada, que possui cerca de 7000 fichas com experiências concretas, em várias partes do mundo, em várias línguas (francês, inglês, espanhol, português), sobre temáticas como educação popular, agricultura alternativa, comunicação, cidadania, entre outros. Leva em conta a diversificada bibliografia referente a análise de redes sociais, com contribuições interdisciplinares das ciências sociais, geografia, economia e administração, entre outras. “O traço comum a todos os trabalhos que utilizam análises de redes sociais é o enfoque central nas relações sociais, preocupação bastante antiga nas ciências sociais” (MARQUES, 2000, p. 33).

Esta pesquisa assume uma visão crítica, interdisciplinar e sistêmica. Após uma detalhada *revisão de literatura* sobre a teoria de redes, a pesquisa, tenta inspirar-se e utilizar, como ferramenta de análise, a teoria do Caos e a teoria dos fractais (CAPRA, 1999; TIFFIN & RAJASINGHAM, 1995). Optou-se em utilizar estas teorias para identificar o modelo da rede DPH, por serem teorias que consideram os modelos dinâmicos, sutis e complexos das formas virtuais na internet. Como diz Fritjof Capra (1999), a teoria do Caos e a geometria fractal se identificam entre outras características pela análise qualitativa. A internet ou a *rede* é sempre vista como um sistema caótico, assim, uma metodologia que leva em

conta as relações caóticas da natureza, para nelas identificar padrões, serve perfeitamente como ferramenta deste trabalho.

O fato de a análise ser qualitativa e interdisciplinar “(...) não significa que a teoria do caos não é capaz de quaisquer previsões. Ainda pode-se fazer previsões muito precisas, mas elas se referem às características qualitativas do comportamento do sistema e não aos valores precisos de suas variáveis num determinado instante. Assim a nova matemática representa uma mudança da quantidade para a qualidade, o que é característico do pensamento sistêmico em geral. Enquanto a matemática convencional lida com quantidades e com fórmulas, a teoria dos sistemas dinâmicos lida com qualidade e com padrões” (CAPRA, 1999, p. 116).

Utiliza-se também para análise das temáticas e principais discussões da rede DPH, as mensagens da lista de discussões e conferência eletrônica e seu fórum na internet. Através de um arquivo de mensagens, com cerca de 450 mensagens, contendo informes, troca de experiências, textos e discussões de um período de dois anos e meio (janeiro de 1998 a julho de 2000), reflete-se sobre a rede e suas preocupações organizacionais e dilemas técnicos.

São utilizados dados de 4 entrevistas abertas com agentes/atores internacionais (França e Brasil) da rede gravadas pessoalmente, algumas com mais de uma hora de duração. São levantadas questões específicas, para tirar dúvidas ou complementar dados, com esses agentes que possuem representatividade nas duas pontas da rede DPH. Em nível local, junto a Associação Diálogo, foram entrevistados dois membros da direção, e em nível internacional, com um dos membros do CENO (Comitê de enlace e orientação) da Rede DPH e um representante da FPH. Além disso, utilizou-se um documento primário, interno a rede DPH, dos arquivos da associação Diálogo, de título: “Respuestas a la provocación lanzada por el cenno” que sintetiza dados de um questionário com debates sobre a rede DPH e seus rumos. Esse documento se baseou em informações de entrevistas de 28 pessoas de 19 entidades e/ou rede regionais e temáticas vinculadas a rede DPH. Vários documentos primários da rede como o *Manual DPH*, e um texto interno de Vladimir Ugarte (representante da FPH na rede DPH) enviado diretamente para o pesquisador, ajudaram a construir através de uma cronologia, uma pequena *história da Rede DPH*, que serviu para contextualizar o desenvolvimento da rede.

No item *análise da rede social na rede virtual* desenvolveu-se as informações captadas através das ferramentas de comunicação interna e externa da Rede DPH, com o objetivo principal de *identificar quais as principais temáticas* debatidas e vivenciadas na rede. Além disso, identificou-se os atores virtuais, através de sua participação no fórum eletrônico DPH e em qual língua se comunicam via internet predominantemente. Estes dados serviram para entender o conteúdo da Rede DPH, suas motivações, trocas de experiências e formas de relacionamento interno e externo ajudando na *identificação do modelo organizacional* que foi anali-

sado. Utilizou-se também as informações do banco de dados DPH, entrevistas e documentos impressos da Rede DPH. O fio condutor foi o Fórum eletrônico da Rede DPH. Analisando as discussões e informações compostas no fórum, pesquisando sobre a rede DPH para identificar as principais tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) utilizadas e os desafios organizacionais desta rede humana. Intrinsecamente, ao analisar individualmente cada tema, foi-se desnudando e informando sobre as ferramentas da rede, sobre os desafios de seus membros, as dificuldades e principais questões que afligem as organizações que a compõem, fazendo assim uma radiografia da organização. Neste momento, mesmo sendo um trabalho qualitativo, utilizou-se de elementos matemáticos precisos e gráficos quantitativos para as análises.

Para estudar os sites da Rede DPH disponíveis, utilizou-se dois critérios:

O primeiro, é uma sequência de entradas nos links partindo do *local para o global*. Ou seja, analisou-se a rede via web, sob o critério de entrada na mesma, a partir de *uma navegação local* para acesso e contato com a rede DPH. Neste caso, partiu-se do site local do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI que é conveniado com a ONG (organização não-governamental) Diálogo – Cultura e Comunicação em Santa Catarina, associação membro da Rede DPH. Esta inspiração de acesso na web baseou-se nos critérios e princípios de *desenho de rede* até agora adotados neste trabalho, construídos principalmente a partir do referencial teórico de Tiffin e Rajasingham (1995).

O segundo critério utilizado, foi analisar essa navegação, com o objetivo de testar o acesso as informações na internet sobre a rede DPH e as fichas DPH, (facilidades, ruídos, dificuldades etc.) baseando essa análise, quanto a *arquitetura e navegação*, na metodologia da Profa. Lúcia Leão (1999) e quanto a *forma, design e interface* das páginas dos sites estudados, na metodologia e critérios do pensador e Webdesigner Roger Black (1997), apoiado também no trabalho técnico de Tay Vaughan (1999).

Depois deste estudo minucioso partiu-se para *a identificação e análise organizacional da rede DPH* e a partir daí, realizou-se a proposta de criação de um modelo cartográfico e de um método de identificação de redes comunicacionais na internet.

Para isso, identificou-se e selecionou-se os principais atores sociais, organizações e entidades que compõem a rede DPH. Realizou-se na prática, a criação de um método de identificação de redes comunicacionais na internet e de criação de um modelo de rede. Como parte desse método, baseado em padrões, realizou-se a identificação e descrição individual das entidades eleitas como nós da Rede DPH. Foi feita uma *minuciosa apresentação das entidades selecionadas, identificadas e descritas individualmente, como parte do método de criação do modelo cartográfico e organizacional da rede DPH*.

Para realizar essa identificação, descrição e definição dos organismos *nós* da Rede DPH, foi considerado a comunicação eletrônica da Associação Diálogo, o Fórum DPH na internet, o site da rede na WEB, os documentos impressos da rede DPH, consultas de fichas na base de dados ISIS-DPH e as entrevistas realizadas e estudadas para esta pesquisa. Com esse subsídio, propôs um modelo de representação gráfica de organizações virtuais, ou seja, uma cartografia, inspirada na teoria dos fractais e nos modelos de organogramas criados por Tiffin & Rajasingham. Para realizar esse modelo e identificar os *nós* da rede *criou-se padrões de identificação e seleção dos nós da Rede DPH*.

A partir da identificação dos atores sociais, baseado nestes padrões, utilizou-se como ferramentas para criação dos *modelos gráficos organizacionais e comunicativos*, o programa *Orgchart (Organograma Microsoft)* e *as ferramentas de desenho do Microsoft Word*, para um esboço inicial das entidades e suas relações comunicativas. Entretanto, considerando as limitações destes programas e de outras ferramentas de criação de organogramas organizacionais, utiliza-se os programas de desenho gráfico e diagramação *Page Maker* e *Corel Draw* para complementar a criação da representação gráfica e identificação do modelo visual da rede DPH, contribuindo desta forma para o entendimento e a representação de modelos de redes e da teoria dos fractais e sua complexidade.

Neste sentido, o modelo de cartografia e os organogramas construídos levam em conta a premissa da teoria de redes que considera que embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para que sua expansão penetre em toda a estrutura social. Assim, as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 1999, p. 497). Por isso, levou-se em consideração a afirmativa de Manuel Castells de que “o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder” (DPH, 1998, p. 47) para construir a cartografia e o organograma da rede DPH. Considera-se assim que redes são estruturas dinâmicas, abertas, capazes de se expandirem de forma ilimitada, acrescentando novos “*nós*”, desde que consigam conectar-se e comunicar-se com mesma linguagem, ou seja, compartilhando os mesmos códigos de comunicação (Idem).

Assim a descrição de cada entidade pesquisada na rede e a construção cartográfica aqui realizada deve ser entendida como um retrato de um momento de uma rede dinâmica sempre em movimento e transformação. Outro aspecto considerado na metodologia utilizada é que os “*nós*” identificados, ou seja, as entidades, organismos eleitas como conexões importantes para a construção do desenho da Rede DPH, partem da relação díade entre a Associação DIÁLOGO e a Rede DPH.

A partir desta ótica, apresenta-se o modelo em três níveis fractais: A DIÁLOGO, suas relações e fluxos comunicacionais diretos. Num segundo nível fractal, a relação DIÁLOGO e Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela Base. Uma rede temática que tem como tema principal a “democratização da comunicação e da informação” e que possui um componente geográfico: é uma rede latino–americana. O terceiro nível fractal estudado e apresentado em um organograma cartográfico compõem-se dos “nós” da relação global da díade entre a Associação DIÁLOGO e a rede DPH. Finalmente apresenta-se as conclusões deste estudo de caso, sintetizando as principais reflexões conclusivas que pode-se tirar desta tese.

Revisão da literatura

3.1 Introdução

Na revisão de literatura (aqui apresentada), contextualiza-se o referencial teórico deste trabalho, os principais autores e discussões que permeiam a temática escolhida, bem como os principais conceitos importantes para entender a sociedade em rede e as redes técnicas e redes sociais. Durante todo o texto, estará sendo usado o termo *rede*, no sentido amplo, hora significando a forma de organização, ora significando a grande rede da internet, às vezes se referindo ao seu aspecto técnico, às vezes ao seu aspecto social. Quando se tratar da rede DPH, caso aqui estudado, utiliza-se junto ao termo rede a sigla DPH.

A idéia elementar de rede é bastante simples. Trata-se de uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável. Cada nóculo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos (MANCIE, 2000, p. 24).

Vive-se um momento de transição nas tecnologias de comunicação. Entrando-se na era digital, da multimídia, da união e articulação dos mais variados meios de telecomunicação. As redes informatizadas que existem hoje são apenas um embrião das possibilidades que estão por vir. As redes telemáticas interativas possuem grande capacidade, podendo divulgar o mundo da multimídia, combinando sons, textos, dados, imagens animadas, cruzando as tecnologias da informática, da

telefonía e da televisão. A multimídia invadirá o mundo nos próximos decênios (CALAME, ROBIN, 1995). Os grandes oligopólios mundiais das indústrias de telefonia e de televisão disputam espaço, e tentam se reciclar para ocupar um lugar na multimídia do século XXI. (GILDER, 1996) O desenvolvimento tecnológico permitiu que a informação viesse a representar, nas últimas décadas, o fator-chave dos processos produtivos de bens e serviços, interferindo principalmente na natureza simbólica. Passa-se assim da “Era Fordista” para a “Era da Informação” (SOARES, 1993, p. 13).

3.2 A globalização, a desterritorialização e a cidadania

A nova ordem mundial tem como principal característica o fenômeno da globalização. Esta pode ser definida como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que o modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço” (GIDDENS, 1991, p. 69-70). Atualmente, a ideia de globalização está nos quatro cantos do mundo. Não é um fato acabado, mas um processo em marcha. Em poucos anos terminou um ciclo da história e começou outro. Muitas coisas estão mudando no mundo, abrindo outras perspectivas sociais, econômicas, políticas e culturais (IANNI, 1993). Segundo Ianni, “Essas características da globalização, configurando a sociedade universal como uma sociedade civil mundial, promovem o deslocamento das coisas, indivíduos e idéias, o desenraizar de uns e outros, uma espécie de desterritorialização generalizada” (Ibidem, 1993, p. 59)¹. Pode-se dizer que a mídia e as novas tecnologias da informação são alguns dos principais baluartes da desterritorialização. O fluxo mundial de informações dá-se de forma quase instantânea. Um telespectador no Brasil pode receber uma informação acontecida no Irã, antes mesmo que muitos iranianos.

1 Em janeiro de 2001, realizou-se em Porto Alegre-RS, o primeiro Fórum Social Mundial, encontro mundial da sociedade civil que reúne cerca de 900 entidades (ONGs, sindicatos, partidos, entidades religiosas) de mais de 120 países, como contraponto ao Fórum Econômico Mundial, que é realizado na mesma época em Davos na Suíça, por grandes organismos econômicos internacionais. A globalização social é um dos temas centrais do encontro de Porto Alegre, que é destaque na imprensa internacional. A internet é um dos temas centrais do Fórum Econômico Mundial de 2001.

Pode-se dizer que o *ambiente cibernético* do terceiro milênio, que já se manifesta nos dias atuais, é pródigo para o desenvolvimento da criatividade humana. As novas tecnologias de comunicação, cada vez mais interativas, mais dialógicas, mais segmentadas, podem propiciar a criação de muitas alternativas, de muitos projetos e programas virtuais que podem auxiliar na vida real e cotidiana do futuro próximo. Um exemplo disso, são os vários projetos de Universidades Virtuais que estão sendo desenvolvidos em diferentes partes do mundo. Alguns projetos utilizam novas tecnologias de transmissão de informação com videoconferências, teleconferências, vídeo-aulas e a internet como base para interligação de universidades e empresas para cursos de formação (BARCIA et al. 1997); outros utilizam basicamente a internet como meio de transmissão de seus cursos, como os cursos de genealogia organizados pelo programa de Universidade Virtual do Bellevue Community College (GORMLEY, 1997).

Os meios de comunicação desenvolvem sofisticadas formas de comunicação sensorial, multidimensional, integrando linguagens, ritmos e caminhos diferentes de acesso ao conhecimento (MORAN, 1995, p. 34) e com o surgimento da internet e das tecnologias de multimídia que estimulam a interatividade e a criatividade humana, as possibilidades de caminhos e alternativas dialógicas crescem em progressão geométrica.

3.3 O crescimento da rede no Brasil e no mundo

O recente desenvolvimento e oferecimento de e-mails gratuitos é um exemplo interessante do processo contraditório e dialético entre a monopolização e concentração dos meios de comunicação e do capital, e a disponibilização de ferramentas e abertura crescente de espaços para produzir e divulgar as mais diversas ideias e articulações sociais na rede das redes: a internet. Inicialmente os provedores privados de internet no Brasil, limitavam o número de e-mails, endereços eletrônicos para correspondência, aos seus usuários pagantes. Mesmo para os filiados aos seus servidores, os endereços eram limitados entre um e no máximo três e-mails. Atualmente essa tendência se modificou. Primeiramente porque surgiram muitos sites internacionais que oferecem e-mails gratuitos, onde o usuário precisa apenas se cadastrar para poder acessar sua correspondência. O interesse destes provedores é em aumentar o número de acesso aos seus portais. A partir desta concorrência internacional, surgiram alguns provedores privados brasileiros que começaram a oferecer endereços eletrônicos gratuitos e a ampliar a oferta de endereços aos usuários sem cobrar por isso. Em 2000, um novo fato veio mexer com o mercado cibernético brasileiro. Vários bancos anunciaram a estratégia de dar acesso gratuito a internet para seus clientes. O Bradesco e o Unibanco foram os primeiros a divulgar que estão colocando essa facilidade a

seus correntistas. Estimular o acesso a internet facilita aos bancos a captação de clientes e a venda de produtos como seguros. As ações do Bradesco tiveram uma valorização de 20% após o anúncio do novo serviço (OESP, B1, 7/01/00).

Essa promessa do sistema financeiro de acesso a Rede, contando somente os clientes dos dois bancos (Bradesco e Unibanco) que reúnem cerca de 11,4 milhões de correntistas, fará com que a internet dobre o número de usuários no país. A internet possui no Brasil cerca de 8 milhões de usuários (FSP, 22/12/99, 5-5), considerando ainda que quase a metade (48%) dos internautas brasileiros são de “sem-teto digitais” que acessam computadores na escola ou na casa de amigos, e não em sua casa ou no trabalho, o salto será enorme.

Em nível mundial, 75% dos cerca de 390 milhões de internautas ainda vivem em apenas dez países (Veja, 2000, p. 154). A concentração econômica mundial não mudou com o surgimento da nova economia, ligada as novas tecnologias da informação. Mas para se ter uma ideia da força da nova economia, segundo o ranking da revista *Forbes*, atualmente cinco entre os dez homens mais ricos do mundo, já são empresários ligados a empresas de alta tecnologia de comunicação (Veja vida digital, 2000)². Sendo que os três primeiros colocados trabalham com a nova economia (Bill Gates, Ellison e Paul Allen). Para demonstrar os riscos de uma concentração econômica na rede, investiga-se o caso do Sr. Masayoshi Son, o oitavo homem mais rico na lista da *Forbes*, que é dono do Softbank e sócio de mais de 500 empresas na rede. Os analistas sustentam que cerca de 25% da rede está sob influência do Softbank, ou seja, um de cada quatro acessos a sites na internet passa pelos domínios do Sr. Masayoshi (idem, 2000, p. 27). A previsão de crescimento da rede prevê que em 2004 já haverá cerca de 550 milhões de cibernautas em todo o mundo (TV Technology, 2000, p. 14). A rede está se convertendo na base de criação de riqueza nas economias do mundo inteiro. Da mesma forma que as redes de energia elétrica, as estradas, as pontes e outros serviços constituíam a infra-estrutura de nossas velhas economias baseadas na indústria e na exploração dos recursos, a rede está se convertendo na infra-estrutura de uma nova economia do conhecimento (CEDRIÁN, 1999).

2 Os homens mais ricos do mundo são: 1º – Bill Gates (Microsoft) – US\$ 60 bilhões, 2º – Larry Ellison (Oracle) – 47 bilhões, 3º – Paul Allen (ex-Microsoft) – 28 bilhões, 4º – Warren Buffett (fundo de investimentos americano B. Hathaway) – 25,6 bilhões, 5º – Família Albrecht (Cadeia varejista alemã Aldi Stores) – 20 bilhões, 6º – Alwaleed bin Talal al Saud (príncipe Saudita) – 20 bilhões, 7º – Robson Walton (cadeia americana Wal-Mart) – 20 bilhões, 8º – Masayoshi Son (Softbank) – 19,4 bilhões, 9º – Michael Dell (Dell computer) – 19,1 bilhões, 10º – Kenneth Thomson (empresário canadense de comunicação) – 16 bilhões.

3.4 Novas tecnologias, vontade política e cidadania

Com a era da globalização e a criação da internet, surgiu um fenômeno de redes sociais que utilizam as Tecnologias de Informação (T.I.) para se articular e se auto-organizar, que tomou dimensões globais. Existe um movimento civil internacional que troca informações, comunica-se e pressiona governos via comunicação eletrônica, e que é muito difícil de controlar e censurar. Um princípio básico dessa noção de rede é que “ela funciona como um sistema aberto que se auto-reproduz, isto é, como um sistema *autopoiético*³. A ideia de rede que conecta grupos de um determinado movimento social, por exemplo, do movimento de mulheres, é a de que a articulação entre todos os movimentos deste tipo fortaleça cada movimento em particular pelos intercâmbios que passem a ocorrer entre eles e que tal fortalecimento venha a contribuir no surgimento de novos movimentos de mulheres em outras cidades, a fim de ampliar o combate ao machismo e a defesa dos direitos da mulher em uma área muito maior do que a atingida pelo conjunto dos movimentos já organizados” (MANCE, 1999, p. 24).

Durante a crise da extinta União Soviética, a *rede* foi usada para transmitir informações contra o golpe militar que tentou derrubar Gorbachev. A internet também serviu para divulgar os comunicados do Movimento Zapatista, durante a rebelião guerrilheira indígena no Estado de Chiapas, México. “O sucesso dos zapatistas, deveu-se, em grande parte, à sua estratégia de comunicação, a tal ponto que podem ser considerados o *primeiro movimento de guerrilha informacional*” (CASTELLS, 2000, p. 124). O poder da rede é enorme, pois o *ciberespaço*, ou seja, o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (LEVY, 1999); resiste ao controle governamental e a qualquer outra autoridade central. Tentativas de censura são consideradas como um “mau funcionamento do sistema” e a rede tenta “reconfigurar-se” a fim de evitá-las (LEVY, 1999; CASTELLS, 2000).

Para Touraine, que se inspira na concepção negativa de liberdade, formulada por Isaiah Berlin, para se ter um regime democrático é mais importante limitar o poder do que dá-lo de forma absoluta à soberania popular ou grupo hegemônico na sociedade. Para ele “*não é somente a vontade coletiva que deve ser respeitada, mas a criatividade pessoal e, portanto, a capacidade de cada indivíduo de ser o sujeito da sua própria vida, se for preciso contra os instrumentos do trabalho, da organização e do poder da coletividade*” (TOURAINÉ, 1994, p. 347). Esta ideia filosófica reforça assim o uso do PC (computador pessoal), como transmissor de ideias e saberes de indivíduos que socializam seus conhecimentos e identidades e

3 Esse conceito de auto-organização foi desenvolvido por Maturana e Varela e é aprofundado no item: 2.11 – redes neurais artificiais e a autopoesis.

que muitas vezes formam grupos apenas na própria rede. Com o avanço tecnológico, através da fibra ótica, pode-se ter, com a cabodifusão, cerca de 400 canais diferentes de multimídia, podendo chegar a médio prazo a mil canais.

O surgimento da internet sem fio e da WEBTV proporciona a possibilidade da expansão da rede sem depender do computador. O acesso via celular (tecnologia WAP) e TV a cabo (WEBTV) cria novas expectativas de expansão da rede a um custo cada vez mais baixo. Isto poderá significar a possibilidade de muitas vozes – que hoje estão no silêncio – poderem ser ouvidas (SOUZA, 1996). Estes dados são reforçados com o advento da *internet 2* e suas possibilidades multimídia. Isto significa a possibilidade de dar acesso aos mais variados grupos sociais e culturais.

Porém, novamente afirma-se que, só quem poderá garantir a possibilidade de múltiplos usos dos meios são os próprios grupos sociais, culturais, educacionais e movimentos democráticos interessados em ter acesso e voz na mídia e na grande *rede* para falar à sociedade em geral e entre si. Fritjof Capra (1999, p. 69), baseado em Neil Postman, Jerry Mander e outros, nos alerta para o risco das Tecnologias da informação rapidamente tornarem-se autônomas e totalitárias eliminando visões de mundo alternativas. Reforçam ainda o risco “do empobrecimento espiritual e a perda da diversidade cultural por efeito do uso excessivo de computadores é especialmente sério no campo da educação” (Idem, p. 69).

Assim, acredita-se que a capacidade de organização e articulação destes grupos em torno de interesses comuns, para defender o processo de democratização destes meios, em nível local, nacional ou mundial, vai ditar a verdadeira possibilidade de medir forças em uma luta pela hegemonia da sociedade (GRAMSCI, 1981), com os setores conservadores. Pensar a organização do espaço digital, ou ciberespaço, e dos grupos sociais que nele se estabelecem como um movimento social (LEVY, 1999) dinâmico e original é a perspectiva deste trabalho. Por isso acredita-se que pesquisar como estudo de caso, a rede DPH, pela sua diversidade cultural, histórica, linguística, pode ser muito útil e original dando uma verdadeira contribuição para uma perspectiva histórica de pesquisa interdisciplinar na Engenharia de Produção e Sistemas.

3.5 Mídia e conhecimento e a rede

Pode-se dizer que mídia é “o conjunto dos meios de comunicação” (ERBOLATO, 1985), ou seja, designa os meios, ou conjunto de meios de comunicação. É a grafia aportuguesada da palavra *media*, conforme pronunciada no inglês. Media é o plural de *medium*, palavra latina que significa “meio” (RABAÇA & BARBOSA, 1987). Tradicionalmente o termo é associado ao conjunto dos meios de comunicação: jornais, revistas, tv, rádio, cinema etc. Porém, atualmente, o mes-

mo está sendo muito utilizado com uma carga conceitual mais profunda, em que é compreendido com um conceito complexo que vai mais além do que simplesmente “o suporte de difusão da informação” (LAMIZET & SILEM, 1997), pois na era da informação, em que a indústria cultural toma uma dimensão transnacional e articulada, a nova mídia (DIZARD, 1998) composta por computadores multimídia, redes de TV a cabo e principalmente com o surgimento da internet, é vista intrinsecamente vinculada às novas redes de comunicação que se ampliam em todo o mundo na chamada época da globalização (IANNI; THOMPSON & HIRST, 1998).

Neste processo em que cada vez mais a sociedade se constitui em rede (CASTELLS, 1998), a reflexão sobre o impacto das novas tecnologias e a discussão da transnacionalização dos sistemas de comunicação tem ampliado “a perspectiva do estudo para o que tem sido chamado de sociedade midiática, isto é, sociedades pós-industriais em que práticas sociais, modalidades de funcionamento institucional e mecanismos de tomada de decisões se transformam porque existem meios. (...) Numa sociedade mediatizada, a comunicação não ocorre somente entre sujeitos, mas torna-se pública com intermediação das mídias” (MATOS, 1994, p. 21). Ampliando o sentido, Régis Dedray, entre outros, tem proposto o estudo do conceito de “midiologia” entendendo que as mídias “não constituem um campo autônomo e consistente, passível de estabelecer uma disciplina específica, pois conglomeram uma multiplicidade de determinantes, econômico, técnico, político, cultural, ideológico; mas tendo como objeto de estudo o *médium*, “o sistema dispositivo-suporte-procedimento, ou seja aquele que orgânicamente, é posto em movimento por uma revolução midiológica” (DPH, 1995, p. 23). No processo da revolução tecnológica que estamos vivendo, é comum a afirmação de que estamos entrando na era da informação, onde o “conhecimento” será um bem mais importante que os meios de produção (SOUZA, 1999).

Para definir *conhecimento* usa-se aqui um conceito bastante lato, definido por Robert Merton, nos seus estudos sobre sociologia do conhecimento, na primeira metade de século vinte e aprofundado por Armand Cu villier: “é preciso dar uma interpretação muito ampla ao termo *conhecimento*, já que as pesquisas neste domínio se relacionam virtualmente a toda uma gama de manifestações da cultura (ideias, ideologias, convicções jurídicas e morais, filosofia, ciência, tecnologia). Seja qual for, porém, a concepção de conhecimento, a orientação permanece a mesma: seu objeto são, essencialmente, *as correlações entre o conhecimento e os outros fatores existenciais da sociedade e da cultura*” (1975, p. 06). Para completa-se essa ideia pode-se dizer que o conhecimento é o ato ou efeito de conhecer, e ao olhar-se em algum dicionário de língua portuguesa, veremos que o conceito está sempre associado a ideia, noção, ciência, experiência, informação, notícia, sabedoria, educação e compreensão.

Para Jean Piaget (1988), o conhecimento vem sempre associado a compreender, que, por sua vez, “é inventar, ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir” (1988, p. 17). A “teoria do conhecimento” como disciplina filosófica própria só se constituiu nos tempos modernos, apesar de o problema do conhecimento ser tão antigo como a própria filosofia. Foi Kant quem tornou o termo usual. “Pensadores como Descartes, Spinoza e Kant consideravam-na preparação crítica para a metafísica. É claro que na própria crítica esses autores já tomaram muitas decisões metafísicas. Outros reduziram a própria teoria do conhecimento simplesmente a “uma teoria das ciências” sob o título de *epistemologia*. Nos tempos mais recentes, a questão da teoria do conhecimento foi marcada pela crítica fenomenológica de E.Hursserl. Neste fenômeno, consciência e conhecimento constituem uma unidade indissolúvel. O conhecimento realiza um tipo original de presença, uma presença intencional. Pergunta-se: o que significa conhecer?” (ZILLES, 1995, p. 167). Segundo ainda o professor Urbano Zilles, uma tarefa fundamental para a teoria do conhecimento em nossos dias é a relação e o vínculo entre o conhecimento e a linguagem e outra é a reinterpretação da filosofia da subjetividade e das suas origens para reapropriar-se do ponto de partida colocado por Platão e Aristóteles na aurora da filosofia e cultura ocidentais (Ibidem p. 168).

3.6 O conhecimento proibido e o conhecimento aberto

A curiosidade levou o ser humano ao longo da história a lutar contra a falta de conhecimento, ou seja, a ignorância. A relação entre “conhecimento proibido” e “conhecimento aberto” vem sendo estudada pelo filósofo americano Roger Shattuck, que com seu trabalho mostra que através dos tempos “o que nos for proibido é o que desejaremos” e refletindo sobre os limites do conhecimento humano, compara o desejo de obter o conhecimento pleno com a equivalente ao fascínio mortal que o canto das sereias significou para Ulisses. “Como realização moderna, o conhecimento aberto parece ter deixado para trás a tradição do conhecimento esotérico, reservado apenas para iniciados. Hoje, o princípio do conhecimento aberto e a livre circulação de idéias se estabeleceram tão firmemente no Ocidente que qualquer reserva a esse respeito é em geral considerada política ou intelectualmente reacionária. No entanto, as histórias examinadas (...) de diversas formas que o princípio do conhecimento aberto nem sempre suplantou o princípio do conhecimento proibido” (1998, p. 168), argumenta o professor da Universidade de Boston.

Pode-se dizer que, com o advento da internet, o conhecimento aberto está hegemонizando definitivamente a sociedade contemporânea. Durante a guerra fria, os serviços de inteligência e informação dos principais países utilizavam cerca de

80% de informação sigilosa e 20% de informação pública. Atualmente, com o fenômeno das novas tecnologias de comunicação e com o fim da guerra fria, esses serviços de informação trabalham basicamente com uma relação proporcional invertida: 80% de informação pública e 20% de informação secreta. Acredita-se que o principal desafio hoje está na seleção e processamento das informações, na construção e aprendizagem do conhecimento acumulado pela humanidade.

As novas tecnologias da comunicação criam novas relações culturais e desafiam antigos e modernos educadores. “O desenvolvimento tecnológico permitiu que a informação viesse a representar, nos últimos decênios, o fator chave dos processos produtivos de bens e serviços, interferindo não apenas na produção de bens de natureza física, mas principalmente na natureza simbólica.

Na era da Informação, não basta que se instrumentalize as escolas com computadores e equipamentos de última geração para mudar os paradigmas e as concepções de ensino. É preciso que sejam sistematizadas e refletidas as experiências concretas e os métodos experimentados, para que se possa refletir e ampliar nossas concepções de educação na era da informação” (SOUZA, 1999, p. 44).

3.7 A globalização e as redes

O fenômeno da *sociedade em rede*, vastamente estudada por Manuel Castells (1999) em sua trilogia “A Era da informação”, está surgindo neste fim de milênio, fruto de três processos independentes. Estes processos são a revolução da tecnologia da informação, a crise econômica do capitalismo e do estatismo e sua consequente reestruturação e o apogeu de movimentos sociais culturais, tais como o liberalismo, direitos humanos, feminismo e ambientalismo. A interação destes processos está fazendo surgir uma nova estrutura social dominante: “a sociedade em rede; uma nova economia, a economia informacional/global, e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real” (Ibidem, 1999b, p. 412). Convergindo com esta opinião, o trabalho de Juan Luis Cebrián (1998) apoiado pelo respeitado Clube de Roma, uma organização que reúne mais de cem intelectuais de cinquenta países, publicado sob sugestivo título de “A REDE”, afirma: “Estou convencido de que nenhuma sociedade pode ter êxito na economia global se não contar com uma infra-estrutura sofisticada da *rede* e com usuários ativos e bem informados” (ibidem, p. 14)

3.8 As redes na era da informação e do conhecimento

Em nível social e político, a sociedade contemporânea tem trabalhado o conceito de rede em várias esferas e contextos. Atualmente, na era da informação ou do conhecimento: a economia, a sociedade e a cultura está sendo estudada como uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Muitas áreas de estudo têm trabalhado

esse conceito, entre elas a área organizacional, administrativa e empresarial, onde vários autores utilizam a terminologia de rede. Existe, nesta área, trabalhos polêmicos como “Network Marketing” que são anunciados como um recurso de vendas “revolucionário” (POE, 1997), mas que estudos e investigações recentes mostram que estas são novas versões da velha “rede em pirâmide” que de tempos em tempos, acabam iludindo um certo número de pessoas e explorando outras tantas. Mas, existem também estudos sérios na área da administração que veem a atividade como uma “rede de informações” e trabalham como “teamnets” (LIPNACK & STAMPS, 1994), ou estudos que analisam as empresas em sua atual forma organizacional em formato de redes (SANTOS, 1999) e ainda trabalhos com ênfase geográfica sobre as redes urbanas e redes de telecomunicações. Porém, atualmente, a rede das tecnologias de informação e da comunicação tem sido o carro chefe de qualquer análise da sociedade em rede, tendo a internet como área de estudo e trabalho.

Neste sentido, pensando a educação na sociedade de informação atual, Tiffin e Rajasingham (1995) afirmam que pensar a educação é pensar a comunicação. “Educação é comunicação” (idem, 1995, p. 19), afirmam os pesquisadores, relacionando os vários níveis possíveis de estudo da comunicação atualmente: do nível neural ao global. Veja organograma abaixo:

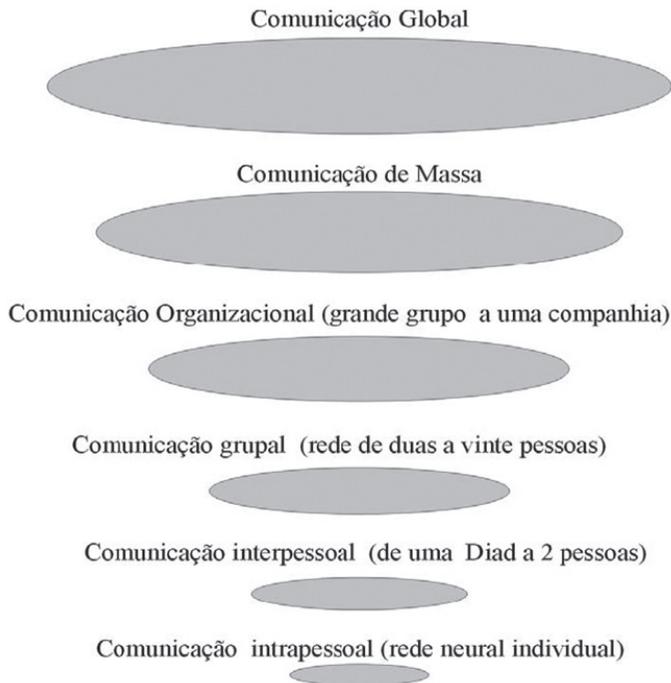


Figura 1 Organograma.

Tiffin & Rajasingham (1995, p. 39). Tradução e adaptação do autor.

3.9 As redes de movimentos sociais no processo de democratização da sociedade

Atualmente vem se desenhando uma nova trindade nas concepções de desenvolvimento: o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil (WOLFE, 1992). A prof. Ilse Scherer-Warren (1994) relaciona as principais correntes teóricas do pensamento atual, no contexto da área de pesquisa dos movimentos sociais, através de duas tendências principais: uma, que trata a questão a partir de uma relação dual – sociedade civil *versus* Estado; e outra, que considera uma relação tripartite -estado/mercado/sociedade civil. A mesma autora, ao se referir a sociedade civil, e suas formas de organização, relaciona algumas das principais características comuns das chamadas *redes de movimentos sociais* no Brasil na década de noventa: busca de articulação de atores e movimentos sociais e culturais; transnacionalidade; pluralismo organizacional e ideológico; atuação nos campos cultural e político (Idem, 1993).

Pode-se dizer que o desenvolvimento da multimídia, as novas formas interativas de acesso à informática, as conferências e redes via computação representam o mais novo território de disputa e luta na sociedade. As redes de movimentos sociais utilizam-se da possibilidade que oferecem as redes tecnológicas, de troca horizontal de informação, para fortalecer suas estratégias de conquista de espaço na sociedade. Atualmente, muitas redes de movimentos sociais e culturais estão surgindo estimulados pelas redes informacionais e a partir de seu “locus”. Dialogicamente, o território, “o mar” das redes eletrônicas, está encontrando novos marinheiros que começam a navegá-la. Especialistas em informática começam a interessar-se pelas ciências humanas, cientistas sociais principiam a atuar em conferências informatizadas, sindicalistas trocam informações e recebem dados via satélite e todos participam de redes de comunicação.

Pode-se dizer que esses questionamentos e mudanças de conceituação sobre público e privado podem ser verificados com ênfase na disputa do chamado “ciberespaço” (espaço mundial de comunicação eletrônica). É importante salientar, porém, que no bojo do projeto das super-rodovias da comunicação, pode-se potencializar e desenvolver o espírito e o embrião já experimentado pela internet de convivência num espaço e espírito democráticos, “*ou podem simplesmente transformá-lo num grande mercado de serviços nas mãos dos grandes cartéis das telecomunicações*” (AFONSO, 1994, p. 13).

As ciências em geral (físicas, tecnológicas, da vida, humanas) tem recorrido ao conceito de redes. Apenas considerando-se as ciências humanas, já é grande a diversidade do uso do termo. Desde a década de quarenta, o termo é utilizado nas ciências sociais. A geografia nos fala de redes técnicas, de produção, de redes territoriais e redes sociais urbanas amplas, termo também utilizado pela

administração, pelos planejadores urbanos em geral e pela sociologia. A administração ainda analisa redes organizacionais, empresariais e de controle (idem, 1999, p. 21). Na economia surgem estudos das redes relacionadas ao mercado, ao consumo, a produção e aos mercados alternativos (MANCE, 2000; SCHARER-WARREN, 1999).

Segundo Marques (2000, p. 33), pode-se dizer que são basicamente três os usos do conceito de *redes* no campo das ciências sociais. O primeiro uso é de caráter mais geral. Está na utilização de rede como metáfora. Esse uso é certamente o mais antigo e disseminado, estando presente em inúmeros estudos que trabalham, às vezes de modo periférico, com a ideias de que organizações, entidades, indivíduos, ou ideias estão de alguma forma conectados em forma de *rede*. Nesta caso, as pesquisas não consideram a rede como método.

Uma segunda utilização do conceito tem aspecto normativo, determinando configurações de um conjunto de entidades de maneira a alcançar certos objetivos, como por exemplo, a estruturação dos fluxos e tarefas no interior de uma indústria ou localização das atividades, insumos e equipamentos de uma região geográfica. Esta técnica metodológica encontra campo fértil e é relacionada a análises de fluxos de economia e técnicas de administração de empresas.

A terceira forma de utilização de redes é a que diz respeito especificamente a análises de redes sociais. Esta análise considera as redes não apenas como metáfora, mas também como método para descrição e a análise dos padrões de relação nela presentes. O traço comum a todos os trabalhos que utilizam análises de redes sociais é o enfoque central nas relações sociais, preocupação bastante antiga nas ciências sociais. A literatura internacional sobre análise de redes sociais é ampla e diversificada.⁴ Jean Chesneaux, historiador francês, sistematizado por Anna Teti Caetano (1998), pesquisadora da rede DPH, distingue os seguintes tipos de redes:

- A rede como modo de estruturação política. Espera aportar uma nova resposta a *crisis* de cidadania, e se deriva do fracasso da “forma partido”.
- A rede como prática de democracia associativa descentralizada, que permite que pequenos grupos unidos ao redor de um projeto comum *coordinen*

4 Já na década de cinquenta, a sociometria de Moreno valeu-se da teoria dos gráficos da matemática para análise das relações sociais e serviu de base para abordagens da Psicologia social (Deroy-Pineau, 1991). Entre as várias temáticas são estudados, os padrões de citação de notícias entre jornais (Kim e Barkett, 1996), ações coletivas de alto risco (McAdam, 1986), políticas públicas (Lauman e Knouke, 1987), mercado de trabalho (Granovetter, 1973 e Forsé, 1997), fluxo de passageiros entre as principais cidades globais (Smith e Timberlake, 1995), ação coletiva (Gould, 1993, Rosenthal, 1985), discurso sobre a pobreza (Mohr, 1994), poder local (Randolph, 1994), rede territorial (Dias, 1994), ONGs (Scherer-Warren, 1999), mercado alternativo (Mance, 2000), o Estado (Marques, 2000) e a Era da informação (Castells, 1999), entre tantos outros.

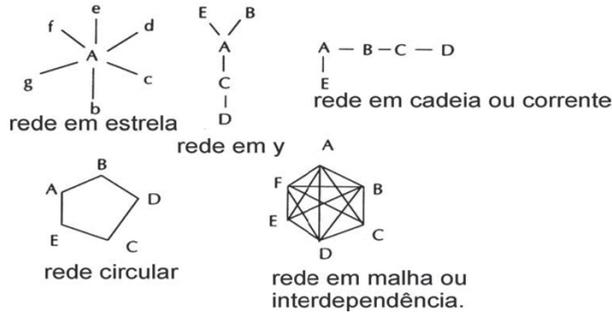
sus actividades de una manera a la vez efectiva y poco formalizada. Pero Chesneaux precisa: “no es de ningún modo claro que la palabra ‘red’ añada algo, por propia virtud, a una forma de trabajo asociativo que es en sí mucho más antigua”.

- La red como estructura informal de coordinación al interior de la clase política en sentido extenso, incluyendo la alta administración. el sector para-público, los medios masivos.
- Por ejemplo, en Francia, “la corriente de Michel Rocard nunca ha ocultado su predilección por este tipo de trabajo que combina la información, la influencia, la intervención y la regulación”.
- La red como “interfaz” entre la población y las instituciones las otras estructuras públicas que tratan de asegurar el “mantenimiento” de la sociedad en crisis. “La red es un espacio de prolongación, de ampliación, de apoyo o de sanción de la acción pública; en pocas palabras sirve de ágora” (Philippe Warin, citado por Chesneaux).
- La red como forma de cooperación informal y paralela, en el sentido de la “economía paralela”: redes espontáneas de ayuda familiar, de intercambios de servicios, etc. (CAETANO, 1998).

3.10 As redes físicas (tecnológicas) e as redes (de movimentos) sociais

É interessante notar que as redes das quais fala-se até aqui são redes sociais, formas de organização humana e de articulação entre grupos e instituições. Porém, é importante salientar que estas redes sociais estão intimamente vinculadas ao desenvolvimento de redes físicas e de recursos comunicativos. O desenvolvimento das novas tecnologias e a possibilidade de criação de redes de comunicação, de interesses específicos, técnicas, utilizando os mais variados recursos, meios e canais, são fundamentais para o desenvolvimento destas redes de movimentos sociais. Para Mance (2000, p. 24), “não se deve, entretanto, confundir as redes com os distintos tipos de mediações que as possibilitam. Isto é, as redes de organizações sociais não dependem de infovias informatizadas para existir. Tais recursos, entretanto, podem potencializar essas redes.” As redes físicas e tecnológica de comunicação foram objetos de estudo da sociometria, com trabalho relevantes de Bavelas, Leavitt e Miller nos Estados Unidos e de Mucchielli e Flament na França. Segundo Lamizet & Silem (1997, p. 482), quanto ao formato, as redes físicas podem ser classificadas em cinco formas básicas:

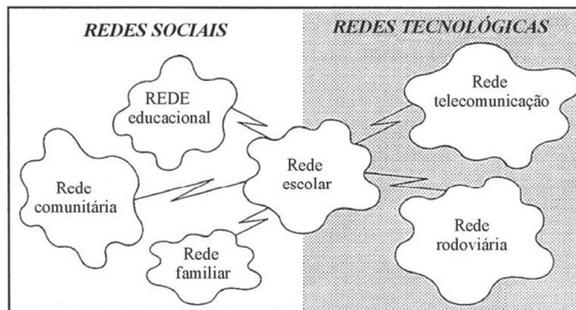
Cinco formas de rede

**Figura 2** As cinco formas básicas das redes físicas.

LAMIZET & SILEM (1997, p. 482). Tradução e adaptação do autor.

Do ponto de vista tecnológico, físico, e de equipamento de comunicação, uma rede é um conjunto de elementos interconectados, quer dizer, que permite a distribuição ou o transporte de uma mensagem entre um emissor e um receptor, com possibilidade de troca, “transformando o receptor em emissor, como em uma rede de computadores de tipo internet. Deste ponto de vista, as principais configurações de rede são: rede em estrela, rede em árvore e rede em malha” (LAMIZET & SILEM, 1997, p. 482). As principais redes materiais são: rede telefônica, rede a cabo, rede celular ou móvel, rede hertziana de radiodifusão e telecomunicação, as redes de satélites de telecomunicação (Idem, 1997, p. 482).

Estudando a rede escolar e a educação a distância, os pesquisadores John Tiffin e Lalita Rajasingham (1995, p. 29) demonstram graficamente muito bem as possibilidades de interconexões entre redes tecnológicas e redes sociais. Veja figura na página seguinte.



A interconectividade das redes. As redes sociais conectam-se com outra e com a escola, via rede tecnológica.

Figura 3 A interconectividade das redes.

Tiffin & Rajasingham (1995, p. 29). Tradução e adaptação do autor.

3.11 Redes neurais artificiais e a autopoiesis

Do ponto de vista técnico da informática, rede “é um conjunto de computadores e periféricos conectados por um canal de comunicações capaz de compartilhar arquivos e outros recursos entre os diversos usuários.” (DYSON, 1995, p. 240). Há, desde redes não hierárquicas (ponto a ponto) – que conectam um pequeno número de usuários de um mesmo escritório ou departamento – até redes locais (LANs ou local – área networks) – conectando muitos usuários através de cabos instalados permanentemente e linhas discadas – e redes metropolitanas (MANs ou metropolitanas networks) ou redes de longa distância (WANs ou wide area networks) que conectam usuários de redes diferentes distribuídas por diversas áreas geográficas extensas (idem).

As ciências cognitivas formaram-se nos Estados Unidos nos anos 40, com o movimento cibernético, contemporâneo do advento da teoria da informação, e com o progresso da lógica matemática na descrição do funcionamento do sistema nervoso e do raciocínio humano. Em meados dos anos 50, esta tese se reforçou com a hipótese cognitiva segundo a qual a inteligência se assemelha a um computador. “A inteligência artificial (IA) será sua projeção literal. No centro da hipótese cognitivista, está a noção de *representação*. (...) A IA pensa a organização como um sistema aberto em constante interação com esse meio com *inputs e outputs*” (MATTELART, 1999, p. 163).

São chamadas de redes *neurais artificiais* aquelas trabalhadas pela informática na área de IA ou neurocomputação. São formas tecnológicas particulares, no nível interno de um sistema de informação⁵, que então coloca os outros sistemas, em relação com os homens, ou com outros computadores” (LAMIZET & SILEM, 1997, p. 482). Uma rede neural, como o próprio nome sugere, é uma coleção de neurônios dispostos de forma que configurem um aspecto específico. É com estes neurônios que a rede neural aprenderá as informações que serão fornecidas pelos canais de entrada dos neurônios. O aprendizado está distribuído por toda a rede, ou seja, por todos os neurônios. (LAMIZET & SILEM, 1997; TAFNER et al.1995). Uma rede neural artificial, segundo definição de Teuvo Kohonen, importante pesquisador finlandês de redes neurais, “é uma rede massivamente paralela interconectada de elementos e suas organizações hierárquicas que, estão intencionadas para interar com objetos do mundo real do mesmo modo que um sistema nervoso biológico faz” (TAFNER et al.1995, p. 45).

A partir dos anos 80, a teoria sistêmica viu surgir uma série de modelos sistêmicos bem-sucedidos que descrevem vários aspectos do fenômeno da vida. Com

5 Para saber mais sobre redes neurais ver “Redes Neurais Artificiais: introdução e princípios de neurocomputação”, TAFNER, Marcos A. et all. Blumenau: ed.ECO/ ed.FURB, 1996.

base nestes modelos, os contornos de uma teoria coerente dos sistemas vivos, junto com a linguagem matemática apropriada, estão agora, finalmente emergindo. Um deles foi a descoberta da nova matemática da complexidade⁶ e outra foi a emergência de uma importante concepção de auto-organização (CAPRA, 1996, MATTELART, 1999).

Para compreender-se o fenômeno da auto-organização é fundamental compreender o conceito de padrão, pois do ponto de vista sistêmico, “o entendimento da vida começa com o entendimento de padrão. (...) O padrão da vida é um padrão de rede capaz de auto-organização” (CAPRA, 1996, p. 76).

Os primeiros a desenvolver e utilizar o conceito de padrão articulado com o conceito de rede foram os cientistas chamados de ciberneticistas⁷, que tentam compreender o cérebro como uma rede neural e desenvolvem técnicas matemáticas especiais para analisar seus padrões. A estrutura do cérebro humano é imensamente complexa. “Todo o cérebro humano pode ser dividido em subseções, ou sub-redes, que se comunicam umas com as outras à maneira de rede. Tudo isso resulta em intrincados padrões de teias entrelaçadas, teias aninhadas dentro de teias maiores” (Idem, p. 78). Assim, nota-se que uma propriedade de qualquer rede é a sua não-linearidade. “Desse modo, as relações num padrão de rede são relações não-lineares. Em particular, uma influência, ou mensagem, pode viajar ao longo de um caminho cíclico, que poderá se tornar um laço de realimentação” (Ibidem, p. 78). Assim, pode-se dizer que, devido ao fato de que as redes de comunicação gerarem laços de realimentação, elas podem adquirir capacidade de regular a si mesmas. Na internet,

6 Para saber mais sobre a nova matemática da complexidade ler CAPRA, capítulo 6, p. 99: a nova matemática da complexidade.

7 O movimento da cibernética, ou ciberneticistas começou na Segunda guerra, quando um grupo de matemáticos, neurocientistas e de engenheiros, liderados por Norbert Wiener, John von Neumann, Claude Shannon e Warren McCulloch, compôs uma rede informal para investigar os mecanismos neurais subjacentes aos fenômenos mentais e expressá-los em linguagem matemática. Embora suas abordagens iniciais fossem bastante mecanicistas, concentrando-se em padrões comuns entre animais e máquinas, ela envolvia muitas ideias novas, que exerceram uma enorme influência nas concepções sistêmicas subsequentes dos fenômenos mentais. Uma das contribuições dos primeiros ciberneticistas foi o uso da lógica matemática para entender o funcionamento do cérebro, analogia que dominou a cibernética nas três décadas seguintes e outra foi a criação da teoria da informação ou teoria matemática da comunicação. Essa teoria da informação, foi formulada como uma teoria matemática destinada a auxiliar na solução de problemas de otimização do custo de transmissão de sinais. Posteriormente a teoria de Shannon influenciou outras áreas do conhecimento como a psicolinguística, estética, economia, desenho industrial, psicologia, pedagogia, biologia, entre outras Mattelart, 1999, p. 66 (CAPRA, 1996; MATTELART, 1999; TAFNER, 1996; EPSTEIN, 1988).

as redes de comunicação eletrônica, exemplificam esse fenômeno claramente. Cria-se padrões, códigos, línguas e “vacinas” para que possíveis “vírus” não infectem a rede em questão. Sendo assim, a configuração e reconfiguração das redes de comunicação, criando e metamorfosando padrões, também tem como objetivo a auto proteção e organização. Fritjof Capra, em seus trabalhos sobre redes dá um exemplo importante:

“Devido ao fato de que as redes de comunicação podem gerar laços de realimentação, elas podem adquirir a capacidade de regular a si mesmas. Por exemplo, uma comunidade que mantém uma rede ativa de comunicação apreenderá com seus erros, pois as conseqüências de um erro se espalharão por toda a rede e retornarão para a fonte ao longo de laços de realimentação. Desse modo, a comunidade pode corrigir seus erros, regular a si mesma e organizar a si mesma. Realmente, a auto-organização emergiu talvez com a concepção central da visão sistêmica da vida, e assim como as concepções de realimentação e de auto-regulação, esta estritamente ligada a rede” (CAPRA, 1996, p. 78).

O aprofundamento desse conceito de auto-organização foi desenvolvido por dois biólogos chilenos, Humberto Maturana e Francisco J. Varela, que desenvolveram a ideia de *autopoiesis* e de sistema *autopoietico*. (do grego *autos*, “si mesmo” e *poiein*, “produzir”). “Um sistema autopoietico organiza-se como uma rede de processos de produção cujos componentes a) regeneram continuamente por suas transformações e interações a rede que os produziu e b) constituem o sistema como unidade concreta no espaço em que ele existe, especificando o domínio topológico no qual se realiza como rede” (MATURANA e VARELA, 1980. In: MATTELART, 1996, p. 163.)

Essa abordagem do sistema autopoietico das ciências cognitivas estabelecem um diálogo com a psicologia meditativa do budismo e reivindica a herança da tradição fenomenológica (a de Husserl e principalmente de Merleau-Ponty) chegando a Foucault e sua preocupação entre ação e saber. É dessa circularidade ação/interpretação que pretende dar conta a expressão “fazer emergir” (Idem). Dois princípios de rede desta concepção são a *intensividade* e *extensividade*. “Ampliar a *intensividade* significa que cada unidade da rede venha a atingir e envolver um maior número de pessoas no local onde aquela unidade atua. Isto pode significar o surgimento de outros pequenos nódulos naquela região articulados entre si e conectados à rede em geral. Ampliar a *extensividade*, por sua vez, significa expandir a rede para outros territórios colaborando no surgimento de novas unidades suas e no desenvolvimento destas, ampliando a abrangência da rede e fortalecendo o seu conjunto” (MANCINI, 2000, p. 24).

Essa abordagem *autopoietica*, que procura descrever a co-emergência do indivíduo e dos universos sociais, tem o mérito de lembrar que as capacidades cognitivas do indivíduo vinculam-se não somente a um cérebro, mas a um corpo e a um ambiente social e natural. Sendo que com isso, se contrapõe a outros concepções da ciências cognitivas que reduzem a inteligência humana a um sistema mecânico. “A tendência às conceitualizações totalizantes que caracteriza esses setores corre o risco de levá-las muito longe no caminho da biologização do social. (...) Aí residem os desafios contraditórios que as ciências da organização do ser vivo lançam às ciências sociais da comunicação” (MATTELART, 1999, p. 165).

Dialeticamente, a explicitação do conceito de padrão e de auto-organização, surgiram sob inspiração dos chamados ciberneticistas, mais especificamente através de Claude E. Shannon e seu professor, Norbert Wiener, que em suas teorias sistêmicas consideradas de primeira geração, influenciados pela proximidade do conflito da segunda grande guerra mundial, enfocaram o conceito de “entropia”. A entropia é identificada como essa “tendência que tem a natureza a destruir o ordenado e precipitar a degradação biológica e a desordem social”, constituindo a ameaça fundamental. (MATTELART, 1999, p. 66) Para eles, “a informação, as máquinas que a tratam e as redes que ela tece são as únicas capazes de lutar contra essa tendência à entropia” (Idem, p. 66). Criando assim a utopia da “sociedade da informação”. Assim numa conceituação mais recente, pode-se dizer que a *autopoiesis* seria a antítese da *entropia*.

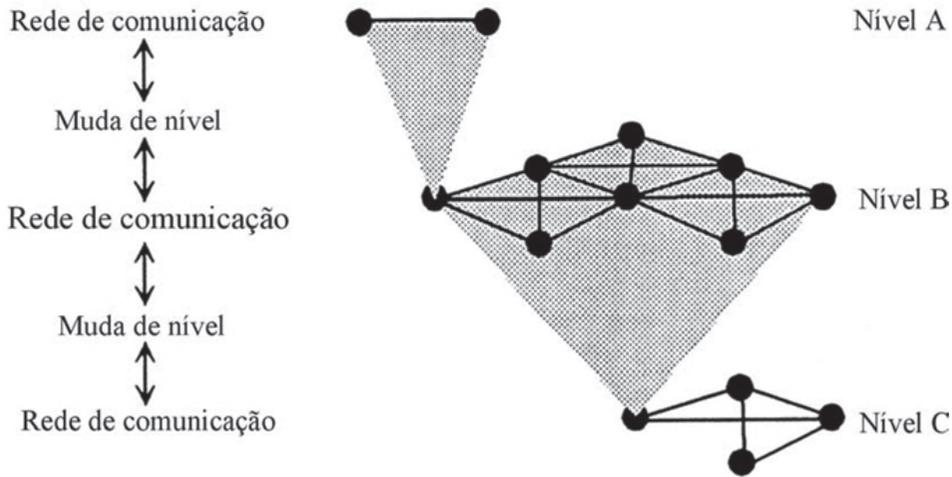
3.12 As redes e a teoria dos fractais

O termo “fractal” foi utilizado como conceito relacionado a rede, pela primeira vez, pelo matemático polonês Benoit Mandelbrot, em 1967. Originário do adjetivo latino *fractus* e do verbo *frangere* (irregular, quebrar, fraturar), o vocábulo se popularizou depois que o polonês publicou, em 1982, o livro *The Fractals Geometry of Nature*. A palavra passou então a caracterizar as formas irregulares e as novas geometrias por ele descobertas, seja na geologia, na turbulência de fluídos ou no mercado financeiro. Existe uma diferença entre a geometria tradicional, também chamada euclidiana, e a fractal. A do grego Euclides, comumente ensinada nas escolas, apresenta dimensões bem definidas e quantificadas para a natureza. Ou seja: um ponto tem dimensão 0; uma linha reta, dimensão 1; um plano, dimensão 2; e um volume, dimensão 3. A geometria fractal, por sua vez, mostra infinitas possibilidades, com as dimensões podendo apresentar números quebrados, o que permite um ajuste bem melhor às condições naturais. Um material poroso, por exemplo, levando em conta os vazios, reentrâncias e rugosidades, tem uma dimensão fractal entre 2 e 3, tão ampla quanto a quantidade de números

reais fracionários. Desta maneira, fica mais fácil explicar a natureza e, assim, nossos modelos se aproximam mais do real.

O grande salto de Mandelbrot foi perceber a possibilidade de usar os fractais para resolver complexos problemas matemáticos, dando-lhes uma forma geométrica. Os fractais têm ramificações dentro da teoria do caos⁸, da metafísica, da sociologia, da filosofia e da religião. É o caso do Efeito Borboleta, princípio pelo qual pequenas alterações em sistemas dinâmicos podem provocar comportamentos totalmente diversos com o passar do tempo. Um exemplo são as pesquisas de opinião, que podem ser vistas como um sistema dinâmico extremamente sensível às condições iniciais. Qualquer fato pequeno pode redundar numa brutal mudança de opinião pública. Fenômeno semelhante acontece com as previsões meteorológicas; elas não valem para períodos extremamente longos, porque mínimas imprecisões nos dados estabelecidos nas condições iniciais geram divergências exponenciais ao longo do tempo. Portanto, os fractais, junto com a inteligência artificial, são novas maneiras de ver o mundo (UNESP, 1997; CAPRA, 2000). A partir dos conceitos anteriores, pode-se pensar no conceito de redes, levando em consideração os *vários níveis fractais*, possíveis de uma rede. Ou seja, as várias dimensões fractais na comunicação. Veja representação gráfica abaixo sobre a mudança de níveis fractais:

8 A Teoria do Caos, derivada do antigo conceito de confusão e desordem associado à palavra caos (do grego cháos). Essa teoria é usada hoje com finalidades práticas por um número crescente de cientistas para entender fenômenos incompreensíveis por outros meios. Exemplos: a previsão do tempo, os caminhos de um relâmpago, o ritmo de propagação de bactérias num organismo – ou até mesmo de uma população de animais e as oscilações da Bolsa de Valores. O caleidoscópio expressa o caos com precisão: é impossível prever a imagem resultante da combinação de espelhos. Sob tantas outras formas, o novo método põe em primeiros planos a desordem, a irregularidade a complexidade da natureza – o imprevisível, enfim. Mas, ao encarar a dúvida e a incerteza, a Teoria do Caos coloca em xeque uma forma de pensar sedimentada em nossas mentes, o determinismo, fundamentado na ordem, na regularidade e na simplicidade. Essa antiga visão do mundo de mundo, idealizada pelo matemático francês René Descartes (1596-1650) e pelo físico inglês Isaac Newton (1624-1727), enfoca o universo como um relógio, regular e previsível, sujeito a leis invariáveis. O enfoque funciona para explicar, por exemplo, a trajetória de uma bola de bilhar ou de um foguete no ar, mas é ineficaz diante as sutilezas do universo, alguns dos atuais desafios da ciência. Sua abrangência, portanto, vai além das figuras conhecidas como fractais, a faceta mais conhecida do caos.



A dimensão fractal na comunicação. Os Nós a e b são, num exame detalhado, redes, elas próprias, em diferentes níveis.

Figura 4 A dimensão fractal na comunicação.

Tiffin & Rajasingham (1995, p. 29). Tradução e adaptação do autor.

Observa-se no organograma acima, o nível de uma rede, que pode ser neural, onde um indivíduo pensa com seus bilhões de neurônios ou, mudando de nível fractal, pode-se ter duas pessoas formando uma rede em *diad*⁹, onde os dois *nós* de comunicação são as pessoas que formam o canal desta rede. Mudando novamente de nível, pode-se imaginar uma família, ou uma sala de aula, onde um número relativamente pequeno de pessoas formam uma rede de comunicação direta. Pensando em um nível fractal maior, pode-se considerar essa sala de aula como parte de uma escola, sendo que agora a sala se torna um apenas um *nó* desta nova rede. Através deste raciocínio pode-se imaginar outros níveis fractais maiores: escolas municipais, estaduais e nacionais, cidades, estados, países, continentes, planetas e universos. Veja como Tiffin & Rajasingham (1995, p. 65) representaram as várias dimensões fractais de uma rede de ensino tradicional:

⁹ O conceito de *diad* e *nós* são inspirados no modelo de Shannon que em 1948 desenvolve o conceito de teoria da informação ou teoria matemática da informação. (EPSTEIN, 1988; MATTELART, 1999).

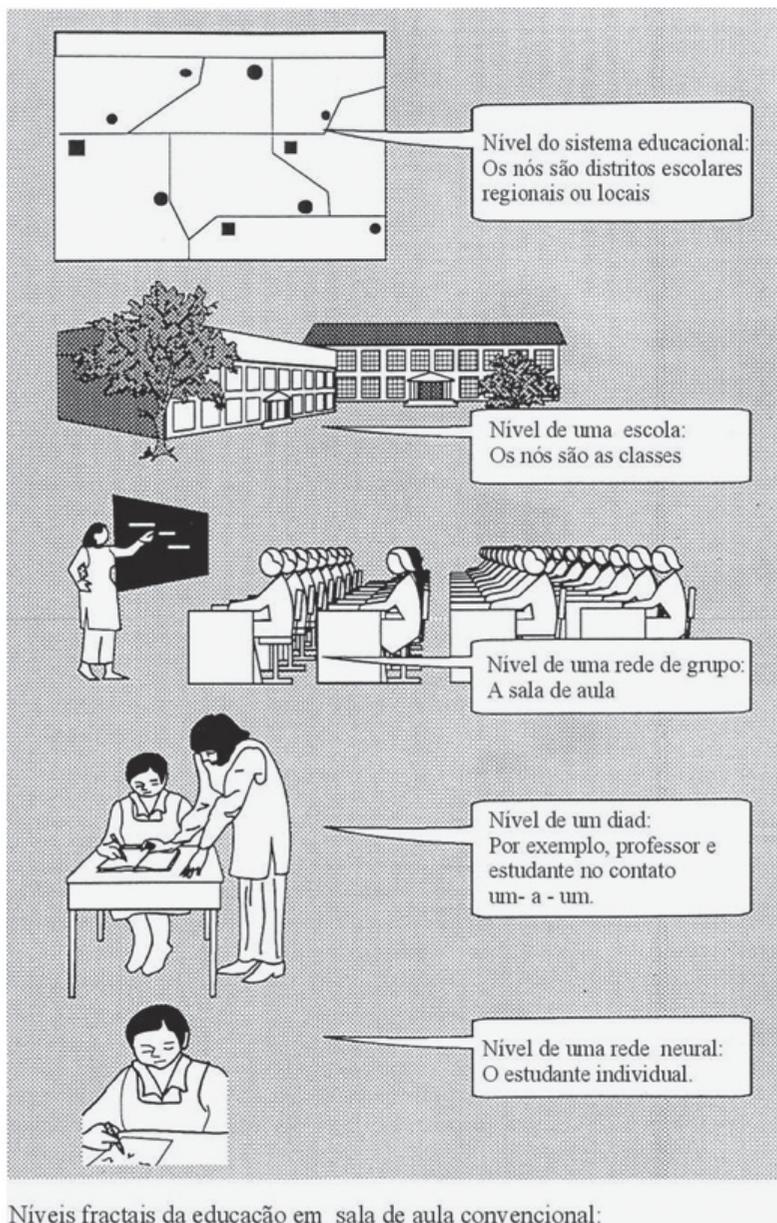


Figura 5 As várias dimensões fractais de uma rede de ensino tradicional.

Tiffin & Rajasingham (1995). Tradução e adaptação do autor

Utilizando a teoria dos fractais, pode-se pensar e representar os processos comunicativos e educativos mediados por computador, ou seja, um sistema de educação a distancia, (EaD) como fizeram os mesmos autores (idem, p. 119). Um

desenho de sistema de EaD pode ter níveis fractais, virtuais assíncronos, síncronos e até diads onde a relação é estabelecida entre homem e o computador. Veja a figura a seguir:

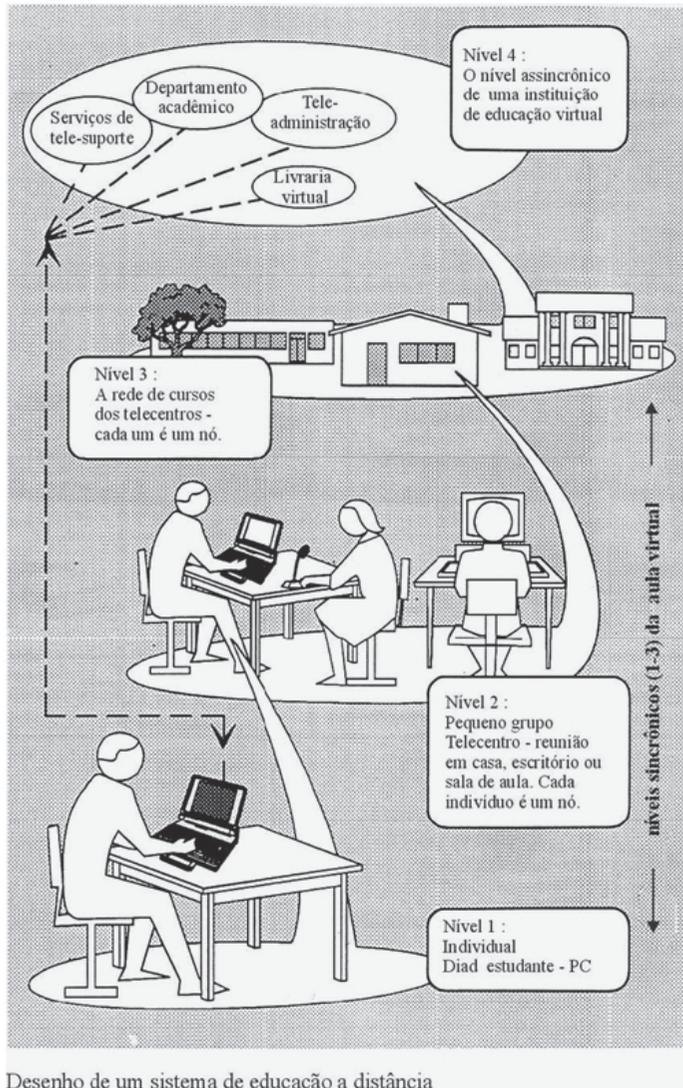


Figura 6 Desenho de um sistema de educação a distância.

Tiffin & Rajasingham (1995) Tradução e adaptação do autor.

Estes elementos gráficos e modelos criados por Tiffin e Rajasingham, que toma-se neste trabalho a liberdade de reproduzir, traduzir e adaptar, podem ajudar a referenciar a construção de modelo de rede de organizações não governamentais,

do terceiro setor, que tem a internet e as tecnologias de comunicação como base, como é o caso da rede DPH aqui estudada.

3.13 Pierre Lévy e o movimento social da cibercultura

O filósofo Pierre Lévy sustenta a tese de que “a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.” (1999, p. 123). Deve-se entender que a democratização do ciberespaço e sua consequente contribuição para a democratização da sociedade como um todo não é simplesmente o acesso a equipamentos informáticos, ou ainda um acesso ao conteúdo, nem um acesso a mídia, nem um simples acesso a informação, mas sim um “acesso de todos aos processos de inteligência coletiva (...), ao ciberespaço como sistema aberto de autocartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes”. (LÉVY, 1999, p. 196). Em outras palavras a utilização da mídia, da rede, da WEB, como espaço de diálogo, de reelaboração das informações transformando o conhecimento em instrumento de *cibercidadania*.

Para Trivinho, *cibercidadania* pode ser entendida como aquela cidadania vinculada à redes, de um modo geral, e ao ciberespaço, em particular. “No fundo, trata-se de uma única cidadania; aquela correspondente ao final do século infoeletrônico e que, em duplicidade, com uma face apontando para o território ordinário e outra para as redes, lança-se ao milênio vindouro” (TRIVINHO, 1998, p. 134). Pierre Lévy define ciberespaço como *o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. “Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, (...) na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LEVY, 1999, p. 92).

Algumas destas redes podem ser conceituadas como Redes Virtuais, ou organizações virtuais¹⁰. O Prof. Luis Camarinha Matos define organizações virtuais como “uma rede (temporária) de organismos independentes, ligados através das tecnologias de informação, com vista a partilharem competências, recursos, custos e os espaços de intervenção de cada um” (MATOS, 1997). Estuda-se muito o

10 Para entender o conceito de virtual ver Pierre Lévy “O que é o virtual?”. Trabalho onde o autor aprofunda os diversos tipos de desafios da virtualização: filosófico (o conceito de virtualização), o antropológico (a relação entre o processo de hominização e a virtualização) e o sócio-político (compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela).

fenômeno da virtualização a partir da ótica das redes de organizações comerciais e começa-se a estudar também as organizações governamentais e sua tendência a virtualização, as chamadas “autarquias virtuais” (Ibidem, 1997). O fenômeno da virtualização, entretanto atinge toda a sociedade. As entidades do Estado, as instituições do mercado e da sociedade civil. É na sociedade civil que se situam basicamente as redes sociais onde predominam as organizações não governamentais (ONGs)¹¹.

3.14 O impacto das tecnologias e as teorias apocalípticas e as integradas

Na “Era da Informação” as inovações tecnológicas avançam e mudam muito rapidamente. Em 1989, a teoria mais influente sobre o futuro da mídia era a “chave de Negroponte” – a teoria de Nicholas Negroponte, do Media Lab do MIT (Instituto Tecnológico de Massachusetts), segundo a qual o que vai pelo ar, principalmente transmissões em vídeo e televisão, logo mudaria para os fios (fibra ótica e cabos coaxiais), enquanto que o que vai pelos fios, principalmente a telefonia vocal, passaria maciçamente para o ar. Quando George Gilder¹² escreveu o livro “A vida após a Televisão” (1990) elogiou muito a teoria de Negroponte, que de certa forma capta os vetores-chave da mudança tecnológica. Pode-se notar que no Brasil, o fenômeno do crescimento das TVs a cabo e dos telefones celulares na década de noventa, veio ao encontro dessa teoria. Porém, no posfácio que escreveu na edição brasileira de 1996, Gilder já levanta dúvidas sobre a vitória total da fibra ótica sobre o sistema de emissão eletromagnético. Essas dúvidas também se confirmam, com a entrada da TV paga por satélite, com a possibilidade imediata de cerca de 200 opções de canais e com o surgimento da internet sem fio.

Em seu livro, o autor delinea os novos progressos na tecnologia da informática e fibras óticas que prenunciam a morte certa da televisão e da telefonia tradicionais. Assim, no posfácio editado no Brasil em 1996, chamado “o Rolo compressor do Computador: *A vida após a televisão*” o autor reforça que, o que impele a mudança é o avanço da tecnologia de informática. Para George Gilder, “a interatividade, quase por definição, é uma função do computador, e não da televisão. Transformar o televisor numa combinação interativa de teatro, museu, sala de aula, sistema bancário, shopping center, correio e comunicador é contrário

11 Para saber mais sobre as organizações não-governamentais e o terceiro setor ver Landim (1993), Fernandes (1994), Scherer-Warren (1999, p. 79).

12 O conceito de ciberespaço definido por Gilder, Ester Dyson, Jay Keyworth e Alvin Toffler como “a terra do saber “e” a nova fronteira” aproxima-se da de Pierre Lévy, como o próprio autor francês admite, sendo que o do mesmo é um pouco mais restritivo (Lévy, 1999).

à sua natureza” (1996, p. 177) O surgimento da WEBTV – um pequeno aparelho que ligado à TV (via cabo) que proporciona conexão com a internet – veio questionar essa afirmação de Gilder, demonstrando mais uma vez que atualmente é muito difícil prever as mudanças tecnológicas futuras¹³.

Sempre que surge uma nova tecnologia, surgem teorias catastróficas prevenindo o fim de outras. Isso aconteceu com a pintura em relação à fotografia; com a fotografia e o rádio com relação ao cinema e com o cinema com relação à televisão. Agora, o fim da televisão é previsto em relação ao computador.

Desde os anos sessenta, mas principalmente nos anos setenta, falou-se muito das novas tecnologias de comunicação. Segundo Umberto Eco, neste período, basicamente duas correntes analisaram a introdução e o impacto destas novas tecnologias na sociedade: os “Apocalípticos” e os “Integrados”. Os “Apocalípticos” eram basicamente críticos de origem marxista, que viam na introdução das novas tecnologias mais um “elemento de manipulação e alienação das massas” e de antemão teciam somente críticas aos monopólios, aos meios, eliminando o “rebento indesejável do capitalismo” (ECO, 1976)¹⁴. A outra vertente, a dos “Integrados”, ufanisticamente apregoavam as virtudes do desenvolvimento das tecnologias, acreditando que elas, por si só, trariam o desenvolvimento e a resolução dos problemas da humanidade¹⁵.

Pensa-se que Gilder tem razão quando diz que “o que impele a mudança é o avanço da tecnologia da informática, invadindo e conquistando todos os domínios” (ibid, p. 166) no “telefuturo”. Porém, acredita-se que isso não significa o fim das linguagens e tecnologias existentes hoje, mas a adaptação e transformação das mesmas como parte de um processo amplo de avanço da articulação e aglutinação da multimídia de forma interativa. Na verdade, esta relação começa com a escrita. É a partir dela que começa o conhecimento sistematizado da humanidade. “Sem escrita, não há datas, nem arquivos, não há listas de observações, tabela de números, não há códigos legislativos, nem sistemas filosóficos e muito menos

13 Os recentes testes de transmissão da internet via rede elétrica (através dos fios de rede elétrica e não via fios de telefonia) abrem mais alternativas para transmissão de dados e comunicação e vem reforçar essa visão.

14 Pode-se citar como apocalípticos, o intelectual americano radical Herbert Schiller, o francês Armand Mattelart e o chileno Juan Somavía, entre outros, “*todos de grande influência entre nós, na América Latina, que trabalhavam a partir de categorias clássicas de economia política, como luta de classes e mais-valia, sem sequer arranhar a superfície da questão tecnológica*” (RAMOS, 1994, p. 211).

15 Os integrados eram também classificados de “deterministas tecnológicos”, o mais conhecido deles talvez tenha sido o ex-operário norte-americano, bom escritor e notável orador Alvin Toffler, podendo aí ser incluído também o sofisticado intelectual canadense Marshall McLuhan (RAMOS, 1994, p. 211).

crítica destes sistemas”, argumenta Pierre Lévy falando das tecnologias da inteligência para dizer que “ser digital não é o bastante”. (LÉVY, 1994, p. 96)

O telecomputador, pregado por Gilder como o substituto da televisão, tende a ser uma realidade a médio prazo, mas aproveitará muito da tecnologia televisiva atual. Assim, seria inclusive, ecologicamente recomendável que se aproveitasse a televisão ou os “monitores” existentes em milhões de casas para a transformação e adaptação dos telecomputadores. Acredita-se que o “analogico” ainda vai conviver muito tempo com o “digital”, assim como o “celulóide” do cinema da era mecânica, ainda sobrevive na era da eletrônica.

Na verdade, sua preocupação principal de Gilder é com a construção da *superestrada da informação*. Ele garante que a única forma de os Estados Unidos contarem com ela, com conexões de banda larga com os lares e escritórios antes do próximo século será, unindo as redes de telefone com redes de TV a cabo. Ao pregar a utilização em massa da fibra ótica como estratégia de transformação das redes de TV a cabo norte-americanas em uma rede aberta e direcional, onde elas se liberariam do papel de um monopólio protegido pelo governo, tornando-se participantes pioneiros de negócios da era da informação (ibid., p. 162), Gilder implicitamente reconhece a importância das tecnologias e das redes já existentes. O autor quer dizer que, em essência, o espírito da comunicação, dita de massa, está em extinção. Uma comunicação vertical e centralizada, que não diferencia seu público, vendo-o como uma massa amorfa, está sendo substituída por uma comunicação criadora, dialógica, mais horizontal e descentralizada.

Em seu posfácio, Gilder atualiza seu livro, relativizando seus argumentos tecnológicos dando maior ênfase ao aspecto cultural e social da transformação em curso na Era da Informação: “*A vida após a televisão*” não previu meramente uma revolução técnica, mas uma sublevação cultural. “Transferindo a autoridade das elites e instituições para os criadores e clientes, as novas tecnologias alteram drasticamente o equilíbrio de poder cultural. Deslocando o alvo ótimo da arte comercial dos gostos e sensações vulgares para os interesses especiais, curiosidades, *hobbies*, ambições e aspirações artísticas, as máquinas de multimídia digital transformarão o mercado e elevarão a cultura. Somente explorando as novas oportunidades as empresas prosperarão e prevalecerão” (Ibidem, p. 181).

Neste aspecto, o autor está completamente de acordo com vários outros autores. “Os computadores trabalharão tanto para indivíduos quanto para grupos de pessoas. Eu observo essa mesma mentalidade descentralizadora crescendo em nossa sociedade, trazida pelos novos cidadãos do mundo digital. A tradicional visão centralista da vida vai se tornar coisa do passado” sentencia Nicolas Negroponte (1995, p. 217). A vocação do cyberspaço é a interação. Mais que isso, todo ato de comunicação na rede é um ato social, argumenta Cláudio Cardoso (1996, p. 78) reforçando a tendência mundial da internet, o embrião da superestrada da

informação, em criar redes de relações sociais humanas e tecnológicas descentralizadas (SOUZA, 1998)

3.15 A rede, a criatividade, a inovação e os cenários de luta

A Criatividade é essencial para a inovação tecnológica. Segundo vários estudiosos, a criatividade¹⁶ é uma característica inerente ao ser humano, podendo se manifestar nos mais diversos campos de ação, porém “é indubitável que algumas áreas oferecem maiores possibilidades do que outras para a sua expressão” (ALENCAR, 1994). Durante muitos séculos, relacionou-se à área artística, as Belas Artes, como domínio por excelência da expressão criativa. Somente em décadas mais recentes, contrariando a opinião dominante, pesquisadores concluíram que a criação científica não difere fundamentalmente da criação artística (Ibidem). Hoje, são considerados entre os principais fatores para o desenvolvimento da criatividade, além de traços de personalidade, fatores motivacionais e outros *atributos pessoais*, as *condições ambientais* como essenciais para o sucesso do processo criativo. (ALENCAR, 1994; WECHESLER, 1996; OSTROWER, 1996).

Segundo Pierre Calame¹⁷, presidente da Fundação francesa Charles Leopoldo Mayer, inspiradora e estimuladora da rede DPH aqui estudada, “A inovação nasce sempre localmente. Às vezes, assim como as flores se abrem na primavera, parece surgir em mil lugares de uma só vez, porque em todos os lados ocorrem condições análogas, criando a impressão de que as flores fizeram um acordo. As aplicações do microcomputador, as revoltas nos subúrbios, as reflexões sobre a complexidade e as ciências cognitivas constituem, em áreas diferentes, uma ilustração deste florescimento. Sem dúvida, para que uma inovação difunda-se amplamente, deve ser transportada por redes, que podem ser comerciais, redes de telecomunicação, redes empresariais, étnicas (...), escolares ou de divulgação” (CALAME, 1993, p. 61). O autor indaga acerca do que é concretamente uma rede? E dá a sua definição: “É um dispositivo técnico ou humano, na maioria das vezes, que cria proximidade apesar da distância, que permite a fácil circulação dos

16 As várias abordagens sobre o assunto podem ser conhecidas através dos trabalhos da professora Eunice Soriano Alencar, além do trabalho de Solange Múglia Wechsler. Sobre as características da pessoa criativa analisar o trabalho de Dualibi e Simonsen Jr.; e sobre técnicas de criatividade vale a pena conhecer o livro de Bernard Demory.

17 Pierre Calame, engenheiro, urbanista, sociólogo, atuou como funcionário de alto escalão na França, foi assessor de ministros, mas também em trabalhos sociais de base. É presidente da Fundação francesa de direito suíço, Charles Léopold Mayer para o progresso humano (FPH).

fluxos de informação, matéria, pessoas e energia. Na falta de uma rede, a corrente não passa, a informação e a inovação tampouco. O imaginário não pode ser compartilhado” (Idem, p. 62).

Segundo Murilo César Ramos, após o fim da Guerra Fria e a queda do socialismo no Leste Europeu, vive-se um momento de possibilidades de reconstrução do pensamento e de metamorfose. *“Assim, entre a aceitação da neutralidade científico-tecnológica e a passividade de uma negação sem alternativa, chegamos à década de 90, circunstancialmente às vésperas de um novo milênio, finalmente livres (...) para compreender que tecnologia não é, de fato, um destino, mas acima de tudo, um cenário de luta”* (RAMOS, 1994, p. 215).

Este trabalho não assume uma visão “apocalíptica nem uma visão integrada” (ECO, 1976) frente às novas tecnologias e à rede, objeto de nosso estudo. Esta pesquisa assume uma visão crítica, interdisciplinar, sistêmica. Tenta inspirar-se utilizando como ferramenta de análise a criatividade, as Teorias do Caos e dos Fractais (CAPRA, 1999; TIFFIN & RAJASINGHAM, 1995) para entender o modelo da Rede DPH.

Resultados: análise e discussão

4.1 História da rede DPH

Introdução

Neste item, realiza-se uma breve história cronológica da Rede DPH, baseada em documentos e dados colhidos juntos a agentes da rede. Estes dados servem para contextualizar e visualizar o desenvolvimento da mesma e auxiliar na construção do modelo que pretende-se desenvolver.

○ idealizador Charles Léopold Mayer (1881-1971)

Francês de origem suíça e irlandesa, autor de numerosos livros, engenheiro químico, financista, pesquisador, filósofo positivista e filantropo. Gênio das finanças, conseguiu, com o passar dos anos, fazer frutificar o patrimônio que seus pais lhe haviam legado. Casado na maturidade, sem filhos, dedicou seu patrimônio à ciência e ao progresso do homem; em sua mente ambos eram inseparáveis.

Durante toda a sua vida, ele fez sua fortuna com a ideia de, após a sua morte, colocá-la a serviço do trabalho com características científicas e humanitárias. Foi este fato que permitiu ser criado em 1982, a Fundação para o progresso do Homem, rebatizada em 1996 como Fundação Charles Leopold Mayer para o progresso do Homem (FPH) em homenagem a sua memória.

A Sra. Madeleine Calame, falecida em 1986, foi secretária e colaboradora de Mayer durante quarenta anos, se tornando responsável e a primeira presidente da FPH (DPH, 1998, p. 6; CALAME, 1995, p. 21).

Em 1982 inicia o trabalho da Fundação para o Progresso do Homem (FPH)

É uma instituição de direito suíço, criada em 1982 e presidida por Pierre Calame, filho da Sra. Madeleine. A FPH centra sua ação e sua reflexão nos vínculos entre a acumulação de conhecimentos e o progresso da humanidade em sete campos: meio ambiente e futuro do planeta, encontro de culturas, inovação e mudança social, relações entre Estado e Sociedade, agriculturas camponesas, luta contra a exclusão social e construção da paz. Com colaboradores de origens muito diversas (associações, administrações, empresas, pesquisadores, jornalistas, engenheiros), a FPH impulsiona um debate sobre as condições de produção e de imobilização dos conhecimentos a serviço de quem menos acesso tem aos mesmos. A FPH promove encontros e programas de trabalho em parceria, oferece um sistema normalizado de intercâmbio de informações, apoia trabalhos de capitalização de experiências e publica e co-edita livros e relatórios (DPH, 1998).

Em 1986 ocorre o surgimento da rede DPH

A ideia fundadora da Rede DPH surgiu em 1986 no seio da Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (FPH). Segundo documentos da rede DPH, o embrião da rede começou a partir de um núcleo inicial que realizou as primeiras ações em 1987. Sendo que em 1988, a iniciativa começa a “criar escala”. (UGARTE, 2001b)

O nascimento e o desenvolvimento da rede DPH

A FPH financiava até então projetos de investigação e desenvolvimento e percebia a penosa tendência de seus colaboradores a “reinventar a roda” sem levar em conta o acervo da experiência coletiva, advertindo desse modo para há existência uma imensa quantidade de conhecimentos livrescos mal dirigidos para a ação. Atualmente, “os fluxos de informação crescem de maneira exponencial do mesmo modo que se incrementa a quantidade de entradas em bases de dados, e a quantidade de lugares telemáticos das mais diversas naturezas. Entretanto, as pessoas comprometidas com a ação sabem que é difícil encontrar rapidamente a informação útil e, uma boa agenda de endereços, que permita de forma artesanal por nós em contato com pessoas tenham estado em situações semelhantes, é a maneira mais eficaz para o acesso a potentes bases de dados” (DPH, 1998, p. 12).

Segundo documentos da rede DPH, nas necessidades “do terreno” ou seja da prática concreta, se misturam intimamente a técnica, o institucional e o cultural. A FPH se dá conta de que, “em geral os conhecimentos úteis para a ação nasceram da ação em si mesma; entretanto, são raras as pessoas envolvidas na ação

que tem o interesse, o tempo ou a possibilidade de divulgar sua experiência ter fidelidade e divulgar sua experiência” (idem).

Desta constatação nasceu o desejo da FPH de fazer circular e divulgar os conhecimentos úteis para a ação. Esta é a origem do projeto DPH.

Para atingir esta ambição, a FPH se associou a RITMO (Rede de Informação do Terceiro Mundo), que coordena diversos outros centros de documentação na França. Como base para o banco de dados, utiliza-se inicialmente o programa ISIS da UNESCO, sem fins lucrativos e cria-se uma adaptação para a rede chamada de ISIS-DPH para ambiente informático MS-DOS. Depois de “um início bem lento, já que tudo estava por fazer e todo o mundo por convencer (...). Dia a dia foi se tornando mais visível o efeito bola de neve” (Ibidem).

A rede DPH vai criando sua própria teia, sendo que várias redes temáticas e geográficas de vários continentes vão se associando a sua empreitada. Começa a surgir uma rede de redes. Em 1994 cria-se o Tesouro do DPH, com codificações e descritores para as fichas DPH. Em abril de 1995, acontece o primeiro grande encontro fora de Paris e a rede elege uma coordenação: O CENO (conselho de enlace e orientação). Em 1998 o banco de dados contém mais de 6500 fichas com autores originários de mais de 41 países, sob temas diversos como desenvolvimento, habitação, meio ambiente, agricultura, cultura, comunicação, construção da paz (DPH, 1998; CALAME, 1995; UGARTE, 2001b).

A seguir uma sistematização em forma cronológica do histórico da rede DPH baseada em documentos da rede e da FPH. As principais informações técnicas tem origem no texto de Vladimir Ugarte (2001a), representante da FPH no CENO (Conselho de enlace e orientação) da rede DPH e no boletim “La lettre de Dph”, boletim informativo impresso da rede DPH que em março de 2001 chega ao seu número 35. Utiliza-se como critério para essa sistematização, eventos e fatos relevantes para a rede DPH ocorridos anualmente.

Cronologia

- 1881 – Nasce Charles Léopold Mayer (1881-1971).
- 1982 – Fundação da FPH.
- 1986 – Surgimento da ideia de um banco de dados com informações “úteis para a ação” dentro da FPH (Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem).
- 1987 – Primeiras ações em direção a criação de um banco de dados de registro de memória. A FPH se associa ao RITMO (Rede de informação Terceiro Mundo) para criação do banco de dados.
- 1988 – A iniciativa começa a criar escala.
- Novembro de 90 – Primeira Rede associada Rede Sul/Norte.

- Fevereiro de 92 – Primeiro Encontro de Redes Associadas (RAN).
- Junho de 92 – Entrada de Vladimir Ugarte na FPH.
- Junho de 92 – Carta DPH.
- Setembro de 92 – Encontro de formação no Rio de Janeiro – Brasil.
- Outubro de 92 – Boletim Carta DPH n°0.
- Fevereiro de 93 – Encontro em Paris das Redes Associadas.
- Junho de 93 – Publicação Passerelles n°1.
- Julho de 93 – Associação da Rede PASOS.
- Outubro de 93 – Manual Isis/DPH.
- Março de 94 – Thesaurus: depósito “cartografico” organizado durante 4 dias em Paris tendo a frente a RAN (redes associadas do DPH).
- Abril de 94 – Fórum DPH .
- Maio de 94 – DF (dossier a fenetre) n.57: “Politiques du logement en milieu urbain”.
- Setembro de 94 – Lançamento do DPH na l’IEDES (Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social) em parceria a Universidade de Paris I.
- Março de 95 – criação da ferramenta DPH para Mac (4D).
- Abril de 95 – Encontro do RITE México (primeiro encontro internacional de coordenação fora de Paris). Criação e eleição do CENO (Comitê de Enlace e Orientação).
- Junho de 95 – Indexação do thesaurus DPH.
- Agosto de 95 – Encontro da Rede Vozes do Silêncio em Florianópolis, Brasil.
- Janeiro de 96 – Reunião do Ceno em Pádova, Itália.
- Fevereiro de 96 – DF(dossie fenetre) 74: “ébauche pour la construction d’un art de la paix”.
- Março de 96 – chemise/dossier DPH.
- Abril de 96 – Sensibilização do DPH no CEDA em Burkina Faso.
- Abril de 96 – Tríptico DPH.
- Maio de 96 – Dph para windows (4D).
- Junho de 96 – Encontro de cidades em Istambul – Turquia.
- Julho de 96 – Encontro do Ceno em Syros – Grécia.
- Janeiro de 97 – Encontro do RITE (Encontro internacional de trabalho e troca da rede DPH) no Sri Lanka (Ásia), organizado pela rede INASIA (Initiative in Research and Education for development in Asia).
- Março de 97 – Formação do DPH no polo Maghreb-Sahelien (África) da rede l’Alliance (PMS) na Mauritània.
- Maio de 97 – Desenvolvimento do Projeto ILA (Iniciativa Latino Americana) a partir de Pasos/México.
- Junho de 97 – aprimoramento do Web DPH.
- Agosto de 97 – Viagem de Vladimir Ugarete e Jimmy pela Africa por DPH.

- Agosto de 97 – Sessão de formação de DPH em Dakar.
- Outubro de 97 – Encontro do Ceno no Rio de Janeiro (Brasil).
- Outubro de 97 – “Canteiro de obras” dos mediadores e troca de experiências.
- Fevereiro de 98 – Encontro de Dakar “Habitants/Elus/Techniciens”; início da rede RIAH de moradores; atelier de escritura DPH durante o encontro.
- Março de 98 – Kit DPH.
- Setembro de 98 – Nova contratada por Dph pela Fph: Dacha Radovic.
- Setembro de 98 – lançamento do programa Navibase.
- Setembro de 98 – site com FTP de DPH.
- Setembro de 98 – apresentação da situação da articulação dos parceiros DPH na África por Claire Gougeon durante o período sabático da FPH.
- Outubro de 98 – reunião do CENO em Louvain-la-Neuve – Bélgica.
- Outubro de 98 – reunião de formação da rede ILA (Iniciativa Latino Americana).
- Outubro de 98 – formação da rede Alliance na África.
- Outubro de 98 – DD96 (documento para debate): dossier para um debate “por um comércio equitativo”.
- Novembro de 98 – projeto de emprego de jovens na L’Ami (Associação de apoio mútuo para uso social da informação).
- Janeiro – março de 99 – coletânea Dph para a União Europeia UE/ACP.
- Fevereiro de 99 – Viagem de animação de Françoise Feugas e M. Wade à Dakar, Abidjan, Cotonou e Yaoundé (África).
- Fevereiro de 99 – sessão de análise transversal na União Europeia UE/ACP.
- Maio de 99 – Fórum Público UE/ACP sobre a Web.
- Abril de 99 – publicação da Carta Dph n°27 pela Associação Geysler.
- Abril de 99 – Encontro do RITE em Abidjan.
- Abril de 99 – APM-Camarões assume a edição inglesa da Carta DPH.
- Abril de 99 – Lançamento do site: www.webdph.net.
- Maio de 99 – Curso de formação em Bogotá (Colômbia).
- Maio de 99 – Lançamento do atelier permanente DPH na Fundação FPH.
- Junho de 99 – Encontro do DPH no Equador.
- Junho de 99 – Sessão DPH animada pela l’Assoal em Camarões (para educadores de bairro).
- Agosto de 99 – Kit de tecnologia em CD-ROM.
- Setembro de 99 – Encontro da Rede Paix, em Manizales (Colômbia).
- Outubro de 99 – Curso de formação na Bulgária.
- Novembro de 99 – Catálogo de usos da rede DPH.
- Novembro de 99 – Segunda publicação das fichas Forum UE/ACP (União Europeia).

- Dezembro de 99 – Atelier DPH inter-africano em Lomé (Rede DPH + Chantier Gouvernance).
- Dezembro de 99 – Eleição Monsieur DPH Afrique.
- Dezembro de 99 – DPH na Grécia: rede Aster.
- Janeiro de 2000 – Reunião de preparação do CENO.
- Fevereiro de 2000 – Projeto mexicano Gestão de Saberes.
- Março de 2000 – Lançamento do Centre de Recursos DPH inter-africano em Dakar.
- Março de 2000 – Formação Dph para l'ASSOAL à Nomayos – Côte d'Ivoire pour FORCE Confédération Org. Rurales.
- Abril de 2000 – Reunião do CENO na Bulgária.
- Abril de 2000 – Cursos de formação DPH animada por l'Assoal à Zoetele pour FORCE.
- Abril de 2000 – Cursos de formação DPH à l'AFCDRP (Assoc. Communes et Régions pour la Paix).
- Maio de 2000 – Reunião DPH com ARN em Lille.
- Maio de 2000 – Africités na Namíbia, RIAH torna-se CIAH, (Charte africaine de Partenariat entre Habitants et Collectivités locales).
- Maio de 2000 – Espace de Recursos DPH em Camarões em torno da educação (ASSOAL).
- Maio de 2000 – Formação na Bulgária.
- Junho de 2000 – DPH on line: pesquisa da base DPH pela web (212.85.159.241/bases.htm).
- Junho de 2000 – Fichas Efemérides da FPH com o sistema DPH.
- Julho de 2000 – Formação na FPH da Associação de Administra – dores, China.
- Julho de 2000 – DPH no Encontro grupo brasileiro de jovens de l'Alliance (São Paulo).
- Julho de 2000 – Atualização da base n° 17 com 441 novas fichas, sobretudo africanas.
- Setembro de 2000 – Convenção da Rede Nacional Construtores da Paz na Colômbia.
- Setembro de 2000 – Elementos para um Manual de Compromissos da gestão da banco de dados.
- Setembro de 2000 – Atelier sobre cartografia animado por ViC durante o período sabático da FPH e demonstração do software cartográfico (Java) à equipe.
- Setembro de 2000 – Reunião com l'AMI para reorientações do apoio financeiro.
- Outubro de 2000 – Reunião do Ceno em Xalapa – México.
- Outubro de 2000 – Assembleia Mundial de Moradores no México.
- Outubro de 2000 – Formação técnica em Colômbia (Barrancabermeja).

- Outubro de 2000 – Formação em Caracas – Venezuela para a Rede Habitants/FAU.
- Outubro de 2000 – Les “Butterflies” ao Parlamento dos Jovens em Sydney – Austrália.
- Outubro de 2000 – Tradução do Catálogo de usos do DPH em espanhol.
- Novembro de 2000 – Formação DPH à l’Ile da reunião para Réseau Océan Indien.
- Novembro de 2000 – Reunião sobre a cartografia na Fundação FPH..
- Dezembro de 2000 – Formação no CIMLK em Burundi.
- Janeiro de 2001 – participação da rede DPH no Fórum Social Mundial – Porto Alegre – Brasil.

Sistematiza-se em planilha (Tabela 1), através do programa Excel, os dados para que se possa refletir sobre as atividades da rede:

Tabela 1 Dados da rede.

Ano	Atividades
1986	1
1987	1
1988	1
1989	0
1990	1
1991	0
1992	5
1993	4
1994	4
1995	4
1996	8
1997	9
1998	11
1999	21
2000	29

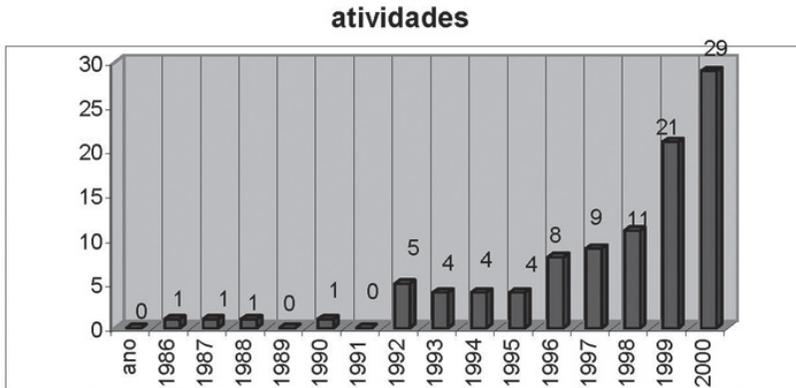


Figura 7 Gráfico dos dados da rede.

Conclusões sobre as fases da rede DPH

Tendo como critério o número de atividades relevantes desenvolvidas anualmente pela rede DPH, pode-se constatar uma *fase embrionária* que vai desde o surgimento da sua ideia inicial (1986/1987) até 1991. Neste período quase todo o trabalho é desenvolvido e realizado pela FPH. Destaca-se nesta fase, a filiação em novembro de 1990 da primeira rede associada: à Rede Sul/Norte.

Um segundo período, onde as atividades praticamente quadruplicam, ocorre entre 1992 a 1995, como pode-se ver na tabela 1. Denomina-se esse momento histórico de *fase infantil*, pois surgem muitas das estruturas organizacionais e ferramentas de trabalho, ainda que embrionárias, mas já com características claras de como se desenvolverão ao longo do tempo na rede DPH em sua extensão internacional. Em fevereiro de 92, por exemplo, acontece o Primeiro Encontro de Redes Associadas (RAN) que torna-se uma prática da rede; em junho de 92 ocorre a entrada de Vladimir Ugarte contratado pela Fundação (FPH) prioritariamente para desenvolver e apoiar o programa DPH, sendo que Ugarte participa até hoje como um de seus representantes junto à rede. Em junho do mesmo ano surge a “Carta DPH” com seus princípios básicos. Começam a ocorrer com maior frequência os encontro de formação do DPH e é ainda neste ano que surge o Boletim “La Lettre de DPH”. Esse instrumento de comunicação se torna um dos principais meios de informação dos associados da teia, juntamente com o “Fórum DPH” (abril de 94) que baseia-se em uma lista de discussão na internet.

Em nível técnico surgem o Manual ISIS-DPH, que se torna um instrumento técnico básico para ampliação e implantação do banco de dados e da base de dados ISIS-DPH (março de 94), inicia-se o “Thesaurus DPH” com palavras-chaves para indexação e ainda uma “cartografia” de concepção sistêmica para tentar compreen-

der a rede DPH e seu banco de dados com informações “úteis a ação”. É em abril de 95 que acontece o Encontro do RITE no México, primeiro Encontro Internacional de coordenação da rede fora de Paris e a eleição do CENO (Comitê de Enlace e Orientação). Assim, a rede já demonstra muitas de suas futuras características.

Entre 1996 e 1998 novamente dobram as atividades internacionais registradas da rede. Esse período caracteriza-se como a *fase adolescente* da rede DPH. A rede começa a ficar adulta, tomar o destino em suas próprias mãos e caminhar com as suas pernas, criando sua identidade e direção organizacional. Em janeiro de 1996, o comitê (CENO) se consolida com uma reunião autônoma em Pádua na Itália, seguida de reuniões Syros na Grécia e Rio de Janeiro no Brasil em outubro de 1997. A rede se solidifica em termos organizacionais na Europa (Turquia, Grécia) e se amplia e fortalece na América Latina (Pasos – México, Vozes – Florianópolis – Brasil, Ceno – Rio de Janeiro – Brasil); aumenta as atividades de sensibilização (seminários, cursos, oficinas) e encontros na África francófona (CEDA – Burkina Faso, l’Alliance (PMS) na Mauritania, Dakar) e na Ásia (RITE, INASIA – Sri Lanka). Em nível técnico surgem mais ferramentas como o DPH para “Mac” e para Windows (4D), o “tryptique Dph”, um kit sobre o DPH e o aprimoramento do Web Dph. Essas ferramentas mais amigáveis facilitam o trabalho e popularização da rede e do banco de dados ISIS-DPH.

A partir de 1999 as atividades vão demonstrando uma tendência de, a cada ano crescer uma dezena (11, 21, 29), o que faz com que caracterize-se este período com *fase adulta*. Nota-se uma definição e estabilização das funções organizativas da rede (reuniões de formação, reuniões do CENO, planejamento e atividades para ampliação em outras áreas geográficas, reuniões sistemáticas, aprimoramento das ferramentas, presença formal nas reuniões das redes aliadas e filiadas etc.). Assim nota-se historicamente, através deste resgate das atividades cronológicas, um crescimento formal, organizacional da rede DPH, pois a quantidade de atividades vem crescendo muito, como pode-se ver sistematizado na figura 8:

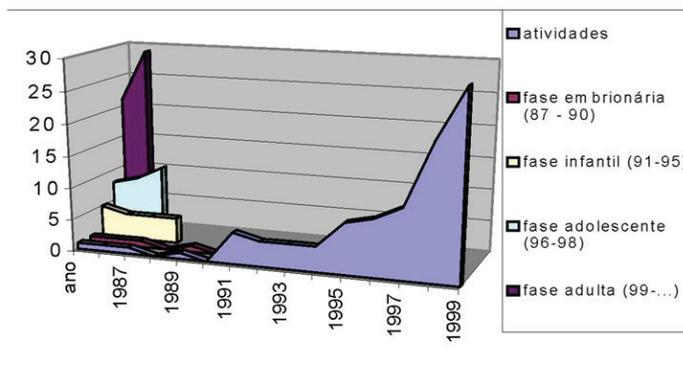


Figura 8 Fases da rede DPH.

4.2 Análise de uma rede social na rede virtual

Os desafios organizacionais de uma rede humana e as tecnologias de Informação e comunicação utilizadas

Introdução

Neste item, analisa-se as informações captadas através das ferramentas de comunicação interna e externa da Rede DPH, com o objetivo principal de *identificar quais as principais temáticas* debatidas e vivenciadas na rede. Além disso, *identifica-se os atores virtuais* através de sua participação no fórum eletrônico DPH e em qual língua se comunicam via internet predominantemente. Estes dados servirão para entender o conteúdo da Rede DPH, suas motivações, trocas de experiências e formas de relacionamento interno e externo ajudando na *identificação do modelo organizacional* que está sendo analisado. Utiliza-se também as informações do banco de dados DPH, entrevistas e documentos impressos da Rede DPH. Nosso fio condutor será o Fórum eletrônico da Rede DPH. Analisando as discussões e informações compostas no fórum iremos refletindo e pesquisando sobre a rede DPH, identifica-se as principais tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) utilizadas pela Rede DPH e os desafios organizacionais desta rede humana.

O fórum eletrônico DPH: um facilitador do diálogo inter-redes na internet

a finalidade do fórum eletrônico DPH via internet é facilitar o diálogo inter-redes e avançar no desafio e no esforço coletivo dos diferentes seminários anuais organizados pela Rede DPH. Para inscrever-se no fórum é necessário ser membro da rede, ter um endereço eletrônico e querer participar dos intercâmbios (DPH, 1998, p. 27). O fórum é uma das ferramentas de comunicação interna da Rede DPH e foi escolhida para nesta pesquisa como um elemento fundamental para decifrar quais as principais discussões e temáticas relevantes para a rede DPH. Intrinsecamente, ao analisar individualmente cada tema, vai-se desnudando e informando sobre as ferramentas da rede, sobre os desafios de seus membros, as dificuldades e principais questões que afligem as organizações que a compõem fazendo assim uma radiografia da Rede DPH.

Quem gerencia e administra a lista dos inscritos ao fórum eletrônico DPH é Vladimir Ugarte da FPH e do CENO (comitê de enlace e orientação) no servidor “Avenir de la Planète” da FPH. As solicitações de inscrições são enviadas para o e-mail vladimir@fph.fr.

As mensagens enviadas se distribuem automaticamente à todos os participantes do fórum, o qual funciona como uma lista de distribuição múltipla. Por causa

da dificuldade e diversidade linguística e a proposta multilinguística de DPH, atualmente a lista é dividida por identidade linguística. São três as línguas base das listas do fórum DPH: o francês, o inglês e o espanhol. Esta sub-divisão do fórum DPH é identificada pelas siglas DPH-fra (francês), DPH-eng (inglês) e DPH-esp (espanhol).

Abaixo tem-se uma representação gráfica do número total de endereços eletrônicos filiados a rede em cada língua do fórum (DPH-fra: 71 filiados, DPH-esp: 51 filiados e DPH-eng: 21 filiados):

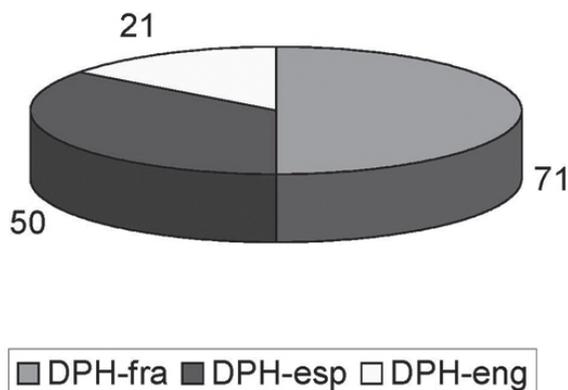


Figura 9 Número total de endereços eletrônicos filiados à rede.

Proporcionalmente, por língua, tem-se uma porcentagem assim dividida:

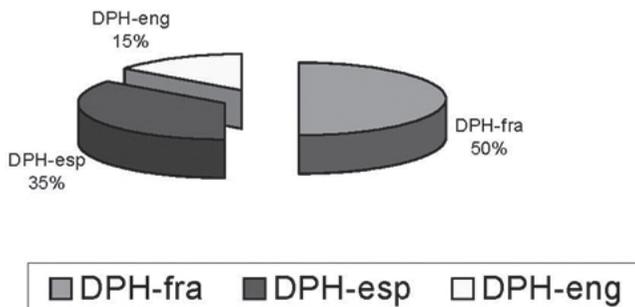


Figura 10 Proporção de endereços eletrônicos por língua.

○ desafio linguístico

A Rede DPH em sua Declaração de Princípios se define como uma rede internacional multilíngue (DPH, 1998, p. 22).

A questão linguística é um desafio bastante grande e complexo para a Rede DPH, assim como para qualquer rede empresarial, organizacional ou social que

tenha uma pretensão internacional, globalizante. As dificuldades linguísticas se dão, como um ruído de comunicação, ou seja, uma dificuldade entre os vários grupos regionais de se comunicarem. Existe também uma dificuldade econômica, pois a tradução linguística é considerada uma tarefa difícil e por isso cara. Além disso, existe a dificuldade de contextualização cultural da informação dada.

A língua hegemônica na Rede DPH, tanto no Fórum DPH, assim como nas fichas contidas no banco de dados da Rede, é o francês. Mesmo os temas das fichas relacionados a questões geográficas ou nacionais tem uma forte influência francófônica.

Fez-se uma pesquisa temática na base de dados DPH consultando o total de 6914 fichas *da base DPH (geral)*. Utilizando o programa Navibase, pesquisou-se através do elemento de indexação geográfica e obteve-se o seguinte resultado considerando apenas os termos acima com mais de 70 citações em fichas.

Na tabela 2 tem-se os países e áreas continentais citadas e selecionadas via NAVIBASE no Banco ISIS-DPH.

Tabela 2 Países e áreas continentais.

Index geográfica	Número de fichas
França	998
Senegal	218
Brasil	201
Índia	184
Europa	170
Mali	163
Am. Latina	158
África	154
EUA	139
México	133
Colômbia	118
Perú	130
Burq. Faso	107
Rússia	91
Alemanha	74
TOTAL DE FICHAS	3.038

Proporcionalmente pode-se dizer que mais de trinta e três por cento das citações indexadas geograficamente são da “França” (veja a Figura 11).

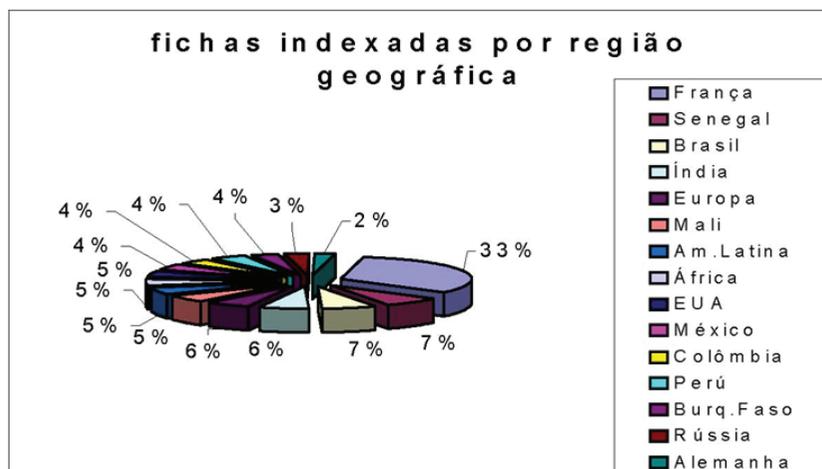


Figura 11 Porcentagem por região geográfica.

Além disso, pode-se verificar que a maioria das fichas são redigidas em francês. Um exemplo disso são as fichas da Índia, país que possui forte influência linguística de seis dentre as vinte e cinco línguas mais faladas no mundo¹ (Inglês, Hindi, Telugu, Marata, Tamil, Gujarati), sendo que a maioria das fichas da base de dados DPH com informações sobre a Índia está em francês. Nota-se também que os países africanos (Senegal, Mali e Burkina Faso) que possuem destaque na base, foram colônias francesas até meados do século vinte. Esta influência francófona é explicável pela força que a FPH possui na Rede DPH como iniciadora e animadora do projeto da mesma.

Um dos desafios da Rede DPH é ampliar as informações e o número de línguas que utilizem a sua tecnologia e ferramentas para resgatar a memória e utilizar a informação disponível em sua base para transformá-la em conhecimentos úteis a ação. Os desafios linguísticos da Rede DPH são muito grandes, pois precisa ampliar seus parceiros geográficos e linguísticos e assim, por consequência, conseguir produzir informações que possuam outras influências que não a fran-

1 De acordo com a língua materna em milhões de falantes as mais faladas são: Chinês, Mandarim (China)-885; Espanhol – 332; Inglês – 322; Bengali (Bangladesh) – 189; Hindi (Índia) – 182; Português – 170; Japonês – 125; Alemão – 98; Chinês, wu – 77,2; Javanês (Indonésia) – 75,5; Coreano – 75; Francês – 72; Vietnamita – 67,7; Telugu (Índia) – 66,4; Chinês, yue – 66; Marata (Índia) – 63,1; Turco – 59; Urdu (Paquistão) – 58; Chinês, Min nan – 49; Chinês, jinyu – 45; Gujarati (Índia) – 44; Polonês – 44; Árabe egípcio – 42,5. Dados do site: <http://www.sil.org/ethnologue>.

cofona². Esta tendência já vem ocorrendo com o aumento do espanhol, português e Inglês na rede, mas é ainda muito tímida. Um exemplo dessa limitação é o site oficial da Rede DPH que é quase todo baseado e divulgado em francês.

Superar essas dificuldades linguísticas são um dos grandes desafios da Rede DPH. Tecnicamente, os tradutores automáticos convencionais são muito limitados e não conseguem auxiliar em traduções complexas, que necessitem de contextualização cultural. Atualmente existem experiências de pesquisa muito significativas neste campo. A mais importante é a rede de pesquisa batizada de Universal Networking Language (UNL). A UNL é desenvolvida há cinco anos por um consórcio sob comando da Organização das Nações Unidas (ONU) (<http://www.undl.org>, 2002). Especialistas em tradução automática de 17 centros ao redor do mundo – “só na China são 110 pesquisadores”, diz Della Senta, um brasileiro radicado na Suíça que coordena a rede de pesquisa – trabalham no projeto, que já consumiu entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões em investimento. No Brasil, o polo é a Universidade Federal de Santa Catarina, através do PPGEP. Para lidar com tantas línguas diferentes – a Índia tem, sozinha, 18 idiomas oficiais, foi criado um dicionário que identifica conceitos e não apenas palavras. É o que diferencia a UNL dos limitados tradutores disponíveis atualmente.³ Com tantas circunstâncias complexas, para funcionar a UNL precisa de clareza na comunicação (www.led.ufsc.br, 2002).

Descifrando os códigos do fórum DPH

A Rede DPH, como um grupo que cria identidade cultural, cria também seus códigos, entendidos aqui como um conjunto finito de signos simples ou complexos, relacionados de tal modo que estejam aptos para a formação e transmissão de mensagens (RABAÇA&BARBOSA, 1987, p. 139). Por convenção interna da rede, as mensagens eletrônicas quando enviadas, em seu título vem precedidas de uma identificação do assunto a ser tratado. Por exemplo:

-
- 2 Pesquisadores estão cada vez mais preocupados com a extinção das línguas. Estudiosos alertam que até o fim século cerca de 90% das línguas vivas possam sumir. (MACHADO, 2000)
 - 3 Do ponto de vista tecnológico, a UNL está completa. Os softwares básicos estão prontos e a próxima etapa é criar aplicações concretas que a aperfeiçoem. A previsão é apresentá-la durante a Assembleia das Nações Unidas em outubro de 2002. O sistema será aberto à participação de empresas interessadas em criar aplicações. A ideia é negociar caso a caso para que as companhias possam preservar informações estratégicas e, ao mesmo tempo, garantir o acesso público à base de conhecimento. O direito de patente já foi requerido pela ONU (<http://www.unesco.or.kr/cyberlang/eng.html>).

Quadro 1 Exemplo de mensagem eletrônica

To: dph-esp@fph.fr
From: Claudio Alatorre Frenk <c.alatorre@infosel.net.mx >
Subject: GEYf021s.CIN: Aclaración (tr.)
Cc:
Bcc:
Attached:

FORO DPH:
El código del mensaje GEYf020s.CIN debería ser GEYf021s.CIN.

Claudio

No exemplo de mensagem acima, a identificação da mensagem convencionalizada pode ser assim traduzida: GEYf (entidade, no exemplo GEYSER), s (língua, no caso: espanhol), 021 (número da mensagem), CIN (assunto da mensagem, no exemplo: comunicação interna).

O documento (...) define assim o surgimento dos códigos de mensagens:

“Criamos um código com 8 dígitos e uma extensão de 3 dígitos, à semelhança da codificação usado nos arquivos DOS (em que o nome do arquivo é criado automaticamente com as primeiras letras do título da mensagem). Assim, como o correio eletrônico não é totalmente confiável, utilizando o código é possível verificar se você recebeu todas as mensagens de uma instituição, e pedir, caso haja alguma falha na numeração, as mensagens que lhe faltam. Como criar o código: Cada mensagem enviada ao Fórum DPH deve ser identificada pela rubrica “Assunto” (Subject) da seguinte forma:

- Convencionamos que as 3 primeiras letras são normalizadas e representam a instituição, organismo, por exemplo PAC (PACS), FPH, GEA etc.
- a quarta letra não é normalizada. É a instituição que decide que letra deve ser usada. Por exemplo PACH (a letra h em minúscula, designa Hermila).
- Os 3 números seguintes constituem o número da mensagem enviada pela instituição. Usar sempre 3 algarismos para permitir que a numeração vá de 001 até 999.
- A oitava letra é usada para o código da língua:

F para o francês,

E para o inglês,

P para o português e

S para o espanhol.” (DPH, 1998, p. 30).

Para resolver as dificuldades linguísticas, a rede optou pela tradução das mensagens que são feitas por um tradutor oficial da rede, o mexicano Cláudio Alatorre Frenk, membro de uma entidade participante, a Rede PASOS (México).

Para analisar o conteúdo e as discussões virtuais da Rede DPH, dentro do fórum, arquivou-se e sistematizou-se as mensagens recebidas por Diálogo – Cultura e Comunicação na lista DPH-esp, durante o período de janeiro de 1998 a outubro de 2000. Esses e-mails, que totalizaram 347 mensagens, foram classificados de acordo com o seu conteúdo, inspirados na metodologia utilizada pela própria Rede DPH.

“Para evitar que o Fórum se transforme numa torre de Babel, a Rede adotou um código (uma nomenclatura) que identifica o assunto das mensagens enviadas” (DPH, 1998, p. 33).

Baseado em temas, a Rede DPH criou inicialmente a seguinte nomenclatura:

PRO	para		PROjetos
ORG	para		ORGanização
TEC	para		TECnologia
DEV	para		DESenvolvimento
FIN	para		FINanciamento
CEX	para	Comunicação	EXterna
CIN	para	Comunicação	INterna
ANI	para		ANImação

(DPH, 1998, p. 32).

Porém depois de uma análise detalhada das mensagens, durante o período de trinta meses, utilizando critérios de análise quantitativa e qualitativa, ou seja, quantidade de mensagens recebidas pela Associação DIÁLOGO, catalogáveis e catalogadas nestas nomenclaturas, bem como análise e interpretação do conteúdo destas mensagens, chegou-se a seguinte nomenclatura temática:

- Animação (ANI)
- Comunicação Interna (CIN)
- Comunicação Externa (CEX)
- Financiamento (FIN)
- Organização (ORG)

- Desenvolvimento (DEV)
- Técnica/tecnologia (TEC)
- Metodologia/mediação (MET)
- Tesouros (TES)
- Estrutura (EST)
- Projetos (PRO)
- Redes (RED)

As siglas *Mediação*, *Tesouros* e *Estrutura* foram propostas por membros da Rede DPH e incorporadas nos debates do fórum entre 98 e 2000. A nomenclatura *Projetos* (PRO), durante o período analisado, não recebeu nenhuma mensagem e não será analisada nos gráficos, porém será refletida ao final do capítulo baseada em outras temáticas e documentos da Rede DPH. A sigla *Redes* (RED) é a única incorporada pelo pesquisador que foi proposta no fórum DPH, mas não aceita pelos membros, mas que foi incorporada nesta pesquisa. Ela foi criada para verificar comparativamente as mensagens de conteúdo diretamente vinculados a discussão de teorias e reflexão sobre *redes organizacionais e técnicas*.

Na tabela 3, demonstra-se a classificação destas mensagens por tema, quantidade e o mês/ ano em que foram enviadas. A totalização dos dados tabulados com auxílio do programa EXCEL, auxilia na reflexão sobre a relação entre temática, quantidade e tempo (mês/ano) em que as mensagens foram emitidas.

Tabela 3 Classificação das mensagens por tema.

mês/ ano	ANI	MET	CIN	CEX	FIN	ORG	DEV	RED	TES	TEC	EST
Jan/98	6	0	0	1	0	0	3	0	0	3	0
Fev/98	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mar/98	24	0	0	1	0	0	0	5	2	3	0
Abr/98	10	2	2	5	0	0	2	2	0	1	0
Mai/98	0	3	1	1	0	0	1	0	0	1	0
Jun/98	7	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0
Jul/98	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Ago/98	4	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0
Set/98	10	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Out/98	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nov/98	3	1	1	0	0	4	0	0	0	1	0

(continua)

Tabela 3 Classificação das mensagens por tema. (continuação)

mês/ ano	ANI	MET	CIN	CEX	FIN	ORG	DEV	RED	TES	TEC	EST
Dez/98	2	0	1	0	1	3	0	0	0	0	0
Jan/99	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Fev/99	19	1	3	0	0	2	0	0	0	0	0
Mar/99	5	1	0	0	0	27	0	1	0	0	0
Abr/99	0	0	0	0	0	8	0	0	0	0	0
Mai/99	3	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0
Jun/99	4	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Jul/99	14	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Ago/99	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Set/99	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Out/99	16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Nov/99	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dez/99	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jan/00	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Fev/00	2	0	2	0	0	0	0	0	0	1	2
Mar/00	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Abr/00	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mai/00	1	0	2	0	0	0	0	0	0	3	0
Jun/00	9	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Jul/00	7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ago/00	1	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0
Set/00	18	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Out/00	5	0	3	2	0	3	0	0	0	0	0
Total	204	15	28	11	1	48	7	8	3	18	4

Total geral 357

A partir da tabulação matemática do total de mensagens eletrônicas recebidas pela Associação Diálogo – Cultura e Comunicação referentes ao Fórum DPH, pode-se ver na representação gráfica a seguir, o fluxo total das mensagens segundo a temática a que se refere.

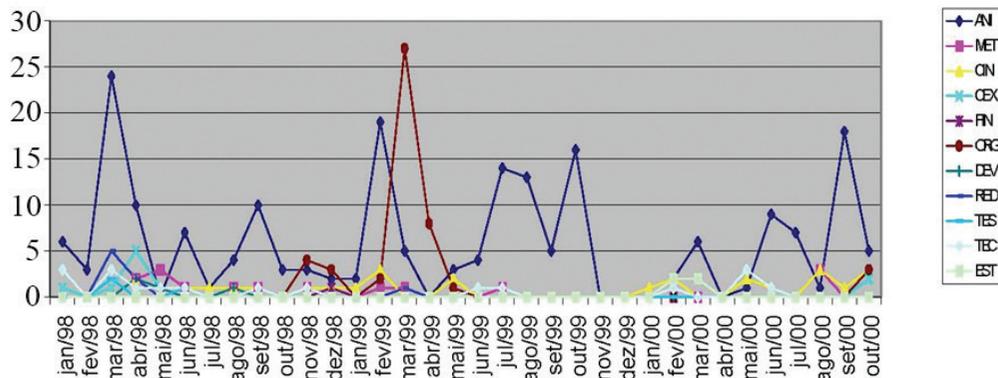


Figura 12 Representação gráfica do fluxo das mensagens.

Considerando a figura 12, foi parcelada por temática esta representação gráfica, analisada individualmente a seguir. Pesquisando as mensagens (*e-mails*), depoimentos de entrevistados, a quantidade das mensagens e a época em que foi produzida, utilizando a cronologia da história da Rede DPH e os boletins “La lettre de DPH” impressos durante o período, chega-se às seguintes conclusões por temática:

A primeira reflexão foi sobre a temática da *Animação* baseada na figura 13:

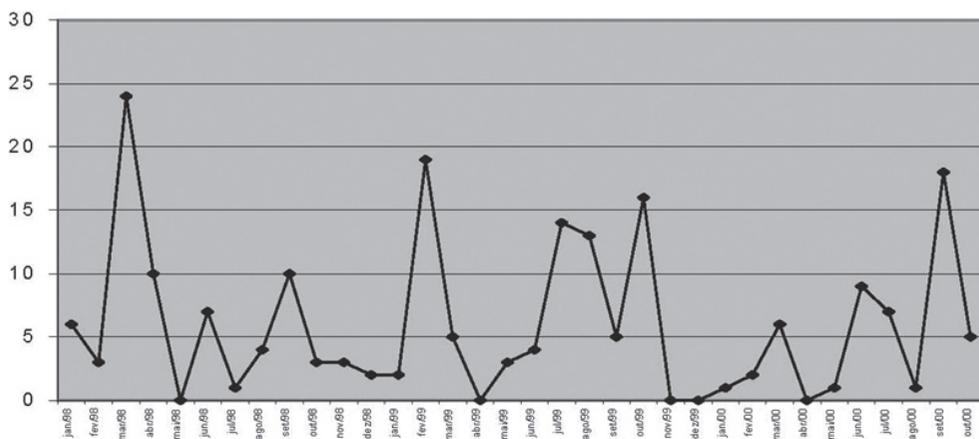


Figura 13 Animação.

Comparativamente, dos conteúdos discutidos pela Rede DPH, a temática da *Animação*, é uma das mais presentes e recorrentes durante todo o período estudado (janeiro de 98 a outubro de 2000). A Animação é, segundo definição de Parreira (2001), “todo o conteúdo geral para pensar a rede, para refletir sobre ela, para animá-la. Informes que não são especificamente técnicos, nem organizativos. “A nomenclatura da *Animação* abrange as temáticas que não são propriamente técnicas, sugestão de dinâmicas para a forma de relacionamento na Rede DPH, apresentação de novos membros, relatos de atividades, comunicados em geral para os participantes da rede, as discussões de participação das pessoas, proposta de novos temas, informações de atividades e eventos” (PARREIRA, 2001).

Pelos gráficos e cronologia histórica, pode-se observar que esta temática geral está sempre presente e constante, tendo ápices de envios de mensagens, antes e depois de vários eventos e atividades. Por exemplo, tem-se um primeiro grande ápice entre março e abril de 98, época que ocorreu dois eventos: em fevereiro, o Encontro de Dakar “Habitants/Elus/ Techniciens” da Rede RIAH, no qual foi realizada uma oficina de escritura de fichas da Rede DPH; e em março de 98, quando houve o lançamento do KIT DPH – um conjunto de instrumentos técnicos lançados pela rede, contendo foulder, manual, CD e disquete, banco de dados, base de dados etc.

Esse fenômeno se repete durante todo o tempo estudado, e pode-se notar que a “animação”, mesmo tendo características próprias, possui em seu âmago duas naturezas: uma organizativa, como no caso de Dakar, e outra técnica, como no caso do KIT DPH.

Portanto, o ânimo da rede cresce quando ocorrem, ou vão ocorrer, eventos concretos, tanto técnicos, como organizativos. Reforçando essa afirmação, nota-se, entre fevereiro e março de 1999, outra elevação do nível das mensagens de animação (Figura 14), época que ocorrem três eventos importantes. Dois eventos em fevereiro, uma viagem de animação de membros (F. Feugas e M. Wade) da Rede DPH na África (à Dakar, Abidjan, Cotonou e Yaoundé), onde foram realizadas, reuniões, contatos e oficinas de DPH. Houve ainda um segundo evento que foi uma sessão de análise transversal das fichas DPH na União Europeia UE/ACP. Essa atividade, resultou na realização de um terceiro fato em março 99: uma coletânea de fichas DPH para a União Europeia UE/ACP. Estes três eventos, ou fatos concretos, têm imbricados, dentro de si, elementos técnicos e elementos organizativos. Porém, todos eles são realizações “em si”, ou seja, são realizações concretas de mobilização de pessoas, conhecimentos e troca de experiências e que por si só já possuem algo de autônomos. Em outras palavras, uma viagem à África com fins organizativos, por si só, já é uma história, com começo, meio e fim. Um encontro na União Europeia para divulgar o trabalho do DPH, também o é. A realização, publicação e lançamento de uma coletânea de fichas realizados *para e com* apoio

da União Europeia, são eventos técnicos, mas com grande significação política: de reconhecimento, de aproximação e contato organizativo.

Essa temática de animação é a mais ampla e a que mais se aproxima da noção de rede como um sistema que se auto-reproduz como um sistema *auto-poiético* (MANCE, 2000), assim nota-se que o CENO da Rede DPH tem uma preocupação especial com essa questão. Em 2000 essa discussão aflora no fórum e Hermila Figueiredo do PACS – Brasil, é designada pelo Cômite de Enlace e Orientação (CENO) para “animar uma célula de animação permanente na Rede DPH, inclusive com um secretariado de animação” (FIGUEIREDO, 2000).

Questionando o fórum sobre essa posição, Hermila recebe a resposta de Ana Larregle da Associação LAMI da França, que filosofa: “animar para que?” (LARREGLE, 2000) e se questiona: “Como se pode articular ao largo de todos estes anos a teoria e a prática? De que maneira, de que formas de animação tem permitido que esta articulação seja mais pertinente e operante (...) Quando DPH nasceu, foi feito o que se pensava que era uma necessidade para muitos: intercâmbios de experiências, compartilhar ferramentas e metodologia, o que me parece como algo muito prático. Por outro lado, me parece que houve uma motivação majoritária por tudo o que se propunha no plano filosófico, quer dizer na ordem das idéias” (ibid). E a própria Ana, de certa forma, responde suas questões em correspondência ao fórum: “no meu entender, estas perguntas estão ligadas a vontade de ter um projeto em comum, meu cavalo de batalhar muitos anos” (idem).

“Animação” para a Rede DPH se torna uma necessidade imperativa, mas às vezes, genérica. Existe a necessidade de animá-la, e, por isso, destacar alguém para fazer especificamente isso, significa a preocupação e a necessidade de não deixar o debate e o fórum esmorecer. Por outro lado, como diz Larregle, sente-se que nesta temática discute-se também um pouco de tudo relativo a rede, seus projetos e seu futuro. Por isso, essa é a temática mais presente durante todo o tempo estudado nesta pesquisa.

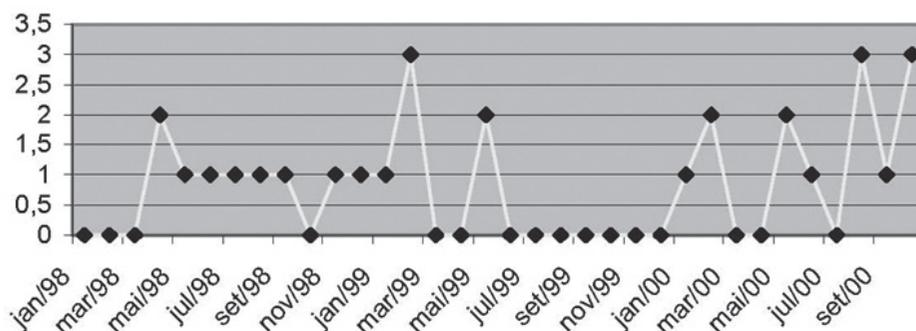


Figura 14 Comunicação interna.

A Comunicação interna possui uma maior constância de 0 a 3 mensagens mensais, sendo que nos períodos de eventos organizativos seu fluxo tende a 3. Segundo Vania Parreira “a CIN discute os veículos utilizados pela rede para a comunicação interna, como a Carta DPH, os conteúdos dos boletins, pautas, temáticas e editoriais além de questões técnicas do próprio fórum” (PARREIRA, 2001).

A comunicação interna da Rede DPH se baseia em duas ferramentas, a Carta DPH (La Lettre DPH), que é um boletim impresso, e o fórum eletrônico DPH, que é uma lista ou fórum eletrônico na internet e que é o fio condutor deste capítulo. Por isso, neste momento, analisa-se o boletim impresso distribuído pela Rede DPH.

O boletim informativo: la lettre de DPH

É um boletim de ligação da rede que tem por objetivo, segundo a própria rede DPH: “recolher um máximo de informações e reflexões por parte dos membros da rede; e impulsionar um diálogo entre os membros da rede e os responsáveis das redes temáticas associadas à DPH” (DPH, 1998, p. 27).

Desde outubro de 1992, data de sua criação, até março de 2001 foram publicados 35 números do boletim. Todos os números estão publicados em francês, e alguns em espanhol e inglês. A coordenação da publicação, edição e difusão da “La lettre de DPH” foi encarregada ao CEDAL-FRANÇA (Centro de Estudo e Desenvolvimento na América Latina) até final de 1998, quando passou a ser coordenado pelo Associação GEYER (França). Sua proposta é de ser uma publicação trimestral. Seu conteúdo está organizado em torno de diferentes rubricas e seções, sendo que na abertura do selo ou cartola estão descritos os objetivos e cada função da coluna do boletim:

- “Editorial”: uma tribuna dos leitores para contribuir e expressar livremente com a preocupação de contribuir com a construção da Rede DPH.
- “Grandes obras (Grands Travaux)”: o eco dos encontros, seminários e grupos de trabalho e de animação da rede;
- “História das Redes (Histoire de réseaux)”: informações referentes à vida das redes associadas, apresentação de novos membros, o que se passa no trabalho de base, as atividades mais recentes.
- “Caixa de correio (Boîte aux lettres)”: notícias não recolhidas em outras rubricas.
- “Caixa de ferramentas (Boîte à outils)”: informações para promover um sistema de perguntas e respostas relativas ao uso do programa informático. Discussões e informes técnicos, principalmente sobre o banco de dados e a base de dados ISIS – DPH.
- “As batidas do coração (Le coup de coeur)”: É a publicação de uma ficha DPH de efeito revelador para algum membro da rede que apresenta-se. É uma seleção de ficha DPH proposta por um membro da rede.

Em dezembro de 1997, ainda sob a coordenação do CEDAL – France, a coordenação da publicação fez uma pesquisa para ver seu público alvo e a opinião sobre suas seções e editoração (La lettre de Dph, nr22, 1997). De um total de 615 questionários distribuídos, receberam 73 respostas de diversas procedências: Argélia, Bélgica, Benin, Bolívia, Brasil, Burkina Faso, Camarões, Canadá, Colômbia, Congo, Equador, Espanha, França, Guiné-Bissau, Haiti, Índia, Itália, Malásia, Marrocos, México, Nicarágua, Nigéria, Sri Lanka, Suíça, Perú, Portugal, Tailândia e Tunísia.

Foram respostas de 28 países procedentes de quatro continentes, veja figura 15:

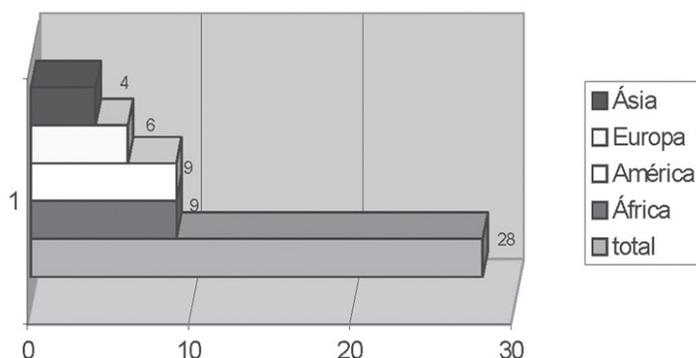


Figura 15 Procedência dos questionários.

De um total de 28 países, a América e a África são os continentes que mais nações deram retorno a pesquisa com 9 países contatados cada um. A Europa vem a seguir com 6 países e a Ásia com 4. Evidentemente que essa extensão geográfica não significa densidade de trabalho na rede, pois o número de entidades na Europa francofônica é a maior da rede. Porém, serve para ter-se uma dimensão da influência geográfica global da Rede DPH. Abaixo dados proporcionais das respostas por continente:

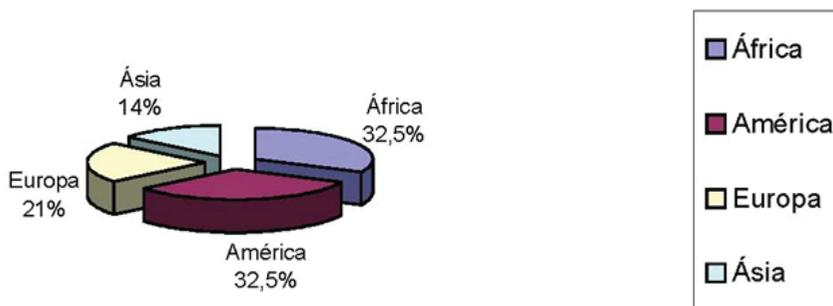


Figura 16 Proporção das respostas por continente.

Nos dois continentes com mais respostas, destacam-se proporcionalmente algumas regiões: a África de influência francófona e a América Latina.

Outro dado interessante desta pesquisa foi o perfil das pessoas e instituições que responderam o questionário como leitores do *La lettre de DPH*. Veja a figura 17:

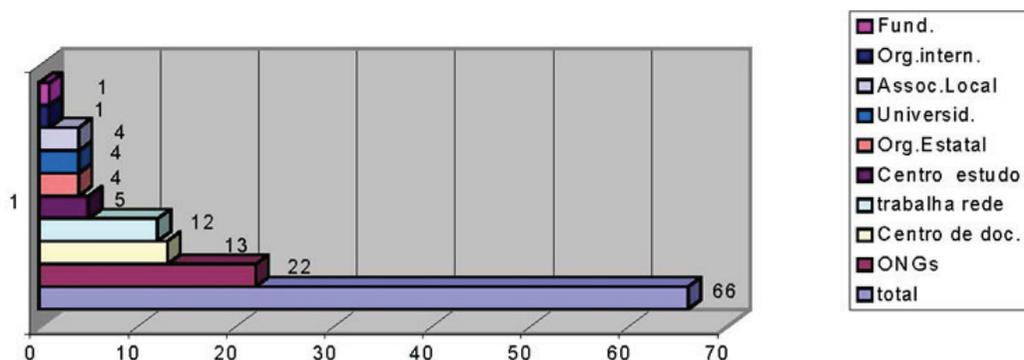


Figura 17 Perfil majoritário de instituições.

A pesquisa identificou 22 organizações não governamentais (ONGs), 13 centros de documentações e bibliotecas, 12 pessoas que trabalham na rede, 5 centros de estudo, 4 universidades, 4 organizações estatais, 4 associações locais, 1 organismo internacional e 1 fundação. O perfil acima demonstra que as pessoas e instituições que responderam o questionário são majoritariamente envolvidos e relacionados com a questão da informação e comunicação (idem, p. 4). O questionário ainda revela que os laços que unem ao DPH são *institucionais* para 57 entrevistados e *pessoais* para outros 23. A investigação identificou ainda que recebendo *La lettre de DPH*, 59 pessoas a utilizam para ler e se informar, 33 a classificam e arquivam, 38 a transmitem e divulgam para outros, e 2 extraviam e jogam fora.

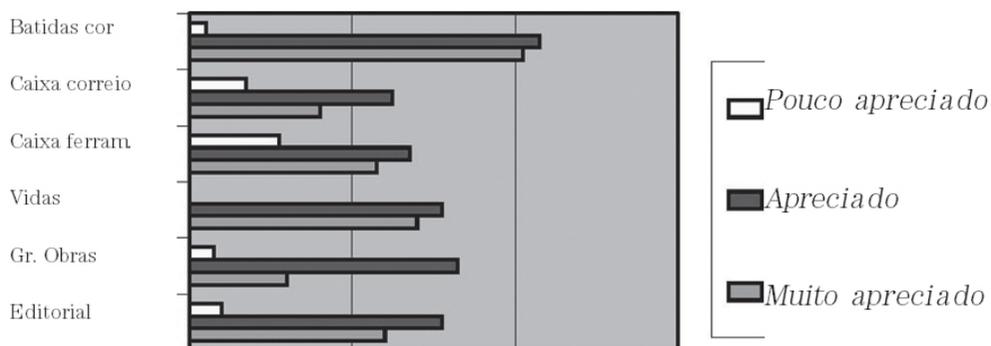
A utilidade principal do boletim para 57 pessoas é poder participar e estar informado da vida da Rede DPH, para outros 39 entrevistados é favorecer o intercâmbio de experiências entre as organizações da rede e para outras 17 pessoas é permitir avançar em um projeto profissional.

Em relação as seções do boletim, utilizando a classificação de *muito apreciado*, *apreciado* e *pouco apreciado*, os entrevistados classificaram da seguinte forma as divisões do informativo:

Tabela 4 Classificação da forma.

seção	muito aprec	aprec	pouco aprec
Editorial	24	31	4
Gr. obras	12	33	3
Vida de rede	28	31	0
Caixa ferram	23	27	11
Caixa de correio	16	25	7
Batidas do coração.	41	43	2

Que graficamente pode ser visualizada assim:

**Figura 18** Demonstração gráfica da classificação.

Nas respostas qualitativas sobre as seções, “a opinião geral, é que certas seções devem ser melhoradas, (...) que o *Editorial* deveria ser redigido por um membro do conselho de redação do boletim, para resguardar uma linha editorial. (...) A seção *Vida de redes* deve ser mais centrada no intercâmbio de experiências. Por último, outros sugerem que a *Caixa de ferramentas* publique mais informações sobre a maneira de consultar o banco de dados” (La Carta de DPH, n.22, p. 4).

O boletim também está disponível na internet no site www.webdph.net da Rede DPH que será analisado posteriormente.

Comunicação externa: a Rede DPH se comunicando com o mundo

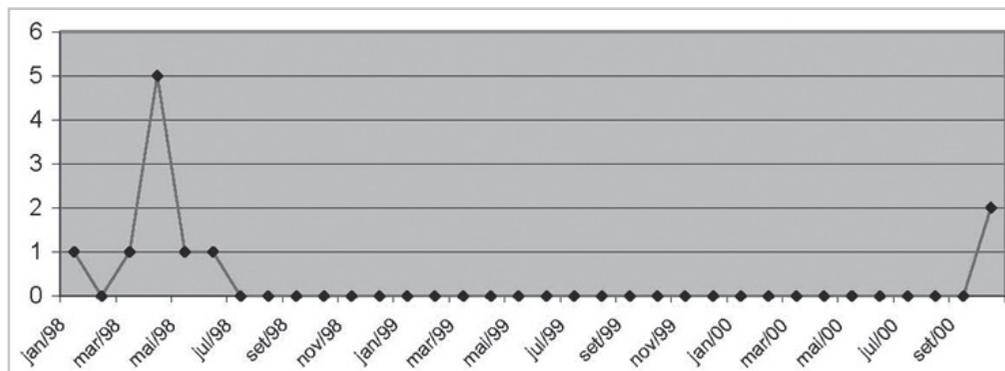


Figura 19 Comunicação externa.

A comunicação externa tem sido utilizada para discutir a necessidade de divulgação pública da rede e das novas tecnologias disponíveis para divulgação pública da Rede DPH. Segundo Vânia Parreira, “são temas relacionados com o Passareles, com o passaporte (manual de apresentação do DPH), o site de DPH, publicações do DPH e outras discussões relativas aos meios de comunicação e ferramentas que divulgam a Rede DPH são as discussões que fazem parte deste item” (PARREIRA, 2001). No fórum deste item, são as mensagens de articulação e divulgação de materiais das redes locais que aparecem com alguma frequência, porém a sigla é pouco utilizada. Para se tornar conhecida, a Rede DPH tem se provido de duas publicações, um sítio (site) na internet e diversas ferramentas desenvolvidas por seus membros. Estes diversos instrumentos se adaptam aos diferentes públicos e meios. Os principais são:

A revista *passerelles*

Passerelles é uma produção semestral da qual se encarrega RITMO (Rede de Informação do Terceiro Mundo), em colaboração com os produtores das fichas da rede. Seu objetivo é divulgar o conteúdo da base, é mostrar a acumulação feita pelos membros da rede sobre determinada temática divulgando informações e experiências.

Desde 1993, *Passerelles* vem adotando em cada número um enfoque temático distinto que aposta por um enfoque multidisciplinar e mostra diferentes formas de abordar uma mesma problemática.

Anteriormente, a esta data, a publicação se chamava BASE ARRIÈRE. Desta se editaram 16 números (DPH, 1998, p. 29).

Foram editados oito números desde os finais de 1996. Entre os temas centrais figuram: a proteção dos recursos naturais, a construção da paz, a criação de fontes de emprego para a reinserção social, a agricultura, a pesca, a cidade, a comunicação na base, a água.

Passerelles se envia atualmente aproximadamente 400 colaboradores da Rede DPH. Recentemente, várias iniciativas procuram dar resposta a necessidade de superar uma ferramenta puramente francófona. Por esse motivo o n° 7 de Passarellas sobre a comunicação na base, organizado com apoio de DIÁLOGO e a Rede Vozes do Silêncio, inclui fichas em espanhol e português e o no 5 de Passarellas sobre a pesca foi traduzido para o Inglês pelos colaboradores que participaram em sua elaboração. Por último, alguns números tem sido traduzidos para o Vietnamita por FRATERNIDAD EUROPA-ASIA.

Os documentos de trabalho DPH

Os *Documentos de trabalho* é uma publicação editada pela Livraria e editora da FPH em Francês. É um modo particular de valorização temática das fichas DPH, com um caráter intermediário entre a recopilação e a capitalização de experiências.

Por outro lado, dentro da coleção "Dossiers por um débat" do mesmo editor, figuram dois títulos integralmente extraídos de fichas DPH: a capitalização de Pierre de Zutter. *Des histoires, des savoirs et des hommes*, e o dossiê n° 55, sobre como fazer bairros mais humanos através da ação pública e iniciativa dos habitantes, que constitui a ilustração mediante fichas de seis princípios da Declaração de Salvador. Este último, foi publicado em sete idiomas: francês, espanhol, português, inglês, chinês, árabe e turco, com tema principal do Foro Internacional Habitat II de Istambul ocorrido em 1996. (idem)

Uma vitrine virtual da rede: um site na internet

A rede possui um site na WEB (<http://w1.neuronnexion.com/dph/>), o qual faz as vezes de uma vitrine aberta da rede, uma vitrine virtual que não se apoia em uma base de dados, senão na rede humana que a sustenta. O projeto propõe o uso da INTERNET e do hipertexto para vincular as iniciativas e os esforços de uns e outros de comunicar e mostrar, de forma seletiva, o que pode oferecer a Rede DPH enquanto abertura de um diálogo com os novos colaboradores (DPH, 1998, p. 30). Neste capítulo, no item 4.3, analisa-se mais detalhadamente o site na WEB.

As redes temáticas ou regionais e a comunicação externa de DPH

Como a rede DPH é uma rede de redes, que possui redes temáticas e redes regionais, certos membros dispõem de boletins específicos para explicar e promover seu trabalho em relação com DPH. Os sítios WEB de outros membros também fazem referência a DPH. Este é o caso da rede Vozes do Silêncio (<http://www.ced.>

ufsc.br/bibliote/vozes.html) e do site do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI, apoiado por Diálogo (http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/).

Do mesmo modo, outras coleções surgem em função dos objetivos das redes. Cabe citar as Seleções de fichas da rede PASOS EM MÉXICO, los “booklets” sobre os créditos produzidos por INASIA em Sri Lanka, os “dossiers” BAM do Banco de Ajuda Mutua do SAPE no Brasil, que se convertem em produções locais adaptadas para valorizar a produção de fichas dos organismos editores.

Alguns membros da rede editam igualmente boletins temáticos. Em Atenas se imprime uma “Carta” documento de coligação da Rede Internacional de Educação Ambiental, na Bélgica, *Habitat et Participación* edita Les Nouvelles du Fichier. Aos anteriores vieram somar-se Conversions dos “Amis de l’école de la paix” de Grenoble na França e a revista *Vozes & Diálogos*, editada no Brasil pela Diálogo e a Universidade do Vale do Itajaí – Univali.

A própria rede DPH sistematizou uma análise e uma aprendizagem sobre as publicações cada vez mais diversificadas tirando algumas lições:

1. nada pode substituir o produto no papel;
2. um melhor aproveitamento da rede exige inevitavelmente respaldar as dinâmicas da edição local, adaptadas às necessidades dos autores e dos leitores. (DPH, 1998, p. 31)

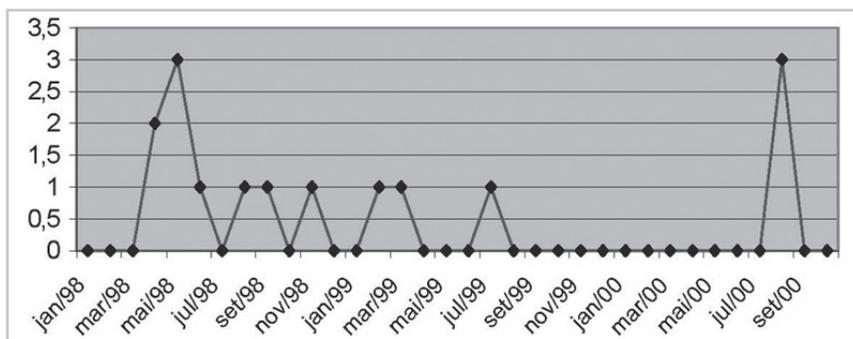


Figura 20 Metodologia/mediação.

Segundo Vânia Parreira, associada da Diálogo e uma das responsáveis pelo programa de articulação com a Rede DPH na entidade, a temática da *Metodologia e da Mediação* discute “as formas de utilização do banco e da base de dados pelos membros da rede; os métodos de utilização da fichas DPH; o papel dos mediadores ou seja dos animadores da rede DPH” (PARREIRA, 2001, p. 1).

A questão da *metodologia* está presente quando do lançamento do KIT DPH, um conjunto de ferramentas de apoio a rede (manual, base de dados, tesouros etc) em março de 1998 e o modo de utilizá-lo, assim como o papel do *mediador* e as funções dos animadores da rede e dos membros do CENO aparecem com certa

constância até setembro de 98, quando da contratação de Dacha Radovic para colaborar com DPH em apoio a Vladimir Ugarte responsável na FPH pelo projeto da Rede DPH. Ainda nesta época, em maio de 98, Gerardo Alatorre, da Rede PASOS do México e membro do CENO, faz uma reflexão sobre “os problemas da mediação na Rede PASOS” e amplia a discussão para a Rede DPH. Discute o papel dos mediadores e informa uma quantidade rica e diversa de atividades (fichas, cursos, seminários, divulgação por rádio etc) feitas com as ferramentas e a base de dados DPH. Porém constata corajosamente que em contraste com este “florescimiento”, a rede PASOS não logrou desenvolver-se (ALATORRE, 98). Constata que muito pouca gente se pos realmente a fazer fichas e aqueles que o faziam não incluíam as aprendizagens de sua própria experiência.

Ao final de sua reflexão, o próprio Gerardo identifica uma das importantes causas das limitações das mediações e da falta de continuidade de muitas produções da rede: “(...) estas deficiências, estão nas limitações de nosso meio e das organizações: não existem espaços institucionais (em recursos e tempo) para que os(as) interessados(as) em sistematizar informações e reflexões possam fazê-lo, nem existe um mandato institucional que os(as) respalde e os exija” (idem).

A questão da importância do mediador como alguém profissionalizado que ajude a animar a rede leva a reflexão da importância e limitação do papel do voluntariado e da militância gratuita. Fundamental para dar vida as organizações não-governamentais (ONGs) esse papel de voluntário, também tem suas limitações, como a possível fluidez, falta de continuidade, falta de compromisso e a limitada cobrança que se pode fazer de uma atividade a ser desenvolvida pelos voluntários.

Devido a importância desta discussão sobre o papel do mediador e de suas mediações na rede DPH, o CENO incumbiu, Pascale Thys de pesquisar essa questão e suas reflexões internamente na rede. Para produzir o texto a autora Utilizou vários documentos, mensagens eletrônicas, artigos de La Letre de DPH e fichas DPH que abordam a questão da mediação da informação e do papel dos membros de DPH como mediadores da informação. O resultado foi um documento de título “La cuestión de la mediación y del mediador”, traduzido para o espanhol por Cláudio Alatorre, e que, sem citar nomes dos membros da rede, tenta levantar as principais questões e reflexões sobre essa temática. Abaixo fazer-se-á uma síntese das principais questões que os membros da rede se interrogam, segundo o documento produzido por Pascale Thys (2000):

Como uma reflexão geral sobre as cadeias de mediação e sobre o papel do mediador, os documentos recopilados, possuem reflexões vinculadas com as diretrizes gerais de DPH e qual a motivação de seus membros. Entre as várias perguntas estão: O mediador de DPH deve ser um especialista da informação? O mediador de DPH deve concentrar seu trabalho na oferta ou na demanda? O mediador de

DPH enfrenta uma relação de forças ou se envolve em uma relação de confiança? Se admite a existência de um “mercado” da informação, qual é o lugar que DPH ocupa nele? Existem também tensões e relações de força. A busca de financiamento, é um exemplo disso. Porém, vários membros insistem na ideia de que o intercâmbio de informações no DPH somente pode realizar-se graças ao fato que existe entre os membros relações pessoais e um espírito de confiança mútua.

Para alguns membros, o mediador em DPH é indispensável. Porém, se colocam várias questões: Como conservar o sonho de fazer que as pessoas que levem a cabo a ação de intercambiarem entre elas? Não existem espaços institucionais; pertencer a uma rede de intercâmbio de experiências não é algo suficientemente motivador. Como desenvolver intercâmbio entre o núcleo atual e a “periferia”? Ao incrementar o poder dos mediadores isso não leva a uma diminuição do poder e da implicação dos demais membros?

Finalmente, os membros da rede se colocam questões que todo educador, preocupado realmente em ensinar e apreender se faz: um mediador de DPH deve trabalhar para seu desaparecimento? O educador Paulo Freire (...) responde afirmativamente essa questão em suas reflexões, falando da vocação “suicida do educador”. Ou seja, o mediador, como um verdadeiro educador, deve ter a pretensão de que um dia não seja mais visto como necessário pelo seu educando, e assim desaparecer enquanto educador. O mediador de DPH, na realidade, faz o papel de educador, animador e intermediário de um determinado conhecimento técnico e filosófico que ele tem acesso e a rede de contatos de suas organizações e parcerias.

Uma questão mais macro sobre os mediadores e a rede DPH se coloca ao final do documento: deve a rede converter-se em (ou seguir sendo?) uma rede de mediadores – escritores ou deve ser reforçado este papel nas redes associadas? Deve-se combinar ambas estratégias? Como? Pascale Thys, autora da síntese sobre o assunto admite em seu texto que “a definição do que seria uma mediação da informação no DPH é muito difícil de levar a cabo, sobre todo em virtude das contradições que existem entre os diferentes textos” (THYS, 2000, p. 1). Mas ao final do texto ao fazer um pequeno questionário baseado em uma tipologia da mediação elaborada por Ana Larregle da Lami, ela de certa forma, já encontra algumas respostas sobre os vários tipos de mediação possíveis.

Existe uma mediação informativa no sentido amplo, para um público objetivo. Uma mediação especializada, de tipo “consultoria”, para um cliente. Uma auto-mediação (capitalização) para aqueles que dominam este papel com um objetivo de conhecimentos, fortalecimento, desenvolvimento; uma mediação multilateral para mobilizar um grupo em rede, em atitude de intercâmbio e de cooperação. Uma mediação de reflexão para o melhoramento das funções profissionais (entre os quais a capacitação de instrutores). O intercâmbio como espaço

de constituição de uma força de apresentação de propostas e de agrupamento, articulação. (idem)

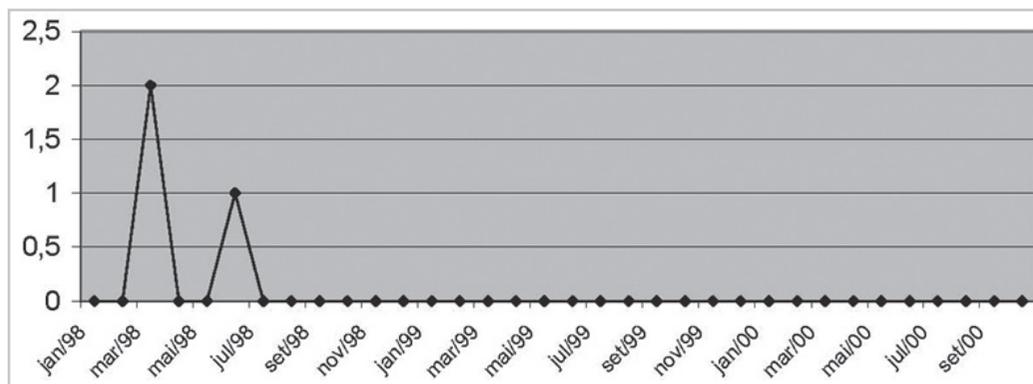


Figura 21 Tesouros: as palavras-chave da Rede DPH.

No período estudado de dois anos somente no primeiro ano de 1998 se discutiu esta questão técnica. Segundo Parreira, “este item serve para discutir a classificação de palavras-chaves, indexação, análise transversal de temas e todas as questões ligadas ao tesouros do banco de dados DPH” (PARREIRA, 2001, p. 2).

As palavras-chave DPH são a do catálogo (Tesouro) comum entre os membros da rede. São as principais ferramentas de busca do banco de dados e constituem o vínculo entre todos os membros da rede. As palavras-chave da ficha são as palavras mais precisas, exatas, utilizadas por cada rede associada. As necessidades de uma rede de intercâmbios como DPH são específicas, e elas têm exigido inovar e fazer da elaboração dos catálogos de palavras-chave do banco de dados (tesouros) uma tarefa essencial, coletiva e sempre inacabada. Para isso a rede DPH constituiu grupos temáticos para construir e aprimorar o tesouros.

Estes grupos temáticos, respaldados por uma equipe de animação responsável do tratamento, redação e circulação das propostas, decidiram em comum acordo as palavras-chave que deviam selecionar-se em um determinado campo para enriquecer o tesouro inicial. A partir de suas preocupações e servindo-se das fichas da base e dos tesouros preexistentes, estes grupos elaboraram uma lista de palavras: em continuação, propuseram as definições de certas palavras chaves determinando os contextos nos quais seriam utilizadas, logo se dedicaram a reagrupar as palavras em “conjuntos” de palavras relacionadas. Este trabalho culminou com um esforço mais sistemático para estruturar o conjunto do tesouro. A eleição das palavras chaves, no catálogo DPH está na constante evolução, em função da aparição de novos temas de interesse para as redes associadas. A abertura de novas palavras-chave se realiza com a condição de que seus proponentes as situem claramente em suas relações e semelhanças com as palavras preexistentes. (DPH, 1998, p. 43)

O tesouro de busca se apresenta em um formato multilíngue, estruturado em âmbitos temáticos e em lista alfabética permutada, mas sem equivalências linguísticas.

Esta base de dados é administrada atualmente pela associação ENTRE SIGNES ET CULTURES e contém o conjunto de descritores do catálogo DPH, com todas as informações que fazem referência à mesma (códigos de classificação, frequência de uso, definições, semelhanças, equivalências etc). Incorpora igualmente as adições de palavras-chave procedentes da base comum, em espera de processamento.

Este sistema é multilíngue, permite lançar uma busca a partir de um termo (uma palavra) inicial em um determinado idioma, para um vocábulo em uma ou várias línguas. Atualmente são quatro idiomas disponíveis: inglês, francês, espanhol e português. (idem, p. 46).

O membros da rede DPH refletem sobre a questão de para que serve uma informação que circule na rede, que seja completamente democratizada, completamente massiva, se na realidade, as pessoas nunca vão poder encontrar as informações que necessitam encontrar, que lhes é necessária para o que estão fazendo? E respondem em seu manual de apresentação: Portanto, é preciso dar a possibilidade aos grupos organizados, aos coletivos humanos, de poder estruturar, organizar a informação em função de seu próprio desafio, de seu próprio tema de trabalho. E é por isso que a Rede DPH se dota de um instrumento que está, além disso, revolucionando muito que é o tesouro (Ibidem, p. 47).

Vladimir Ugarte (1999, p. 11) representante da FPH no CENO, em entrevista ao autor, reflete e aprofunda essa ideia sobre o que é o tesouro?

“O tesouro não é somente da rede, não é somente um dicionário de palavras-chave, é o alfabeto, as chaves da cadeia de Ali-babá, (risos) é o mapa dos temas de trabalho das pessoas, e a capacidade que as pessoas que trabalha sobreum tema pode organizar os desafios. É a capacidade de compreender a inteligência dos outros. Neste sentido, é que falamos de inteligência coletiva, é a capacidade de colocar as coisas em relação. Porque o importante, não é somente conceber, por exemplo, aonde estão os problemas, mas poder ver como os problemas se interrelacionam, uns com os outros. Por exemplo, como os problemas da saúde pessoal estão ligados com a ecologia, e o respeito a um desenvolvimento sustentável. Se as pessoas não tem um respeito por seu próprio corpo, que é o que se entende por saúde, não vão ter nunca um respeito pelo meio ambiente no qual elas se desenvolvem, não vão poder nunca compreender o que é ecologia. Ou pelo menos, um desenvolvimento harmônico com a biosfera, com o reino animal, com o reino vegetal”.

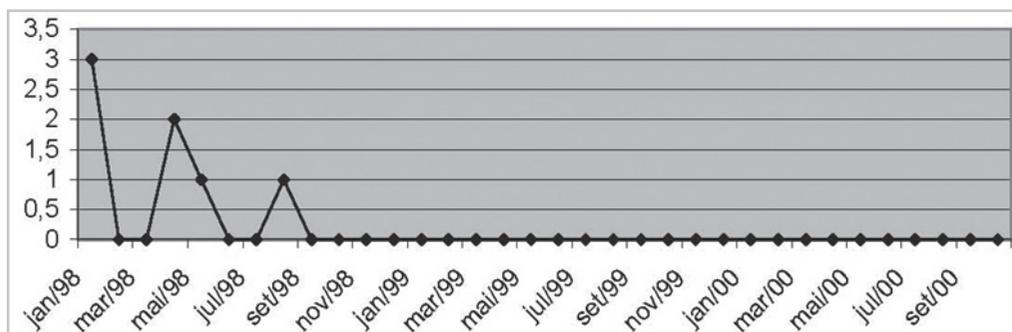


Figura 22 Desenvolvimento da rede DPH.

O que se entende por desenvolvimento na rede DPH? Somente no ano de de 1998 houve uma discussão representativa identificada com essa sigla. Segundo Vânia Parreira, “esta temática discute o desenvolvimento da rede enquanto instituição, estratégias de crescimento, possibilidades de articulações e o futuro da rede DPH” (PARREIRA, 2000, p. 2). Vladimir Ugarte (FPH) do CENO, é quem debate esse assunto no fórum e é que sistematiza sobre essa reflexão em entrevista ao autor:

“Com relação ao desenvolvimento de DPH, parece-me interessante a analogia que você faz e que tem relação com a pergunta anterior, ou seja, DPH é também um exemplo da passagem de uma rede tecnológica para uma rede humana, social. Ao mesmo tempo que é isso, é também uma outra coisa. Porque significa que, de uma rede tecnológica se passa para uma rede que tem ambivalência, é ser ao mesmo tempo rede tecnológica, como fala-se há alguns minutos e uma rede social. Ou seja, é preciso partir da base, de que um ser humano tenha dois pés para caminhar, da mesma forma DPH necessita dois pés: um tecnológica e humano para poder avançar. E a capacidade de poder ligar, colocar em relação, uma tecnologia a serviço de um objetivo, ou pelo menos de uma estratégia. Esta é a realidade de DPH.

Porém, é verdade que se fez um pouco de história, no princípio da ideia da DPH, não era que se constituísse em rede – no ano mais ou menos 1985, 86, 87. A ideia ao princípio era de constituir, quase de maneira centralizada, um lugar onde os associados da FPH pudessem colocar num recipiente comum, as reflexões sobre suas próprias práticas. Não era rede. Era uma concepção assim: há gente que está metida na prática e necessita ir para a retaguarda como quando um caminhante vai seguindo no deserto e sabe que tem que voltar a um lago para pegar água. Era exatamente essa a ideia: saber que as pessoas que estão na prática, fazendo pesquisas, e estão comprometidas com a ação, tinha possibilidade de ir buscar informação que lhe pudesse ser entregue facilmente. Essa era a ideia: de concentrar em um lugar esse tipo de informação. Era uma ideia muito democráti-

ca a princípio, de constituir por parte de um coletivo, um lugar onde fosse possível haver informação que fosse acessível a toda essa gente.

Agora, a ideia também surgiu que, com o desenvolvimento da informática, se era utilizada coletivamente, podia ser também uma grande oportunidade, podia ser uma coisa muito boa, porque, simplesmente, em um espaço de disco duro, não maior que o punho da mão, qualquer um pode ter milhões de informações contidas ali. Então, se pensou que este tipo de informação deveria ser estruturada ao nível da computação, quer dizer, tinha que ser trabalhada em banco de dados com computadores. Essa era a ideia inicial. O que aconteceu? Ao mesmo tempo, esta utilização não era uma utilização mecânica, porque a ideia – e é aí que eu te falo da utilização e colocar a técnica a serviço de uma estratégia – a ideia, o desafio era pensar que: primeiro, pode haver uma utilização da informação que produza mais valia para as pessoas que a utilizam. Ou seja, a ideia era dizer que a informação útil pode ter um papel para as pessoas que estejam envolvidas na ação porque essa informação compartilhada pode ser confrontada, pode conter diferentes concepções, pode conter diferentes ângulos, e sobretudo quando está sendo conseguida de um ângulo multidisciplinar, multitemático, multiprofissional, intercultural, permite uma confrontação que pode gerar conhecimento. Essa a ideia de DPH: que a informação não é nada, mas sua utilização é tudo. A capacidade que as pessoas tem de utilizar a informação pode dar-lhes a pluralidade” (UGARTE, 2000, p. 7).

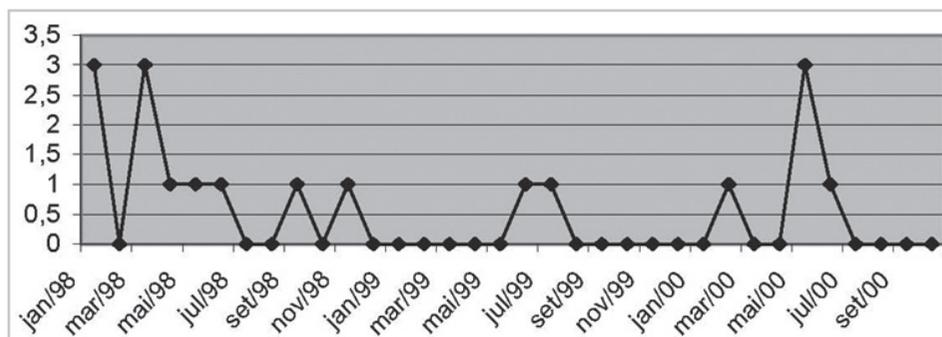


Figura 23 Técnica/tecnologia DPH.

A questão técnica e a tecnologia, é discutida com certa frequência, mas não intensamente pela internet pela rede DPH. São de 0 a 3 mensagens mensais. Essa temática discute questões específicas relacionadas as técnicas e tecnologias utilizadas pela rede como suportes informáticos DPH em CDS – ISIS, Winisis, 4DPH-WIN, 4DPHMAC. Questões técnicas ligadas ao site na internet (WEB) e outros elementos e ferramentas ligados ao banco de dados DPH.

Em 1998 até o RITE de 1999, houve uma importante discussão no fórum sobre as limitações e possibilidades técnicas das ferramentas e do banco de dados.

Georges Festinger, resume a discussão: “o programa ISIS-DOS não permitia um manejo comodo de imagens (gráficas, fotos, etc.), coisa que de qualquer modo resultava infactível para os discos rígidos daquela época.

As realidades técnico-econômicas tem evoluído muito, hoje existem muito menos restrições que antes. Quase todos os desejos podem se satisfazer, sempre e quando não sejam contraditórios entre sí” (FESTINGER, 1998).

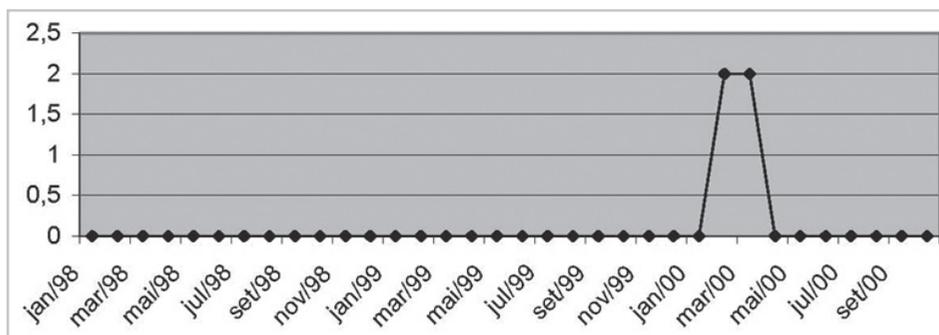


Figura 24 Estrutura e as formas de institucionalização da rede.

A nomenclatura temática Estrutura (STRU), foi criada para discutir formas de institucionalização da rede, a estrutura da rede. A formalização e estruturação jurídica. Proposta por Pascale Thys em fevereiro de 2000, depois da reunião preliminar do CENO realizada em Louvain-la-Neuve, na Bélgica. Só houve troca de mensagens e debates claramente identificados com essa temática no primeiro semestre deste ano de 2000. Foram poucas mensagens mas de muita qualidade para reflexão sobre o futuro da Rede DPH e seus desafios. Identifica-se nelas, a preocupação da rede relativas a sua estruturação, inclusive jurídica, enquanto organização, a limitação geográfica da participação de todos, e como as propostas de construção grupos de trabalho estão diretamente relacionados a outra temática: financiamento.

Diz Pascale Thys:

“Después de una reunión preliminar del CENO que se llevó a cabo en Louvain-la-Neuve, Bélgica (se trató de una reunión franco-belga, geográficamente hablando), les solicitamos su participación para poder delimitar con mayor precisión las necesidades de la red en lo que se refiere al desarrollo de los grupos de trabajo (aun si algunos de ellos sólo han alcanzado un desarrollo modesto). Lo que les proponemos es que nos envíen rápidamente (a mi dirección de preferencia; pueden escribirme en español) las siguientes informaciones sobre los grupos de trabajo que ustedes animan o quisieran animar. Estos datos servirán para definir mejor nuestras

necesidades, y así estructurar las eventuales solicitudes de (co)financiamiento en el futuro.” (THYS, 00)

O desafio da rede DPH de criar uma estrutura legal está nas formas de representação e funcionamento da mesma. O grupo de trabalho é proposto e realçado assim em um e-mail de Pascale:

“ESTRUTURA LEGAL PARA DPH: François y Georges se apuntaron; Patricia ofreció colaborar (¿es eso todavía posible?, ¿qué propuestas existen?)”

Em outro e-mail a Própria Pascale de certa forma reflete e responde sobre os desafios estruturais da rede DPH e sua organização jurídica independente:

“(...) quisiera lanzar una pequeña reflexión que me parece útil: Según yo, estructurar una red internacional es también encontrar un modo de funcionamiento que sea lo más compatible posible con nuestros valores y principios comunes. Al igual que ustedes, cuando llegué a DPH, leí los textos de “iniciación” de la red y, entre otras cosas, la famosa frase que explica que una red de intercambios se justifica en un mundo a la vez de desinformación y de sobreinformación.” (THYS, 00)

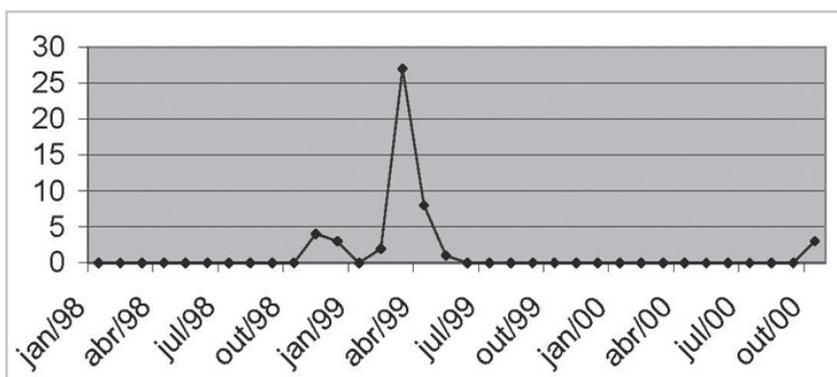


Figura 25 Organização: os fluxos e reflexos.

A nomenclatura *organização* é entendida como o espaço para discutir a organização da Rede, seus encontros e desencontros. Aqui se propõe formas de articulação, grupos de discussão temática, responsáveis regionais ou polos regionais e organização de encontros do CENO e do RITO.

Durante o período estudado foi esta nomenclatura que recebeu um dos maiores fluxos de informação durante o período pré e pós encontro do RITO de Abidjan (África) em abril de 99. Posteriormente, há um hiato de mensagens até

meados de 2000, quando o CENO é questionado pela falta de repasses de informações por alguns dos membros da rede, como se pode constatar nesta mensagem de Françoise Feugas:

“Subject:

CENO: ¿DÓNDE ESTÁN?, por Françoise

Feugas (tr.)

La última reunión se llevó a cabo en abril pasado en Normandía.

> *¿Tuvimos un informe de esta reunión? Tengo la impresión de que no*
> *circuló. Al menos, yo no recibí ningún escrito.*

>

> *Al igual que los demás miembros de la red que fuimos invitados a*

> *Abidjan el año pasado, elegí representantes en un comité que se*

> *reúne periódicamente pero no he recibido sus deliberaciones. Les*

> *pido por lo tanto que por favor me informen. Me interesa en*

> *efecto saber en qué parte están de su mandato, lo que planean*

> *hacer o lo que hacen para animar a la red, de qué van a discutir*

> *en Xalapa... En pocas palabras, espero el próximo informe de esta*

> *reunión.*

>

> *Amigablemente,*

>

> *Françoise Feugas”*

E em um espécie de auto-crítica o CENO responde aos questionamentos e constata este fato:

“Xalapa, México, a 8 de octubre del 2000

Estimados amigos:

Estamos comenzando el día de hoy nuestra segunda reunión del CENO, en Xalapa, sede de la organización de Gerardo Alatorre, con la desafortunada ausencia de Rabah y de Sidiki, que no pudieron asistir por problemas de última hora con sus visas! (nuestra reunión termina el 12 de octubre).

Tuvimos una primera reunión de Villarceaux, región parisina, del 3 al 7 de abril del 2000, lo que nos permitió conversar con Pierre Calame y con Suzanne Humberset, como miembro del consejo de la FPH, sobre los ejes estratégicos y el plan de acción del CENO.

El CENO se ha comunicado poco en el foro electrónico de DPH desde la RITO de Abidján. Además de algunas razones de forma hay razones de

fondo: La dificultad para encontrar un consenso exhaustivo nos redujo al silencio, tal vez por miedo de no saber explicarlo sin desmovilizarlos...

Sin embargo, este mismo silencio es desalentador... Tenemos que cambiar de método: Dar cuenta de los puntos en los que estamos de acuerdo – son muchos – y dar la palabra individual a cada miembro del CENO para que explique su punto de vista como todos los miembros de la red.

Nos comprometemos a enviarles muy rápidamente el informe de nuestra reunión en Xalapa. Mientras tanto, para no aumentar el retraso en la comunicación, les estamos enviando el informe de la RITO de Abidján, así como una tabla que resume las estrategias y planes de acción que definimos durante nuestra primera reunión.

Saludos
EL CENO”

Nota-se que o fluxo de informações sobre a temática organização é grande quando acontecem os encontros, porém, posteriormente há um refluxo que parece ser retomado somente quando da aproximação de algum outro encontro presencial da rede humana, social.

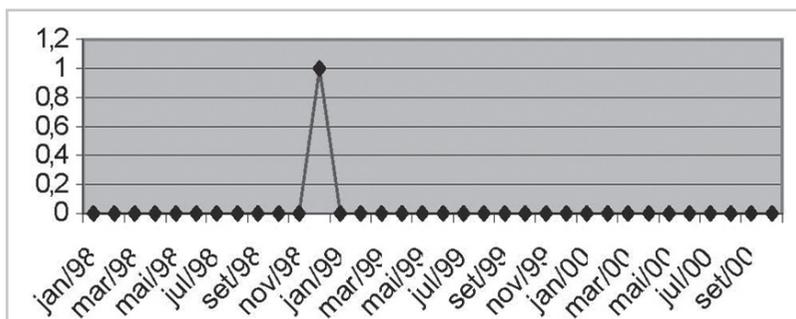


Figura 26 Financiamento da rede DPH.

Esta temática foi criada para discutir formas de financiamento, de sustentação da rede e suas iniciativas para criação de autonomia econômica. Debate alternativas e projetos econômicos e os projetos de sustentação da rede (PARREIRA, 2001, p. 01). Durante o período estudado, janeiro de 1998 a outubro de 2000, a associação Diálogo, em seu banco de mensagens, só recebeu uma (1) mensagem sobre financiamento. Uma mensagem de Vladimir Ugarte em 27 de novembro de 1998, sob o título: “FPHv057s.FIN: Informe financiero DPH”. Não houve discussões sobre esse assunto ou sobre este informe específico pelo fórum da rede DPH até outubro de 2000. Acredita-se que talvez vários membros da rede não considerem um fórum aberto como o fórum específico para discutir profundamente a

temática do financiamento. Isto não significa que a internet ou o e-mail individual não tenham sido utilizados para discussões sobre financiamento. Alguns documentos e o próprio Manual DPH informam sobre esse ponto. Desde sua origem, o desenvolvimento do DPH tem sido financiado exclusivamente pela Fundação Charles Léopold Mayer para o Progresso do Homem.

Atualmente o desenvolvimento da rede sofre custos consideráveis, cujas principais saídas foram em 1997:

- a gestão do banco de experiências e sua descentralização;
- O apoio ao desenvolvimento das redes associadas;
- As ferramentas de comunicação interna e externa;
- o desenvolvimento do sistema informático; -os encontros da rede DPH;
- a a animação da rede intercontinental;
- o apoio à realização de fichas;
- o desenvolvimento e atualização de ferramentas pedagógicas e de trabalhos em quatro idiomas;
- a formação dos animadores responsáveis das redes associadas.
- Segundo análise da própria rede, uma rede como DPH só tem sentido se perdura no tempo e isso por múltiplas razões:
- o banco de experiências será mais rico quanto mais numerosos e variados sejam os colaboradores;
- as técnicas empregadas são simples, mas a aprendizagem cultural do uso de uma memória coletiva é lento;
- as redes humanas se constituem e se consolidam com o passar dos anos.” (DPH, 1998, p. 81)

Atualmente, o crescimento e desenvolvimento da rede, o DPH já não pode depender unicamente das contribuições da FPH. É necessário e se está buscando, portanto, uma diversificação das fontes de financiamento.

Em 1996, a Fundação dedicou cerca de 4 milhões de francos ao conjunto de trabalho executado no marco do DPH. Esta importante quantia é resultado de um incremento progressivo planejado com salto um importante em 1991 e 1992. O pressuposto global de 1997 foi de uns 5 milhões de francos (DPH, 1998, p. 82). Segundo Vladimir Ugarte divulgou em documento sobre a “Evolución de los gastos de la política DPH: “Los gastos totales de la política DPH en 1997 fueron de 616, 955 francos suizos. El monto del presupuesto autorizado para 1998 es de 660, 704 francos suizos.” (UGARTE, 1998).

Em busca de colaboradores financeiros para sustentar o desenvolvimento da rede

Levando em consideração o eco crescente que tem tido a Rede DPH, deve-se contemplar desenvolvimentos consideráveis nos próximos anos. Contudo, a Fundação

não poderá enfrentar sozinha o custo deste desenvolvimento; por esse motivo, DPH busca novas alianças e novos apoios.

A rede considera que DPH é, entre outras coisas, um conjunto de metodologias, um sistema, uma marca. Havendo tomado consciência de tais instrumentos, aqueles que aderem a DPH devem respeitar sua ética e se comprometer a buscar cofinanciamentos para sustentar o desenvolvimento de projetos específicos de produção e estruturação da informação.

Assim sendo, a rede tem realizado vários contatos, com o objetivo de examinar os métodos de uma associação. Por isso a rede DPH sistematizou critérios para apoio e parcerias.

Estes apoios deveriam procurar responder aos seguintes aspectos que resumem-se aqui (DPH, 1998, p. 82):

- O desenvolvimento e o funcionamento das redes associadas temáticas existentes.

Cada rede associada reconhece que DPH tem sido um meio eficaz de consolidação e de fortalecimento de sua audiência. O desenvolvimento de uma rede requer evidentemente recursos humanos e financeiros.

- A ampliação da rede DPH

Segundo a FPH, ela não pode hoje assumir o financiamento de uma estratégia de crescimento de toda a rede DPH, não obstante, a rede deseja poder responder a toda solicitação de participação e acolher a novos membros que compartilhem os mesmos valores.

- Constituição de polos geográficos e de iniciativas inovadoras

Nos países onde o número de membros da rede adquiriu certa importância, se observa a necessidade de um polo de apoio, dirigido por um dos membros, que coordene a promoção conjunta da rede, que se encarregue da formação permanente, que possa dar resposta aos problemas técnicos estabelecidos por todo sistema informático, que difunda as fichas no idioma do país.

- O multilinguismo e a integração de novos idiomas

A ampliação de um novo idioma é muito mais custosa em dinheiro e tempo do que parece, além de acrescentar um grau de complexidade ao sistema. Contudo, aparece clara a importância de introduzir rapidamente os demais grandes idiomas – árabe, chinês, russo.

- Trabalhos de investigação e capitalização

Frente ao desafio concreto de organizar em fichas “o melhor da experiência”, a maior parte dos novos “autores” descobrem os interesses de estruturar sua própria experiência e se levar a sério ao trabalho.

Além disso, os membros antigos da rede, às vezes sentem a necessidade de um apoio para dedicar um tempo para refletir e capitalizar sua própria experiência.

- Diversificação das publicações

O que inclui o apoio as dinâmicas de edições locais.

- Simplicidade do sistema técnico

As ferramentas se diversificam e cada vez se manejam melhor, mas devem prosseguir sua evolução. Outra necessidade é introduzir ferramentas descentralizadas de administração de base. É preciso realizar um grande esforço para que a pesquisa de informações no banco de experiências se inspire em passos espontâneos de investigação. Além disso, é indispensável continuar o desenvolvimento progressivo e novos sistemas de transmissão, que se baseiam principalmente em meios telemáticos.

- Desenvolvimento da formação e do intercâmbio no seio da rede

A formação não é um fim em si: é um momento privilegiado destinado a transmitir o sentido do gosto e o interesse pelo sistema à outros, os quais se converteram por sua vez em formadores. Desse modo, o fortalecimento da rede introduz a celebração de encontros regionais de intercâmbio de experiências, assim como outros meios de circulação de conhecimentos.

- Criação de serviços de mediação

A mediação (onde se pode recorrer a uma pessoa confiável para comunicar-lhe suas dúvidas e que possa encaminhar-nos para boas experiências e informações) continua sendo um laço imprescindível sem o qual corre-se o risco de reproduzir “a exclusão pela informática” tantas vezes denunciada. A Rede DPH projeta que uma rede internacional de serviços de mediação poderia constituir-se nos próximos anos.

Assim, pode-se sintetizar o conteúdo dessa temática através do título do documento sobre o informe financeiro da Rede DPH, que resume as propostas e desafios da rede neste aspecto nos próximos anos, levando em conta a política de redes de intercambio de experiências: “mobilizar ao serviço de cada um, a experiência de todos, para encarar melhor os desafios de nossas sociedades” (UGARTE, 1998).

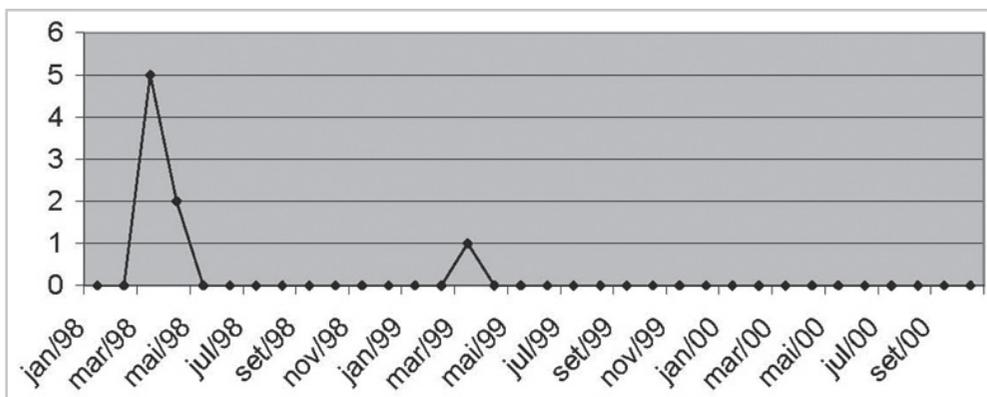


Figura 27 Redes: breve reflexão.

O termo “redes” enquanto temática geral é pouco discutida e refletida no fórum eletrônico, somente entre abril e junho de 1998 é trocada correspondência mais intensa sobre o assunto. Anna Teti Caetano, da entidade *Echosigne* foi quem propôs a discussão e utilizou a rúbrica *ANI Redes*. Porém, apesar da boa reflexão teórica, baseada em autores europeus, basicamente franceses, produzida por Caetano (1998) os membros do fórum da rede DPH, não se interessaram naquele momento em aprofundar a temática via web. Na verdade, a pequena discussão que ocorre é sobre a classificação da temática onde Anna Teti pergunta: “A propósito no completé la codificación de los mensajes sobre el concepto red. Sólo indiqué por medio del signo? que no pertenecen a ninguna de las clasificaciones actuales del Foro. En caso de que no haya más mensajes sobre este tema, me parece que no vale la pena crear un nuevo código.”

E recebe uma resposta de Hermila do PACS confirmando sua visão de não abrir uma nova rúbrica para a temática: “Hola Anna e demais amigos, concordo plenamente com você que não se deve abrir uma nova codificação para o tema “Rede “Entretanto, não seria o caso desta discussão pertencer ao tema *Animação* e, Françoise que começou este debate usou o código ANI. Espero que novas contribuições ao tema venham se juntar às tuas, porque acho importante debater este assunto. Um abraço. Hermila”.

Como se vê, esta reflexão é reconhecida como importante pelos membros da rede DPH, e também pela FPH, pois os documentos, artigos de revistas e livros sistematizados por Anna Teti Caetano são na maioria de materiais apoiados e publicados pela FPH, além de fichas da base de dados DPH. Porém, o fórum demonstrou ser um espaço propício apenas para animar a discussão sobre a importância da temática e se a codificação utilizada era a correta. Como ferramenta de reflexão coletiva, o correio eletrônico e o fórum da rede DPH não animou os membros da rede. Os textos teóricos produzidos por Anna Teti Caetano sistematizando pensamento do historiador Jean Chesneaux (1993) sobre a tipologia de redes e outros autores franceses foi incorporada neste trabalho no capítulo da revisão de literatura.

Neste aspecto, em entrevista ao autor, Vladimir Ugarte (2001a, p. 6), representante da FPH no CENO da rede DPH, explicita sua visão sobre redes em relação ao DPH:

Com relação ao DPH, parece-me interessante a analogia que você faz e que tem relação com a pergunta anterior, ou seja, DPH é também um exemplo da passagem de uma rede tecnológica para uma rede humana, social. Ao mesmo tempo que é isso, é também uma outra coisa. Porque significa que, de uma rede tecnológica se passa para uma rede que tem ambivalência, é ser ao mesmo tempo rede tecnológica, como se fala há alguns minutos e uma rede social. Ou seja, é preciso partir da base, de que um ser humano tenha dois pés para caminhar, da mesma

forma DPH necessita dois pés: um tecnológica e humano para poder avançar. E a capacidade de poder ligar, colocar em relação, uma tecnologia a serviço de um objetivo, ou pelo menos de uma estratégia. Esta é a realidade de DPH.

Porém, é verdade que se fez um pouco de história, no princípio da ideia da DPH, não era que se constituísse em rede – no ano mais ou menos 1985, 86, 87. A ideia ao princípio era de constituir, quase de maneira centralizada, um lugar onde os associados da FPH pudessem colocar num recipiente comum, as reflexões sobre suas próprias práticas. Não era rede. Era uma concepção assim: há gente que está metida na prática e necessita ir para a retaguarda como quando um caminhante vai seguindo no deserto e sabe que tem que voltar a um lago para pegar água. Era exatamente essa a ideia: saber que as pessoas que estão na prática, fazendo pesquisas, e está comprometida com a ação, tinha possibilidade de ir buscar informação que lhe pudesse ser entregue facilmente. Essa era a ideia: de concentrar em um lugar esse tipo de informação. Era uma ideia muito democrática a princípio, de constituir por parte de um coletivo, um lugar onde fosse possível haver informação que fosse acessível a toda essa gente.

Agora, a ideia também surgiu que, com o desenvolvimento da informática, se era utilizada coletivamente, podia ser também uma grande oportunidade, podia ser uma coisa muito boa, porque, simplesmente, em um espaço de disco duro, não maior que o punho da mão, qualquer um pode ter milhões de informações contidas ali. Então, se pensou que este tipo de informação deveria ser estruturada ao nível da computação, quer dizer, tinha que ser trabalhada em banco de dados com computadores. Essa era a ideia inicial. O que aconteceu? Ao mesmo tempo, esta utilização não era uma utilização mecânica, porque a ideia – e é aí que eu te falo da utilização e colocar a técnica a serviço de uma estratégia – a ideia, o desafio era pensar que: primeiro, pode haver uma utilização da informação que produza mais valia para as pessoas que a utilizam. Ou seja, a ideia era dizer que a informação útil pode ter um papel para as pessoas que estejam envolvidas na ação porque essa informação compartilhada pode ser confrontada, pode conter diferentes concepções, pode conter diferentes ângulos, e sobretudo quando está sendo conseguida de um ângulo multidisciplinar, multitemático, multiprofissional, intercultural, permite uma confrontação que pode gerar conhecimento. Essa a ideia de DPH: que a informação não é nada, mas sua utilização é tudo. A capacidade que as pessoas tem de utilizar a informação pode dar-lhes a pluralidade.” (2000, p. 6)

Projetos: não são articulados via fórum eletrônico

Havia também a proposta de uma rubrica para PRO, para designar projetos. Esta rubrica, porém não foi usada durante os trinta meses estudados pelo pesquisador. Ou seja, via e-mail, pelo fórum da Rede DPH, a associação Diálogo,

não recebeu nenhum material sobre projetos conjuntos ou mensagens sob essa nomenclatura.

Acredita-se que algumas temáticas como *financiamento e projetos*, não são discutidas via fórum eletrônico porque é aberto e de certa forma mais público. Os projetos e discussões que envolvem questões financeiras, segundo Parreira (2000, p. 1) “ são discutidos usando inclusive a internet e o correio eletrônico, mas diretamente entre as várias entidades envolvidas, ou seja da FPH com a ONG ou rede de ONGs, enviando documentos, projetos, cartas de intenção, etc”. O mesmo ocorre com a temática redes que tem a intenção de fazer uma reflexão mais teórica sobre o assunto. O fórum serve como uma ferramenta de animação e de comunicação, mais do que como uma ferramenta ou um espaço de reflexão teórica.

Apesar disso, um momento interessante de debate e reflexão sobre a da rede, se deu a partir de uma provocação feita por membros do CENO para toda a rede DPH colocando 11 questões polêmicas e provocadoras sobre a rede. Desta forma, o comite de enlace fez as entidades da rede DPH reagirem. Muitos grupos discutiram e polemizaram como o CENO. A partir desta discussão, Gerardo Alatorre da Rede PASOS, sistematizou as posições das 23 entidades e outros membros que enviaram respostas ao CENO no documento: “RESPUESTAS A LA PROVOCACIÓN LANZADA POR EL CENO” (CENO, 1998), que se encontra na íntegra em anexo.

4.3 A rede DPH e suas ferramentas informáticas

Introdução

Aqui serão analisadas as ferramentas informáticas da rede, baseados principalmente nos sites na internet e no banco de dados DPH.

Para analisar os sites da Rede DPH disponíveis, utilizou-se dois critérios: O primeiro é a uma sequência de entradas nos links partindo do *local para o global*. Ou seja, analisou-se a rede via web, sob o critério de entrada na mesma, a partir de *uma navegação local* para acesso e contato com a rede DPH. Neste caso, partiu-se do site local do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI que é conveniado com a ONG (organização não-governamental) Diálogo – Cultura e Comunicação em Santa Catarina, animadora da Rede Vozes do Silêncio e membro associado da Rede DPH. Este acesso na Web, se baseou nos critérios e princípios de *desenho de rede* até agora adotados neste

trabalho, construídos principalmente a partir do referencial teórico de Tíffin e Rajasingham (1995).

O segundo critério utilizado, foi analisar essa navegação, com o objetivo de testar o acesso as informações na internet sobre a rede DPH e as fichas DPH, (facilidades, ruídos, dificuldades etc.) baseando essa análise, quanto a *arquitetura e navegação*, na metodologia da Profa. Lúcia Leão (1999) e quanto a *forma, design e interface* das páginas dos sites estudados, na metodologia e critérios do pensador e Webdesigner Roger Black (1997), apoiado também no trabalho técnico de Tay Vaughan (1998).

Análise dos sites da rede DPH na Internet

Leão (1999) investiga a *hipermídia*, a partir de uma imagem metafórica universal e muito antiga: o labirinto. A metáfora voltou a ser muito estudada recentemente por pesquisadores de inteligência artificial, por causa de sua força cognitiva. A metáfora, ao possibilitar a aproximação de dois tipos de conhecimento diferentes, viabiliza uma re-descrição de um determinado assunto e oferece uma visão criativa e inesperada. “Da relação metafórica entre os campos A e B é possível extrair C, um outro tipo de conhecimento que emerge desta inter-relação” (idem, p. 15). Os conceitos de rede ou mesmo teia que tem sido tão usados para estudar e refletir sobre a internet tem também esse componente metafórico.

○ arquiteto e o viajante

Usando a metáfora do labirinto, Leão argumenta que existem percepções e olhares diferentes do labirinto. O olhar do arquiteto e o olhar do viajante. Sendo que o viajante percorre o labirinto sem o mapa, sem a visão global da construção. Destas forma, quem verdadeiramente faz o labirinto não é o seu construtor, mas o viajante que o percorre. “o labirinto só passa a existir como tal, como construção da complexidade, na medida que alguém o penetre e o percorra. Para o seu construtor, que tem a visão global do projeto, que tem o mapa, o labirinto não se impõe como metáfora do obtuso, do complexo. Para o seu arquiteto, o labirinto é finito. Para o viajante, por sua vez, devido às similitudes das encruzilhadas, (...) o labirinto se torna infinito” (p. 114).

Acessando o site do Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) em janeiro de 2000, a partir do endereço: http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/

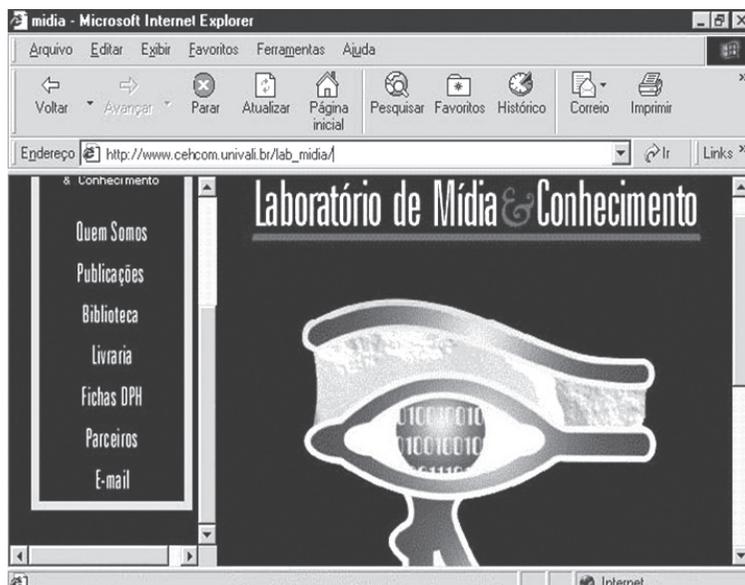


Figura 28 Laboratório de mídia e conhecimento da UNIVALI.

Neste estudo, como não se tem o mapa do labirinto dos principais sites da rede DPH, tendo contato somente com a construção do site local do LAMCO – UNIVALI (Laboratório de mídia e conhecimento), a análise da rede DPH foi sendo feita a partir da ótica de um viajante, como diria a professora Leão. Um viajante que parte do local para o global para fazer uma leitura entre as várias possíveis da rede DPH.

Quanto a *forma, design e interface* das páginas dos sites estudados, baseados na metodologia e critérios de Roger Black (1997) que estipula as dez regras do design que sinteticamente podem ser resumidas na primeira delas:

“Coloque um conteúdo em todas as páginas.”

O design não deve ser simplesmente decorativo, deve transmitir uma informação. Um usuário, um leitor, nunca deve ter de “desbravar florestas de botões” para obter simples notícias.

Analisou-se sites da rede DPH levando-se em consideração esses critérios, mas principalmente as regras de interface, criadas pelo mesmo autor, mais abertas e que sugerem principalmente o que não fazer na Web.

A seguir, para efeito da pesquisa, sintetizou-se e sistematizou-se as regras de interface de Black (1997):

Não altere o propósito. Se tem uma marca ou uma mídia válida, não deve recriar tudo na Web, deve adaptá-la para a Web.

Quadro 2 Regras de interface: o que não fazer na Web.

Não confunda o visitante. O site precisa ter um design consistente. Se tem páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações precisam ter o mesmo aspecto em todas elas.

Não confunda o visitante, parte 2. Se alguém se perder dentro do site, nunca mais vai voltar. Assegure-se de que os botões e as instruções de navegação sejam simples e claras.

Não faça páginas de tamanho exagerado. Tudo fica diminuído significativamente em relação aos grandiosos monitores gráficos dos artistas. Crie para monitores de 14 polegadas e de pouca resolução.

Não crie páginas que exigem rolagem. Assim como 75% das pessoas leem somente a metade superior de um jornal dobrado, a maioria dos navegadores nunca irá fazer a rolagem.

Não use ilustrações grandes e lentas. Se os visitantes tem de esperar, sairão do site e não vão mais retornar. Em nosso mundo de bandas estreitas, não há atraso aceitável.

Não use um grande número de cores. Se puder conseguir uma concepção graficamente correta em preto e branco, está na direção certa. Depois adicione cuidadosamente uma ou duas cores.

Não use sombras de fundo esfumadas.

Não coloque um texto extenso.

Não use tipos muito pequenos. É muito difícil ler textos nas telas do computador. A ideia geral é fazer tudo maior do que seria na impressão e assegure-se de que os tipos tenham um bom contraste com o fundo.

Black, Roger (1997), sistematização do autor.

O site do LAMCO – UNIVALI, segue de forma simples as principais regras de interface para Web (BLACK, 1997). Ao ser acessado, logo se encontra referência as fichas DPH, e também tem um link, bastante legível, para quem pretende encontrar os parceiros e contatos do laboratório.

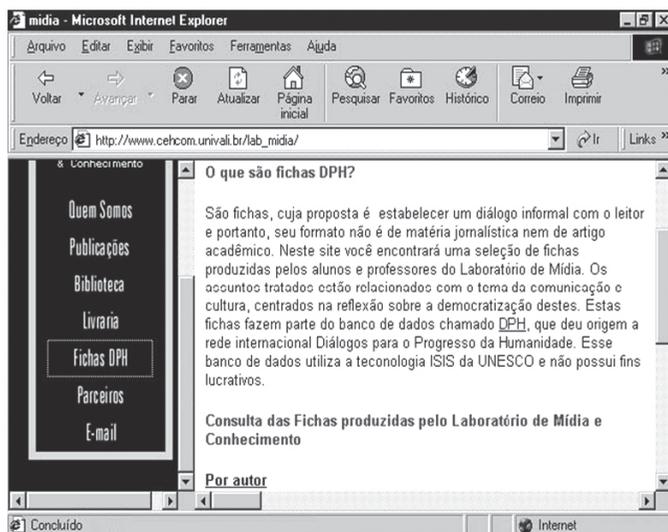


Figura 29 LAMCO – UNIVALI.

No site, a partir do local, LAMCO acessa-se ao link da Associação Diálogo e a Rede Vozes do Silêncio e chega-se ao global a Rede DPH.



Figura 30 Rede vozes do silêncio.

O site tem um design consistente. Isto significa segundo Black (1997), que em páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto. Os botões e as instruções de navegação são simples e claras. Não usa um grande número de cores. Utiliza uma concepção graficamente correta em preto e branco e adiciona cuidadosamente poucas cores.

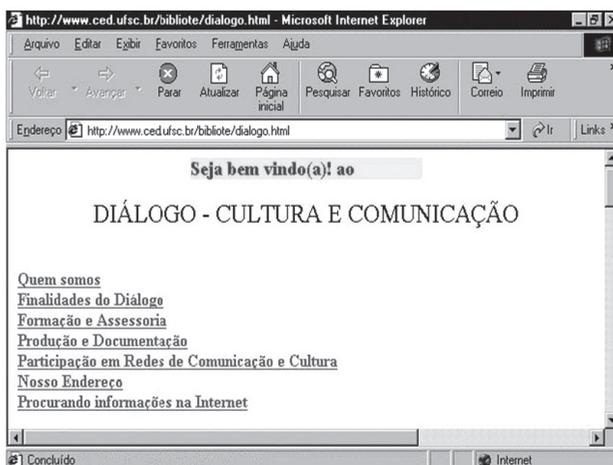


Figura 31 Diálogo – cultura e comunicação.

Com um link direto chega-se ao site da ONG Diálogo – Cultura e Comunicação em outro provedor (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina): <http://>

www.ced.ufsc.br/bibliote/dialogo.html ou ainda a página da rede Vozes do silêncio: <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/vozes.html> que por sua vez também possuem links diretos com a rede DPH.

Os botões e as instruções de navegação são simples e claros e de fácil retorno ao site do LAMCO-UNIVALI. Porém, como seu conteúdo é baseado em texto escrito, o usuário tem que utilizar a barra de rolagem com frequência, contrariando as indicações neste sentido de Black (1997).

Clicando em rede DPH entra-se no site institucional da Rede: <http://w1.neuronnexion.com/dph/>

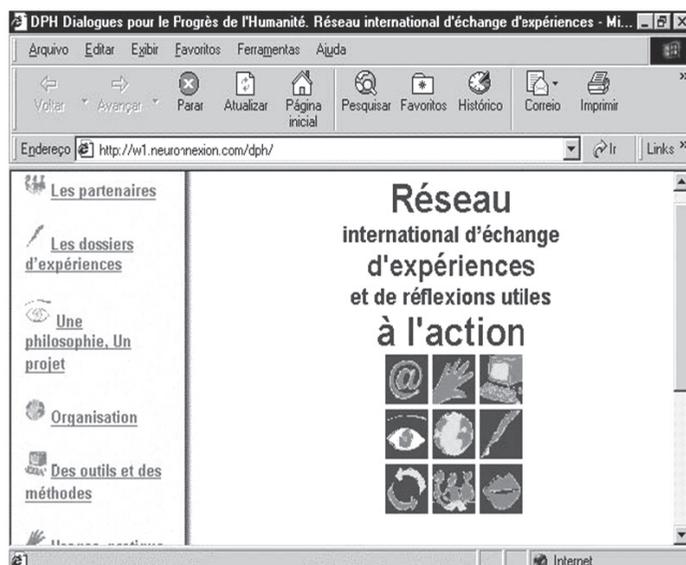


Figura 32 Rede DPH.

As estruturas de design do site institucional de apresentação da Rede DPH é baseada no manual DPH impresso. Considerando as regras de Black, imagina-se que a ideia foi de não alterar o propósito, considerando que a rede tem uma marca ou uma mídia válida, não devendo recriar tudo na Web, mas adaptá-la para a internet.

O site da rede DPH tem várias páginas diferenciadas e as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas. Os botões e as instruções de navegação são simples e claras. Aspecto que Vaughan valoriza: “é importante incluir botões que executem tarefas básicas, como sair do projeto de qualquer ponto ou cancelar uma atividade” (1998, p. 139).

O site é todo escrito em língua francesa, com alguns acessos traduzidos em espanhol e inglês, demonstrando a influência da FPH, Fundação Charles Léopold Mayer para o progresso do Homem no apoio a rede DPH e ao provedor de manutenção do site: neuronnexion.com.

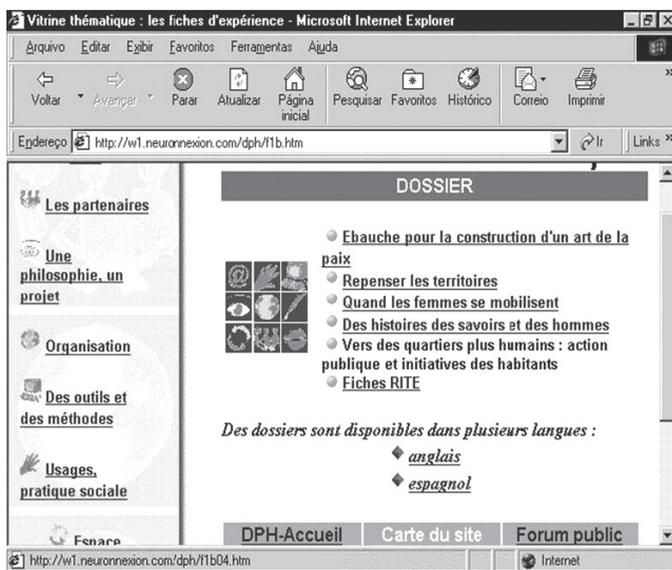


Figura 33 Dossier.

Clicando em *L'dossiers des expériences* se tem acesso a alguns dossiers de fichas DPH temáticas:

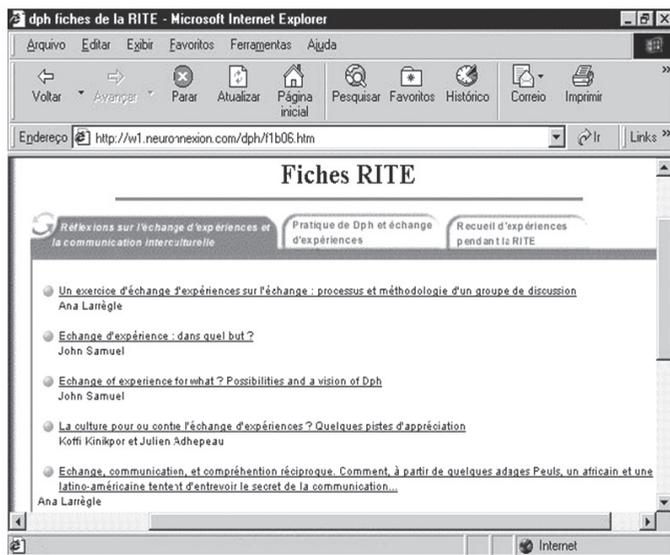


Figura 34 Fiches RITE.

Analisando individualmente a tela de acesso as fichas do RITE, pode-se questionar o uso de cores desta página, que não segue literalmente as indicações de Black (1997).

Usa uma quantidade de cores excessiva (laranja, azul, verde, cinza, preto, branco), considerando que não são variáveis da mesma tonalidade. A opção do *alaranjado* como padrão e o *verde* tendo as letras sombreadas em *cinza* dificultam a leitura já comprovadas pelas regras de Black. A página tem uma concepção graficamente correta em preto e branco, mas na adição de cores, exagerou nos tons, nas sombras de fundo esfumadas, dificultando a leitura e a apresentação do trabalho.

Clicando em um dos títulos da fichas DPH do dossier tem-se acesso ao conteúdo das mesmas através de outra página:

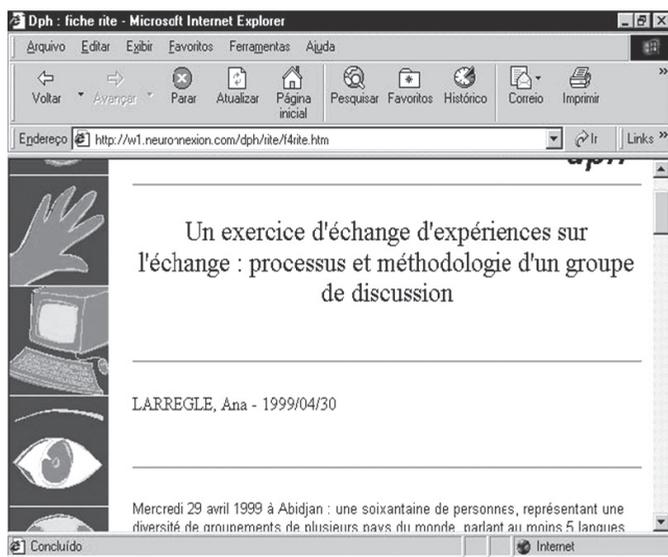


Figura 35 Fichas DPH.

Ao analisar a página contendo uma ficha DPH do *dossier* chega-se as seguintes conclusões:

Os textos das fichas não são muito extensos e os tipos de letras não são muito pequenos. Estes chegam a ser maiores do que seriam na impressão e tem um bom contraste com o fundo, porém necessitam de rolagem de página para que o texto seja lido. Como, segundo Black (1997), a maioria dos navegadores (75%), nunca irá fazer a rolagem de uma página, essa atividade necessária para a leitura das fichas no site da rede DPH revela-se prejudicial.

No site, não há possibilidade técnica de baixar via *download* os textos das fichas DPH, nem utilizar processador de textos ou outra ferramenta similar para acesso ao conteúdo das fichas.

Ao acessar o link *Des outils et des Methodes* tem-se informações básicas das ferramentas e métodos utilizados pela rede. Muitas destas informações também

estão disponíveis de forma impressa em francês, inglês e espanhol via o Manual DPH, porém nem todas ainda estavam disponíveis no site quando analisado em janeiro de 2000.

Nas diferentes páginas, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas, o mesmo caso ocorre nesta página.

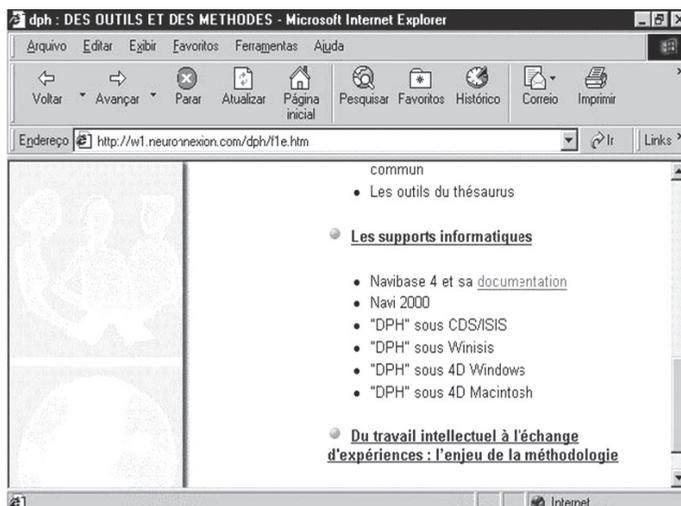


Figura 36 Ferramentas de navegação.

Os vários suportes informáticos e ferramentas disponíveis relacionadas ao banco de dados DPH, bem como informações sobre as metodologias utilizadas estão acessíveis no site e no manual. A seguir analisa-se essas ferramentas. O banco de dados é acessível apenas aos grupos da rede DPH e deve ser instalado em computador local para uso das bases de dados.

Os debates no seio da rede DPH sobre a Internet

Existem debates no seio da rede DPH que se orientam no sentido de que a Rede DPH tenha um site na Web que vá além da comunicação externa.

Segundo dados do CENO e documentos impressos, (manual DPH, La Lettre DPH), "recentemente se tem levado a cabo um certo número de provas técnicas com o objetivo de explorar outras possibilidades a serviço da utilização da rede". (DPH, 1998, p. 32) Assim, por exemplo, através do site FTP de um dos membros da rede, existe a possibilidade de descarregar a base de dados ou os programas complementares.

A rede DPH tem há muito tempo o objetivo de explorar o uso de um site na internet como ferramenta de ajuda para a organização, a comunicação interna e o lugar de circulação da base de dados, porém até janeiro de 2000, o principal

espaço de debates via internet da rede DPH, utiliza uma lista de discussão como fórum, desconetada do site na Web.

Análise do banco de dados dph e suas fichas documentais

As ferramentas e a prática do intercâmbio de experiências

Um dos grandes desafios que a rede DPH se coloca é: como conseguir uma autêntica troca de experiências? Que fazer para que os conhecimentos acumulados pela rede possam converter-se em ferramentas para a ação? Na construção de um conhecimento comum, cada grupo ou nó da rede contribui com seus materiais; suas informações, contudo, para que a rede se consolide é imprescindível uma linguagem e uma metodologia de intercâmbio de experiências (DPH, 1998, p. 33).

Graças a esta proposta de metodologia, a partir de análises das informações e das experiências, respeitando ao mesmo tempo a complexidade da realidade humana, das culturas, das diversidades econômicas e linguísticas, pode-se tirar lições aplicadas à prática, identificar métodos transferíveis, descobrir pessoas e organismos suscetíveis, que ajudem a facilitar o trabalho e definir orientações para a ação. Sendo assim, a rede DPH acredita que as ferramentas e as fichas DPH podem ser: ” este cimento é de uma natureza peculiar, maleável e reutilizável, que não encerra as experiências, mas permite reconstruir conjuntos em função das preocupações dos membros da rede”. (idem, 1998, p. 33)

Deste modo, no processo de construção a rede DPH tem compreendido que:

- A ficha DPH constitui a unidade de comunicação entre os membros da rede.
- O conjunto de fichas se encaminha à constituição de uma inteligência coletiva cuja parte visível se denomina “banco de experiências”.
- O catálogo da rede DPH permite caracterizar estas experiências e investigar o quê convém para a ação.
- Os programas informáticos gestionam o conjunto de informações registradas e permitem tirar proveito das mesmas.
- A metodologia do intercâmbio de experiências aponta técnicas de trabalho intelectual e ajuda a organizar intercâmbios entre os membros da rede e outros interessados em temáticas sistematizadas pela rede. (idem, p. 33)

As funções de uma ficha DPH

Uma ficha segundo, os critérios discutidos pelos membros da rede e divulgado em seus documentos, deve servir em primeiro lugar ao próprio redator ou

ao portador da experiência levando-lhe a tirar, ele mesmo, os principais ensinamentos ou aprendizados e a estabelecer a seleção ou comparação com outras situações; Deve além disso, permitir a outros usufruir das informações e reflexões incluídas nela; e por último, deve constituir um laço entre pessoas e instituições que se revelam mutuamente, através de interesses e práticas comparáveis. (Idem, p. 33)

Uma ficha dph é uma unidade de comunicação normatizada

A normatização da apresentação das fichas é a condição para que uma memória coletiva informatizada possa ser utilizada facilmente. Requer certa disciplina no preenchimento das diferentes rubricas (assinaturas). A ficha DPH tem a particularidade de tentar captar e transmitir uma informação, uma reflexão, uma experiência seja qual for sua procedência.

As iniciativas documentais clássicas dão prioridade à fonte em comparação ao conteúdo: desse modo, nas mesmas fichas sempre terá mais peso uma informação que procede de um organismo científico oficial que uma informação que vêm de um grupo coletivo de habitantes de um bairro marginal.

A rede DPH traça um enfoque diferente, que privilegia o interesse do conteúdo e não sacraliza a fonte. Assim pois, por seu estado de ânimo, o redator de uma ficha DPH se assemelha mais ao de um jornalista (DPH, 1998, p. 34).

A ficha regularizada consta de três grandes partes:

- O conteúdo à transmitir, acompanhado dos comentários do redator.
- As palavras chaves e os descritores e uma codificação que permita buscar a informação;
- A identificação do redator e de suas fontes.

TÍTULO DA FICHA

CONTEÚDO DA FICHA

TEXTO

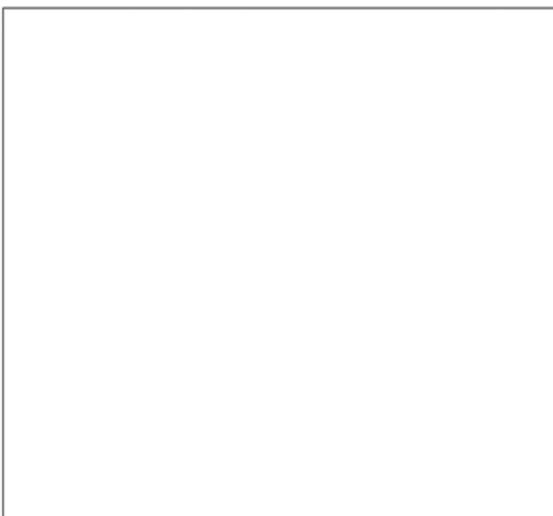
Perguntas-guia:

*O QUÊ, ONDE,
QUANDO,
COMO, POR QUÊ,
PARA QUÊ*

Texto
(continuação)



Comentários



Notas

Informação sobre o organismo de que trata a ficha; referências a outras fichas, dados complementares.

--

FONTES DA FICHA**Dados detalhados da fonte**

--

SÍNTESE DO CONTEÚDO: PALAVRAS-CHAVE**Descritores Geográficos**
(país, continente)

--

Localização
(cidade, estado, etc...)

--

Descritores DPH

Tesouro DPH

--

Palavras-chave internas

--

ORIGEM DA FICHA	
Redator	<input type="text"/>
Órgão	<input type="text"/>
Endereço, Telefone, Fax, E-mail.	<input type="text"/>
Rede	<input type="text"/>
DADOS COMPLEMENTARES	
Outros contatos e fontes	<input type="text"/>
Data da Redação	<input type="text"/>

Este enfoque se separa claramente dos bancos de dados bibliográficos, que consideram que a ficha existe principalmente para servir de vínculo como “documento primário”. A experiência do DPH indica a própria ficha como fonte direta de informação.

Uma ficha dph contém uma informação seletiva e subjetiva

Segundo o manual DPH as investigações sobre inteligência artificial tem revelado que a qualidade mais apreciada da inteligência humana não é a capacidade

de comparar milhões de hipóteses senão, pelo contrário de eliminar rapidamente milhões de hipóteses improváveis e concentrar a atenção em um pequeno número delas. A inteligência coletiva não escapa a esta regra. Com efeito, “uma rede funciona mais ou menos como um cérebro coletivo; filtra, seleciona, condensa, qualifica e relaciona as informações em função de sua utilidade”. (DPH, 1998, p. 39).

Se vê aqui a influência cognitiva na filosofia da rede DPH. Como já colocado na revisão de literatura deste trabalho, desde meados dos anos 50, se reforçou a hipótese cognitiva segundo a qual a inteligência se assemelha a um computador, entendendo que a inteligência artificial (IA) como sua projeção literal. No centro da hipótese cognitivista, está a noção de representação. “A IA pensa a organização como um sistema aberto em constante interação com esse meio com *inputs e outputs*” (MATTELART, 1999, p. 163). A partir dos anos 80, a teoria sistêmica viu surgir uma série de modelos sistêmicos que descrevem vários aspectos do fenômeno da vida. Com base nestes modelos, os contornos de uma teoria coerente dos sistemas vivos, junto com a linguagem matemática da complexidade e a emergência de uma importante concepção de auto-organização (CAPRA, 1996, MATTELART, 1999), podem ser sentidos também como influência não racional, mas prática, no discurso da filosofia da rede DPH.

Para compreender-se o fenômeno da auto-organização é fundamental compreender o conceito de padrão, pois do ponto de vista sistêmico, “o entendimento da vida começa com o entendimento de padrão. (...) O padrão da vida é um padrão de rede capaz de auto-organização” (CAPRA, 1996, p. 76). Ao tentar criar padrões, fichas e metodologias com critérios e linguagem próprias, que ajudem na auto-organização da rede e de seus membros, a rede DPH demonstra estar influenciada pelas teorias da complexidade tão em voga no momento conjuntural atual.

DPH é uma maneira de lutar de uma só vez contra o excesso e a escassez de informação

Desse modo, no marco da organização da redação das experiências e das informações úteis, uma reflexão, uma experiência, um livro, um artigo particularmente ricos podem ser objetos de várias fichas, abordando cada uma um aspecto particular da questão. Entretanto, várias experiências ou vários documentos poderão resumir-se em somente uma ficha que extrai dos mesmos ensinamentos comuns.

A Rede DPH reivindica a subjetividade e o lugar do sujeito na geração e circulação dos conhecimentos.

A adoção de um ponto de vista “subjetivo” não significa para a rede que somente selecione em uma experiência ou um texto aquele que confirme suas

crenças. Ao contrário, a subjetividade tem como complemento indispensável a honradez e integridade intelectual.

Para desligar-se claramente do ponto de vista do redator, toda a ficha se estrutura em duas partes distintas: o conteúdo da informação, onde a subjetividade do redator consiste em selecionar a informação sem emitir opinião sobre a mesma; e o comentário do redator, onde este explica porque são importantes ditas informações, expressando à luz de sua própria experiência seus acordos e desacordos (DPH, 1998, p. 39)

A Rede, entende que as fichas não devem limitar-se ao estudo do caso e da acumulação de experiências semelhantes. Acredita que as vezes é útil e necessário dar um passo adiante. Por esse motivo, a partir de análises de um conjunto de fichas, pode-se tentar extrair ensinamentos comuns (DPH, 1998, p. 40).

Um terceiro critério de redação faz referência à articulação do concreto com o abstrato. A ficha deve estabelecer o vínculo entre estes dois extremos, submeter os conceitos da prova dos feitos, das ações, ajudar a refletir e ponderar, fazer compreender a importância da confrontação. A rede estabelece aqui “a idéia de ‘conhecimento transferível’, é preciso um mínimo de avaliação, sem cair nem no teórico puro nem no concreto puro” (DPH, 1998, p. 40).

Se trata de deixar o leitor com as pistas da reflexão, mas livre para refletir e tirar outros conhecimentos e conclusões por si mesmo. Identifica-se aqui, uma influência *piagetiana* na filosofia da rede DPH, de que o conhecimento vem sempre associado a compreender, que por sua vez “é inventar, ou reconstruir através da reinvenção, e será preciso curvar-se ante tais necessidades se o que se pretende, para o futuro, é moldar indivíduos capazes de produzir ou de criar, e não apenas de repetir” (Jean PIAGET, 1988, p. 17).

A base de dados comum: experiências, reflexões e informações úteis para a ação

O banco DPH continha, em meados de 2000, pouco mais de sete mil fichas. Existem em espanhol (20%), em francês (cerca de 70%) o que explica as origens da rede e (10%) em inglês e português. Os autores são originários de 41 países.

Os temas são muito diversificados: o desenvolvimento, a agricultura, o meio ambiente, a exclusão, a cultura, a moradia (habitação), a construção da paz, o financiamento e o crédito, a formação etc. Se trata às vezes de resenhas de livros, artigos e documentos diversos, mas também de entrevistas, informações de palestras, apresentações de organismos e colaboradores, personalidades e recursos, breves avaliações de ações, explicações sobre a construção de ferramentas de trabalho, reflexões organizativas, fichas sobre formas de financiamento, glossários, itinerários (roteiros) de informação.

Segundo a rede DPH e na ”opinião de muitos de nossos colaboradores, se trata de um autêntico tesouro. Mas não um tesouro como os outros: seu valor cresce cada vez que se lança mão de suas riquezas. Para que a base comum resulte verdadeiramente útil para a ação deve ser explorada e questionada” (DPH, 1998, p. 41) pode-se ver aqui uma influência do conceito de *conhecimento aberto* que com o advento da internet está hegemonizando a sociedade contemporânea.

○ controle coletivo das fichas

Uma ficha, uma vez redigida, entra no banco de experiências de seu redator (Base CEN), que a propaga (difunde) livremente em sua própria rede. No caso da rede local da Associação Diálogo – Cultura e Comunicação a sua base CEN, possui cerca de 300 fichas e articulado com outros parceiros divulga com o LAMCO – UNIVALI, fichas na Revista Vozes & Diálogo e outras publicações. Posteriormente é feita uma análise coletiva da ficha antes de incorporá-la a base DPH, já que a qualidade das fichas é uma condição indispensável para o uso da base.

Este controle coletivo estabelece-se em três níveis:

- Em conformidade (semelhança – harmonia) das fichas e as normas de introdução de dado, sem a qual se pode comprometer o bom funcionamento da base DPH.
- Legibilidade e interesse da ficha: uma olhada no aspecto é imprescindível já que certas fichas, cuja redação tem sido útil por si mesma ao contribuir para clarear as ideias do redator, se mostram pouco compreensíveis para os demais membros.
- Codificação dos narradores.

Até os finais de 1992, a fiscalização do que era dito era efetuada de forma centralizada pela pessoa encarregada da administração (gestão) da base de dados (tarefa assumida pela Associação PONT, na França). Em 1993, se decidiu que:

- As fichas transmitidas pelas redes associadas deviam ser objeto de um controle coletivo prévio (antecipado) pelos membros destas redes, e poderiam ser incorporadas depois à base comum DPH sem nenhum adicional: as reuniões a mais dos responsáveis das redes associadas proporcionam uma oportunidade para debater conjuntamente as normas de qualidade.
- Se constituíram grupos de revisores por temas: as pessoas interessadas em um determinado tema sem serem especialistas no mesmo podem dar uma nova visão à informação.

Estes revisores não corrigem as fichas mas sim transmitem suas observações, perguntas e sugestões (DPH, 1998, p. 42).

Os bancos locais

Por sua parte, os membros da rede alimentam, organizam e tiram ensinamentos de sua própria memória coletiva, fazendo uso da mesma em função de seu âmbito de trabalho e campo de ação, das necessidades de seu público e das modalidades de aprendizagem próprias de sua cultura.

Assim por exemplo, no México, certas fichas são adaptadas para radiodifusão: outras no Brasil, são a expressão de grupos populares.

O tesouro dentro da rede DPH

Buscar respostas em um banco de experiências, significa em última instância, pesquisar sobre os vínculos existentes entre situações, experiências, reflexões, pessoas que se identifiquem com a situação e os próprios centros de interesses. A ideia de “proximidade” ou de “distância” entre fichas está na base da iniciativa da rede DPH. Esta proximidade pode ser do tipo geográfico, temático, de enfoque etc. Os “pontos de vista” a partir dos quais se expressam a proximidade ou a distância entre duas situações e duas experiências são inumeráveis. Como evitar ter todas as fichas para relacionar as que têm mais possibilidades de interessar a um determinado pesquisador ou grupo?

O método de DPH consiste em identificar as questões e os pontos de vista que contém as fichas e, por eles, caracterizá-las mediante uma palavra ou uma série de “palavras-chave”. Baseado em técnicas e conhecimentos de banco de dados, biblioteconomia e das ciências da informação a rede DPH tem definido um conjunto estruturado de palavras chaves comuns, um catálogo: um TESAURO.

Os catálogos são em uma rede uma ferramenta imprescindível para o intercâmbio de experiências.

Codificação e descrições na ficha DPH

Os *descritores* utilizados, concebidos por estar dirigidos à ação, são de vários tipos:

- Os *descritores geográficos*, que indicam a região ou os países em questão.
- As palavras chaves DPH são as do catálogo (tesauro) comum: são as principais ferramentas de busca e constituem o vínculo entre todos os membros da rede.
- As palavras chave central são as palavras mais precisas (exatas) utilizadas por cada rede associada.

Desse modo, permitem a renovação e a atualização do catálogo comum, previamente proposta pelos membros da rede.

○ tesouro é uma construção coletiva

Um membro da DPH dispõe de vários arquivos de experiências: seu próprio arquivo (Base CEN), o de sua rede associada (BASE VOZES) e, por último, o arquivo DPH comum à todos (BASE DPH). Por conseguinte, é possível que haja também vários catálogos criados por instituições e redes, que refletem suas preocupações específicas, mas somente a existência de um catálogo (tesouro) DPH comum e multilíngue, ponte entre estes diversos sistemas, que permite o intercâmbio através das fronteiras geográficas, culturais, disciplinares e institucionais.

Existem nas várias redes ligadas a área da ciência da informação, inumeráveis catálogos (tesauros) bem elaborados. Porém as necessidades de uma rede de intercâmbios como DPH são específicas e por isso têm exigido desta rede inovar e fazer da elaboração dos catálogos (tesauros) uma tarefa essencial, coletiva e sempre inacabada.

Com objetivo de enriquecer uma primeira lista de *descritores* elaborada pela FPH e RITIMO em 1988, a partir de 1992 se foram constituindo grupos de trabalho em torno a diversos temas: meio ambiente e desenvolvimento sustentável, práticas e criação de direito, educação, habitação e moradia, exclusão e integração, construção da paz, agricultura e meio rural e sistema energético mundial (DPH, 1998, p. 43).

Estes grupos temáticos, respaldados por uma equipe de animação responsável pelo tratamento, redação e circulação das propostas, decidiram em comum acordo, as palavras-chaves que deviam selecionar-se em um determinado campo para enriquecer o (tesouro) catálogo inicial. A partir de suas preocupações e servindo-se das fichas da base e dos catálogos preexistentes, estes grupos elaboraram uma lista de palavras e propuseram as definições de certas palavras chaves determinando os contextos nos quais seriam utilizadas, e logo se dedicaram a reagrupar as palavras em “conjuntos” de palavras relacionadas. Este trabalho culminou com um esforço mais sistemático para estruturar o conjunto do catálogo (tesouro).

A eleição das palavras chaves, no catálogo DPH está na constante evolução, em função da aparição de novos temas de interesse para as redes associadas. A abertura de novas palavras chaves se realiza com a condição de que seus proponentes as situem claramente em suas relações e semelhanças com as palavras preexistentes.

Ferramentas do Tesouro

Tesauros impressos

Atualmente se dispõe de dois tesauros impressos. O primeiro, o Catálogo de Indexação, que é o fruto do trabalho de vários anos precedente dos grupos temáticos e da equipe de animação.

Existe em versão francesa, inglesa, espanhola e portuguesa, com um sistema de vínculos linguísticos. Este documento se apresenta estruturado em duas partes de (procura) busca manual: por âmbitos temáticos, ou em lista alfabética permutada.

O TESAURO DE BUSQUEDA (catálogo de busca), representa o estado atual da base de dados, a evolução e o surgimento de palavras chaves novas. O Catálogo de busca se apresenta em um formato multilíngue, estruturado em âmbitos temáticos e em lista alfabética permutada, mas sem equivalências linguísticas (Idem, p. 45).

A base de dados "Tesouro"

Esta base de dados, administrada atualmente pela associação ENTRE SIGNES ET CULTURES, contém o conjunto de descritores do catálogo DPH, com todas as informações que fazem referência à mesma (códigos de classificação, frequência de uso, definições, semelhanças, equivalências etc). Incorpora igualmente as adições (somas) procedentes da base comum, em espera de processamento.

A representação cartográfica do catálogo (Tesouro)

Para "codificar" uma ficha elegendo as palavras chaves que lhe correspondem e para levar a cabo as buscas na base DPH, é preciso dispor de conjuntos estruturados de palavras chaves agrupadas por âmbitos temáticos e, dentro de cada âmbito, por capítulos.

Mas para uma rede internacional, multitemática e pluricultural como DPH é necessário, sobretudo, dispor de autênticos mapas geográficos nos quais se pode buscar progressivamente as palavras semelhantes ou vinculadas a uma determinada palavra, da mesma maneira que um se orienta em um país ou dentro de uma cidade.

O tesouro DPH evolui cada vez mais para uma representação gráfica (os mapas) completada por índices (as listas permutadas). Assim como existem mapas onde só aparecem as grandes cidades e outros onde figuram os detalhes, certos mapas do ATLAS DPH mostram as relações principais enquanto que outros incluem palavras mais especializadas e permitem aperfeiçoar (afinar) a busca sem estar limitado pelo número de descritores. Os sistemas informáticos em linha permitem superar estas limitações. O início de um sistema informatizado de navegação com cartografia (mapas). É nesse espírito que este trabalho de pesquisa se insere e propõe contribuir para a construção de uma metodologia de cartográfica de redes.

O sistema de navegação e busca

A “falta de precisão” é um dos fundamentos do intercâmbio de experiências. Se antes era necessário que duas palavras fossem sinônimas ou diferentes, agora pode-se dizer que “é quase igual” ou “se parece bastante”.

Além disso, é necessário poder delimitar ou ampliar uma busca de maneira simples, conforme os conhecimentos dos grupos, redes ou pesquisadores.

Atualmente, se dispõe de uma ferramenta, informática de ajuda à indicação e à busca enquanto se navega. As palavras para indexar uma ficha ou encontrar a resposta a uma pergunta que se busca partindo de um conceito conhecido, ou avançando bem desde um campo geral.

Esta navegação permite passar de um campo à outro, voltar para a lista alfabética trocada (permutada), combinar equações de busca com campos geográficos, criar *macros* com as operações mais frequentes etc.

Deste modo, este sistema é multilíngue, permite lançar uma busca a partir de um termo (uma palavra) inicial em um determinado idioma, para um vocábulo em uma ou várias línguas (quatro idiomas disponíveis).

Os suportes informáticos

A informática tem realizado uma revolução no âmbito da gestão da memória, ao colocar computadores, ao alcance de muitas organizações, graças ao seu barateamento de custo.

No princípio, a rede DPH optou pela norma IBM-PC. Com o tempo, foram surgindo diversas necessidades e se propuseram novas soluções. Desta forma, existe uma aplicação DPH básica, com várias apresentações.

A base de dados instalada em computadores IBM-PC, continua sendo a norma, já que segue sendo acessível a maioria da rede dph. Isto não impede a produção e a difusão das fichas em papel, condição essencial para a participação daqueles que não estão informatizados.

Base de dados DPH em CDS/ISIS

Com o objetivo de que o sistema seja acessível ao maior número de pessoas, a rede DPH elegeu desde o seu nascimento o programa CDS/ISIS, desenvolvido pela UNESCO em MS-DOS e já muito difundido no mundo. A UNESCO autorizou à FPH a difundi-lo gratuitamente para uso não comercial.

Neste suporte se desenvolveu uma aplicação que se encontra na base dos desenvolvimentos posteriores, em qualidade de versão (tradução) de referência. Todo aquele que se filiar à rede DPH recebe gratuitamente o programa, o manual

do usuário, o banco de experiências, este último em disquetes ou CD-rom. A atualização da base se realiza periodicamente, mediante o envio de um disquete classificado – arquivado conforme a norma estabelecida por DPH.

Atualmente a versão de referência está disponível em quatro idiomas: francês, espanhol, inglês e português. O manual do usuário também está disponível em francês, inglês e espanhol.

A versão de referência segue sendo acessível para qualquer PC, inclusive para as configurações menor potência e pouca memória RAM.

A manutenção da aplicação ao igual que a gestão da base de dados corre por conta da associação PONT (Popularização das Novas Tecnologias), situada em Paris. Enquanto o desenvolvimento dos programas é de responsabilidade da LAMI (Associação de Apoio Mútuo para um uso social da Informação) que se encontra em Pantin, região parisiense.

DPH em Winisis

Winisis é a versão Windows de CDS/ISIS, para computadores e redes, também desenvolvida pela UNESCO. A Aplicação resulta na facilitação e em uma face mais amigável e interativa para uso do CDS/ISIS. A Utilização deste aplicativo se dá como uma plataforma incorporada e baseada na base DOS. A UNESCO está desenvolvendo mais recursos para esta ferramenta facilitadora em linguagem Windows.

DPH em 4D Macintosh

A fim de poder responder a demanda dos usuários de MACINTOSH, desde 1995, a Rede DPH dispõe de uma versão neste formato. Esta versão foi desenvolvida a partir do programa Quarta Dimensão. Que garante uma compatibilidade total entre a versão MACINTOSH e a versão de referência em PC. Esta versão só está disponível em francês; e o mesmo ocorre com a documentação do usuário. Ambas têm sido desenvolvidas por Jean-Marie Viveret.

DPH em Navibase

O programa NAVIBASE é baseado na linguagem Windows e foi desenvolvido com o apoio da rede DPH e da FPH, pela LAMI (Associação de Apoio Mútuo para um uso social da Informação) que criou uma ferramenta muito utilizada pela rede. É uma ferramenta que ajuda a deixar o programa ISIS-DPH mais amigável e interativo.

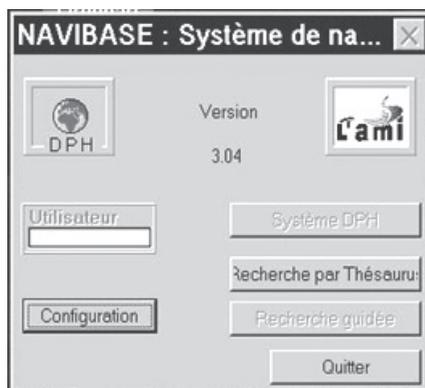


Figura 38 DPH em NAVIBASE.

Ele é utilizado por muitos membros da rede DPH, inclusive pela Associação Diálogo Cultura e Comunicação e o Laboratório de Mídia e conhecimento da UNIVALI (LAMCO).

Por esse motivo analisa-se com mais detalhes essa ferramenta:

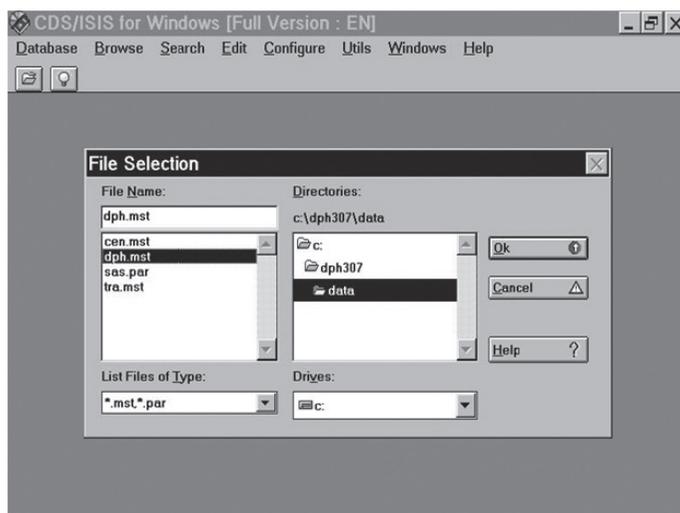


Figura 39 Ferramenta.

Segundo Vaughan, “um banco de dados pode armazenar, recuperar e organizar muitos tipos de informações. Como as planilhas, os bancos de dados podem existir em um ambiente digital sem precisar ser impressos em papel.” (1999, p. 200). Estas informações digitais, tem também que ser de fácil compreensão para acesso e leitura. O programa NAVIBASE facilita o acesso as bases de dados do programa ISIS-DPH. Sua interface é amigável e lembra a abertura de um programa do Windows explorer. Pode-se selecionar a base com apenas três clicks

do mouse. Baseado em Black (1997), pode-se dizer que esta ferramenta tem um design consistente. Em páginas diferentes, as ferramentas de navegação e as ilustrações tem o mesmo aspecto em todas elas.

Além disso “é importante incluir botões que executem tarefas básicas, como sair do projeto de qualquer ponto ou cancelar uma atividade” (VAUGHAN, 1999, p. 139) tarefas que o programa executa com facilidade. Os botões e as instruções de navegação do NAVIBASE são simples e claras.

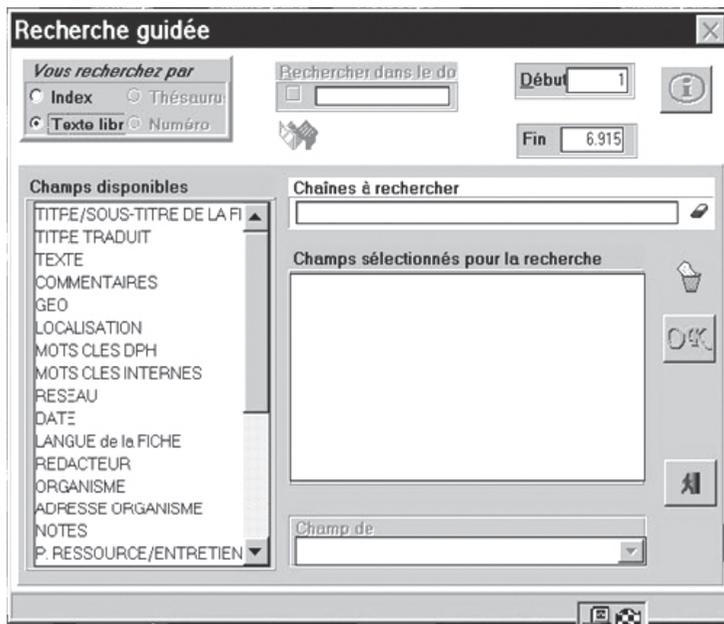


Figura 40 Botões e as instruções de navegação do NAVIBASE

Ao entrar na interface Recherche guidée (guia de pesquisa) no link texte libre (texto livre) tem-se uma visão da maioria dos campos disponíveis das fichas DPH. Do título as notas. O design é limpo e com botões que fazem sentido, com desenhos que representam claramente a saída, o lixo ou o “OK” para fazer a busca das palavras chave das fichas, assim com se visualiza o numero de fichas (6915) e o número da ficha em questão “Seu design de movimentação deve fornecer botões que façam sentido” (VAUGHAN, 1999, p. 139).

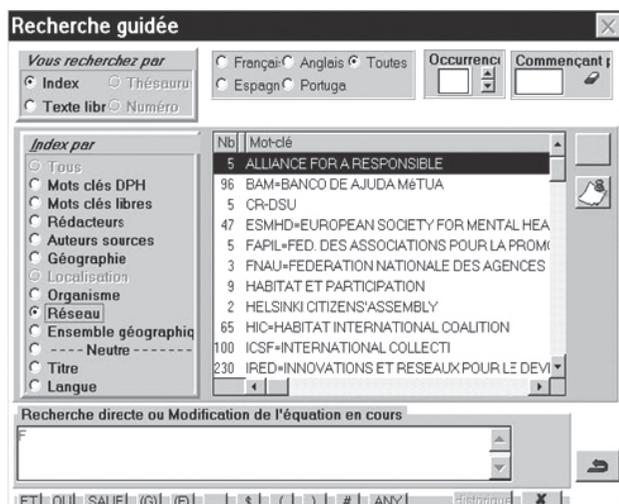


Figura 41 Recherche Guidée.

Ao clicar em *index* tem uma interface com a maioria dos campos de busca das fichas DPH: palavras chaves DPH, redatores, geografia, organismo e rede associada etc. “A interface do usuário do seu produto multimídia é uma combinação dos seus elementos gráficos e do seu sistema de movimentação. Se as suas mensagens e o seu conteúdo estiverem desorganizados e difíceis de ser encontrados, ou se os usuários ficarem desorientados ou aborrecidos, seu projeto poderá dar errado” (VAUGHAN, 1998, p. 132). Neste caso, isto não acontece, ao clicar em *rede (réseau)* por exemplo, em poucos segundos se tem a noção clara das várias redes e entidades associadas e o número de fichas que estas entidades possuem na base DPH.

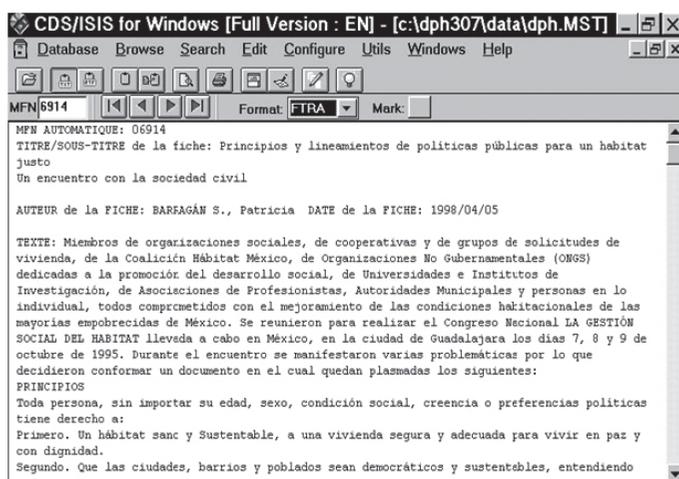


Figura 42 CDS/ISIS.

Ao acessar uma ficha DPH no NAVIBASE se tem uma leitura razoável, com tipos de letras e tamanhos limpos, porém, segundo os critérios de Black, um texto extenso. Com tipos pequenos. É muito difícil ler textos nas telas do computador. A ideia geral do programa é fazer tudo maior do que seria na impressão, mas os tipos poderiam ser maiores. Os textos tem um bom contraste com o fundo. Porém, para ler a ficha DPH, as páginas exigem rolagem e “a maioria dos navegadores nunca irá fazer a rolagem” (BLACK, 1998). Essa contradição persiste, pois é impossível ler uma ficha, pelas suas dimensões, no computador sem fazer rolagem, e ao mesmo tempo, aumentar os tipos de letra.

O desafio da metodologia: do trabalho intelectual ao intercâmbio de experiências

Sistematizou-se aqui as propostas metodológicas apresentadas pela rede DPH para o uso do banco de dados e suas fichas DPH. A Rede DPH se coloca alguns desafios e questionamentos: “como se chega ao conhecimento? De que forma nos podem conduzir os métodos de trabalho que se emprega para decifrar melhor e capitalizar melhor nossa experiência? E, por conseguinte, mediante em que operações pode-se melhorar e fazer mais potente e eficaz o intercâmbio de experiências?” (DPH, 1998, p. 50)

Estas interrogações tem levado a rede à explorar os recursos de análise de sistemas para orientar uma metodologia de intercâmbio de experiências. As análises de sistema constituem um método particular – e não uma teoria – para abordar a realidade. Nascido das crises dos postulados cartesianos e de um esforço por pensar na complexidade renunciando a reduzir-la a um conjunto de elementos simples, seu uso se tem desenvolvido com a cibernética, a biologia e certas ramificações matemáticas (idem, p. 51).

Com o transcurso dos anos estes instrumentos têm ajudado muito trabalho sobre o intercâmbio de experiências e o uso das fichas.

O ponto de partida intuitivo de nossa iniciativa, é a ideia de que cada situação, cada contexto local, constitui um “sistema”: cada conjunto engloba um aspecto que traduzem os vínculos entre os homens e seu meio, outros traduzem as lógicas sociais, incluindo outros que traduzem as lógicas autônomas dos sistemas técnicos. Todo sistema é único em seu gênero.

Comparar sistemas não consiste em fabricar amostras estatisticamente significativas e comparar dois fatores para examinar os vínculos entre os mesmos, como se faria para estudar o efeito da classe social nas intenções de voto ou o efeito de um medicamento no tratamento de uma enfermidade (doença).

A rede DPH prefere a utilização de métodos “clínicos”: “se distingue as particularidades de cada caso dentro de sua globalidade e logo se tenha, planeja

comparar essas globalidades e colocar manifesto as analogias: mas além de sua diferença, a miúdo os diferentes contextos estudados estão construídos de maneira similar” (DPH, 1997, p. 51)

Como exemplo, em um encontro internacional onde existe uma escuta mútua real, o pesquisador, ou animador descobre uma unidade subjacente por debaixo da diversidade aparente. Os problemas fundamentais são frequentemente os mesmos, o que não significa que as soluções sejam idênticas em todas as partes.

Que operações intelectuais sucessivas são necessárias para chegar a este tipo de comparação?

1. A primeira operação consiste em analisar o estado e as relações do sistema. Isto obriga a ir ao essencial, a superar as aparências. Se trata exatamente da operação intelectual que implica a redação de uma ficha DPH. Redigir em poucas palavras é um exercício intelectual que nos faz precisar determinar e estruturar nosso pensamento. O uso de palavras concretas é necessário para descrever um sistema em sua singularidade. Se evita o emprego de palavras abstratas, que forçariam uma generalização precipitada e levaria a substituir a descrição de um sistema singular pela representação geral que se faz pelo mesmo.
2. O esforço de estruturação progressiva prossegue com a codificação. Esta obriga a identificar os temas principais abordados e designá-los mediante palavras chaves. Daí a importância da estrutura do catálogo (tesauro): o cuidado e a definição das palavras e mais ainda o estudo das relações de ordem e de semelhança entre elas é um dos elementos decisivos da estruturação das representações que se faz da realidade.
3. A terceira operação consiste em relacionar histórias que apresentam analogias desde um determinado ponto de vista. Por exemplo, em torno ao crédito em benefício dos mais pobres, a reabilitação dos bairros, a habitação de imigrantes, o desenvolvimento local etc. O catálogo (tesauro) e o sistema informático de busca são as ferramentas de navegação das que se serve para efetuar a seleção de “histórias”.
4. A quarta operação, preferentemente coletiva, é “a análise transversal”. Esta análise consiste em descobrir progressivamente as analogias que fazem que as histórias tenham elementos comuns.

No encontro de Caracas sobre a reabilitação dos bairros populares, a FPH experimentou, por exemplo, um método consistente em pedir à pessoas que contem com a experiência da ação que digam quais as maiores dificuldades que têm que enfrentarem seus trabalhos de base. É a confrontação destas dificuldades que deixa evidente progressivamente os elementos comuns.

5. As preocupações comuns assim identificadas podem, por exemplo, expressar se em forma de plataforma ou de declaração, em três subdivisões: constatações

essenciais, valores essenciais e prioridades para a ação. Com efeito, se se quiser que este trabalho intelectual de confrontação de experiências desemboque na ação coletiva, é preciso reconhecer que esta se apoia na adesão a um certo número de valores. Este método se inspira no utilizado por certas empresas para dar forma a sua experiência. (idem, p. 52) Como já se viu anteriormente a filosofia e a metodologia DPH é claramente influenciada pelas novas teorias sistêmicas, da complexidade, dos fractais e do caos.

4.4 Identificação e análise organizacional da rede DPH: a criação de um modelo cartográfico e de um método de identificação de redes comunicacionais na internet

Introdução

Neste item, identifica-se e seleciona-se os principais atores sociais, organizações e entidades que compõem a rede DPH. Será realizada, na prática, a criação de um método de identificação de redes comunicacionais na internet. Como parte desse método, baseado em padrões, realiza-se a identificação e descrição individual das entidades eleitas como nós da Rede DPH. Será feita uma minuciosa apresentação das entidades selecionadas, identificadas e descritas individualmente, como parte do método de criação do modelo cartográfico e organizacional da rede DPH.

Para realizar essa identificação, descrição e definição dos organismos nós da Rede DPH, foi considerado a comunicação eletrônica da Associação Diálogo, o Fórum DPH na internet, o site da rede na WEB, os documentos impressos da rede DPH, consultas de fichas na base de dados ISIS-DPH e as entrevistas realizadas e estudadas para esta pesquisa. Com esse subsídio, propor-se-á um modelo de representação gráfica de organizações virtuais, ou seja uma cartografia, inspirada na teoria dos fractais e nos modelos de organogramas criados por Tíffin & Rajasingham.

Os padrões de identificação e seleção dos nós da rede dph

Os padrões considerados para identificação e seleção dos atores sociais e “nós” relevantes na rede DPH são os seguintes:

- Participação ativa que represente um fluxo de informação no Fórum eletrônico em uma das três versões (inglês, francês, espanhol)
- Participação com fichas documentais no Banco de dados ISIS –DPH.

- Assumir a participação na rede ou em uma das redes que compõem a rede DPH.
- Ser citado ou ter participação nos materiais impressos (boletins, foulders, manual de utilização, tesouros etc).
- Presença no site da rede DPH na WEB.
- Participação nos encontros presenciais da rede DPH ou de suas redes temáticas ou regionais (seminários, reuniões do ceno, oficinas técnicas, encontros internacionais).

Nos níveis fractais de análise da Rede Vozes e da Associação Diálogo e suas relações, foi considerada a mesma lógica do padrão de análise da rede DPH global, pesquisando documentos eletrônicos, impressos da entidade, e outras fontes, para identificar os “nós”, atores e fluxos de informação.

A partir da identificação dos atores sociais, baseado nestes padrões, utiliza-se como ferramentas para criação dos modelos gráficos organizacionais e comunicativos, o programa Orgchart (Organograma Microsoft) e as ferramentas de desenho do Microsoft Word, para um esboço inicial das entidades e suas relações comunicativas. Entretanto, considerando as limitações destes programas e de outras ferramentas de criação de organogramas organizacionais, utiliza-se os programas de desenho gráfico e diagramação Page Maker e Corel Draw para complementar a criação da representação gráfica e identificação do modelo visual da rede DPH, contribuindo desta forma para o entendimento e a representação de modelos de redes e da teoria dos fractais e sua complexidade.

Neste sentido, o modelo de cartografia e os organogramas construídos levam em conta a premissa da teoria de redes que considera que embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para que sua expansão penetre em toda a estrutura social. Assim, as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 1999, p. 497). Por isso, leva-se em consideração a afirmativa de Manuel Castells de que “o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos de poder” (1999, p. 497) para construir a cartografia e o organograma da rede DPH. Considera-se assim que as redes são estruturas dinâmicas, abertas, capazes de se expandirem de forma ilimitada, acrescentando novos “nós”, desde que consigam conectar-se e comunicar-se com mesma linguagem, ou seja, compartilhando os mesmos códigos de comunicação (Idem).

Assim nossa descrição de cada entidade pesquisada na rede e a nossa construção cartográfica deve ser entendida como um retrato de um momento de uma rede dinâmica sempre em movimento e transformação. Outro aspecto considerado na metodologia utilizada é que os “nós” identificados, ou seja as entidades,

organismos eleitas como conexões importantes para a construção do desenho da Rede DPH, partem da relação díade entre a Associação DIÁLOGO e a Rede DPH.

A partir desta ótica, apresentar-se-á o modelo em três níveis fractais: A DIÁLOGO, suas relações e fluxos comunicacionais diretos. Num segundo nível fractal, a relação DIÁLOGO e Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela Base. Uma rede temática que tem como tema principal a “democratização da comunicação e da informação” e que possui um componente geográfico: é uma rede latino – americana. O terceiro nível fractal estudado e apresentado em um organograma cartográfico compõem-se dos “nós” da relação global da Díade entre a Associação DIÁLOGO e a rede DPH.

Apresentação e seleção dos principais membros da rede DPH identificados

A seguir, apresentar-se-á as principais organizações identificadas como participantes na construção da rede DPH no período estudado. É importante salientar que a Rede DPH, como rede virtual, possui um grau de fluidez, volatilidade, flexibilidade, inerentes à sua complexidade. É importante considerar também que o ângulo e a ótica aqui apresentados, partem de uma das redes de pesquisa que se insere na rede DPH, a díade DIÁLOGO-VOZES.

Das centenas de entidades citadas, seleciona-se uma série de organizações dentro do padrão e da ótica que servirão à construção do modelo organizacional pretendido. Salienta-se que foram consideradas para fins de estudo, somente entidades e organizações formais que estão na Rede. Não foram considerados indivíduos isolados, mesmo sendo importantes pesquisadores ou integrantes da rede DPH.

Somente no site da rede DPH (<http://w1.neuronnexion.com/DPH/>). citadas como parceiras da rede, há um total de 122 contatos⁴. Muitas destas foram consideradas “nós” da rede DPH em seu nível fractal global, mas uma boa parte não se enquadrou neste perfil. Ver-se-á a seguir, as entidades e redes que se enquadraram como “nós” da Rede DPH.

Apresenta inicialmente a Associação Diálogo e a Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso da Humanidade (FPH) que já estamos estudando no decorrer deste trabalho. São as duas pontas de nossa pesquisa: uma, a Diálogo, o locus onde realiza-se a pesquisa no Brasil. A outra, a FPH, a ponta onde o processo de organização da rede começou e ainda a principal animadora da rede. As demais entidades identificadas como “nós” serão citadas resumidamente por ordem alfabética levando em consideração os padrões estabelecidos de identificação dos

4 Ver lista de entidades no anexo.

atores da rede. Por último apresenta-se a rede temática Rede Vozes do Silêncio e as entidades “nós” desta teia que não tem participação direta na rede DPH.

Diálogo, cultura e comunicação (Brasil)

Diálogo – Cultura e Comunicação é uma organização civil, sem fins lucrativos cujo objetivo principal é promover – através de recursos comunicativos e culturais – a democratização da informação para a construção de uma sociedade participativa e democrática. Entende-se democracia como uma opção de gestão política e social, segundo a qual as relações políticas, econômica, sociais, ambientais e culturais devem estar fundadas nos princípios do estímulo a participação de todos, da liberdade, da igualdade de condições, da solidariedade e do respeito a diversidade. DIÁLOGO tem por princípio trabalhar em parceria com outras entidades que venham a complementar seu trabalho na área da educação e cultura popular, além de priorizar atividades junto aos movimentos sociais populares e democráticos. Buscando auxiliar na construção da cidadania, atua junto a movimentos de trabalhadores rurais, de valorização cultural, racial, de gênero e da infância, movimentos pela democratização da comunicação e ecológicos entre outros.

Diálogo desenvolve um programa de formação e assessoria na área de cultura e comunicação que inclui cursos e seminários de formação técnica e de políticas de comunicação. Alguns temas de curso são: técnicas de produção em vídeo, comunicação e expressão oral, teoria da comunicação, marketing político e estratégia eleitoral, análise crítica dos meios de comunicação, metodologia de utilização de recursos comunicativos e dinâmica de grupo entre outros. Além do programa de cursos, DIÁLOGO possui, em conjunto com a TV Comunitária de Florianópolis, a TV FLORIPA, uma videoteca popular, com fitas de vídeos com títulos que sirvam aos grupos comunitários, educativos e movimentos sociais populares.

A entidade conta com um grupo de profissionais e com equipamento para gravação em vídeo e fotográfico, para documentação de eventos e produção de materiais audiovisuais e impressos de caráter informativo e de apoio pedagógico. Possui uma linha de produção editorial impressa (livros, revistas, boletins etc.).

Com o objetivo de democratizar e promover a participação em redes internacionais de informação, cultura e comunicação a entidade faz parte da rede DPH (Diálogos e Documentos para o Progresso do Homem) e anima uma rede temática com grupos que trabalham e produzem informações sobre o tema da comunicação e democratização da informação intitulada Rede Vozes do Silêncio, Comunicação pela Base e ainda se destaca na “formação de lideranças em comunicação popular e na gestão pública da Televisão Comunitária de Florianópolis”. (DPH, 1999, p. 70; TRAMONTE & SOUZA, 1996, p. 35; MEKSENAS, 2001, p. 215).

Usos sociais do DPH: reflexões sobre a prática do diálogo e seus parceiros

Diálogo – Cultura e Comunicação é uma associação que trabalha em forma de rede, em nível local. O trabalho é desenvolvido sempre em conjunto, em parceria com grupos e entidades da região onde atua. Sua ação tem como prioridade a democratização da comunicação e da cultura, assim como a valorização da informação das comunidades locais e regionais.

A associação é formada por pesquisadores, educadores e comunicadores intimamente vinculados a movimentos sociais e culturais do estado de Santa Catarina, e que participam de outras entidades, movimentos e instituições da região sul do Brasil. Essa rede local de parceiros, é formada por apoiadores de movimentos sociais como: de trabalhadores rurais Sem Terra, de valorização da cultura afro-brasileira, de defesa das crianças marginalizadas, movimento pela democratização da comunicação, além de ONGs (NEN, ABVP-SC, MNMMR, TV FLORIPA, ACAPRA, GAPA-SC). DIÁLOGO desenvolve trabalhos de comunicação e cultura em parceria com sindicatos de trabalhadores (SINERGIA, CUT-SC, APUFSC etc) mantendo convênio com Universidades (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Universidade do Vale do Itajai – UNIVALI).

Em nível interno, DIÁLOGO trabalha com o programa DPH, para registro de suas experiências de comunicação e cultura. Faz uso das fichas DPH em cursos de formação realizados pela associação. Como exemplo, cita-se um trabalho de reflexão sobre metodologia de uso do vídeo, onde pode utilizar fichas sobre as experiências já realizadas e refletir com os participantes. Utiliza fichas DPH também para registro e pesquisa sobre metodologia de uso de novas tecnologias em comunicação com universidades. As fichas DPH são utilizadas como memória e como uma forma de divulgação interna da associação. Vários dos relatórios (atas, relatórios de encontros, viagens etc.) da entidade são realizados no formato DPH. Utiliza as fichas DPH para repassar informações para publicações locais e regionais. Em muitos cursos realizados pela associação DIÁLOGO as fichas são utilizadas como forma de divulgação da rede DPH e também como forma de familiarizar grupos próximos, não informatizados. DIÁLOGO tem realizado em convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina o desenvolvimento de uma conferência eletrônica da Rede Vozes do Silêncio Comunicação pela Base na América Latina. O banco de dados DPH foi eleito como carro chefe da divulgação das possibilidades de pesquisa e experiências alternativas na área da informatização. A conferência tem como objetivo trocar informações sobre a democratização da comunicação e cultura na América Latina, além de divulgar o programa e a rede DPH. Desenvolve junto a UNIVALI, que é uma importante fundação universitária do interior de Santa Catarina, um trabalho junto ao LAMCO – Laboratório de mídia e conhecimento. O LAMCO-UNIVALI possui uma equipe

e equipamentos ligados a internet e colabora com a Rede Vozes do Silêncio e a conferência eletrônica coordenada pelo DIÁLOGO. O trabalho é coordenado por filiados da ONG em colaboração com professores e alunos da faculdade de Comunicação da Universidade. O LAMCO-UNIVALI publica com assessoria da ONG a Revista Vozes e Diálogo com fichas DPH sobre comunicação produzidas pela rede e alunos da UNIVALI.

Na região sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina foram feitas ricas experiências com DPH com movimentos sociais populares.

Em nível interno as fichas DPH são utilizadas com grupos, com metodologia participativa, com grupos sociais da região. DIÁLOGO faz experiências junto a movimentos sociais divulgando e familiarizando estes grupos com as fichas DPH, principalmente seu conteúdo de forma impressa ou divulgada via outros meios de comunicação (rádio, vídeo, boletins etc). Em nível externo também sensibilizam e divulgam as fichas DPH de outros grupos através de temas que interessem grupos específicos. Utiliza fichas sobre a África, para grupos que trabalham com a cultura afro-brasileira, fichas publicadas sobre camponeses da América Latina para trabalhadores rurais do sul do Brasil e fichas sobre desenvolvimento e solidariedade internacional para organizações não governamentais interessadas no tema. As fichas DPH são também utilizadas para formação, inclusive por grupos não informatizados (TRAMONTE & SOUZA, 1996, p. 35).

Na figura 43 inspirado em Tíffin & Rajasingham desenvolve-se uma representação gráfica dos níveis fractais de comunicação da relação da Associação Diálogo nas suas mais variadas relações tendo o trabalho com a rede DPH como motivação.

Vê-se nesta figura, inspirado nas representações gráficas de Tíffin & Rajasingham (1995), os vários níveis fractais da rede de relações da Diálogo. Em nível fractal neural, vê-se um integrante, relatando manualmente sua experiência em fichas DPH. Tem-se, nesta representação, todas as relações de comunicação sincrônicas entre a Diálogo e seus parceiros, ou seja relações comunicativas diretas, em tempo real. Em nível fractal de grupo, tem-se representada uma sala de aula, onde os “nós” são, no exemplo, os alunos do curso de comunicação da UNIVALI, que redigirão fichas que serão repassadas ao LAMCO-UNIVALI (Laboratório de Mídia e Conhecimento) que por sua vez, selecionará e colocará as mesmas no formato ISIS-DPH na base CEN (centro), e enviará diretamente através de seus assessores para a Associação Diálogo⁵.

Em outros níveis fractais (de massa e global) podem ser visualizadas as relações assíncronas da Associação Diálogo. São formas de comunicação indireta, fer-

5 O LAMCO também divulga as fichas no seu site na internet: http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/, na revista Vozes & Diálogo e outros meios.

ramentas digitais (e-mail, web sites, fóruns eletrônicos, o banco de dados DPH), boletins informativos, impressos etc. Estas são as formas mais frequentes de relacionamento com a Rede Vozes do Silêncio e com a Rede DPH.

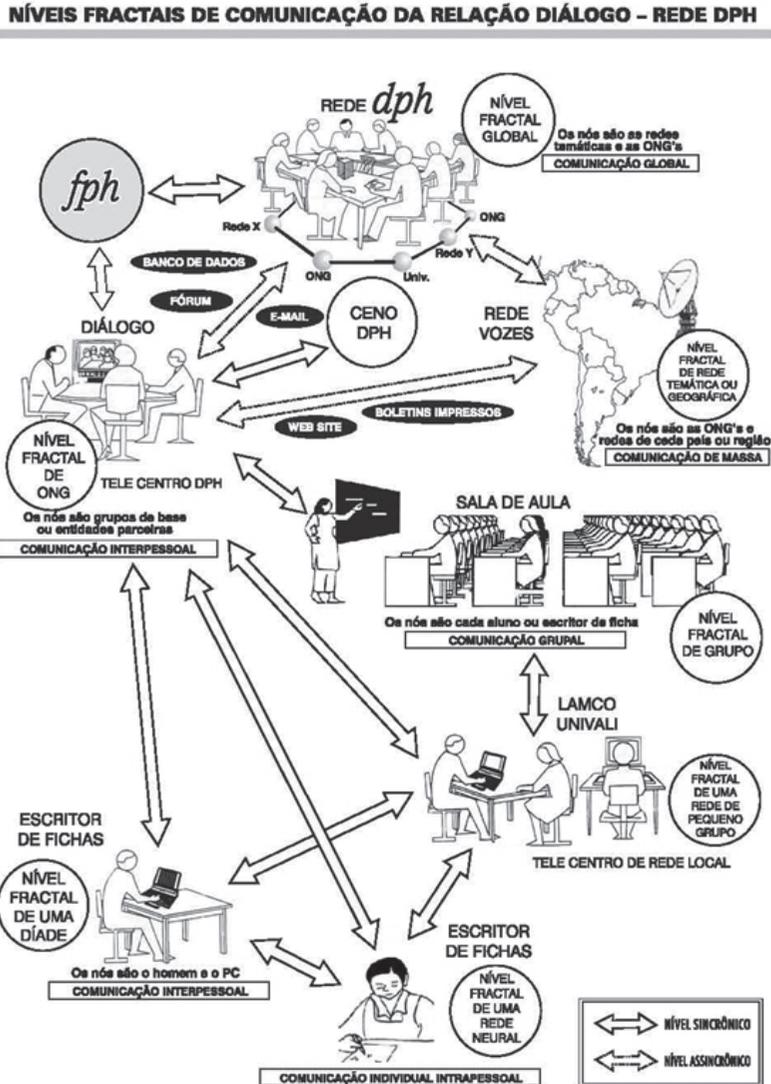


Figura 43

A Rede Vozes pode ser classificada como uma rede de nível de comunicação de massa, por ser uma rede temática de base geográfica que envolve entre seus trabalhos, a divulgação das informações para os grupos de base, para setores da mídia, instituições publicas e privadas, em nível massivo, utilizando meios de

comunicação de massa, alternativos etc. A Rede DPH pode ser classificada como global por ser uma rede de redes internacional que envolve grupos de várias partes do mundo na tentativa de construção de um projeto global, com uma perspectiva internacional.

FPH – Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (França)

A Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso do Homem (FPH) é uma fundação de direito Suíço, criada em 1982 e fundada por Charles Leopold Mayer, já falecido e presidida atualmente por Pierre Calame, como já informa-se em capítulos anteriores. Sua ação e sua reflexão se centralizam nos vínculos entre a acumulação de conhecimentos e o progresso da humanidade em sete campos: meio ambiente e futuro do planeta, encontro de culturas, inovação e mudança social, intercâmbio e relações entre Estado e Sociedade, agriculturas camponesas, luta contra a exclusão social e construção da paz. Com colaboradores de origens muito diversificadas (associações, administrações, empresas, investigadores, jornalistas), a FPH impulsiona um debate sobre as condições de produção e de mobilização dos conhecimentos a serviço de quem tem menos acesso aos mesmos. A FPH promove encontros e programas de trabalho, em comum, oferece e estimula um sistema normalizado de troca, intercâmbio de informações, baseado no Banco de dados DPH, apoia trabalhos de capitalização de experiências e edita ou co-edita obras (DPH, 1998, p. 71; FPH, 1999, p. 7)..

Em ordem alfabética apresenta-se os nós da rede DPH identificados a a partir da perspectiva da rede de relações da Associação Diálogo:

Amis d'une École de La Paix (Grenoble, França)

A Associação Amis d'une Ecole de la Paix tem como missão desenvolver atividades de investigação e documentação para proporcionar informações e participar em uma pedagogia sobre a construção da paz com as estruturas educacionais existentes e em benefício de diferentes públicos: estudantes, mundo associativo, investigadores, instituições públicas e internacionais.

O leque de temas abordados inclui desde a concepção habitual das problemáticas da guerra e da paz até uma compreensão dos problemas delineados, estabelecidos pela situação internacional, passando pelos problemas das sociedades desenvolvidas. Deste modo, o conceito de paz ou de segurança global abrange desde as relações internacionais até os problemas de exclusão social, passando especialmente pelo desenvolvimento e questões ambientais. Por conseguinte, é essencial para seu trabalho obter informação sobre os diferentes tipos e causas de

conflitos, assim como sobre as experiências de construção da paz e sua difusão para que sejam úteis para a ação.

ARCI – Association de Recherche Coopérative Internationale (França)

A Association de Recherche Coopérative Internationale é uma organização internacional não-governamental fundada por Paul-Henry Chombart de Lauwe na École des Hautes Etudes em Sciences Sociales na França. Trata-se de uma rede de instituições universitárias, organismos de desenvolvimento e investigadores que agrupa colaboradores procedentes de uma quinzena de países. Seus objetivos são transmitir e produzir conhecimentos desde uma perspectiva de comparações internacionais e de ação coletiva. ARCI se encarrega particularmente de analisar a intervenção da dinâmica cultural nos processos de transformações sociais, econômicas e técnicas.

CEDAL – Centre D'Etude du Developpement en Amerique Latine (França)

O CEDAL foi criado em 1977 e aborda os problemas do desenvolvimento na Europa e América Latina, mediante a criação de espaços de formação e de reflexão baseados na confrontação de experiências entre os agentes de campo, membros de organizações sociais e de associações locais, assim como técnicos e pesquisadores.

Os temas de trabalho do CEDAL são: cooperação internacional, desenvolvimento local e participação cidadã, economia do trabalho e solidariedade, educação para o desenvolvimento, educação popular, espaço rural e agricultura.

Suas ações são: animação de redes e de plataformas de debate, intercâmbio e análises de experiências, estudos e investigações, publicações e difusão.

Relativamente a projetos ligados a DPH, o CEDAL dirigiu “La Carta DPH”, boletim de articulação da rede; tem criado uma ferramenta de acompanhamento e avaliação no marco (moldura) do projeto “uma visão rápida sobre as inovações em matéria de luta contra a exclusão mediante atividade econômica” e faz parte do programa educação para o desenvolvimento “Essência de todas as Américas na França”.

CFCRSS – Centre Fox Cooperative Research in Social Sciences (Índia)

O centro, instalado em Maharashtra, Índia, organiza sessões de formação de animadores sociais rurais sobre métodos de ação concientizadora e práticas de organização militante no seio de grupos de castas e categorias sociais marginalizadas. Junto com os animadores e as animadoras das ditas camadas sociais, guarda

sua “memória”, tanto a das tradições de outrora (canções, mitos) como a de sua experiência do presente (relatos de vidas, testemunhos), e publica estes testemunhos como documentos da história dos excluídos e memória.

No setor da comunicação, tem em marcha um projeto de multimídia que trata da tradução feminina de cantos populares e, mais tarde, sobre relatos de vidas; possui igualmente um projeto de vídeo popular com grupos de ações rurais.

Entre Signes et Cultures (França)

A Associação Entre Signes Et Cultures tem por objetivo favorecer a capitalização e o intercâmbio de experiências de indivíduos, agrupações ou redes que trabalham pela construção de sociedades menos excludentes, mais justas e solidárias, assim como para promover e facilitar a comunicação intercultural. Foi criada em maio de 1996 como ramificação da associação Echosigne. Sua atividade principal é contribuir para a elaboração, difusão e popularização de metodologias que permitam estruturar e representar os conhecimentos resultantes das práticas de transformação social. No seio do DPH, a Associação se encarrega, desde 1994, da gestão do macrotesauro multilíngue. O objetivo é favorecer de maneira participativa a aparição e a formalização de conhecimentos das diferentes redes e grupos de trabalhos temáticos, respeitando as irregularidades das manifestações culturais. Aposta na investigação e no valor das passagens interculturais e linguísticas.

Espacios (México)

Espacios Culturales de Innovación Tecnológica é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1990. Seus objetivos são explorar e colocar em prova formas alternativas de vida, baseadas na autonomia e respeito à natureza e a cultura. Entre seus principais setores de interesses figuram as alternativas para “aprender, curar, habitar e alimentar-se”. (Educação, Saúde, Habitação e Alimentação.)

Trata-se de um espaço no qual as pessoas, grupos e comunidades interessadas na concepção, adequação, instalação e utilização de tecnologias alternativas apropriadas social e ecologicamente, podem trocar entre si ideias e informações, acessar a serviços e entrar em contato com outros grupos para contar com apoios às suas iniciativas.

Fraternité Europe – Asie (França/Vietnam)

A Associação Fraternité Europe-Asie vem realizando atividades há 30 anos no Vietnam, particularmente em matéria de ajuda técnica e humana, em colaboração com especialistas franceses.

Seus campos de intervenção são múltiplos: Agricultura, Educação e Formação Profissional, Urbanismo, Ecologia, Minorias Étnicas, Apadrinhamentos de Crianças, Prevenção e Informação Sobre AIDS etc...

Em relação com a rede DPH, a Associação realiza atividades de informação e documentação, principalmente em Paris trabalhando em coordenação com o jornal vietnamita *Công Giáo Vá Dan Toc* (Os cristãos e o povo).

GEYSER (França)

Criada em 1983, Geyser é uma Associação francesa que trabalha nos setores da agricultura, meio ambiente e desenvolvimento local e rural.

Seus modos de ação são variados: animação de redes, reflexões, organização de encontros, assistência técnica e acompanhamento de projetos, diagnóstico de situações, formação, informação.

GEYSER dirige vários programas:

- AGROPHORIA (rede de intercâmbios e de propostas para a agroecologia mediterrânea, com a FPH);
- EURODUR (rede europeia de desenvolvimento local sustentável), com diversas fundações europeias; “Bosques Sostenibles”, no México, em colaboração com a rede PASOS;
- “Terre Ferme” (grupo de participação e de ações por uma agricultura comercial para a escala humana).

A Associação publica uma revista de agricultura biológica, *ALTER AGRI*, e administra uma base de dados sobre o tema nos moldes de DPH. Atualmente coordena a publicação *La lettre de DPH*, boletim informativo de articulação da rede DPH (DPH, 1998, p. 72)

Habitat et Participation – rede carta europeia para o direito à habitação e a luta contra a exclusão (Bélgica)

Habitat et Participation é uma associação sem fins lucrativos cujo objetivo é promover iniciativas participativas e projetos no campo da habitação (moradias e espaços públicos). Estas iniciativas consistem em reunir todos os agentes para que se tome uma decisão de forma combinada (sensibilização dos poderes públicos, dos técnicos, mobilização do tecido associativo e dos habitantes). Atualmente, em vista da evolução política e sócio econômica, o centro de interesses se dirige aos problemas da exclusão social (pobreza, sem teto, sem domicílio fixo) e a promoção do direito à moradia como meio de luta contra a exclusão social. Reparte o tempo entre trabalhos de pesquisa e ações diretas. Uma parte da equipe trabalha em campo, com os habitantes da cidade de Bruxelas.

Participa de forma mais intensa nas seguintes redes: “Agrupación por el derecho al habitat” (âmbito nacional belga); a “Carta Europea por el Derecho a la Vivienda y la lucha contra la Exclusión” (âmbito europeu); HIC – Europe, seção europeia da ONG Habitat International Coalition (âmbito internacional). (DPH, p. 72; La letre DPH, 2002, p. 4)

HIC – Coalisão internacional para a habitação – (México)

A Coalisão Internacional para a Habitação é uma rede internacional cujo objetivo é promover o direito de todos à moradia. Seus campos de trabalho são: os “assentamentos humanos”, o direito à moradia, ao habitat e ao meio ambiente, o financiamento e a produção social de moradias, assim como a gestão urbana e os processos de participação coletiva.

HIC conta com mais de 300 membros, entre os quais figuram ONGs, organizações sociais e profissionais ligados à universidades, estando presente em todos os continentes.

Enquanto organização não-governamental, a HIC tem um estatuto consultivo ante a Comissão de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais (ECO-SOC) das Nações Unidas em Genebra. (DPH, 1999, p. 73)

Rede HOST – Rede de história das transformações sociais (França)

No marco do programa da UNESCO (MOST), a rede internacional HOST (História das Transformações Sociais) agrupa seis equipes nacionais (Argentina, Bolívia, Tailândia, Vietnam, Benin, Madagascar), duas equipes associadas (Argélia, Turquia) e uma equipe de coordenação (INRA, ORSTOM, IREP-D, em Montpellier e Grenoble na França). O Projeto HOST pretende fundamentalmente explicar e compreender a evolução econômica, social, política e cultural dos países que participam na rede, outorgando prioridade ao jogo complexo e combinatório das forças nacionais e internacionais, dos fatores endógenos e exógenos da mudança social, para captar melhor o significado e alcance dos fenômenos de mundialização das técnicas e dos mercados.

Participa da Rede o Departamento de Economia e Sociologia Rurais do INRA (Instituto Nacional de Investigação Agrônômica francês); onde através do DPH se ensina métodos de recolhimento e análises de dados aos estudantes da Escola Superior de Agronomia.

ICSF – International Collective in Support Fishworkers – (Índia)

A International Collective in Support Fishworkers (ICSF) é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos que trabalha em questões relacionadas aos pescadores do mundo inteiro.

Este coletivo está filiado ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas e inscrito na lista especial da Oficina Internacional do trabalho. Conseguiu igualmente o estatuto do organismo de união frente à FAO.

O ICSF tem sua sede em Genebra (Suíça) e escritórios em Madras (Índia) e Bruxelas (Bélgica).

Constitui-se em uma rede mundial de associados, docentes, técnicos, pesquisadores e cientistas. Suas atividades incluem o acompanhamento e a investigação, o intercâmbio e a formação, campanhas e programas de ação, a comunicação. O coletivo edita e difunde a revista *Samudra* (em inglês, francês e espanhol) para impulsionar o debate sobre as perspectivas de desenvolvimento e a gestão da pesca, especialmente entre as organizações de pescadores e as vinculadas ao meio ambiente (DPH, 1998, p. 74)

INASIA – Initiative in research and education for development in Asia (Sri Lanka)

Initiative in Research and Education for Development in Asia (INASIA) é uma organização não-governamental, sem fins políticos e sem fins lucrativos. Está domiciliada e sujeita ao direito e às leis de Sri Lanka e conta com colaboradores em cerca de trinta países da Ásia. INASIA tem como objetivo criar um espaço de debate para compreender melhor as comunidades asiáticas e seus problemas baseando-se nas experiências socio-econômicas, espirituais e políticas, promovendo a transformação social. Planeja encontrar uma alternativa ao denominado modelo de desenvolvimento “internacional”, o qual, segundo a entidade, na realidade, reflete os interesses econômicos, políticos e culturais do Norte e que encontra toda sua expressão no discurso de desenvolvimento e nos paradigmas dominantes. INASIA persegue seus objetivos através da pesquisa, da reflexão, de publicações, de debates, da melhora dos métodos de gestão e do fortalecimento das atitudes técnicas (DPH, 1996, p. 74-75).

INDESO – MUJER (Argentina)

INDESO-MUJER é uma organização civil sem fins lucrativos que atua na cidade de Rosário, Argentina, desde 1984, pela eliminação de toda forma de discriminação contra a mulher e reconhecimento dos direitos humanos.

INDESO oferece serviços de assistência jurídica e psicológica, documentação, prevenção e tratamento da violência familiar, assim como atividades de formação, organização, comunicação e pesquisa. INDESO vem há dez anos atendendo um centro de mulheres na zona metropolitana de Rosário e desenvolve atualmente iniciativas dentro do movimento social de mulheres argentinas em nível local,

regional e nacional. As atividades de formação são dirigidas a mulheres e homens de classe média e populares.

Tem também entre seus objetivos impulsionar a organização autônoma de mulheres nos distintos âmbitos e o crescimento e consolidação do movimento social de mulheres local, nacional e internacional. Para isso, participa de eventos e articulações nacionais e internacionais, como por exemplo, a IV Conferencia Mundial de la Mujer – Beijing (1995), e de várias redes regionais, nacionais e das seguintes redes internacionais: Red de Comunicación entre Mujeres de los Países del Mercosur, Comité Latino-Americano para la Defensa de los Derechos de la Mujer, Red de Espacios de Género, Red Latinoamericana y del Caribe contra la Violencia Doméstica y Sexual, Rede Vozes do Silêncio: comunicação pela base e Rede DPH (Diálogos para o Progresso da Humanidade) (DPH, 1999, p. 75; Tramonete & Souza, 1996, p. 43, ficha banco de dados DPH).

Juristes Solidarites (França)

Criada em 1989, Juristes Solidarités é uma rede internacional de informação e de formação sobre a ação jurídica e judicial. Seus temas de trabalho são: direito e desenvolvimento, antropologia jurídica, prática do direito com a utilização alternativa do direito e criação de direitos e luta contra a exclusão.

Suas ações podem ser assim resumidas:

- Identificar, tanto no Sul como no norte, os grupos portadores de práticas do direito de alternativas.
- Apoiar as necessidades de formação destes grupos.
- Capitalizar experiências de utilização alternativa do direito através da realização de sínteses documentais e sua colocação em circulação.
- Editar periodicamente o boletim de articulação: “le courrier de Juristes-Solidarités”.
- Colocar em contato grupos de diferentes continentes.
- Sensibilizar trabalhadores sociais, estudantes, autoridades públicas a um enfoque jurídico distinto (diverso): o direito como um instrumento pedagógico de desenvolvimento.

L’AMI – Apoio Mutuo para um uso social da Informação (França)

A Associação L’AMI (Appui Mutuel pour un usage social de l’Information) agrupa pessoas e organismos de diferentes países, conservando ao mesmo tempo uma ancoragem local. Estas características traduzem a vontade de unir práticas locais dentro de uma perspectiva mais global.

Seus objetivos são: promover o acesso à informação; refletir sobre os meios para administrá-la e torná-la útil; contribuir com apoio técnico e metodológico; trabalhar em rede e intercambiar experiências.

Colocar em ação e executar projetos em torno de quatro eixos: apoio técnico (desenvolvimentos informáticos e gestão da informação) e metodológico, formação; financiamento de ações com vocação social (estudo e base de dados); apoio aos desempregados (estudo, base de dados, acolhida do público, acompanhamento de pessoas em inserção profissional). No marco da rede DPH, é responsável pela formação e realização de ferramentas e instrumentos metodológicos; se encarrega do suporte técnico e do desenvolvimento de programas informáticos, incluindo a pesquisa de “busca” do Tesouros (DPH, 1999, p. 76).

PACS – Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais do Cone Sul (Brasil)

PACS foi fundado em 1986, como associado brasileiro do Programa Regional de Investigações Econômicas e Sociais do Cone Sul, iniciativa de um grupo de economistas, comprometidos procedentes de quatro países (Argentina, Brasil, Chile e Uruguai), com a finalidade de colocar seus conhecimentos e experiências a serviço dos movimentos populares de seus países de origem. Havendo concluído esta aliança em 1995, atualmente, PACS atua através de alianças mais flexíveis com instituições dos quatro países citados e do Paraguai. PACS se define como uma instituição de assessoria econômica e social e de ação educativa sem fins lucrativos.

Os seus métodos de trabalho e atuação são a pesquisa, as análises e a reflexão crítica; assim como a elaboração de propostas e de políticas alternativas. Está estruturado em três núcleos principais: desenvolvimento integral, educação e movimentos sociais e tecnologias contra a pobreza. PACS também tem programas transversais que integram toda a equipe (DPH, 1996, p. 76).

PASOS (México)

PASOS é um programa de sistematização e intercâmbio de experiências e metodologias, assumido pelo Grupo de Estudos Ambientais (GEA) em união com diversas ONGs envolvidas em processos de desenvolvimento rural. Seus eixos temáticos são: silvicultura campesina (cultura de bosques e montanhas), a agricultura sustentável, organização camponesa, gestão (administração) campesina dos recursos naturais, políticos ambientais, metodologias participativas para a valorização (avaliação) e a planificação etc. (DPH, 1999, p. 77; La letre...).

PONT – Associação para a Popularização e a Organização de Novas Tecnologias (França)

A Associação para a Popularização e a Organização de Novas Tecnologias, PONT, foi criada em 1982 e se dedica à realização de estudos e experimentos sobre os usos sociais das novas tecnologias tais como: participação da população em uma operação de urbanismo, meios audiovisuais interativos para o grande público (Feira de Paris para EDF, Salón de la Agricultura para Crédit Agricole etc.) A Associação participa em importantes programas de formação para jovens em dificuldades (Seine Saint – Demis y Paris).

PONT, na pessoa de seu diretor, Georges Festinger, formou parte do grupo que definiu o conceito de DPH e também realizou a aplicação informática inicial. Participa no acompanhamento do desenvolvimento técnico das ferramentas da rede DPH e na administração da Base de Dados DPH, e formação para a redação dos membros recém-chegados a rede (DPH, 1998, p. 77).

PRODAR (Costa Rica)

PRODAR é um programa cooperativo que agrupa 15 redes da agroindústria rural da América Latina e do Caribe. Seu eixo de trabalho é o fomento da agroindústria como forma apropriada de desenvolvimento rural, que agrega valor aos produtos agrícolas, cria oportunidades de emprego para os homens, mulheres e jovens no meio rural e contribui para o desenvolvimento das comunidades rurais e do país em geral. Executa ações de pesquisa, formação, assistência técnica, informação e documentação. Foi criado também o polo PRODAR – DPH na América Central com a participação de 14 instituições (DPH, 1998, p. 78).

RIEE – Rede Internacional de Educação Ambiental/POLIS (Grécia)

A “Réseau International em Education à l’Environnement” (RIEE – Rede Internacional de Educação ambiental) é uma associação sem fins lucrativos criada em maio de 1994. A direção está sediada na Grécia e conta com mais de 250 membros (pessoas e organismos) procedentes de mais de 60 países. A inscrição na RIEE é gratuita.

A RIEE se dedica à valorização do trabalho das pessoas e organismos que desempenham sua atividade no campo da Educação ambiental (EM). Seus campos de ação são o recolhimento e registro de experiências em todo o mundo; difusão das mesmas por meios escritos e telemáticos; Divulgação e estabelecimento de contatos entre pessoas e organismos Em nível internacional e serviço de informação sobre projetos de EM, metodologia, bibliografia, material educativo

etc; Participação em projetos da União Europeia; Centro de documentação sobre EM; Articulação com universidades mediante períodos de experiências práticas efetuadas na Associação e colabora na investigação e na redação de teses (DPH, 1998, p. 78).

RITMO – Rede de Informação Terceiro Mundo (França)

A Rede de Informação Terceiro Mundo (La Red de Información Tercer Mundo) criada em 1985, agrupa 42 centros de documentação sobre desenvolvimento e solidariedade internacional divididos por toda França. Estes centros estão abertos ao público e neles se pode consultar informações específicas procedentes principalmente de ONGs do Norte e do Sul e de organismos internacionais. Esta informação se refere essencialmente às realidades do Terceiro Mundo, às relações Norte-Sul, aos problemas do meio ambiente e de solidariedade internacional, as direitos dos povos e das pessoas. Foi colocada em funcionamento uma base de dados bibliográfica.

RITMO produz e divulga revistas, boletins, catálogos, artigos de imprensa, documentos pedagógicos originais etc. Os centros de documentação membros de RITMO, organizam atividades em centros escolares, debates, exposições e participam nas atividades dos coletivos locais (DPH, 1998, p. 78).

RESEAU APM AFRIQUE – APM Afrique (Camarões)

Um projeto de Universidade camponesa itinerante.

A Rede Pan-africana, APM Afrique, foi criada em 1993. Ela engloba países da África Francófona e anglofônica. Está organizada nos países por delegações no Senegal, Mali, Burkina Faso, Bénin, Camarões, Ruanda, Tanzânia, Chade. Numerosas organizações camponesas estão representadas e um comitê eleito que anima a rede.

A Rede APM África agrupa representantes de organizações camponesas, de ONGs, de pesquisadores e de técnicos que trabalham com problemas agrícolas. Por exemplo, a APM Camarões trabalha com a CANADEL, uma ONG que investe no trabalho de base junto a federações de camponeses estimulando a constituição de uma rede a fim de defender os interesses dos camponeses frente aos atravessadores. Os membros da rede colocam em comum seus conhecimentos e análises para fazer suas propostas, discutir com os poderes públicos e subsidiar os líderes camponeses. A APM África é um projeto de Universidade camponesa itinerante.

A rede organiza também um observatório de sementes (algodão, cacau e arroz etc.) que é sustentado pelas ONGs francesas (IRAM e Sologral). Isto per-

mite formar os membros de sua rede nas questões relativas a sementes e produtos agrícolas (fixação dos preços etc...). Publica um boletim sobre a produção de algodão, “L’Echo des cotonniers” e um boletim bilingue interno da APM Afrique: “Les Nouvelles d’APM Afrique”, difundido nas organizações da rede.

SAPÉ – (Serviços de Apoio a Pesquisa em Educação)/ Rede BAM (Brasil)

SAPÉ (Serviços de Apoio a Pesquisa em Educação) é uma organização sem fins lucrativos que trabalha no campo da educação popular. Criado em 1987, suas formas de atuação são: sessões de estudos, sistematização de experiências, investigações participativas e apoio a outras iniciativas de investigação no campo da educação. Apoiar-se em três eixos principais: investigação; formação/auto-formação; intercâmbio/produção/divulgação. SAPÉ tem desenvolvido uma vasta rede em torno de práticas de experiências de alfabetização de jovens e adultos, como as que constituem “Coletivos de Auto-formação” (Rio de Janeiro e Pernambuco). Foi criado um Banco de Ajuda Mútua (BAM) com a finalidade de desenvolver uma prática de sistematização, registro e circulação de conhecimentos adquiridos/ produzidos no processo educativo. Esta experiência está se transformando em uma rede: a Rede BAM (DPH, 1999, p. 79; La Lettre, 2002, p. 4).

UNIONE INQUILINI (Itália)

Unione Inquilini nasceu em 1975 como sindicato para agrupar aos comitês de inquilinos que lutavam contra despejos em algumas cidades do norte da Itália.

Rapidamente seus membros passaram a representar quase todos os setores envolvidos na questão da moradia: despejados, inquilinos de infra-moradias, inquilinos de moradas sociais, estudantes em pesquisa de moradia (habitação) pessoas sem teto, imigrantes de países do Sul. A Unione conta com uma Coordenadoria e uma Secretaria nacionais, mas integra uma estrutura federativa regional: os grupos locais gozam de um importante grau de autonomia, enquanto que a Coordenadoria e a Secretaria articulam as ações com repercussão nacional, tais como as campanhas de expropriação de moradias, detenção dos despejos, mobilizações para uma melhor gestão da lei sobre a moradia, ações conjuntas de assistência jurídica, ocupação das casas vazias, apoio a cooperativas de moradias etc. A Unione outorga prioridade ao voluntariado de seus membros. Participou ativamente no processo da Conferência Habitat II como membro da Habitat Internacional Coalition e dirige a rede europeia Proyecto Coraux (DPH, 1998, p. 80).

UNIRR – União de Redes de RAdiodifusão Comunitária

A UNIRR é uma instituição sem fins lucrativos, de caráter privado, que representa o escritório brasileiro da AMARC – Associação Mundial de Rádios Comunitárias, sediado no Rio de Janeiro (Brasil). Tem como objetivos específicos incentivar a qualidade da programação das rádios comunitárias, através dos cursos de capacitação em rádio, promover o intercâmbio entre seus associados e outras entidades e rádios comunitárias e populares de outros países e traduzir os textos e as produções de AMARC para o português, além de produzir os seus próprios. Tem como objetivo também trabalhar pela democratização da comunicação.

Seus trabalhos são distribuídos em coordenações: Coordenação Executiva; Coordenação de Comunicação e Divulgação; Coordenação de Políticas de Comunicação; Coordenação da Rede de Mulheres; Coordenação de Vídeo e TV Popular.

A UNIRR centraliza os trabalhos num escritório no centro do Rio de Janeiro, mas os coordenadores, em sua maioria, trabalham cada qual em suas instituições de origem, pois a ideia é trabalhar unidos pelos projetos institucionais em curso. Na sede estão sempre o Coordenador Executivo, a Coordenador de Divulgação e dois funcionários.

Em todas as regiões brasileiras possui representantes, que funcionam como animadores da rede e eventualmente, alguns deles são destacados para darem capacitação em sua região, quando há solicitação. A ideia é formar capacitadores em todo o Brasil para suprir as exigências do movimento (MENDONÇA, 1996, ficha DPH)

Um outro nível fractal

A Rede Vozes do Silêncio – comunicação pela base

A Associação DIÁLOGO, participa do Programa DIV (Diversidade Intercultural) da FPH. Através deste programa, a ONG teve oportunidade de trocar experiências sobre comunicação e cultura popular durante a década de noventa com entidades de várias regiões do mundo. A troca de experiência aprofundou-se particularmente com entidades da Índia através do CFRSS – Centre Fox Cooperative Research in Social Sciences (Índia), com entidades da Europa animadas pela FPH, com entidades da Colômbia através de um intercâmbio realizado com o CINEP e o ENDA-AL e entidades do nordeste brasileiro articuladas pelo CEARAH Periferia.

Este programa deu origem a uma rede temática animada pela DIÁLOGO na América Latina sob o nome de Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela base,

que tem como objetivo a troca de experiências de comunicação úteis para a ação. A articulação desta rede só foi possível graças a utilização das novas tecnologias de comunicação, o intercâmbio ocorreu basicamente via internet, através de correio eletrônico e de sites que entidades possuem na internet. Através da Rede Vozes, Diálogo capitaliza e anima a troca de experiências para o Banco de dados da Rede DPH e para a base de dados de sua organização e de seus parceiros (Base CEN).

Durante a década de noventa, a Rede Vozes realizou vários encontros e troca de experiências regionais e um encontro internacional latino-americano em Florianópolis, nos dias 9 a 12 de agosto de 1996.

Rede Vozes do Silêncio: o fortalecimento de uma rede de comunicação e cultura popular

○ Relato de um encontro em formato de Ficha DPH

O Encontro Latino-americano da Rede Vozes do Silêncio – comunicação pela base, sob o tema: “As redes de movimentos sociais e as novas tecnologias em comunicação”. Participaram do encontro cerca de 27 representantes de 23 associações, organizações não-governamentais latino-americanas, que trabalham com comunicação e cultura popular.

Durante o encontro aconteceu um intenso intercâmbio de experiências, que foi facilitado pelo fato da maioria dos participantes. Ter ficado hospedado no mesmo hotel onde ocorreu o encontro. Uma forma interessante de troca de informações, foi através de uma mostra de vídeos, organizada com produções dos participantes. No primeiro dia aconteceram as apresentações dos participantes e um relato dos trabalhos desenvolvidos pelas suas entidades.

No sábado, dia 10 de agosto, aconteceu um debate sob o tema: “Redes de movimentos sociais e as novas tecnologias frente a luta pela democratização da comunicação”. Para animar o debate, foi convidada a professora Ilse Scherer-Warren da Universidade Federal de Santa Catarina e associada ao DIÁLOGO, que fez uma exposição para provocar a discussão. A riqueza das experiências em comunicação, a diversidade cultural, aliadas a uma identidade latino-americana e de interesses comuns pela democratização da comunicação e cultura, marcaram a discussão. A visão de que as novas tecnologias de comunicação, são um instrumento possível de ser utilizado, e necessário para a democratização da comunicação e da sociedade, foi hegemônica no encontro. Porém, a maioria dos participantes, ressaltaram a importância de não se “mistificar a tecnologia”, e entendê-la apenas como um meio útil e disponível, e não um fim em si mesma.

Todos ressaltaram a importância dos encontros pessoais, para fortalecer as redes “virtuais”.

No período da noite ocorreu uma mostra de cinema catarinense, organizada pela Cinemateca Catarinense, especialmente para o evento, dando espaço para que os participantes conhecessem um pouco da cultura do estado que sediou o encontro.

No domingo, dia 11 de agosto, no período da manhã, os participantes deslocaram-se até a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde visitaram o Laboratório de Educação a Distância (LED) da Faculdade de Engenharia de Produção e conheceram o projeto de vídeo-conferência que está sendo desenvolvido para uso na educação a distância entre a UFSC e seis universidades do interior do estado. Posteriormente foram ao Centro de Educação (CED), e no laboratório de informática, tiveram oportunidade de conhecer experiências com o banco de dados ISIS-DPH, utilizado pela rede Diálogos para o Progresso da Humanidade (Rede DPH) e a home-page da rede Vozes e da Associação DIÁLOGO, bem como se informar sobre o projeto pulsar da AMARC.

Na parte da tarde, do mesmo dia, no auditório do hotel, discutiu-se a “Organização e articulação da rede Vozes do Silêncio”. Todos os grupos comprometeram-se com tarefas específicas, como articulações regionais, oficinas e continuação da articulação da rede. A noite aconteceu no restaurante Jardins Grill’s, o evento cultural Multimídia, aberto a comunidade local, onde foram lançados os seguintes materiais de comunicação: o vídeo “Samba, escola de que?”, os livros “As vozes do Silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil” e “O samba conquista passagem: As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis” e a mostra fotográfica “Vozes da Índia”, todos produzidos pela Associação DIÁLOGO.

No dia 12 de agosto, segunda-feira, o grupo se reuniu no período da manhã, para deliberar os encaminhamentos finais organizativos e fazer uma avaliação do encontro. Foi elaborada e aprovada a “Carta de Desterro” (antigo nome de Florianópolis) e referendada pela assembleia. Foi articulada uma carta pública do vereador (deputado local) Márcio Pereira de Souza (representante da comunidade afro-brasileira de Santa Catarina) para o movimento Zapatista no México. Vários materiais foram trocados entre os participantes (todas as redes e entidades intercambiaram cópias de vários programas: ISIS-DPH atualizado, pulsar da AMARC, vídeos, boletim do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação – FNDC etc.), enriquecendo o acervo e a identidade dos membros da Rede Vozes do Silêncio.

Comentário: As seguintes entidades participantes da rede Vozes estavam representadas no Encontro Latino-americano: ACA (Uruguai), AMARC, Cearah periferia (Ceará-Brasil), Centro De Comunicação Javier /Rede Mexicana de Co-

municação Popular (México), CDHMP (RN-Brasil), CINEP (Colômbia), Cinemateca Catarinense (SC-Brasil), COMCOSUR (Uruguai), DIÁLOGO (SC – Brasil), GEA/Rede Passos (México), INDECS (Rio de Janeiro – Brasil), FNDC (Brasil), INDESO – Mujer (Argentina), LAMCO – UNIVALI (SC – Brasil), NPMS-UFSC (SC – Brasil), PDP (México), UNIRR – (Rio de Janeiro – Brasil), VIDEAZIMUT, ABVP. Além destas, outras entidades e movimentos regionais participaram e colaboraram com o encontro: CECCA (SC), MST (SC), NEN (SC).

Conferência eletrônica Vozes do Silêncio – comunicação pela base: uma experiência em andamento.

Desde setembro de 1994, Diálogo – Cultura e Comunicação começou a criar uma conferência eletrônica para divulgar a proposta da Rede Vozes do Silêncio, bem como sensibilizar pessoas e entidades interessadas no tema da comunicação e cultura popular na América Latina. A Conferência Vozes tem também como objetivo divulgar a proposta da Rede DPH (Diálogos e Documentos para o Progresso da Humanidade) bem como o banco de dados DPH-ISIS desenvolvido por ela.

A Rede Vozes conta com o apoio de duas universidades de Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, que cede tecnologia e espaço na web, e suporte tecnológico para animação da Conferência Eletrônica Vozes antiga conferência Vozes-1⁶ que através do Departamento de informática e do CED (Centro de Educação) viabilizaram esta experiência de fórum eletrônico. A animação do Fórum ocorre via Associação DIÁLOGO com apoio da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, do curso de Comunicação Social, que participa apoiando e animando o banco de dados e pesquisas na web, articulando links, através do site do LAMCO – Laboratório de mídia e conhecimento (http://www.cehcom.univali.br/lab_midia/). O LAMCO-UNIVALI é responsável também pela produção de uma revista acadêmica de nome Vozes & Diálogo, que, além de artigos científicos sobre novas tecnologias da comunicação, cultura e democracia, divulga fichas DPH produzidas para base CEN do DIÁLOGO/ LAMCO-UNIVALI.

A Rede Vozes do Silêncio, está passando por um período de reformulação e reorganização e a conferência tem servido também como uma estratégia para aproximar e avaliar grupos e pessoas que possam ter identidade com sua proposta e filosofia. Estar inscrito na conferência eletrônica Vozes do Silêncio, ou no fórum de mídia e conhecimento, animado por Diálogo, não significa que a entidade ou

6 O fórum da rede Vozes estava hospedado durante o período de estudo, na rede hipernet do Departamento de informática da UFSC. Atualmente ela está em transição para o provedor grupos.com.br sob o e-mail: vozesdosilencio@grupos.com.br, ainda sob animação da Diálogo.

pessoa esteja automaticamente participando da Rede Vozes do Silêncio – Comunicação pela base. A conferência é aberta a qualquer interessado, porém é administrada pela coordenação da rede.

Existem atualmente basicamente três tipos de inscritos na conferência eletrônica. As entidades participantes da Rede Vozes do Silêncio e da rede DPH, que efetivamente participam da rede (se articulam e desenvolvem o programa DPH etc.), as entidades e pessoas que tem interesse nos temas da Conferência (comunicação e democracia, comunicação e cultura popular na América Latina, novas tecnologias da informação e Organizações Não-governamentais etc.) e participam com informações sobre esses temas; e ainda outras ONGs e pesquisadores que têm interesse apenas em receber as informações da conferência.

A seguir, identifica-se e apresenta-se as entidades que tem um vínculo direto com a Rede Vozes mas não obrigatoriamente com a rede DPH. São organizações que participam da rede em outro nível fractal, o nível da rede Vozes. Sua relação com a rede DPH é indireta, de articulação secundária. Já sua relação com a Rede Vozes e com a Associação DIÁLOGO é mais estreita e direta.

Entendendo a relação e a dinâmica organizacional de redes como mutável e em transformação dinâmica constante, percebe-se que algumas destas entidades, através de sua participação e relação de fluxo de informações com a Rede Vozes, se aproximaram e tornaram-se parceiras da Rede DPH e também da FPH.

A partir da realização presencial do encontro Latino-americano da rede Vozes realizado em 1996, nota-se nos anos estudados, uma aproximação de entidades com a Rede DPH. Como exemplo disso pode-se citar a UNIRR que tornou-se membro efetivo e participou posteriormente dos RITOs (...)

Em ordem alfabética:

ACA – Amigas de la Comunicación Alternativa (Uruguai)

Em 1988, Uruguai foi cenário das várias iniciativas de comunicação popular. Diversas publicações de bairros e sindicais fizeram sua aparição neste ano, iniciaram experiências de rádios comunitárias., um projeto de radio alternativa com alcance nacional e as primeiras ideias de criação de um espaço radiofônico feminista. Um grupo de mulheres que participavam destas diversas experiências começou a reunir-se para trocar reflexões sobre como aprofundar este caminho. O principal problema a solucionar era o relacionamento destes projetos de comunicação com o exterior, de modo a assegurar o apoio necessário para garantir a continuação de cada projeto. Já se havia percebido, em experiências anteriores, o naufrágio da mesmas por falta de financiamento, o que estava muito ligado à ausência de possibilidades de divulgação dos projetos nas instituições ou fundações de outros países.

O segundo problema a encarar era o administrativo. Deve-se considerar que estas atividades de caráter social e cultural se realizam neste país com recursos humanos muito limitados. As pessoas que participam nelas, em sua maioria jovens e mulheres, trabalham muitas horas por dia e realizam seus projetos nas horas que lhes resta livres, que são poucas. Esta limitação sempre atuou contra a boa administração de cada projeto e do inter-relacionamento entre estes.

É por estas razões que surge a ideia de fundar um grupo ou Associação de apoio e /ou ligação entre os grupos doadores do exterior e os projetos, que relacionaria todas as experiências comunicativas entre si, e que as apoiaria, tanto em sua gestão como na parte administrativa.

As mulheres que conceberam a criação desta Associação desejavam, por sua vez, formar um coletivo feminista para refletir sobre o papel da mulheres na comunicação e na cultura em geral, pelo que ficou decidido que a conformação do grupo fosse somente feminista. Com isto, também ficou definido que os projetos prioritários seriam aqueles integrados por mulheres, totalmente, ou em maioria.

Funcionamento

O organismo fundamental da ACA é a assembleia de sócias. É sócia da ACA toda mulher que aceite seus objetivos e estatutos, que contribua com uma cota mensal de acordo com sua renda para o autofinanciamento da Associação e que aceite participar das Assembleias periódicas ou nas que possam ser convocadas extraordinariamente. Nestas assembleias se discutem as linhas de ação a seguir, se controla a Comissão Diretora nomeada pela mesma assembleia e se decide sobre o destino dos recursos, seja por excedente da cota das sócias ou por doações recebidas de fundações ou grupo de amigas/os do exterior do país. Ou seja, a assembleia de sócias tem um caráter deliberativo, reflexivo e decisório de tudo aquilo que por mandato próprio deve executar a Comissão diretora. Por sua vez, é a assembleia que controla a gestão da dita Comissão.

Para efeito legal, ACA é responsável pelo projeto que apoia frente à agência financeira doadora. No caso de que algum projeto inclua prorrogação ou salários, ACA subscreve um contrato direto de trabalho entre a Associação e a assalariada. (PARREIRA, 1996, p. 25; ACA, 1999)

Centro Javier e rede mexicana de comunicadores populares: o todo é muito mais que a soma das partes.

O Centro de Comunicación Javier, sediado na Cidade do México, foi criado para apoiar os processos populares no campo da comunicação. Seu objetivo principal é apresentar a mensagem social e evangélica em uma nova linguagem.

Segundo o foulder da entidade “diante da realidade de manipulação e controle que os meios massivos de comunicação na sociedade e o fomento de valores que atentam contra as culturas, a vida, o exercício livre da opinião e vontade pessoal e coletiva; vê-se a urgência de trabalhar e construir um modelo de comunicação alternativa. Acredita-se que o papel que joga a comunicação nos processos educativos, evangelizadores, promocionais e organizativos é fundamental na apropriação de conhecimentos, na valoração e respeito às culturas e na geração de novas atitudes levem a construção de uma nova sociedade”.

O Centro tem 20 anos de experiência em comunicação e trabalha basicamente em três linhas: produção, formação, serviços. O centro produz vídeo-programas, áudio-programas e audiovisuais sobre temas educativos e pastorais. Em formação, oferece cursos de capacitação em relações humanas, processos de comunicação humana, dinâmica de grupo, leitura crítica da mensagem, roteiro, uso pedagógico do vídeo, comunicação gráfica, produção de vídeo, produção de áudio, fotografia e imprensa popular. Os serviços oferecidos pelo Centro Javier são gravações de áudio, de vídeo, copiagem de áudio e vídeo; biblioteca e instalações para cursos.

Buscam manter a articulação em redes informais de comunicadores como a Rede Mexicana de Comunicadores Populares. Desta rede fazem parte quase 50 instituições e grupos (movimentos sociais de Meninos de Rua, Velhos, Jovens etc). A coordenação da região Centro da Rede Mexicana de Comunicadores Populares está a cargo do Centro Javier.

As iniciativas em forma de Rede são valiosas no sentido de potencializar o trabalho desenvolvido e promover a articulação de diversos grupos que atuam no mesmo sentido, orientado pelos mesmos objetivos. Em situações como o caso atual do México onde a crise financeira ameaça a organização popular, a organização em rede possibilita pensar as que saídas de maneira coletiva e assim, aumentar a força dos grupos e movimentos em torno de um projeto comum de sustentação financeira. Ao mesmo tempo, solidifica a ação sócio-política das entidades envolvidas as quais, isoladamente, pouco poderiam fazer numa situação de crise extremada. Entretanto, a articulação em rede não pode ser somente uma estratégia de sobrevivência imediata: necessita ser uma concepção, uma maneira de encarar a organização dos grupos e entidades envolvidas que supere o individualismo no momento de propor projetos e iniciativas e que promova a noção de que o todo é muito mais do que a soma de suas partes (TRAMONTE, 1996, PDP, 1996, DPH, base.cen).

CEARAH PERIFERIA – Centro de Estudos, Articulação e Referências sobre Assentamentos Humanos

O CEARAH PERIFERIA é uma entidade civil, sem fins lucrativos, criada em 1991, com sede na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. Seu principal

objetivo é apoiar o Movimento Popular Urbano em suas lutas por condições dignas de vida, abrindo canais de participação dos cidadãos e de articulação com os poderes públicos.

Concentrando seus esforços especialmente na Região Metropolitana de Fortaleza, com 2, 2 milhões de habitantes, e uma miséria urbana crescente, o Centro atua face ao compromisso de mudança diante das contradições da cidade.

Com a intenção de criar novos espaços e formas de trabalhar no apoio ao movimento popular urbano e às prefeituras, o Centro vem desenvolvendo experiências no campo da moradia popular através da capacitação para a autogestão, de consultorias a projetos urbanos, de créditos alternativos, de pesquisas e de atividades de formação dentro da perspectiva de construção de uma sociedade mais justa, humana e participativa.

Atualmente possui 5 áreas de intervenção com diferentes projetos:

- Comunicação, informação, e formação ao Movimento Urbano Popular: criação de centro de documentação – CIDADES (Comunicação, Informação e Difusão para a Ação e Desenvolvimento); participação em redes nacionais e internacionais que cuidam da questão urbana (HIC, Fórum Nacional da Reforma Urbana, Rede Periférica, FICONG, DPH, Rede “Vozes do Silêncio”); apoio a centros populares de documentação; gestão do Fundo de Apoio a Projetos Auto-gestivos; Escola de Planejamento Urbano e Pesquisa Popular; Projeto de Apoio às iniciativas nos Bairros; assessoria na elaboração e avaliação de projetos comunitários utilizando metodologias participativas e apoio ao resgate da memória popular.
- Assessoria a ONGs e prefeituras: assessoria em avaliações de programas e projetos, diagnósticos e planejamento, através de dinâmicas participativas que envolvam ao máximo os beneficiários diretos.
- Créditos e assessoria financeira: estudos e implementação de sistemas alternativos de financiamento para a habitação popular e para geração de renda: Programa Casa Melhor e PAAC e Programa de Apoio à Atividades Produtivas; constituição de caixas de poupança comunitárias e fundos de autogestão comunitária; articulação de projetos de micro-urbanização com projetos de geração de emprego e renda.
- Estudos e Pesquisas: realização de estudos e pesquisas sobre o habitat nos seus diferentes aspectos; edição e difusão de documentos; realização de seminários e produção gráfica.
- Assessoria arquitetônica, urbanística e tecnológica: elaboração de planos, projetos, com a metodologia do desenho participativo, introdução de tecnologias alternativas e planejamento urbano a partir dos bairros.

O CEARAH PERIFERIA é regido por um Conselho Consultivo, formado por sócios fundadores da entidade e uma Secretária Geral, que junto com os

Coordenadores Administrativo e Financeiro compõem a Coordenação Executiva da entidade. Têm-se ainda um Conselho Fiscal e a Assembleia Geral dos sócios. Para a realização de seus projetos conta com pessoal administrativo e técnico onde atuam profissionais de arquitetura, urbanismo, engenharia, sociologia, serviço social, pedagogia, filosofia e de finanças.

Tanto através do desenvolvimento de projetos específicos, como em parceria com outros grupos de assessoria, associações, grupos comunitários e entidades federativas do movimento popular, o Centro busca articular-se e formar ‘redes’ em torno de diferentes problemáticas urbanas. O desejo maior da equipe é desenvolver processos criativos e inovadores que privilegiem a participação dos verdadeiros construtores da cidade (COELHO, 1996).

PDP – Promoción del desarrollo popular, A. C. (México)

PDP foi criado em princípios dos anos 60 entre universitários, trabalhadores sociais, profissionais, e trabalhadores manuais, urbanos e rurais, com vocação humanística e empenhos organizativos. O grupo fundador foi integrando-se com base em experiências de auto-construção de moradias, cooperativismo, sindicalismo, pesquisa e capacitação social etc.

Entre seus objetivos principais estão:

- Fomentar a organização de base entre os setores indígenas, camponeses, operários, suburbanos, sociais em geral, a fim de superar os problemas da pobreza, da destruição do meio ambiente e violação dos direitos humanos.
- Prestar serviços de pesquisa, informação, capacitação, gestão e assessoria.
- Relacionar iniciativas locais entre si e procurar níveis de organização nacional e internacional

Produz diversas publicações e vídeos educativos e tem como parceiros nacionais: Red Acción Campesina, Red Espacios (40 ONGs), Grupo Metepec, La Otra Bolsa de Valores (800 ONGs), Projeto “Ba” Ásolay (13 redes)

Seus parceiros internacionais são: Asociación Latinoamericana de organizaciones de Promoción -ALOP (San José, Costa Rica); Sociedad Internacional para el Desarrollo – SID, (Italia); International Group on Grass Initiatives IGGRI (Helsinki, Finlândia); People’s Plan 21, (Tokio, Japão); Red Sur Norte Cultura e Desarrollo, (Bruxelas, Bélgica); Comissão Sur Sur de ONGs, (Manila, Filipinas), Inovaciones e Redes para el Desarrollo – IRED, (Genebra, Suíça); Centro Le Bret, (Paris, França).

Desde sua fundação organiza numerosos congressos, cursos e seminários sobre temas sociais, regionais, nacionais e internacionais. Cria, junto com a Rede Espacios, o sistema “La Otra Bolsa de Valores” que busca o intercâmbio e a solidariedade entre organizações de base e ONG’s em geral, para um desenvolvi-

mento sustentável, utilizando diversos meios de comunicação. A partir de 1990 assume a edição da revista de mesmo nome. Publicou diversas edições e recebe na qualidade de intercâmbio, 270 publicações periódicas de todo o mundo (Base CEN, Tramonte & Souza).

INDECS – Instituto de estudos e projetos em comunicação e sociedade

O Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Sociedade (INDECS) é uma entidade civil sem fins lucrativos, apartidária e não-confessional, fundada oficialmente em fevereiro de 1993, com sede na cidade do Rio de Janeiro (Brasil). Sua origem remete a um grupo de comunicadores, que após algumas experiências na dita imprensa alternativa perceberam a necessidade de atuar conjuntamente nas áreas da comunicação e cultura.

Sua Missão é “Incentivar a democratização da comunicação como instrumento para democratizar a sociedade através de ação institucional, assessoria e capacitação aos movimentos sociais, produção de pesquisas e confecção de veículos de comunicação.”

O INDECS possui quatro áreas programáticas:

- Ação Institucional: lutar para a constante democratização da comunicação no Brasil em nível nacional, estadual e municipal, fortalecendo e capacitando os diversos atores da sociedade civil.

O INDECS ocupou dois cargos no Comitê-RJ e o representou na Executiva do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação – FNDC (até abril/96). Colaborou, até mesmo com aporte de infra-estrutura, na criação da Associação de Radiodifusão Popular do Rio de Janeiro (Ar Livre) e um de seus membros foi eleito para a Secretaria Geral da entidade (gestão 95/96). Nestas condições, o INDECS participou ativamente da formulação da Lei da TV a Cabo e da regulamentação das rádios de baixa potência com caráter comunitário;

- Estudos em Comunicação e Cultura: realizar pesquisas e planejamentos de temas ligados à comunicação e cultura.

O INDECS participa de diversos encontros como os da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), da Sociedade de Pesquisa Interdisciplinar em Comunicação (INTERCOM) e no Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação (ENECOM);

- Assessoria e capacitação: fortalecer o entendimento e uso das mídias por parte da sociedade civil.

Com a recente onda de criação de rádios comunitárias, o INDECS tem se pautado em assessorar comunidades como as de Campinho (em Campo Grande, zona oeste do município do Rio de Janeiro) e Nova Iguaçu, por exemplo. E, tam-

bém, outras ONGs como Os Verdes (indicado pelo Fundo Life, do PNUD, para confeccionar um periódico sobre o processo de despoluição da Baía da Guanabara, no estado do Rio de Janeiro).

- **Projetos em Comunicação e Cultura:** desenvolver ações concretas que objetivem a democratização da comunicação em nosso país.

Um dos seus programas mais significativos é o UNIVERSIDADE SOCIAL, que visa o apoio a construção de núcleos comunitários, para que estes, a partir de sua auto-organização, possam encaminhar a resolução de suas problemáticas específicas. Atualmente está em funcionamento a rádio comunitária do Núcleo “Centro Psiquiátrico Pedro II” (CPP II), denominada Voz Ativa.

Funcionamento Interno

O INDECS é formado por um Conselho Geral composto por personalidades convidadas a partir dos seus respectivos trabalhos na sociedade civil, que escolha os três componentes da Diretoria Executiva. Todas as decisões são tomadas conjuntamente. É filiado à Associação Brasileira das ONGs (ABONG) e à Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP). (GINDRE, 1996, Base CEN, DPH, 2002).

LAMCO-UNIVALI: um projeto sobre as novas tecnologias em comunicação

Novas Tecnologias em Comunicação é um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido pelo LAMCO-Laboratório de Mídia e Conhecimento, da Univali, em Itajaí (Santa Catarina – Brasil). O LAMCO fez uma parceria com a Organização não-governamental Diálogo – Cultura e Comunicação, que desenvolve esse trabalho há mais de oito anos, com o objetivo de contribuir para a produção de textos e para a divulgação dos temas da pesquisa. O projeto trata de uma área que traz novos desafios para a comunicação e a democracia, e busca reflexão sobre a importância e o impacto das novas tecnologias no contexto da globalização. Conta com dois bolsistas que pesquisam informações e dados através de várias fontes (jornais, revistas, centro de pesquisa, comunidades etc.), sobre novas tecnologias em comunicação, democracia e cultura popular, mídia e conhecimento etc. Os pesquisadores participam e ajudam a animar a conferência eletrônica Vozes do Silêncio (via correio eletrônico-internet), divulgando informações sobre comunicação e cultura para toda a América Latina. O projeto ainda desenvolve a produção de fichas documentais sobre o mesmo tema para o banco de dados ISIS/DPH, que foi instalado no LAMCO – UNIVALI, em diversas fases para que possa dar continuidade ao trabalho de produção de textos e desenvolvimento das pesquisas (HEIDENREICH, DPH CEN, LAMCO).

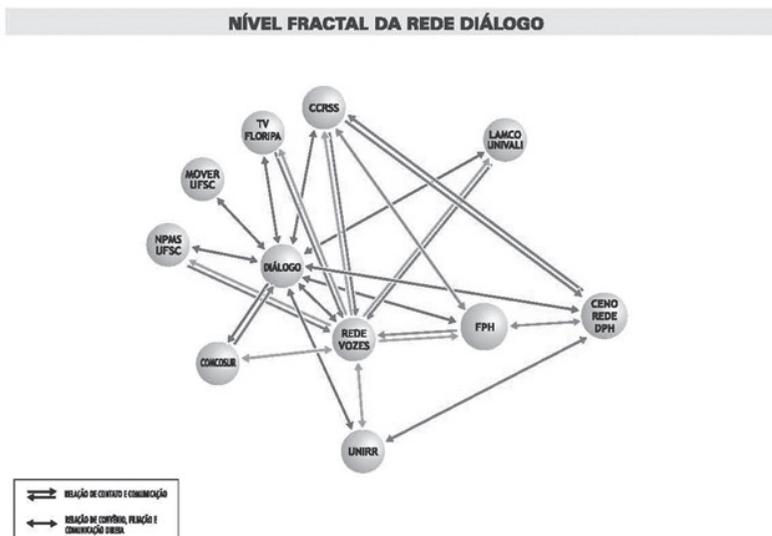
A criação do modelo cartográfico da rede DPH

A partir dos “nós” (redes temáticas e regionais) identificados, baseado nos padrões já estudados, cria-se o seguinte modelo e realiza-se as conexões e de fluxo de informação e comunicação: em um nível fractal gera, o modelo da Rede DPH; em um nível fractal regional organiza-se as relações organizacionais da Rede Vozes do Silêncio e em um nível fractal local, analisa-se as relações em forma de rede da Associação Diálogo-Cultura e Comunicação e seus parceiros.

Para criar o desenho, como se fala na introdução deste item, utiliza-se como ferramentas para elaboração dos modelos gráficos organizacionais e comunicativos, o programa Orgchart (Organograma Microsoft) e as ferramentas de desenho do Microsoft Word, para um esboço inicial das entidades e suas relações comunicativas. Entretanto, considerando as limitações destes programas e de outras ferramentas de criação de organogramas organizacionais, utiliza-se os programas de desenho gráfico e diagramação Page Maker e Corel Draw para complementar a criação da representação gráfica e identificação do modelo visual da rede DPH, contribuindo desta forma, para o entendimento e a representação de modelos de redes e da teoria dos fractais e inspirados também na teoria da complexidade.

Baseamo-nos na argumentação de Manuel Castells de que as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (1999, p. 497).

Ressalta-se novamente que nossa construção cartográfica deve ser entendida como um retrato de um momento de uma rede dinâmica sempre em movimento e transformação. Outro aspecto considerado na metodologia utilizada é que os “nós” identificados partem da relação díade entre a Associação DIÁLOGO e a Rede DPH. A partir desta ótica, apresentar-se-á a seguir o modelo nos três níveis fractais comentados:



Conclusão

5.1 Conclusão geral

Este trabalho, baseado no estudo de caso da rede DPH, resultou em uma proposta metodológica de construção de modelos para identificação e análise de organizações em rede, que sistematiza-se abaixo:

5.1.1 A chave do enigma para identificar um modelo organizacional virtual em forma de rede

Esta proposta de metodologia, construção e estudo de redes, desenvolveu um modelo de identificação que foi utilizado para identificar uma rede informatizada de comunicação, que tem como nós principais, organizações não-governamentais do chamado terceiro setor. Porém, esta metodologia poderá servir como base para identificação e análise de outras redes, como, por exemplo, empresariais ligadas ao mercado, inter-governamentais ou ainda de movimentos sociais variados.

Uma metodologia descritiva e cartográfica. Abaixo alguns passos importantes para se desenvolver o modelo:

a) História da organização:

Identificar e sistematizar as principais datas cronológicas da organização. (Data de fundação, datas de mudanças significativas, de direção, alianças, fusões, tercerização etc) datas dos lançamentos dos principais produtos, principais campanhas e criação de ferramentas de trabalho. A história sempre é importante para contextualizar a realidade analisada.

b) Analisar os principais eventos presenciais e os principais produtos da organização/empresa/rede, as organizações e suas relações (local de atuação, forma

- de atuação, influência local e global, produtos, softwares utilizados, relação com outros grupos, concorrentes, governos, entidades financiadoras etc.).
- c) Identificar e analisar a comunicação, o discurso e os temas recorrentes da rede/organização virtual. Identificar através da comunicação eletrônica (mensagens do correio eletrônico, debates, preocupações, e questões da organização virtual), os discursos, os fluxos de informação.
 - d) Análise das ferramentas de tecnologia da informação e comunicação (T.I.C.) usadas pela rede (evolução das ferramentas, impressas, radio, internet, web, banco de dados etc.).
 - e) identificação dos níveis fractais da organização/rede (local, municipal, global ou rede temática, geográfica etc.).
 - f) Desenho do modelo organizacional realizado a partir da identificação dos níveis fractais. A partir da identificação dos nós da rede baseados nos fluxos de comunicação e com subsídio dos passos e elementos anteriores.
 - g) Análise e conclusões sobre a rede analisada, baseadas no desenho do modelo cartográfico.

5.2 Conclusões específicas

5.2.1 A rede DPH e suas fases

Tendo como critério o número de atividades relevantes desenvolvidas pela rede DPH, pode-se constatar uma fase embrionária que vai desde o surgimento da sua ideia inicial (1986/1987) até 1991. Neste período quase todo o trabalho é desenvolvido e realizado pela FPH. Um segundo período, onde as atividades praticamente quadruplicam, ocorre entre 1992 a 1995. Denominou-se esse momento histórico de fase infantil, pois surgem muitas das estruturas organizacionais e ferramentas de trabalho, ainda que embrionárias, mas já com características claras de como se desenvolverão ao longo do tempo na rede DPH em sua extensão internacional. Entre 1996 e 1998 novamente dobram as atividades internacionais registradas da rede. Esse período caracteriza-se como a fase adolescente da rede DPH. A rede começa a ficar adulta, tomar o destino em suas próprias mãos e caminhar com as suas pernas, criando sua identidade e direção organizacional. A rede se solidifica em termos organizacionais na Europa e se amplia e fortalece na América Latina, aumenta as atividades de e encontros na África e na Ásia. Em nível técnico surgem mais ferramentas como o DPH para “Mac” e para Windows (4D), o “tryptique Dph”, um kit sobre o DPH e o aprimoramento do Web Dph. Essas ferramentas mais amigáveis facilitam o trabalho e popularização da rede e do banco de dados ISIS-DPH.

A partir de 1999 as atividades vão demonstrando uma tendência de, a cada ano crescer em uma dezena o que faz com que caracterize-se este período com fase adulta. Nota-se uma definição e estabilização das funções organizativas da rede (reuniões de formação, reuniões do CENO, planejamento e atividades para ampliação em outras áreas geográficas, reuniões sistemáticas, aprimoramento das ferramentas, presença formal nas reuniões das redes aliadas e filiadas etc). Assim constata-se que historicamente, a REDE DPH tem tido um crescimento formal e organizacional muito grande.

5.2.2 Rede DPH: uma estrela rumo a uma malha

A rede DPH está evoluindo de uma rede em forma de “estrela”, onde a FPH, Fundação Charles Leopold Mayer para o Progresso Humano, era o centro da estrela, passando para uma rede em forma de “y” sendo que o CENO divide a coordenação com a FPH. Alguns indicativos apontam que a tendência da rede DPH é, em um futuro não muito longínquo se transformar em uma rede em malha ou de interdependência, dependendo da conjuntura e de conseguir superar vários desafios. Entre esses desafios estão a dependência econômica de financiamento da FPH (com a conquista de novos parceiros), superar as diferenças linguísticas e a hegemonia francófona (com novos programas de trabalho e parceiros fortes internacionalmente em outros países não francófonos) e avançar na diversidade e modernização das ferramentas de trabalho e comunicação (banco de dados, internet, ferramentas de busca etc).

5.2.3 As ferramentas e a prática do intercâmbio de experiências

Um dos grandes desafios que a rede DPH se coloca é: como conseguir uma autêntica troca de experiências? Na construção de um conhecimento comum, cada grupo ou nó da rede contribui com seus materiais; suas informações, contudo, para que a rede se consolide é imprescindível uma linguagem e uma metodologia de intercâmbio de experiências.

Graças a esta proposta de metodologia, a partir de análises das informações e das experiências, respeitando ao mesmo tempo a complexidade da realidade humana, das culturas, das diversidades econômicas e linguísticas, pode-se tirar lições aplicadas à prática, identificar métodos transferíveis, descobrir pessoas e organismos suscetíveis, que ajudem a facilitar o trabalho e definir orientações para a ação. Deste modo, no processo de construção a rede DPH tem compreendido que:

- A ficha DPH constitui a unidade de comunicação entre os membros da rede.
- O conjunto de fichas se encaminha à constituição de uma inteligência coletiva cuja parte visível se denomina “banco de experiências”.

- O catálogo da rede DPH permite caracterizar estas experiências e investigar o quê convém para a ação.
- Os programas informáticos gestionam o conjunto de informações registradas e permitem tirar proveito das mesmas.
- A metodologia do intercâmbio de experiências aponta técnicas de trabalho intelectual e ajuda a organizar intercâmbios entre os membros da rede e outros interessados em temáticas sistematizadas pela rede.

5.2.4 Uma ficha DPH é uma unidade de comunicação normatizada

Uma ficha segundo, os critérios discutidos pelos membros da rede e divulgado em seus documentos, deve servir em primeiro lugar ao próprio redator ou ao portador da experiência levando-lhe a tirar, ele mesmo, os principais ensinamentos ou aprendizados e a estabelecer a seleção ou comparação com outras situações. Deve, além disso, permitir a outros usufruir das informações e reflexões incluídas nela; e por último, deve constituir um laço entre pessoas e instituições que se revelam mutuamente, através de interesses e práticas comparáveis.

A normatização da apresentação das fichas é a condição para que uma memória coletiva informatizada possa ser utilizada facilmente. Requer certa disciplina no preenchimento das diferentes rubricas (assinaturas). A ficha DPH tem a particularidade de tentar captar e transmitir uma informação, uma reflexão, uma experiência, seja qual for sua procedência.

As iniciativas documentais clássicas dão prioridade à fonte em comparação ao conteúdo: desse modo, nas mesmas fichas sempre terá mais peso uma informação que procede de um organismo científico oficial do que uma informação que vêm de um grupo coletivo de habitantes de um bairro marginal.

A rede DPH traça um enfoque diferente, que privilegia o interesse do conteúdo e não sacraliza a fonte. Assim pois, por seu estado de ânimo, o redator de uma ficha DPH se assemelha mais ao de um jornalista. O ponto de partida intuitivo de nossa iniciativa, é a ideia de que cada situação, cada contexto local, constitui um “sistema”: cada conjunto engloba um aspecto que traduzem os vínculos entre os homens e seu meio, outros traduzem as lógicas sociais, incluindo outros que traduzem as lógicas autônomas dos sistemas técnicos. Todo sistema é único em seu gênero.

A rede DPH prefere a utilização de métodos “clínicos”: “se distingue as particularidades de cada caso dentro de sua globalidade e logo se tenha, planeja comparar essas globalidades e colocar manifesto as analogias: mas além de sua diferença, a miúdo os diferentes contextos estudados estão construídos de maneira similar.

O esforço de estruturação progressiva prossegue com a codificação. Esta obriga a identificar os temas principais abordados e designá-los mediante palavras

chaves. Daí a importância da estrutura do catálogo (tesauro): o cuidado e a definição das palavras e mais ainda o estudo das relações de ordem e de semelhança entre elas é um dos elementos decisivos da estruturação das representações que se faz da realidade.

Uma outra operação, preferentemente coletiva, é “a análise transversal” das fichas. Esta análise consiste em descobrir progressivamente as analogias que fazem que as histórias tenham elementos comuns. As preocupações comuns assim identificadas podem, por exemplo, expressar-se em forma de plataforma ou de declaração, em três subdivisões: constatações essenciais, valores essenciais e prioridades para a ação. Assim, este trabalho intelectual de confrontação de experiências pode desembocar em uma ação coletiva. Por isso, é preciso reconhecer que esta se apoia na adesão a um certo número de valores. Este método se inspira no método utilizado por certas empresas para dar forma a sua experiência. Isto comprova que a filosofia e a metodologia DPH é claramente influenciada pelas novas teorias sistêmicas, da complexidade, dos fractais e do caos.

5.3 Recomendações para trabalhos futuros

5.3.1 Criação de um software aplicativo que sirva de ferramenta para criação de organogramas e modelos organizacionais virtuais em forma de rede

Indica-se a aplicação do conhecimento sistematizado nesta tese, para criação de um software aplicativo que sirva de ferramenta para criação de organogramas não lineares e verticais, que considere as teorias da complexidade, do caos, dos fractais e de redes. Esta ferramenta seria muito útil para as pesquisas interdisciplinares, organizacionais, para estudiosos de recursos humanos, administração, ciências humanas, comunicação e engenharia de produção e sistemas entre outros. Este programa auxiliaria no planejamento dos mais variados tipos de organização em rede (empresas, organizações não-governamentais, instituições públicas, escolas etc.) cada vez mais frequentes no século que se inicia. Atualmente não se conhece nenhum aplicativo disponível no mercado que cumpra essa função.

5.3.2 O desafio da diversidade linguística: articulações para vencer a torre de Babel

Em relação a Rede DPH e suas relações, sugere-se uma articulação da coordenação da rede DPH e da Fundação Charles Leopold Mayer (FPH) com o projeto: Universal Networking Language (UNL), como foi batizada a rede, que desenvolve um tradutor automático de línguas para WEB, que é desenvolvida há cinco anos

por um consórcio sob comando da Organização das Nações Unidas (ONU). Especialistas em tradução automática de 17 centros ao redor do mundo – “só na China são 110 pesquisadores”, diz o Prof. Della Senta – trabalham no projeto, que já consumiu entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões em investimento.

No Brasil, o polo é PPGEP da Universidade Federal de Santa Catarina. Mantido à distância do grande público até agora, o projeto está próximo de enfrentar seu principal teste: a viabilidade comercial. “Do ponto de vista tecnológico, a UNL está completa”, informa Della Senta. Os softwares básicos estão prontos e a próxima etapa é criar aplicações concretas que a aperfeiçoem. A previsão é apresentá-la durante a Assembleia das Nações Unidas, em outubro. Ainda há muito trabalho a fazer. Para lidar com tantas línguas diferentes – a Índia tem, sozinha, 18 idiomas oficiais –, foi criado um dicionário que identifica conceitos e não apenas palavras. É o que diferencia a UNL dos limitados tradutores disponíveis atualmente.

Definida a prioridade, a UNL converte a palavra em um código eletrônico de significado específico. Depois encontra o mesmo código na outra língua e faz a desconversão.

Com tantas circunstâncias complexas, para funcionar a UNL precisa de clareza na comunicação. Por isso mesmo, é voltada para aplicações de negócios, em que as mensagens são objetivas. “Não serve para poesia, que é essencialmente ambígua”, diz Della Senta. A limitação estende-se a outros tipos de textos literários e jornalísticos.

O sistema será aberto à participação de empresas interessadas em criar aplicações. A ideia é negociar caso a caso para que as companhias possam preservar informações estratégicas e, ao mesmo tempo, garantir o acesso público à base de conhecimento. O direito de patente já foi requerido pela ONU.

“A idéia é criar um reservatório coletivo que reúna o conhecimento de vários povos”, pensa o professor. Não é por acaso que o primeiro texto a ser traduzido na UNL foi exatamente o da torre bíblica.

Acredita-se que esse projeto pode dar uma grande contribuição para articulações e redes internacionais como a DPH, que tem nas línguas uma das grandes dificuldades para sua popularização e massificação. (ROSA, 2002)

5.3.3 Desafio tecnológico: a articulação com o movimentos semelhantes

Acredita-se que para uma maior abrangência e para vencer os seus desafios tecnológicos e financeiros a rede DPH deverá se articular com outras redes que tenham o mesmo sentido da sua atuação. Além da rede que tenta desenvolver a UNL, já citada, acredita-se que a rede deveria tentar articulações com o movimento internacional de softwares livres que tem no Projeto GNU que desenvolve um

sistema operacional livre completo chamado “GNU” (GNU’s Not Unix, ou GNU não é Unix) que é um superset do Unix. Para que essa aproximação pudesse ser feita, contatos com a Fundação para o Software Livre (FSF), coordenada por Richard Stallman, que é dedicada à eliminação de restrições sobre a cópia, redistribuição, entendimento e modificação de programas de computadores. Promovendo o desenvolvimento e o uso de software livre em todas as áreas da computação – mas particularmente, ajudando a desenvolver o sistema operacional GNU.

Muitas organizações distribuem qualquer software livre que por acaso esteja disponível. Em contraste, a Fundação para o Software Livre (FSF) se concentra no desenvolvimento de novos softwares. Além de desenvolver o GNU, a FSF distribui cópias do software GNU e manuais por uma taxa de distribuição, e aceita doações dedutíveis sobre os impostos para suportar o desenvolvimento do GNU. A maior parte dos fundos da FSF vem deste serviço de distribuição. (FSF, 2002)

Neste sentido também ocorre um importante movimento em forma de rede de inclusão digital, onde no Brasil e América Latina se destaca o Movimento de Democratização da informática (MDI) e seus CDIs (Comitês de Democratização da Informática). É uma rede de tele-centros e escolas que luta contra a exclusão digital. Possui várias parcerias e uma rica articulação pelo mundo todo (CDIs, 2002). Este tipo de articulação seria fundamental para a rede DPH ampliar e enriquecer sua experiência e contribuir com outras redes semelhantes.

Fontes bibliográficas

AOKI, Kumiko et al. *Virtual University Reference Model*. <http://www.westga.edu:80/~distance/aok13.html>. Acessado em fevereiro de 2001.

ALENCAR, Eunice N. L. S. *Como desenvolver o potencial criador*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Criatividade: expressão e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.1994.

ARETIO, Lorenzo Garcia. *Educación a Distancia Hoy*. UNED. Madri, 1994.

BASE CEN: base de dados do centro/local da Rede DPH. 230 *fichas locais*. 6914 fichas internacionais. Produzidas, administradas e consultadas em: Associação Diálogo Cultura e Comunicação. Rua José Pedro Gil, 173, Agrônômica, Florianópolis-SC, Brasil. CEP. 88025-030. e-mail: dialogo@ mbox1.ufsc.br. Consulta feita entre 01/1999 a 01/2002.

BATES, Tony. *Restructuring the University for Technological change*. <http://www.bates.estudiers.ubs.ca/carnegie/carnegie.html>. Acessado em fevereiro de 2001.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela total*. Porto Alegre: Sulina. 1997.

CADOZ, Claude. *Realidade Virtual*. São Paulo: Atica, 1999.

CAETANO, Ana Teti. *Redes: Breve recorrido histórico*. Fórum DPH. Dph-esp@fph.fr. Acesso em 31 mar. 1998.

- CALAME, Pierre. *Mission Possible: penser L'avenir de la Planète*. Paris: ed. Desclée de Brouwer. 1995.
- CALAME, Pierre, ROBIN, Jacques. *Autoroutes de l'information et Multimedia: Chances et risques pour la citoyennete et le lien social*. Paris: FPH, 1995..
- CARDOSO, M.L. Alcina. LDB, novas tecnologias e... a oportunidade que a nação perdeu. In: *Revista Vozes & Diálogo*, n. 4, Itajaí: UNIVALI, 2000. 123p.
- CARDOSO, M.L. Alcina & ARAUJO S. *Jornalismo & militância operária*. Curitiba: Editora da UFPR, 1992.
- CARDOSO, Cláudio. *Vínculo e compromisso social no Cyberespaço*. In: Comunicação & Política: mídia e tecnologias. Rio de Janeiro: CEBELA, v. III n. 1, jan. /abr. 1996. 219p.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, Amana-Key. 1999.
- CASTELLS, Manuel. *La société en réseaux*. Paris: Fayard, 1998. 613p. (já tem em português pela ed. Paz e Terra, com o título traduzido como: A sociedade em rede)
- _____. *Fim do milênio: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra.1999.
- _____. *La revolucion da tecnologia*. <http://www.anice.net.ar/infoysoc/catedra/Material/castellscap1.html>. Acessado em abril de 2002.
- _____. *NTC y desempleo*. <http://www.aquibaix.com/factoria/articulos/castells1.htm>. Acessado em março de 2002.
- CEBRIÁN, Juan Luis. *A rede*. São Paulo: Summus editorial. 1999.
- CHESNEAUX, Jean. *Les réseaux: une avancée plutôt ambiguë?* en: Transversales Science/Culture n°19, enero / febrero de 1993.
- CHOMSKY, Noam. *A minoria próspera e a multidão inquieta*. Brasília: UnB, 1997.
- COSTA NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na malha da rede: impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Campus. 1998.

- CRAINER, Stuart. *Os revolucionários da administração*. São Paulo: Negócios Ed. 1999.
- CUVILLIER, Armand. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Editora da USP, 1975.
- DAVENPORT, Thomas H. *Ecologia da informação*. São Paulo: Futura. 1998.
- DEBRAY, Régis. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *Midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DEMORY, Bernard. *7 técnicas de criatividade*. Lisboa: Inquérito. 1986.
- DIÁLOGO. Cultura e comunicação. *Manual Tesouro DPH da Rede Vozes do Silêncio: comunicação e cultura*. Itajaí: UNIVALI/Diálogo. 1996.
- DIZARD, Wilson. *A nova Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DOWBOR, Ladislaw. O espaço do conhecimento. In: *A revolução tecnológica e os novos paradigmas da sociedade*. SEABRA, Carlos et al. Belo Horizonte/ São Paulo: IPSO/Oficina de Livros, 1994.
- DPH. *Banco de dados ISIS-DPH*. Banco de dados com 7712 fichas. Acessado em Florianópolis: Associação Diálogo Cultura e Comunicação. e-mail: dialogo@mbox1.ufsc.br e <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/dialogo/>. Acessado durante 2001/2002.
- _____. *Manual DPH*. Tradução feita por Diálogo Cultura e Comunicação, mimeo. 2000. Documento em espanhol: Rede internacional de intercambio de experiencias y reflexiones útiles para la acción. DPH/FPH. 1998.
- _____. *Red internacional de intercambio de experiencias y reflexiones útiles para la acción*. DPH/FPH – Fundación Charles Leopold Mayer para el Progreso del Hombre. 1998.
- _____. *Respuestas a la provocación lanzada por el censo*. CENO (Comitê de Enlace e Orientação). Marzo de 1998. Mimeo.
- _____. <http://w1.neuronnexion.com/dph/f1gaa.htm>. Acessados via web em 2001/ 2002:

- _____. http://62.4.23.226/dph/lettre_dph.htm. <http://62.4.23.226/dph/>. Acessado em 2001/2002.
- DRUCKER, Peter F. (Org.) *A comunidade do futuro*. Idéias para uma nova comunidade. Ed. Futura. 1998.
- DYSON, Peter. *Dicionário de redes*. Rio de Janeiro: Campus. 1995.
- DUALIBI, Roberto; SIMONSEN Harry jr. *Criatividade e Marketing*. São Paulo: Mc Graw Hill. 1990.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva. 1976.
- EPSTEIN, Isaac. *Teoria da informação*. São Paulo: Ática. 1988.
- FERNANDES, Francisco A.M. & BARROS, Laan Mendes (Orgs.) *Comunicação e solidariedade*. S.Paulo: Loyola, 1992.
- FERNANDES, Rubem César. *Privado porém público: o terceiro setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. FERNANDO, Sunimal. The co-financement of DPH: Some strategies, opportunities, constraints and implications. Sri Lanka: INASIA-LEX-DPH. 1997.
- FESTINGER, Georges. *ISIS e questões técnicas*. Fórum DPH. dph-esp@fph.fr. Acesso em mar. 1998. FEUGAS, Françoise. Ceno: ¿Dónde están? Fórum DPH. dph-esp@fph.fr. Acesso em jan. 2000.
- FIGUEIREDO, Hermila. *Animação permanente*. Fórum DPH. dph-esp@fph.fr. Acesso em jan. 2000. FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FPH. Fundação Charles Leopold Mayer pour le progress l'Homme (FPH) <http://www.sente.ch/fph/>. Acessado em abril e maio de 2001.
- GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1995. GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GILDER, George. *A vida após a televisão: vencendo a revolução digital*. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1996.

- GOMES, Pe. Pedro Gilberto (Editor). LCC Cadernos. *Da formação do senso comum à educação para a comunicação*. São Paulo: Loyola, /UCBC/LCC.
- GRAMSCI, Antonio. Dos Cadernos do Cárcere (1929-1935): conceitos fundamentais da teoria política. In: COUTINHO, Carlos Nelson. *GRAMSCI*. Porto Alegre: L&PM editores, 1981.
- GREENFIELD, Patricia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica. Os efeitos da TV, computadores e videogames*. São Paulo: Summus, 1988.
- GUÉGUEN, Nicolas; TOBIN, Laurence. *Communication, société et internet*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem total. Uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978
- HANNA, Donald E. *Higher Education in era of digital Competition: Emerging organizational Models*. http://www.aln.org/alnweb/journal/jaln_vol2_issue1.htm#hanna. Acessado em maio de 2001.
- IANNI, Otávio. *A sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- KLEIN, David A. *A gestão estratégica do Capital Intelectual*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.
- KOREAN National Commission for UNESCO. <http://www.unesco.or.kr/cyberlang/eng.html>. Acessado em fevereiro de 2001.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.) *Comunicação e educação. Caminhos cruzados*. São Paulo: Loyola, 1986.
- LA CARTA de DPH. Paris: FPH/ RITMO/CENO DPH. *Boletim informativo da Rede DPH*. Em espanhol. Impressos: n. 8, out de 1994; n. 12, jun 1995; n. 21 set 1997; n. 22, dez 1997; n. 25 out 1998.
- _____ Paris: FPH/ RITMO/CENO DPH. *Boletim informativo da Rede DPH*. Em francês. Impressos: n. 28, jul 1999; n. 29, out 1999; n. 30, dez 1999; n. 31, mar 2000; n. 32 jul 2000; n. 35 mar 2001; n. 36, jul 2001; n. 37, out 2001; n. 38, jan 2002; n. 39, abr 2002; n. 40 jun 2002.

- LAMIZET, Bernard ; SILEM, Ahmed (org). *Dictionnaire encyclopédique des sciences de L'information et de la communication*. Paris: ELLIPSES, 1997.
- LANDIM, Leila. *Sem fins lucrativos: as organizações não-governamentais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1993.
- LARREGLE, Ana. *Animar para quê?* Fórum DPH. dph-esp@fph.fr. Acesso em jan. 2000.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- LIMA, Lauro de Oliveira. *Mutações em educação segundo McLuhan*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MACHADO, Cassiano E. *O silêncio dos idiomas*. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 21 dez. 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina. 1997.
- MANCÉ, Euclides André. *A revolução das redes*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade tecnológica*. São Paulo: Scipione, 1994
- MARQUES, Eduardo Cesar. *Estado e redes sociais*. São Paulo: FAPESP/Ed. Revan. 2000.
- MARTINS, Onira B. *A educação superior a distância e a democratização do saber*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- MASI, Domenico De (Org). *A emoção e a regra*. Os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- MASON, Robin. *Models of Online Courses*. http://www.aln.org/alnweb/magazine/vol2_issue2/Masonfinal.htm. Acessado em fevereiro de 2002.
- MATOS, Heloiza. *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta, 1994.

MATTA, Fernando Reyes (org). *A informação na nova ordem internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MATTELART, Armand. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. & MICHÉLE. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.

MELO, José Marques de. *Comunicação na América latina. Desenvolvimento e crise*. São Paulo: Papyrus, 1989.

_____. *Comunicação e modernidade*. São Paulo: Loyola, 1991

MESQUITA, et al. *O termômetro de MacLuhan*. Bases para a reflexão interdisciplinar. Fortaleza: Editora da UFC, 1993.

MORAN, José Manuel. *Como ver televisão*. São Paulo: Paulinas, 1991.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

NETO, João Amato. *Redes de cooperação produtiva e clusters regionais*. São Paulo: Atlas, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na malha da REDE*. Impactos íntimos da Internet.

NISKIER, Arnaldo. *Educação à Distância. A tecnologia da esperança*. São Paulo: Loyola, 1999.

NOBREGA, Clemente. *A quinta onda é seu futuro*. http://www.clementenobrega.com.br/art_5ond.htm. Acessado em março de 2001 e fevereiro de 2002.

NUNES, Ivônio. *Noções de educação à distância*. <http://www.intelecto.net/ead/ivonio1.html>. Acessado em fevereiro de 2001.

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes. 1998.

PARREIRA, Vania de Oliveira Parreira. Entrevista concedida ao autor. Mimeo. 2000.

- PIAGET, Jean. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. São Paulo: Papirus, 1996.
- RAMOS, Murilo C. Brasil, mídia, futuro e o futuro da política. In: MATOS, Heloísa (Org.). *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta, 1994.
- RED Diálogos pour le progress de la Humanité (DPH). <http://w1.neuronnexion.com/dph/index.htm>. Acessado em janeiro de 2002.
- REVELLI, Carlo. *Intelligence stratégique sur internet*. Paris: DUNOD, 1998.
- ROSA, João Luiz, Internet Projeto da ONU reúne 17 centros de pesquisa no mundo; <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/materia.asp?id=1074567>. Acessado em fevereiro de 2001.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Metodologia de redes no estudo de ações coletivas e movimentos sociais. In: *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Redes de movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Loyola/Centro João XXIII, 1993.
- _____. Organizações não-governamentais na América Latina: seu papel na construção da sociedade civil. In: OLIVEIRA, Francisco et al. *Sociedade civil: organizações e movimentos*. São Paulo: SEADE, 1994.
- SHATTUCK, Roger. *Conhecimento proibido*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SILVA FILHO, João Josué & BELLONI, Maria Luiza (Orgs.). *Educação e comunicação. Perspectiva*. Florianópolis: UFSC, 1995.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *A era da informação*. In: Tecnologia educacional, v. 22, Rio de Janeiro: ABT, jul./out. 1993. p. 11-19.
- SOUZA, Marcio Vieira de. *As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil*. Florianópolis/Paris: DIALOGO, FPH, 1996.
- _____. Criatividade, novas tecnologias e comunicação: Reflexões para uma comunicação cidadã no terceiro milênio. In: *Revista Vozes & Diálogo*, n. 2, Itajaí: UNIVALI, 1998.103p.

- _____. Mídia e conhecimento: a educação na era da informação. In: *Revista Vozes & Diálogo*, n. 3, Itajaí: UNIVALI, 1999. 98p.
- _____. Redes tecnológicas e organizacionais de comunicação: um desafio para o terceiro milênio In: *Revista Vozes & Diálogo*, n. 4, Itajaí: UNIVALI, 2000. 123p.
- TAFNER, Malcon A; XEREZ, Marcos; RODRIGUES Fº, Ilson W. *Redes neurais: introdução e princípios de neurocomputação*. Blumenau: Editora FURB/ Ed. ECO. 1999.
- THYS, Pascale. *La cuestion de la mediación y del mediador*. Tradução de Cláudio Alatorre. Fórum DPH. dph-esp@fph.fr. Acesso fev. 2000.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TIFFIN, Jonh; RAJASINGHAM, Lalita. In *Search of the Virtual Class*. London: Routledge, 1995.
- TIGRE, Paulo Bastos. *Indústria Brasileira de Computadores. Perspectivas até os anos 90*. Rio de Janeiro: Campus, : IMPES/IPEA, 1987.
- TRAMONTE, Cristiana; SOUZA, Mácio Vieira de (Orgs). *Redes de comunicação: experiências educativas e comunitárias na América Latina*. Florianópolis: Diálogo/FPH, 1997.
- TRIVINHO, Eugênio. *Redes. Obliterrações no fim de século*. São Paulo: Ed. FAPESP/ ANNABLUME. 1998.
- TV Technology. *Futuro y comunicación*, v. 18, nr.22, Out. 2000.
- TUROFF, Murray. *Alternative Futures for distance Learning*. <http://www.westga.edu/~distance/turoff11.html>. Acessado em fevereiro de 2001.
- UNDL FOUNDATION. <http://www.undl.org/>. Acessado em maio de 2001.
- UGARTE, Vladimir. *Chronologie*. Rede DPH, Ceno. Paris: Mimeo, 2001a.
- _____. *Entrevista concedida ao autor*. Mimeo, 2001b.

UNESCO. *Um Mundo e Muitas Vozes*. Comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: ed.FGV /UNESCO.1983.

UNESP. O que são fractais? *Jornal da Unesp*, maio 1997, ano XII, n. 113 <http://members.nbc.com/janeladoaos/2000>. Acessado em abril de 2001.

VALOR Econômico. <http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/materia.asp?id=1074567>. Acessado em junho de 2001.

VEJA vida digital. *O dono da Internet*, n. 52, ano 33.dez. 2000.

VEJA vida digital. *Internet sem fio*, n. 16, ano 33.abr, 2000.

VEJA. *O panorama das populações e da riqueza da terra no ano 2000*, n. 52, ano 33, dez. 2000.

WECHSLER, Solange M. *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUC, 1995.

Anexos

Entrevistas realizada pessoalmente pelo pesquisador em 01/06/99

Entrevista com Vladimir Ugarte representante da FPH no CENO da Rede DPH (traduzida do espanhol)

Márcio: como você vê o impacto das novas tecnologias de comunicação no final do século XX em termos sociais, das redes de movimentos sociais, o impacto social?

Vladimir: O papel das novas tecnologias é um grande desafio e ao mesmo tempo um grande perigo. Vai-se começar pela parte má que é a situação de perigo. Penso que o problema das novas tecnologias é que, embora permitam a massificação do fluxo das informações, permite, portanto, uma mudança completamente... uma mudança de dimensões no tipo de informação de que se trata (...) pela quantidade de servidores, pela quantidade de fluxo de informações. Penso num perigo de quem controla essas novas tecnologias e a serviço de que?

Por exemplo, um dos grandes problemas que existem atualmente na rede, a NET, é principalmente que todos os acessos que permitem esse tipo de democratização, de circulação de informação, ao mesmo tempo, se não há vontade da parte dos Estados de financiar o acesso a estar rede, vai terminar sendo propriedade de um grande grupo de monopólios.

Outro grande perigo é que provoca uma certa desterritorialização. Por exemplo, os movimentos sociais, as lutas sociais, tem um sentido quando se vinculam na realidade com processos locais, processos enraizados nas condições locais, e, na maioria das vezes, enraizados em um território. Há uma relação no território

que é real. Com processo de globalização da informação e com o acesso de cada vez mais setores sociais, grupos organizados, ongs, as lutas sociais tornam-se ao mesmo tempo, como que lutas virtuais no sentido de que há um afastamento do território, ao mesmo tempo, perda desta relação, que é a relação que a proximidade nutre.

Outro grande perigo é que provoca uma grande quantidade de mobilização e circulação da informação, mas, de toda maneira, esse fluxo e essa enorme massificação da informação, se não é uma informação que está estruturada e posta a serviço dos grupos, dos coletivos, dos processos sociais esta informação vive mais como um peso, mais como uma perda de referência do que como algo que pode facilitar o acesso à informação.

Hoje em dia, por exemplo, alguém pode ver uma televisão e existem uma quantidade de 60 ou 70 canais que ele pode ver. Por acaso, o fato de que existam 60 ou 70 canais pode trazer mais sentido ao compromisso das pessoas? Por acaso, o fato de que exista 60 ou 70 canais traz mais respostas aos reais problemas que as pessoas tem? Penso que não. A massificação não é um sinônimo de democratização

A outra ideia é com respeito aos desafios. Penso que, se há um controle por parte das organizações, por parte principalmente dos Estados, as novas tecnologias podem se existe regulação, virem a ser um instrumento que possa facilitar a estruturação da informação e a capacidade de colocar ali a posição das pessoas, e à demanda que há de informação colocar respostas claras que permitam encontrar soluções adequadas ao problemas existentes. Por exemplo, ao nível do que significa fluxo das informações.

Por exemplo, o efeito do Movimento Zapatista no México que se serviu muito da internet para poder, através de redes, denunciar as ameaças do avanço do Exército Mexicano contra eles ou denunciar as intervenções militares que significavam assassinatos da população. Isto permitiu rapidamente que fosse possível fazer ações que intervissem na opinião internacional que vinham em apoio a esse movimento. O que é interessante é que, não é somente o fato de que existam os canais de fluxo de informações, mas o importante é que havia uma utilização, uma administração e um uso destes mesmos canais a serviço de algo, a serviço de um propósito.

Então, penso que, se este problema de controle dos meios de comunicação a serviço de desafios maiores não está feito, as novas tecnologias podem significar ao mesmo tempo um grande perigo. Penso que teria que haver um controle dos Estados ou de alguma parte, ou de um consórcio de Estados, ou seja, seria necessário que se conceba que o fato de que as novas tecnologias da informação são um benefício público, portanto, um bem público, os quais os Estados deveriam por oferecer e ao mesmo tempo controlar, para que não haja acesso, por exemplo a

servidores racistas, xenófobos, pornográficos. Porque isso não pode ser, tampouco, uma globalização do que é a política interna dos EUA, onde qualquer pessoa pode ter uma arma e resolver um conflito disparando ou assassinando. É exatamente o mesmo exemplo. Portanto, primeiro, é necessário considerar que é um bem público; segundo, que se as empresas intervêm nisso, por exemplo, há uma parte de administração que deve estar a serviço desse bem público e portanto, todo mundo tem que ter acesso a este tipo de utilidade.

Márcio: Como vê a diferença entre rede tecnológica e o que a gente chama de rede de movimentos sociais, mais horizontal? Acha que as redes tecnológicas tem ajudado ou não?

Vladimir: É necessário explicitar os conceitos. Minha maneira de entender uma rede tecnológica é a capacidade que tem uma informação, um fluxo, uma energia, de criar uma relação onde não há um centro, mas somente periferias, ou seja: primeiro, há uma ausência de centro e segundo, o que pode também existir são vários centros. Então, é a capacidade de estabelecer uma relação que é uma relação que, em vez de ser de A a B, é de A a B mas de B a C e depois, de A a C. Ou seja, não é uma relação linear, de causa-efeito, mas de tecido. Isso pode ser, por exemplo como a rede tecnológica dos Telecom, dos telefones, as redes tecnológicas de eletricidade, as redes tecnológicas do cabo, que, servindo-se em polos, em diferentes partes ajudam a concentrar em um lugar para poder partir em outra direção. O crescimento, por exemplo, da internet, que foi primeiro uma criação dos militares norte-americanos, tinha exatamente isso: como utilizar uma rede tecnológica e, no caso em que venha uma guerra com os países do Leste, a ideia da (PANET e da CCNT) era de pensar que tinham que contatar-se com os agentes do exército, os pias norte-americanos que estavam disseminados em todas as partes do mundo, sabendo que se entrava em um conflito militar violento com os países do Leste, se alguma parte cortava as comunicações, a ideia era como passar ao lado dessas comunicações, ou seja, de ir a um ponto a outro numa auto-estrada como tomar pegar o caminho mais curto, que faça chegar ao mesmo ponto quem sabe com mais tempo e buscando outras alternativas. Esse nascimento da lógica da Internet é o de uma rede tecnológica, vale dizer, ter várias possibilidades de ir do ponto A ao ponto B.

Mas o que acontece? Essa rede tecnológica assim disseminada, assim colocada em forma de malha, de tecido, significa que vai criar distâncias muito mais curtas entre as pessoas, sobretudo com a capacidade que tem o fluxo de energia de circular por um cabo, ou por uma fibra. Se faz a relação com uma rede social, penso que esta ideia da distância é mais ou menos bastante parecida. Penso que uma rede social como a pergunta coloca – um movimento social que não estabele-

lece hierarquias, mas que estabelece conexões que são horizontais e transversais, o próprio de uma rede é ser uma topologia, um conjunto de distâncias que se estabelecem entre as coisas e as distâncias em uma rede humana são, concretamente, os valores comuns que as pessoas podem compartilhar, os desafios comuns e a quem sabe, os meios, os instrumentos e as ferramentas que essa mesma rede humana adota para poder guardar uma certa lógica de funcionamento.

Penso que há uma relação bastante interessante. O que faz também a diferença é a capacidade que podem ter setores humanos, agrupamentos, organizações, de tomar, assumir, utilizar as redes tecnológicas para criar uma capacidade de organização; primeiro, descentralizada, quer dizer, não há nenhum chefe, nenhum rei, o único chefe é a lei que se impõe a cada membro dessa rede; segundo, a capacidade que tem, além disso, de fazer circular a informação em todos os níveis da hierarquia da rede. Vale dizer, que a informação é algo que circula transversalmente e que determina, e vai determinando a rede, portanto, a capacidade de concentrar em diferentes níveis de competências, habilidades na verdade. Então, se concentra mais em funções, na capacidade de executar coisas, mais do que em uma divisão hierárquica. Esta é a relação, que penso existir entre uma rede tecnológica e uma rede social.

O que acontece, por exemplo, com a internet, é que nasce em princípio como uma rede tecnológica e pela utilização que tem se converte muito em um fluxo de informações, de utilizações diversas que muitas vezes se permite considerá-la como uma rede social. Penso que fundamentalmente essa, sim, é uma diferença bastante grande, por que as redes sociais significam também que se vai colocar desafios, estratégias, para saber em que direção se vai, em direção se estabelece este tipo intercâmbio entre os diferentes atores.

Márcio: Você, como alguém que lida com isso, acha que a internet tem servido hegemonicamente para articular grupos?

Vladimir: Veja, penso que é necessário aproximar-se das novas tecnologias com cautela, mas é necessário utilizá-las, entrar nelas. Penso que a função que tem cumprido as novas tecnologias da informação é muito mais positivo do que pode ser o perigo que podem produzir. O problema não está numa lógica que diz o que tem contribuído mais ou menos. O problema está no uso que se faz e a orientação que pode ter o uso que se está fazendo. Além disso, simplesmente, as novas tecnologias da informação não podem ser restringidas somente à existência da internet. As novas tecnologias da informação são também as informações que podem circular via satélite, a capacidade de utilizar a televisão, a Web TV, a integração que podem ter os diversos elementos, tudo isso é o conjunto das novas tecnologias. Penso que, fundamentalmente e globalmente se tem a possibilidade,

se são colocadas a serviço de uma estratégia, sobretudo pública, vem a ser uma grande ajuda à constituição da cidadania.

Por exemplo, na África, em alguns lugares, é muito difícil instalar cabos elétricos, fazer passar os cabos pelas condições geográficas, pelo tempo que tem, pela grande dificuldade que este tipo de infra-estrutura pode durar com o tempo. Simplesmente, o acesso com poucos custos financeiros, à informação mundial via transmissão por satélite, pode vir a ser um enorme avanço e pode ser um enorme possibilidade.

Há um tempo atrás, se encontraram na Suíça, faz um ano e meio bancários, empresas, e nós, como FPH, fomos convidados a ir para ver mais ou menos e creio que todo mundo chegava mais ou menos à mesma conclusão: de que isso pode ser uma grande contribuição, para a situação que se cria de exclusão de alguns setores novas tecnologias. Isto é um problema que me parece importante. É que as novas tecnologias tenderiam a gerar outra nova exclusão. Depois da divisão internacional do trabalho, se criaria uma espécie de divisão internacional da informação. Penso que é um risco, mas creio que se há estratégias, que se há uma concepção das novas tecnologias como um bem público, se há uma utilização concreta de colocar essas novas tecnologias a serviço da cidadania e que tem que haver um controle social, público, que não seja somente a empresa privada, os interesses privados, Estado, que não sejam eles que decidam por que aceitar ou não aceitar.

Há vários exemplos de como o uso e a circulação da informação via internet pode ser, além disso, bastante complicado para os Estados. Veja os países do Sudeste Asiático, Birmânia, por exemplo, que vivem regimes muito opressores, uma das primeiras coisas que fizeram foi simplesmente controlar o acesso dos cidadãos à rede de informação internet, porque sabem que é um acesso que não podem controlar.

Penso que, globalmente, com a capacidade que tem os grupos sociais de utilizar esse tipo de tecnologias é um enorme desafio, e um enorme avanço, é uma enorme oportunidade de acesso, para simplesmente, colocar a serviço de muita gente uma informação útil, e colocar a serviço da cidadania uma capacidade de autonomia e de desenvolvimento e de fortalecimento de suas dinâmicas próprias. Creio que este é o desafio, é uma oportunidade e é preciso saber aproveitá-la, mas é preciso fazê-lo.

Márcio: Como vê na pequena história de desenvolvimento da rede DPH, o surgimento da rede, ano certinho, que começou, penso eu, numa rede técnica, um banco de dados específicos, e essa transformação, passos, etapas, evolução, tornando-se, mais do que uma rede técnica, uma rede humana, social no sentido de diálogo, de pessoas que estão pensando... Acho que o DPH é exemplar e você pode ajudar a sistematizar.

Vladimir: Com relação ao DPH, parece-me interessante a analogia que você faz e que tem relação com a pergunta anterior, ou seja, DPH é também um exemplo da passagem de uma rede tecnológica para uma rede humana, social. Ao mesmo tempo que é isso, é também uma outra coisa. Porque significa que, de uma rede tecnológica se passa para uma rede que tem ambivalência, é ser ao mesmo tempo rede tecnológica, como falamos há alguns minutos e uma rede social. Ou seja, é preciso partir da base, de que um ser humano tenha dois pés para caminhar, da mesma forma DPH necessita dois pés: um tecnológica e humano para poder avançar. E a capacidade de poder ligar, colocar em relação, uma tecnologia a serviço de um objetivo, ou pelo menos de uma estratégia. Esta é a realidade de DPH.

Porém, é verdade que se fazemos um pouco de história, no princípio da ideia da DPH, não era que se constituísse em rede – no ano mais ou menos 1985, 86, 87. A ideia ao princípio era de constituir, quase de maneira centralizada, um lugar onde os associados da FPH pudessem colocar num recipiente comum, as reflexões sobre suas próprias práticas. Não era rede. Era uma concepção assim: há gente que está metida na prática e necessita ir para a retaguarda como quando um caminhante vai seguindo no deserto e sabe que tem que voltar a um lago para pegar água. Era exatamente essa a ideia: saber que as pessoas que estão na prática, fazendo pesquisas, e está comprometida com a ação, tinha possibilidade de ir buscar informação que lhe pudesse ser entregue facilmente. Essa era a ideia: de concentrar em um lugar esse tipo de informação. Era uma ideia muito democrática a princípio, de constituir por parte de um coletivo, um lugar onde fosse possível haver informação que fosse acessível a toda essa gente.

Agora, a ideia também surgiu que, com o desenvolvimento da informática, se era utilizada coletivamente, podia ser também uma grande oportunidade, podia ser uma coisa muito boa, porque, simplesmente, em um espaço de disco duro, não maior que o punho da mão, qualquer um pode ter milhões de informações contidas ali. Então, se pensou que este tipo de informação deveria ser estruturada ao nível da computação, quer dizer, tinha que ser trabalhada em banco de dados com computadores. Essa era a ideia inicial. O que aconteceu? Ao mesmo tempo, esta utilização não era uma utilização mecânica, porque a ideia – e é aí que eu te falo da utilização e colocar a técnica a serviço de uma estratégia – a ideia, o desafio era pensar que: primeiro, pode haver uma utilização da informação que produza mais valia para as pessoas que a utilizam. Ou seja, a ideia era dizer que a informação útil pode ter um papel para as pessoas que estejam envolvidas na ação porque essa informação compartilhada pode ser confrontada, pode conter diferentes concepções, pode conter diferentes ângulos, e sobretudo quando está sendo conseguida de um ângulo multidisciplinar, multitemático, multiprofissional, intercultural, permite uma confrontação que pode gerar conhecimento. Essa a ideia de

DPH: que a informação não é nada, mas sua utilização é tudo. A capacidade que as pessoas tem de utilizar a informação pode dar-lhes a pluralidade.

Márcio: A ideia do conhecimento. Informação pode ser apenas uma poluição, se ela não for trabalhada, selecionada, útil à ação, ela não se torna conhecimento, pode se tornar ao contrário. Nas agências internacionais de inteligência, CIA, FBI, antes da Queda da Muro e do evento da internet e das novas tecnologias, elas usavam 80% de informação sigilosa, secreta, e 20% de informação pública. Hoje esta relação é exatamente inversa. O principal das agências de informação hoje não é mais o agente secreto, 007, James Bond, é o que chamam de agente de inteligência, é o cara que dá tratamento para a informação, que cria estratégias, que transforma isso em conhecimento, em planos, projetos estratégicos. Estão investindo muito mais nisso.

Vladimir: é o que se chama a Lei de Pareto, um economista que fez um estudo dos fluxos econômicos que é bem interessante porque é a relação 80-20.

A ideia é que, você, por exemplo, 80% dos resultados te custam 20% do teu tempo útil; 20% do teu tempo bem utilizado pode produzir 80%. Em 80% do tempo você produz somente 20%. Ou seja, 80% concretos de teu trabalho, você investe em coisas que são urgentes mas não são prioritárias; ou seja, desvanece a tua capacidade de intervenção. Não quer dizer que tem que trabalhar somente 20% (risos), quer dizer que tem que ter a capacidade de organização do teu tempo para reinvestir em 80%.

Márcio: transformar em conhecimento, contra o tarefismo...

Vladimir: Agora, para mim, o problema do conhecimento, no caso do DPH, a ideia interessante era uma espécie de inversão que era preciso fazer na valorização do conhecimento. Todos nossos sistemas universitários, todos nossos sistemas de transmissão de conhecimento, todos nossos sistemas de formação estão baseados em valorizar somente uma sabedoria, um conhecimento que vem de academias e que é um conhecimento científico e tecnológico e além disso, concentrado em alguns estratos da sociedade. A ideia era, portanto – e isso é uma postura epistemológica e metodológica completamente diferente – partir da base, de que qualquer pessoa, seja qual for seu trabalho, tem a capacidade de possuir um conhecimento tão valioso quanto o conhecimento acadêmico. Isso é fundamental: através da circulação das experiências se podia reverter essa oposição que há entre conhecimento científico e técnico e o conhecimento prático que vem da experiência.

Isso é um desafio maior que significou que a rede se constituísse aberta aos diferentes setores. Não somente aos setores que fazem pesquisa, não somente aos

especialistas, mas a grupos de base, grupos comunitários, grupos sociais. Mas, a ideia é que a riqueza vem da confrontação dos diferentes tipos de conhecimento. Neste caso, não é uma rede fundamentalmente de grupos de base, porque a riqueza não está aí.

Márcio: está na diversidade.

Vladimir: na diversidade e na capacidade de confrontar os diferentes conhecimentos, porque a confrontação multidisciplinar dos diferentes conhecimentos pode produzir outro tipo de conhecimento com outro valor completamente diferente.

Por isso que a novidade está posta no uso da informação e na capacidade que tem a rede DPH, em cujo interior há uma grande diversidade, de confrontar este tipo de experiência. Por isso é que nos últimos anos esta rede, que é ao mesmo tempo, uma rede que utiliza a informática, que utiliza banco de dados, uma rede, em certo sentido tecnológica, já que utiliza uma energia, se converteu, por sua capacidade de atrair em relação diferentes setores e grupos com uma grande diversidade de atores, em um sistema de comunicação. Um sistema de comunicação que não somente seja capaz de fazer circular uma informação, porque uma coisa é fazer circular uma informação e outra coisa é poder estruturar essa informação.

Hoje em dia nós sacamos (nos perguntamos) para que serve uma informação que circule, que seja completamente democratizada, completamente massiva, se em realidade, as pessoas nunca vão poder encontrar as informações que necessitam encontrar, que lhes é necessária para o que estão fazendo. Portanto, é preciso dar a possibilidade aos grupos organizados, aos coletivos humanos, de poder estruturar, organizar a informação em função de seu próprio desafio, de seu próprio tema de trabalho. E é por isso que a rede DPH se dota de um instrumento que está, além disso, revolucionando muito que é o tesouro.

Que é o tesouro? O tesouro não é somente da rede, não é somente um dicionário de palavras-chave, é o alfabeto, as chaves da cadeia de Ali-babá, (risos) é o mapa dos temas de trabalho das pessoas, e a capacidade que as pessoas que trabalha sobre um tema pode organizar os desafios. É a capacidade de compreender a inteligência dos outros. Neste sentido, é que falamos de inteligência coletiva, é a capacidade de colocar as coisas em relação.

Porque o importante, não é somente conceber, por exemplo, aonde estão os problemas, mas poder ver como os problemas se interrelacionam, uns com os outros. Por exemplo, como os problemas da saúde pessoal estão ligados com a ecologia, e o respeito a um desenvolvimento sustentável. Se as pessoas não tem um respeito por seu próprio corpo, que é o que se entende por saúde, não vão ter nunca um respeito pelo meio ambiente no qual elas se desenvolvem, não

vão poder nunca respeitar a ecologia. Ou pelo menos, um desenvolvimento que respeite um desenvolvimento harmônico com a biosfera, com o reino animal, com o reino vegetal.

Ou seja, é essa capacidade de colocar as coisas em relação, os problemas em relação que faz com que nós, da rede DPH, nos dotamos de um instrumento também tecnológico, mas ao mesmo tempo, que é um instrumento cultural, que é de colocar em relação os problemas, e que isto sirva como uma espécie de cartografia. É como a leitura da sociedade, dos problemas sociais e de toda atividade na qual as pessoas trabalham. Isso é um desafio que vai para além da utilização puramente tecnológica que seria utilizar o tesouro como um simples sistema de busca das fichas DPH, das experiências. Esta seria uma utilização somente tecnológica. Mas não é somente isso, é a inteligibilidade dos conhecimentos que são postos, que são encontrados nesta rede de intercâmbio.

Márcio: a novidade é a metodologia que temos criado na rede DPH, de construção tecnológica. Talvez a gente não tenha conseguido ainda sistematizar teoricamente, mas acho que é um dos grandes... é contraditório, como tudo. Há a demora das coisas acontecerem, isto tem entre aspas atrasado tecnologicamente a rede, mas por outro lado este desafio, esta utopia e esse democratismo até, de se construir, construir a tecnologia, adaptar a tecnologia ao que a gente quer, adaptar os programas ISIS, criar os tesaurus e as palavras-chave, a cartografia, quer dizer, a tecnologia carregada de ideologia. Ter claro isso, que a tecnologia e o meio não são neutros, são construções históricas e isso, tirando a agroecologia, onde existe todo um trabalho tecnológico neste sentido, conheço poucas outras experiências que tem conseguido, na área de tecnologia mais dura, tipo programa de informática etc. que tem tido esta prática. Não é assim: vamos contratar um técnico em informática, como se isso fosse uma coisa que não tem a mínima repercussão, no resto. Se tem claro que a tecnologia é uma questão social e que todo mundo participa. Não são só os técnicos, entre aspas.

Vladimir: Com respeito ao problema da tecnologia, há uma ficha DPH que é muito interessante. Para resumir, conta o seguinte: a invenção tecnológica, a inovação tecnológica, se poderia explicar com uma analogia com o jogador de escable. É um jogo que você tem letras e tem que fazer palavras, colocar em um mapa, porque em função da posição vai ganhar pontos. Há vários tipos de jogadores de escable. O primeiro é aquele que faz uma palavra que ocupa todas as 7 letras, o que significa que vai ganhar 50 pontos e que espera, durante todo o jogo, poder colocar na mesa. O outro jogador de escable compõe período por período, jogo por jogo, ponto por ponto, sua própria estratégia. É completamente diferente. Penso que, neste sentido, a rede, de tipo DPH, utiliza este segundo sistema.

Quer dizer, um sistema que é de combinação, sistema combinatório, quer dizer, em função de um desafio buscamos opções úteis, coletivas e vamos adaptando.

O uso do software ISIS, que utilizamos no princípio não tem absolutamente nada a ver com a utilização técnica que estamos fazendo agora da base do banco de dados. Diversificou-se, variou. A utilização do tesouros também é diferente. Mesmo a utilização das diferentes metodologias é completamente diferente, não porque se usa mais, mas porque perderam seu conteúdo tecnológico, e tiveram mais a ver com um sistema que ponha as coisas em relação. E isso, creio que é um grande avanço, que produz um pouco da história concreta que tem DPH, na qual um banco de dados se transforma também em uma rede social.

Porque em princípio a rede social era quem? Era os utilizadores do banco de dados técnicos. Então, os utilizadores e os técnicos começam a buscar um sentido no que estão fazendo, e isso vai se transformando cada vez mais, vai se diversificando mais, vai se ampliando cada vez mais, se vai utilizando para fins diversos. Então, adquire um conteúdo já quase, podemos dizer, de movimento social ao nível da informação, de diálogo. Vale dizer, um movimento que faça fluir a informação, um movimento que tem também valores e portanto, uma estratégia que faça capaz de colocar-se em movimento contra algo que a sociedade não quer e a favor de algo que são os objetivos de uma sociedade mais justa, responsável, solidária, donde haja participação cidadã, menos desigualdade e mais justiça. Isso parece bastante interessante no sentido de como uma rede consegue incorporar a inovação tecnológica, mas no sentido de uma combinatória. Quem sabe, inclusive, em vez de combinação, poderíamos empregar a palavra conéctica que implica que um fluxo que está mais colocado na horizontal, que o fluxo vertical de cima para baixo, de baixo para cima.

Entrevista com Michel Sauquet membro da FPH, coordenador do programa DIV (diversidade intercultural) no qual a ONG Diálogo – Cultura e Comunicação participa e responsável pela editora da FPH

Márcio: Como você vê o impacto das novas tecnologias da comunicação na sociedade hoje?

Michel: Poderia dizer que ajuda e estraga. Tem um problema de ignorância pura de parte da sociedade dessas tecnologias – correio eletrônico, internet. Além de uma ignorância pura, tem uma ignorância ligeira, de certas pessoas dos efeitos que a tecnologia tem. Tem tantas pessoas que sacralizam, idealizam os efeitos da

internet agora na França e não veem os desvios que pode ter. No ensino na França, essa dimensão do impacto das novas tecnologias não é levada em conta. Um detalhe: com as novas tecnologias, não tem mais secretária na França, quem bate cartas, cada um tem seu computador e bate diretamente, manda e-mails, enfim...

Na França você não consegue encontrar cursos para teclar, digitar. Isso é uma loucura. Por exemplo, eu que tenho 52 anos não vou mais mudar meu jeito de teclar; estou perdendo um tempo incrível. A gente poderia sonhar que as crianças aprendam a teclar com os dez dedos desde criança, mas isso não existe. Isto é um exemplozinho que mostra que tem um desenvolvimento muito rápido dessas tecnologias, sem que o sistema de educação siga e aproveite dessas tecnologias para melhor formar as crianças.

Márcio: Como vê na FPH a introdução das novas tecnologias? Acha que a FPH utiliza bem? A cultura francesa já tem uma tradição escrita muito grande, texto, mas não tem tradição audiovisual tão forte. Em compensação tem articulação, peso grande da internet, dos computadores, entrando com força.

Michel: Na FPH, tardiamente, levamos em conta a importância de utilizar corretamente os meios eletrônicos, mas os ritmos são diferentes, depende dos indivíduos, eu fui muito lento, sou velho, outros não, é uma questão de geração. Outros mais jovens conseguiram em pouco tempo utilizar essas novas tecnologias. A dificuldade foi de harmonizar tudo isso, todas as iniciativas sem impedi-las, mas de tal maneira quem tudo seja compatível, mesmo standard etc. isto foi um pouco difícil.

Nas empresas industriais, por exemplo, a questão é diferente: tem uma hierarquia, tem alguém que vai impor de generalizar ou não o uso deste tipo ou outro de tecnologia, mas na fundações, nas ONGs, nas outras entidades não tem essa cultura totalitária do que é imposto, tem uma cultura de respeitar as iniciativas etc., mas ao mesmo tempo é uma dificuldade porque agora, por exemplo, tem pessoas que estão criando websites para as áreas de trabalho da FPH, para o DPH, editoras, biblioteca intercultural.

Pessoas diferentes estão fazendo isso com acessórios comuns, e sem ter o tempo para harmonizar as políticas. Mas a gente vai conseguir, estamos numa fase que vamos fazer o uso que tem que ser feito para isso, mas você tem que buscar uma harmonização mínima dos websites. Apesar de que não é muito importante, porque para nós, da biblioteca intercultural, o website é um puro paramento porque nós não vamos ter um papel de coordenadores ou de interatividade. Vamos colocar dentro do website informações: quem fez o que, que tipo de texto está escrito sobre o que etc. Se um cara quer saber mais, ele tem o endereço eletrônico do outro etc.

Márcio: Como vê as redes humanas? O termo rede, tem tradição nas ciências sociais e humanas na França, principalmente entre ONGs que surgiram pós-leninismo, que é a coisa autoritária, centralizadora, com direção, que são as redes humanas. Que relação vê entre estas e as redes tecnológicas, uma influenciou na outra? Acha que o surgimento das novas tecnologias tem ajudado a desenvolver mais as redes humanas? ou não?

Michel: falando de rede só conheço um tipo de redes que funcionam perfeitamente, até sem que as pessoas se conheçam, que são as redes de pesquisadores científicos que estejam trabalhando num assunto bem preciso e eles tem uma necessidade precisa, útil, diretamente útil para o trabalho deles, de ter informação, de vários cantos do mundo. Quando você trabalha sobre uma família de plantas, sobre uma questão de física fundamental, sobre ciências duras, você tem um monte de redes que funcionam muito bem sem nenhuma dificuldade, porque tem essa necessidade de coletar essas informações do outro.

Agora, nós todos estamos numa situação de busca de redes para algo que pensamos ser muito útil, mas não é sempre fácil considerar isso como uma coisa a mais. Por exemplo: juntar as Ongs para que cada um saiba o que os outros fazem etc. Isso é muito importante, mas isso é menos importante para cada ONG do que saber como vão atuar, com que grana vão trabalhar, se os camponeses sem terra vão conseguir tal coisa etc. Tem uma ação cotidiana que é a urgência, tem uma preocupação de sobrevivência financeira que é extremamente útil etc. Agora, o fato de saber que um outro país fez de tal maneira, isso é uma coisa muito útil, e nosso trabalho todo está baseado na crença da utilidade da troca de experiências, para que cada uma não invente tudo de novo a cada vez, coisas assim. Mas não é uma questão de sobrevivência, por isso acho que é muito difícil fazer estas redes.

Outro exemplo: a rede humana que nós pretendemos ajudar a estabelecer com as editoras. Estamos trabalhando com editoras que estão agora muito entusiasmadas com o projeto, com a ideia, de viajar, encontrar com outras culturas, experimentar novas formas de colaboração internacional etc., isto é verdade. Mas isso é algo a mais, suplemento de ânimo, alguma coisa. Não tem nada a ver, em termos de importância, com o simples fato de manter o nível das vendas dos livros normais no mercado e de não demitir metade do pessoal porque tem crise etc. Quer dizer, a dificuldade é que estamos trabalhando numa área quase voluntária, não obrigatória, quase facultativa, embora pensemos que isso é de primeira importância, isso é uma dificuldade, o que não impede que utilizemos todos os recursos das novas tecnologias para fortalecer essas redes.

Estou muito tocado com o fato de que, se na Biblioteca Intercultural não tivéssemos a possibilidade de usar o correio eletrônico, nós teríamos ficado perdi-

dos completamente, porque teríamos gastado um tempo enorme para estabelecer as relações etc. Acho uma ajudar absolutamente importante e perversa porque?

Por exemplo: se a gente tem que escolher entre trabalhar com o editor x e o editor z, uma com e-mail e o outro sem e-mail, nossa preferência vai estar com o que tem e-mail, o que é completamente justo, e injusto para o outro. É difícil, mas é o preço.

Respuestas a la provocación Lanzada por El Ceno

Marzo de 1998 Versión en portugués

Participantes:

Alexandre Aguiar (SAPE)
 Ana Larrègle y André Crisan (L'AMI)
 Anna Teti (ECHOSIGNE)
 Ariel Meunier (HOST)
 Cristiana Tramonte, Marcio Vieira y Vania (DIALOGO)
 François Boucher (PRODAR)
 Françoise Feugas (PONT)
 Frédéric Prat (GEYSER)
 Gerardo Alatorre (PASOS)
 Guiseppe "Pippo" Labuinda (UNIONE INQUILINI)
 Grimaldo Rengifo (PRATEC)
 (comentario) Hermila Figueiredo (PACS)
 Ina Ranson (CEDIDELP)
 Joël Audefroy (HIC)
 (¡dos respuestas!) Magaly Sánchez Nora Berrahmouni (AREA-ED)
 Pascale Thys (H&P)
 Patricia Huyghebaert (JURISTES SOLIDARITES)
 Ricardo Gómez Suzanne, Nathalie, Odile y Bernard (RITIMO)
 Tom Roberts
 Vladimir Ugarte (FPH)

Procesó las respuestas Gerardo Alatorre

Marzo de 1998 Versión en portugués

Comentarios metodológicos

Múltiples fueron los malentendidos y protestas suscitados por la metodología de provocación que eligió el CENO. Aparentemente, faltó un trabajo previo

para construir colectivamente una visión crítica sobre la Red. Faltó establecer una plataforma metodológica explícita para la redacción colectiva de la Declaración de Principios. Faltó quizá también aclarar que los miembros del CENO no nos colocamos ciertamente en una posición de “neutralidad benévola” sino, por el contrario, como “provocados y comprometidos hasta los huesos”.

Algunos compas pensaron que las afirmaciones provocadoras del CENO eran convicciones de sus miembros. Joël, por ejemplo, dijo en su primera reacción que “3 de las 11 afirmaciones son razonables”. François buscó tranquilizarnos: “Vamos, amigos, no se angustien tanto; DPH funciona y seguirá funcionando”.

Grimaldo Rengifo comentó que “hasta donde sabíamos, las dificultades en DPH eran de orden técnico y económico; no entendimos las reacciones que busca provocar esta carta pues suponíamos que quienes estaban en el asunto lo hacían porque se sentían a gusto”. (Grimaldo no respondió a la provocación, pero le envió a Vladimir un mensaje donde, entre otras cosas, comenta que nunca discute por e-mail. “A la gente tengo que verle la cara, sentir sus ojos y su semblante; la intuición y la sensorialidad pueden más que cualquier tipo de razonamiento”.)

Una explicación más amplia por parte del CENO hubiera quizá evitado suscitarse reacciones del tipo “estoy de acuerdo / no estoy de acuerdo”. Definitivamente, hizo falta explicitar con mayor claridad que la invitación del CENO iba orientada a cotejar nuestras prácticas reales con nuestros planteamientos teóricos e ideológicos respecto a DPH, para repensar las cosas en función de lo que realmente somos y vivimos. Los amigos de CEDIDELP/RITIMO, lamentaron que el debate se fuera a lo teórico: “Nos hubiera gustado retomar el debate a partir de las prácticas de DPH”. Pero de eso se trataba, precisamente.

No fue del agrado de muchos tener que elaborar sus puntos de vista en función de un escenario catastrófico. Françoise opinó que las afirmaciones negativas y pesimistas por sí solas sólo dan lugar a la agresividad. El método elegido por el CENO le pareció “tan abrupto como misterioso, por no decir ambivalente”. Y coincidió con los compas de DIALOGO cuando dicen que esta técnica de dinámica de grupo “só fica interessante quando acompanhada da criação também de um ‘cenario Ideal’. A partir dos dois extremos, dialeticamente se tira conclusões interessantes”.

Si elegimos el método de las afirmaciones provocadoras fue, como señalaba Pascale en un mensaje electrónico, porque consideramos que “muchacha gente se movilizaría más fácilmente ‘contra’ que ‘por’. Nos pareció que el poner algunos aspectos negativos de la Red con pelos y señales (y varias de estas ideas vienen simple y sencillamente de mensajes que los miembros de DPH ya bien conocen, y que hemos caricaturizado ligeramente) nos permitiría partir en sentido inverso de lo que sucede la mayor parte de las veces, para crear un nuevo espacio de expresión”.

“En vez de partir de nuestra voluntad de crear una bella utopía con la cual nos topamos a veces de frente, nos pareció que sería interesante partir del egoísmo y del pesimismo individual y analizar la reacción colectiva e individual” de reivindicar y explicitar la vigencia de algunos elementos de esta utopía, a pesar de las dificultades que hay que superar.

Hubo en las respuestas a la provocación varios aportes interesantes en torno a las cuestiones metodológicas. Ana Larrègle, a partir de la lectura de un libro de R. Mucchielli sobre dinámica de grupos y de su experiencia con grupos de estudiantes en el IEDES, desarrolló un método en el que ella participaba como “animadora comprometida hasta los huesos”: “el grupo tiene un problema; la animadora (quien se incluye en este problema) declara lo que piensa sobre él y entrega su punto de vista por medio de una ficha DPH; el grupo la lee y debate inmediatamente, se saca afuera todo aunque duela; después cada uno reacciona por escrito; finalmente nos volvemos a reunir y debatimos todos los puntos de vista; ahora somos capaces de comprender colectivamente el problema y no relegarlo a los pasillos, y sobre todo somos capaces de seguir trabajando juntos”.

Françoise propuso agrupar los futuros debates en dos paquetes: Por un lado, los que se refieren directamente a la Declaración de Principios, y, por otro lado, los demás. El primer paquete incluiría los puntos 1, 2, 3, 4 y 5; y podría subdividirse a su vez en dos partes: a) las bases filosóficas / ideológicas de DPH; y b) los criterios de pertenencia y los modos de participación. Sugiere incluir también el objetivo educativo y pedagógico de DPH. “Si no lo formulamos, nos perderemos en falsos debates sobre la utilidad de DPH para ‘los trabajadores de campo’.”

Respuestas a la provocación

- 1) Los principios filosóficos que reflejan el enfoque utopista de la Declaración de Principios de DPH son superfluos. Además, están demasiado basados en un modo muy francés de ver las cosas. Por lo tanto, para que la Declaración de Principios sea coherente con un mundo de culturas diversas, sólo debería incluir las reglas de funcionamiento de la Red.

Quienes caímos en la provocación no creemos que la declaración de principios sea superflua. Sin utopía nuestra acción no tiene sentido. “El secreto es que somos soñadores, somos utopistas, pero no de esos soñadores que siempre están con la almohada debajo de la cabeza; somos soñadores con los pies enraizados en la tierra, somos soñadores con los ojos bien abiertos, somos soñadores que conocen los amigos y conocen los enemigos” (T.B., citado por Pippo). DPH existe por nuestras ganas de compartir; de comunicarnos. Como dice Françoise, “lo importante es poder compartir una cierta visión del mundo con gente que trabaja en temas y problemáticas muy diferentes.”

No percibimos el carácter francocentrista. En todo caso, algunos principios y valores tienen cierto tinte “occidental”, explicable por la génesis de la Red. Un ejemplo son los valores “humanistas”. En opinión de Joël, hay principios que remiten más a las culturas tradicionales, como el de reciprocidad. Los principios de gratuidad, difusión, lealtad, reciprocidad, rigor, transparencia, solidaridad y aprendizaje colectivo son comunes a todas las culturas. Pippo se pregunta: “¿los principios de justicia, solidaridad, democracia, ecología y humanismo (que no acepto en cuanto principios universales), son compatibles con supuestas diversidades?”

Parece existir consenso entre los miembros de la red en que existen principios comunes (más que valores comunes (?)) y en que los principios filosóficos deben seguir siendo amplios y abiertos.

Vladimir plantea que DPH es la expresión de una utopía en cuanto al papel de la información y el conocimiento en las sociedades que queremos construir. Lo importante es ver en qué condiciones el conocimiento se convierte en factor de cambio.

También dice que DPH es un intento de inventar nuevas formas de organización colectiva, lo que nos remite a la cuestión de las reglas de funcionamiento. “Las redes, por su capacidad de transformarse, de adaptarse y de cambiar todo sin traicionar su utopía, son las formas más próximas de esta nueva necesidad. Pero precisamente para que estas redes se puedan mover, es necesario que tengan una utopía colectiva clara pero muy amplia. Yo diría inclusive que deben ser capaces de integrar la indefinición y la vaguedad. Pero también tienen que establecer reglas colectivas básicas”.

Los(as) amigos(as) de RITIMO ven a DPH como una coalición internacional y nos recuerdan que estas coaliciones son indispensables para poder llevar adelante, por ejemplo, la defensa de los derechos humanos y el desarrollo sustentable.

En cuanto a las reglas de funcionamiento, los compas de DIALOGO consideran que no deben formar parte de la Declaración de Principios. Varios consideramos que sí, y que estas reglas, para tener sentido, deben reflejar los principios.

Cuestionamientos

(Vladimir:) Debemos preguntarnos con toda sinceridad si acaso existe una utopía de cualquier tipo en nuestras cabezas, y si la participación en una red como DPH alimenta un poco esta utopía personal.

(Pippo:) Los principios de funcionamiento de la Red (gratuidad, difusión, lealtad, reciprocidad, rigor, solidaridad y aprendizaje colectivo y transparencia) pueden ser “muy franceses”, o sea concebidos por un grupo de personas localizado y muy coherentes con sus programas estratégicos. Aquí no estamos más

en el campo de la “unidad y respeto de la diversidad”, sino en el campo de la conveniencia. ¿Me conviene aceptar esos principios para lograr mis objetivos? ¿La modificación de esos principios, o de algunos de ellos, puede perjudicar mi pertenencia a la Red?

(Ana:) Hay un desequilibrio entre los principios que se enuncian y la practica real. Ahí esta el desafío mayor. Lo empírico tiene que acercarse a los principios.

(Ana) ¿En qué medida la Red DPH en tanto Red, defiende los principios sociales de solidaridad con los más desvalidos?

Propuestas

(Pascale, respaldada por Hermila:) En vez de partir de un principio utópico muy elevado para nosotros y que sin duda nunca alcanzaremos, partamos del principio que tenemos todos en nuestra experiencia cotidiana, en nuestros egoísmos, de los momentos, de los instantes en los que necesitamos sublimar lo que está muy dentro de nosotros, estas chispas de utopía que permiten que el tren avance con seguridad. Hagamos explícitos los principios y las premisas ocultas, para definir el objetivo utópico al que nos dirigimos, y también para hacer explícitas nuestras reglas de funcionamiento.

(A. Teti:) La voluntad de transformación no debe limitarse únicamente a los ámbitos político, social y económico, sino que debe también incluir el nivel de los valores y de las representaciones de la “modernidad occidental”. No podemos ignorar que las relaciones hombre-naturaleza y las relaciones humanas están reguladas por esos valores y representaciones mentales.

Anna hace algunas propuestas específicas de redacción de nuestros principios: en vez de hablar de humanismo, podríamos generalizar y expresar más bien el “respeto de la vida, de los seres vivientes, o de las fuerzas de vida...” En lo referente al respeto y la inclusión de otras culturas, puede decirse: “En coherencia con el principio de respeto de la diversidad cultural, revisaremos colectivamente todo principio que pueda excluir cualquier otra cultura de nuestro proyecto. Esta revisión tendría que hacerse a través del diálogo con esta cultura”. (Hermila se adhiere a esta propuesta.)

Hay que ponernos de acuerdo sobre el sentido que le damos a palabras como “democracia”. Si no nos identificamos con algunas palabras de la Declaración de Principios (o con los conceptos a los que éstas se refieren), podríamos hacer el ejercicio de precisar el sentido de las palabras, o bien proponer otros términos. Anna propone asimismo elevar a la categoría de principio la idea de “hacer circular la palabra de los más desfavorecidos”; y difundir ampliamente hacia ese sector (retroalimentación de la información al productor) los saberes y los conocimientos que tengamos en nuestra memoria colectiva.

(Gerardo, respaldado por Hermila:) Nuestra Declaración de Principios no debe sustituir sino estimular la definición progresiva de valores comunes en nuestras redes.

(Ricardo:) Revisar los principios periódicamente.

(Vladimir, Gerardo:) Continuar el diálogo que permita una mejor comprensión, en el seno de la Red, de la cosmovisión budista y de la manera en que en ella se plantea la construcción de un mundo mejor.

- 2) La creación de una memoria colectiva es un espejismo. Por un lado, porque no responde a ninguna necesidad emanada de la práctica de cada organización (tomando en cuenta que su propia memoria, y no la colectiva, es su interés real). Por otro lado, porque no tiene sentido en una red como la nuestra que no constituye una unidad articulada, una colectividad, una comunidad.

Tom plantea que una memoria colectiva no se crea, sino que existe en toda cultura y nosotros podemos ayudar a transmitirla. Similar es la postura de François: “Me parece algo utópico el querer construir una memoria colectiva, debido a la heterogeneidad de nuestras situaciones propias, y el hecho de representar contribuye muy poco. Lo que es importante para mí es que DPH nos permite y nos obliga a sistematizar, a capitalizar, a cuestionarnos”. Y añade: “Dado que la utopía da vida a las cosas, ¿por qué no tener un gran proyecto como meta última?”

Otros participantes en la provocación consideran que sí es posible construir una memoria colectiva. Françoise vincula esta posibilidad a la existencia de un acuerdo sobre los principios filosóficos. Nora dice que comunicar es colectivizar, y colectivizar es crear una memoria colectiva. Esta memoria, a su vez, juega ante todo un papel educativo, pedagógico y constructivo para cada quien, y esto en cualquier disciplina.. Magaly señala que, en la medida en que las fichas dan cuenta de experiencias y procesos vividos, estamos registrando historias y creando memoria. Ariel considera que es la memoria colectiva global lo que le da sentido a DPH. Los compas de RITIMO reconocen que la base de datos DPH multilingue y multitemática es difícil de consultar. Pero consideran que “si la releemos, la analizamos, la actualizamos y la aumentamos, puede ser una rica fuente de informaciones y propuestas”. Frédéric nota la mayor credibilidad de una memoria colectiva como DPH, en comparación con las informaciones de fuentes desconocidas.

La memoria colectiva sirve para recomponer el conocimiento a partir de la vida real, rompiendo las barreras entre las disciplinas. Pero según varios compañeros (Pippo, Joël y Alexandre), son las organizaciones con temas de interés comunes quienes pueden construir una memoria colectiva común. DPH no es ni será la memoria colectiva de sus miembros, sino la articulación de diferentes procesos de construcción de memorias colectivas. Anna Teti, Ariel y Patricia opinan que, dada la heterogeneidad de los grupos y redes asociadas a DPH en términos de misión, medios y objetivos, cada uno teje su memoria, pero además existe la

memoria de toda la Red global, que quizá no tenga una utilidad inmediata, pero esto no le resta importancia.

Vladimir opina que la memoria colectiva permite evitar la repetición de errores, pero “necesita mediaciones y tiempo para que pueda servir en un momento dado a un grupo de personas”.

Los miembros de DIALOGO nos invitan a construir una memoria colectiva, pero sin encerrarnos. François habla de la necesidad de salir de nuestra torre de marfil. Y añade: “Lo que es difícil es saber transmitir a los demás las experiencias que cada uno de nosotros tiene en su propia red. A menudo pensamos que esto no interesa a los demás y nos quedamos callados!”

Nora plantea que, en la medida en que DPH crezca, no sólo acumularemos una memoria, sino que podremos producir materiales analíticos a partir del banco de experiencias. La memoria colectiva se convertirá en una memoria evolutiva. Respecto a si somos o no una unidad articulada, Patricia opina que no: “Afortunadamente, cada quien establece una relación distinta, en función de sus necesidades, medios y motivaciones o intereses. Lo interesante de DPH es la diversidad en la unidad”. Los compas de RITIMO tienen “la impresión de que la red DPH está un poco demasiado dispersa y que es difícil encontrar intereses comunes. Hay grupos de amigos, pero hay una falta de animación política”.

Gerardo y Anna Teti constatan que son muy incipientes la construcción de la “cultura de la interculturalidad” y la cultura política que busca incidir en la correlación de fuerzas a escala mundial. No acostumbramos asomarnos a las experiencias que se desarrollaron en un contexto muy distinto al nuestro, para derivar posibles aprendizajes. Tampoco acostumbramos formular alternativas a nivel global. Pero hacia allá vamos. La memoria colectiva global es indispensable para modificar las fuerzas que generan problemas similares en distintas partes del mundo.

- 3) En la práctica, constatamos que sólo los individuos se involucran en la red DPH, y nos sus organizaciones o redes respectivas. Habría entonces que construir nuestra red únicamente en base al compromiso individual, por ejemplo rehusándonos a que una asociación firme la Declaración de Principios de DPH: A partir de ahora sólo se permitirá que los individuos lo hagan y de este modo se comprometan con la red DPH.

La constatación, casi generalizada, es que todo proyecto de red es más un asunto de individuos motivados que de estructuras. Los individuos son los que mueven las cosas. En general sólo algunos miembros de cada red se vinculan con DPH, se identifican con los retos, se capacitan en las metodologías de intercambio, se convierten en mediadores.

A la vez se señala reiteradamente que la dimensión grupal / institucional está presente o debe estar presente, en varios sentidos y por varias razones. Es útil que las redes, en tanto grupos organizados de individuos, se adhieran formalmente a

DPH, ya que esto da a menudo más medios y libertad de acción a los individuos que componen esa red, para que se involucren personalmente. Hermila se pregunta, nos pregunta: Como continuar participando, “contribuindo ao projeto se a instituição desloca o ‘mediador’ do projeto para executar outras atividades, ou reduz o seu tempo nas atividades DPH?”

Para Patricia y François, es importante que las personas representen a sus asociaciones. La adhesión a la Declaración de Principios debe depender del compromiso de los organismos a respetar los principios. Como dice Vladimir, la suma de iniciativas individuales no constituye una estrategia. Hay que trabajar con organizaciones.

Las palabras de Ricardo nos ofrecen una síntesis, “en los hechos, son los individuos quienes se implican, pero no por ello se debe cerrar la puerta a las instituciones. Hay que dejar las dos vías abiertas”. Y ciertamente (Joël et al.) las asociaciones necesitan seguir suscribiendo la Declaración de Principios DPH.

Según François “el involucramiento de los individuos en DPH es el reflejo del involucramiento de las redes y estructuras a las cuales pertenecen”. Casi inversa es la percepción de Tom y François: Tom dice que los vínculos que sostienen a las redes son “tejidos y mantenidos por la convicción de los individuos que las conforman. Las redes se construyen sobre relaciones informales que, con esperanza, involucramiento, tiempo y paciencia, se consolidan y llegan a dar operatividad a las redes (de ahí la importancia de los momentos de encuentro informal para mantener vivas las redes)”. El lado personal de las relaciones entre los miembros de la Red (que explica según François nuestros altibajos, nuestros gritos y llantos, nuestros sentimientos y susceptibilidades) muestra el grado de involucramiento en DPH. Poder expresar enojo en nuestro foro electrónico es una señal de fuerza. (Esto contrasta con un comentario de la gente de RITIMO: “uno se cansa de leer divagaciones demasiado personales”).

¿Será, como dice Pascale, el problema del huevo y la gallina? Dice Ariel que el asunto de quién participa en DPH no tiene relevancia. Lo importante es que funciona. Los compas de RITIMO dicen que “las organizaciones avanzan gracias a personas, y al revés: muchas personas que tienen una acción colectiva constituyen una organización... El debate radica realmente en saber si al nivel de DPH somos capaces de tener una acción colectiva o si nuestra razón de ser es la memoria colectiva”.

Pippo pregunta: “¿qué habría que hacer para que la experiencia de una organización sea ‘representada’ en la red (a través de su representante o mediador), yendo más allá de la figura del mediador mismo? Sería interesante aclarar lo que está detrás de la firma de la Declaración de Principios por parte de una asociación o de un individuo: ¿un programa?, ¿una acción coherente?, ¿un interés particular?, ¿un convenio con la FPH?”

En DPH hay una gran diversidad de situaciones. Hay casos como el de SAPÉ y PACS, donde varias personas adoptan el método DPH para registrar sus experiencias. Ahora bien: el sentimiento de pertenencia no se deriva de la utilización de una base común sino de labores conjuntas, como la redacción de artículos para el boletín, informes de trabajo etc. Por otro lado, como dice Hermila, se plantea el problema de cómo mantener el involucramiento cuando deja de haber un apoyo financiero.

En conclusión, podríamos decir que la adhesión institucional sin un interlocutor personalizado que participe y promueva la red no tiene mucho valor. Pero la adhesión individual sin el respaldo y el aval de una organización enfrenta fuertes limitantes. Una de ellas es la vulnerabilidad de la participación.

Propuestas

Diseñar la estrategia de organización de DPH en función del doble carácter de la membresía y de la participación: individual / grupal. L'AMI propone pensarlos como una “red de INICIATIVAS asociadas”, considerando que la iniciativa social puede venir de personas, organismos, redes...

Anna Teti sugiere que en cada colectivo haya “un proceso de capacitación... para garantizar la continuidad de la participación en el proyecto DPH”. También opina que “lo ideal es que el organismo o red en su conjunto adopte ‘la manera de hacer las cosas de DPH’ (la acción no está divorciada del sentido, la inseparabilidad de la acción y la reflexión, la importancia de la capitalización y del intercambio de experiencias, la capacitación mutua)”.

- 4) Es evidente que al interior de la red DPH hay gente que vive en contextos sociales, políticos y culturales muy diferentes. Esto implica que la transferencia de experiencias “en bruto” no tiene sentido: Una acción local no puede tener repercusiones directas, un interés en bruto para el resto del mundo. Tenemos entonces que concebir de nuevo el contenido de nuestras fichas en este sentido, es decir incluyendo únicamente lo que puede servir directamente a otros en un contexto diferente (informaciones metodológicas o prácticas, listas de contactos etc.)

En general, los participantes consideran que las fichas pueden ser utilizadas en contextos diferentes al de origen. Alexandre dice que esto sólo sucede en el caso de los integrantes más activos de la red, que se conocen mutuamente, y en el caso de los investigadores. Tom piensa que la transferibilidad depende de los canales de comunicación que se eligen y del espacio otorgado a la interacción, el diálogo, la reapropiación. Lo que cuenta no son tanto las experiencias de unos y otros sino los dinamismos que nacen de la confrontación de las experiencias.

Vladimir, Patricia, Françoise y Hermila subrayan la importancia de que las fichas reflejen libremente la subjetividad sensible de sus autores. Es esto lo que

nos hace permeables al otro a pesar de la diferencia entre nuestras respectivas condiciones. La comprensión del otro aumenta nuestra comprensión del mundo y por lo tanto de nuestro propio margen de acción. Los relatos de otras personas pueden llevarnos a modificar nuestra forma de hacer o pensar las cosas. Esto no niega que las informaciones prácticas también sean útiles.

Pippo dice que la experiencia “en bruto” no es transferible, pero sí las ideas. Él considera que el problema es la subutilización de la base de datos. Pascale, en esta misma línea, considera que “la experiencia no se transfiere como si fuera una materia prima, sino que uno da rienda suelta a la imaginación, para encontrar, en el contexto propio, soluciones nuevas gracias a esas ideas llegadas de fuera”. (Como señala Frédéric, hay que confiar en la capacidad de los lectores de adaptar más que de adoptar). El problema que ella ve es la pereza intelectual, la falta de creatividad.

Propuestas

Anna Teti, apoyándose en algunas fuentes bibliográficas, nos ofrece una mayor elaboración sobre las condiciones necesarias para que las ideas generadas en un contexto sirvan en otro:

- Definir los objetivos: Ubicar un problema o una dificultad y prever soluciones.
- Recopilar el mayor número de informaciones sobre el ámbito de acción en cuestión y sobre otros ámbitos vinculados directamente a él (amplitud del campo temático y mental). Utilizar fuentes diversas (entre otras, la base de datos DPH), consultar personas-recurso de DPH y de fuera etc.
- Analizar y desestructurar los datos recopilados multiplicando las conexiones entre ellos (procediendo por comparación), ubicando las contradicciones, identificando las regularidades y las condiciones necesarias y suficientes que permiten la aparición de ciertos fenómenos etc.
- Interpretar, hacer hipótesis, sacar conclusiones.
- Reestructurar y clasificar por medio de recomposiciones sucesivas.
- Tomar decisiones; escoger entre todas las soluciones posibles.
- Elaborar propuestas.

Ella, Joël y Vladimir consideran que los aprendizajes derivados de las experiencias pueden comunicarse, pero para poder extraer estos aprendizajes es necesario contar con diversos puntos de vista sobre un mismo tema. Joël dice: “hay que razonar en función de conjuntos de fichas que contengan ideas o problemáticas comunes”. Vladimir añade: “a partir de un cierto número de experiencias, podemos desprender algunos elementos comunes. Gracias a las mediaciones (los encuentros, el análisis, la comparación etc.), estos elementos comunes pueden ser interesantes para gente que se encuentra en medios y contextos diferentes”.

Ricardo propone que se ubique adecuadamente el contexto de las fichas; sin embargo, Anna Teti nos advierte de los peligros de una excesiva complicación en la redacción. No podemos pedirle al redactor que prevea todos los códigos culturales posibles y que escriba una ficha comprensible para todas las culturas. Es a la hora de leer un conjunto de fichas caracterizado por la diversidad cultural y de enfoques cuando se pueden extraer las enseñanzas.

Gerardo sugiere que los mediadores, como sujetos transculturales, pueden ayudar a la transferibilidad de los aprendizajes derivados de la experiencia, mediante un acompañamiento en el proceso de escritura, indización y lectura de las fichas.

François expresa su deseo de que exista comunicación entre nosotros para saber cómo cada quien logra que en el seno de su respectiva red se den los intercambios.

Para L'AMI, “lo interesante es pensar en la diversidad de criterios a utilizar en la exploración de las fichas. Estos criterios van a depender del objetivo del que está buscando pistas, y es bueno que pueda dialogar con alguien para aclararse”.

- 5) La equidad debe prevalecer en distintos aspectos del funcionamiento de nuestra red: Hay que mantener el principio del trueque en el intercambio de informaciones; no aceptar que un nuevo miembro tenga acceso a la base de datos sin antes producir fichas; asegurarnos de que todo miembro de DPH esté conectado al correo electrónico y al foro de DPH (cueste lo que cueste); hacer lo posible para que todo miembro de DPH pueda participar en las Asambleas Generales de la red; etc.

A reserva de definir mejor lo que significa “ser miembro” de DPH, Ariel, Magaly, RITIMO, Joël y Alexandre reivindican la igualdad entre todos los miembros, en términos de derechos y obligaciones. Al mismo tiempo se constata, en los hechos, cierta diferenciación de derechos y obligaciones, pues hay quienes se involucran más que otros en el desarrollo de la Red. La gente de RITIMO dice que “hay que aceptar que en ciertos momentos los miembros se enfoquen más a su propia organización (utilizando DPH) y que dediquen menos tiempo a la conducción del proyecto global”. También hubo quien señaló las obligaciones suplementarias de quienes han establecido convenios con la FPH.

Respecto al trueque, muchos de los participantes (DIALOGO, Ricardo, Vladimir, Frédéric, François) consideran que si bien es esencial propiciar los diálogos, no se trata de cerrar la puerta o excluir a quienes no han producido fichas. Necesitamos democratizar y socializar el acceso a la base de datos, pues esto constituye un estímulo y una orientación para que otras entidades emprendan la producción de fichas. Dice DIALOGO: “la base de datos DPH no contiene informaciones ‘sagradas’, o verdades absolutas”. En el mismo sentido se pronuncia François: “el principio de DAR Y COMPARTIR la información es un valor central, junto con una ética de la comunicación y un ideal político. Los miembros de DPH aceptan dar forma y entregar lo que consideran fundamental a partir de su acción”, sin

esperar recibir algo a cambio. François Boucher va más lejos: dice que es motivante que las fichas tengan usuarios y propone que éstos, por el hecho de serlo, adquieran la membresía.

Muchos de nosotros estamos de acuerdo en mantener como principio rector, como visión estratégica, como “telón de fondo”, el respeto a la reciprocidad, y la membresía de DPH asociada al estatuto doble de ser a la vez usuarios y productores de fichas. A la vez proponemos estar abiertos a que el trueque, como compromiso recíproco, adopte varias formas. Como dice Pascale, la igualdad no existe: “cuando mucho podemos tender a un principio de equidad. Cada quien debe comprometerse a dar lo que puede en función de lo que tiene”. Unos aportan fichas, otros ofrecen algún tipo de servicio, métodos, análisis, una participación equis en la construcción de la Red. “Las fichas llegarán tarde o temprano...”. Además, se puede ser activo en el proceso global de construcción de la red DPH sin proveer muchas fichas.

Anna Teti hace una propuesta respecto al “trueque” con las poblaciones desfavorecidas: “la retribución que podríamos pedir a cambio del conjunto de conocimientos que tenemos (la base de datos, las metodologías y productos, la reflexión estratégica global etc.) sería su disponibilidad a relatar sus experiencias”.

Ariel se opone al intercambio mercantil entre los miembros de DPH, en tanto que Pascale y Anna Teti proponen una concepción del trueque que acepte incluso el aporte financiero.

Respecto al acceso al foro electrónico, aparentemente existe una voluntad generalizada de abrirlo a todos los interesados. Vladimir señala sin embargo que “no es un testimonio de democracia, ni de igualdad. No por estar conectados vamos a dialogar con nuestros amigos. En cambio, sí debemos asegurarnos que la información que circula en el Foro pueda circular fuera de él por otros medios”. En cuanto a las reuniones internacionales de trabajo (RITOs) señala que su éxito “radica ante todo en su capacidad de colectivizar su proceso de preparación (el antes) y de síntesis – líneas de acción (el después), más que en el ‘durante’”.

Propuestas

Ana, André, Gerardo y Frédéric proponen definir bien los distintos niveles de participación en la red y prever cómo va a darse el paso de un nivel a otro. Cada quien debería explicitar claramente qué nivel de involucramiento quiere asumir. A partir de ello podría decidirse el asunto de la asistencia a los encuentros. La pertenencia efectiva a la Red —nos dice Pippo— se basa en un interés por el intercambio. Los que integran efectivamente la red deben contar con los medios necesarios para relacionarse y para participar en los encuentros.

Gerardo propone “abrir el banco de experiencias a todos(as) aquellos(as) que aporten inicialmente tres o cuatro fichas: una sobre su propia organización, y dos o tres sobre experiencias en que hayan participado. Cada 12 o 18 meses, en función de la participación de la gente (en fichas o en cualquier otro tipo de aporte) podríamos evaluar si se siguen enviando actualizaciones de la base de datos común o no”.

- 6) Es claro que, sin financiamiento, nadie puede llevar a cabo su trabajo relacionado con DPH. Esto significa que desarrollar la red DPH implica ante todo encontrar financiamientos.

François considera que aquí hay un problema mal planteado. Antes de pensar en financiamientos, necesitamos definir bien para qué proyectos.

Por otro lado, necesitaríamos definir mejor en qué consiste un “trabajo relacionado con DPH”. Pippo se opone a esta expresión pues “quiere decir implícitamente que DPH es un cuerpo ajeno al propio trabajo.... DPH es una filosofía y una metodología para capitalizar e intercambiar la propia experiencia. Si este asunto es interiorizado por el actor, entonces no existe una relación entre su propio trabajo y DPH, sino un esfuerzo para que su propio trabajo asuma una dimensión espacial y temporal tal que su experiencia se transforme en una lección para los demás. Una vez interiorizado el concepto susodicho, ¿cuánto cuesta realizarlo? No interesa lo que cuesta la relación trabajo/DPH sino lo que cuesta la capitalización e intercambio de la experiencia”. El problema que aquí señala Hermila es que no siempre las instituciones perciben cabalmente los beneficios que les aporta el enlace con DPH, por lo que su respaldo a los mediadores puede perder continuidad al suspenderse un financiamiento externo.

Tanto Tom, como los compas de DIALOGO, Alexandre y Frédéric constatan que los financiamientos siguen determinando buena parte de lo que se hace en DPH y nos invitan a ser creativos en la forma de encontrar financiamientos y apoyos. El financiamiento puede no ser indispensable, pero facilita una mayor productividad, continuidad y calidad en el trabajo. Tom dice que muchas veces es con base en financiamientos como logran abrirse espacio en sus respectivas organizaciones aquellos individuos que defienden la utilidad o necesidad de la capitalización de experiencias (cosas que no siempre son consideradas prioritarias por las organizaciones).

Para RITIMO, en el largo plazo hace falta un financiamiento, pero en el corto plazo puede trabajarse sin financiamiento específico.

André, Anna Teti y Gerardo distinguen varios “niveles de participación en DPH”. Consideran que, en un nivel “primario” o interno, no se requiere de financiamiento ad hoc. En este nivel puede ubicarse a los organismos que usan la base de datos y sistematizan, intercambian y difunden informaciones al servicio del propio organismo o de una acción local. Joël pone como ejemplo un trabajo de

sistematización realizado por una ONG mexicana, sin apoyo de la FPH, siguiendo la metodología DPH con el acompañamiento de HIC.

Otros niveles de involucramiento son el de quienes hacen una labor de promoción de la red, de capacitación, de mediación. Y el de quienes asumen una función de apoyo (informático, de gestión, etc.) para toda la Red. Todos(as) los(as) que dedican tiempo y recursos materiales a DPH, a un nivel local, global o transversal, necesitan financiamiento para ello (¿a menos de que pertenezcan a una gran red?)

Propuestas

Los recursos FPH necesitan apoyar, en el primer nivel arriba mencionado, el proceso que lleve a los organismos a obtener financiamientos de otras fuentes. Quizá podría además probarse un esquema de becas para que los “escribanos” puedan dedicar tiempo al registro de las experiencias. En el segundo y tercer niveles resulta más difícil, pero no imposible, conseguir cofinanciamientos. Al respecto, Anna Teti (con el respaldo de Hermila) propone

1. definir colectivamente las prioridades y ejes de desarrollo;
2. elaborar, en función de los ejes de desarrollo prioritarios, una estrategia activa de búsqueda de cofinanciamientos a partir de proyectos bien hechos, que involucren a todos o a algunos de los miembros de la Red;
3. aprovechar cualquier convocatoria lanzada por las agencias de financiamiento que no se contraponga a los principios de la Red. Esto requiere una capacidad de reacción rápida del conjunto de la Red;
4. vender productos, servicios y conocimientos especializados, cuando logremos una cierta calidad de productos y un cierto savoir-faire. Al respecto es necesario discutir cómo van a calcularse y distribuirse los eventuales ingresos.

Los compas de RITIMO sugieren introducir un rubro DPH en las solicitudes de financiamiento, en tanto que François menciona la posibilidad de formar consorcios de varias redes, en torno a ideas de proyectos que podrían gestionarse ante los proveedores de financiamiento.

Vladimir observa que, si bien todavía existe en algunos organismos cierta dependencia hacia la FPH, otros organismos tienen un proyecto y una ambición propia, que facilita la búsqueda de financiamiento. La metodología DPH sirve aquí para proponer productos que puedan despertar el interés de los proveedores de fondos (productos de información, de análisis o metodológicos). Únicamente hay que garantizar que la información producida sea restituida a sus poseedores originales y que cuando haya venta de un servicio o de un producto la plusvalía se revierta a la Red de una forma u otra.

Dada la imposibilidad de la FPH para asegurar la continuidad y el crecimiento de DPH, sigue proponiendo impulsar el esquema de franquicias, hacer de DPH

un sistema organizado de metodologías que cualquier persona se pueda apropiar, a cambio del respeto de un código de conducta.

- 7) Nos estamos dando cuenta de que, de un modo general, la acción y la reflexión son incompatibles. Por este motivo resulta necesario crear y capacitar a un grupo de especialistas en el análisis transversal de las fichas. El resultado de su trabajo sería entonces puesto a la disposición de los trabajadores “de campo”.

Bastante coincidencia hubo en las respuestas a esta provocación. Estamos todos de acuerdo en que acción y reflexión son no sólo compatibles sino además indispensables y complementarias: De la acción nace la reflexión, y viceversa. Incluso, según Vladimir, resulta difícil diferenciar a una de otra. Remitiéndose a Paulo Freire, los compas de DIALOGO y Anna Teti enfatizan la importancia de la metodología dialógica y comunicativa en la producción de conocimiento. Conocer algo implica transformarlo. Si queremos construir ciudadanía y fomentar una democracia participativa, necesitamos entender al conocimiento como un proceso constante de invención y reinención.

Ariel, Pascale, Ana y André hablan de un movimiento dialéctico: el trabajo analítico es una participación en DPH de la misma manera que la producción de fichas. Cualquier grupo de acción, antes de actuar, organiza las estrategias, y piensa los problemas, las acciones y sus efectos. (Pascale:) “Los prácticos tienen que ser también teóricos; necesitan teorizar y modelar sus experiencias (mentalmente) para llevar a cabo otras, rectificando el rumbo en caso necesario. Su mayor problema es encontrar el tiempo necesario para hacer explícito este trabajo de vaivén, sobre todo si esto debe hacerse por escrito.”

La cuestión es encontrar el equilibrio entre acción y reflexión. Pero dada la naturaleza de esta Red, es poco probable encontrar en ella fanáticos de la teoría pura.

Opinan Frédéric, Joël y Alexandre que “a cada quien le corresponde hacer los análisis transversales que requiera, sobre los temas de su incumbencia, ya sea para sí mismo o para su institución” (Frédéric). Joël propone que se difundan estos análisis a los otros socios. Si varios miembros de DPH quieren juntarse para hacer un análisis transversal, ¿por qué no? Y si la FPH o alguien más necesita un análisis transversal, es normal que financien este análisis.

Gerardo considera que existen factores sociales, culturales y personales que hacen que, en los hechos, unas personas se sienten más inclinadas al análisis teórico, y otras al trabajo práctico. Lo importante es acercar a los primeros a la práctica y a los segundos a la producción sistemática de conocimiento a partir de la práctica.

En conclusión (palabras de Ricardo): No son incompatibles la acción y la reflexión, aunque hay personas que hacen mejor una la otra. La combinación de ambas, y no su separación, es parte de las riquezas de DPH.

Propuestas

En varias de las contribuciones se propone diseñar una estrategia de construcción de herramientas accesibles para el análisis del banco de experiencias y una estrategia educativa para que cada vez más gente pueda involucrarse en niveles cada vez más elaborados de análisis. El objetivo – dice Françoise – es crear una universidad popular sin muros, permanente y/o itinerante, que utilice a DPH para la producción y la lectura de informaciones.

Gerardo sugiere aprovechar sistemáticamente las ocasiones (encuentros) en que la gente habla de lo que hace y se abren espacios de discusión. DPH puede ayudar a hacer “más sistemáticas las exposiciones y más reveladoras y fructíferas las discusiones”.

Patricia hace algunas observaciones respecto al papel de “quienes realizan análisis”. Lo ideal – dicesería que “se impliquen en el trabajo práctico para aprehender mejor la información”. A la vez, necesitan mantener cierta distancia respecto a lo que están analizando. “Hay que estar dentro y fuera a la vez”. Además, – y aquí coincide Françoise – el resultado del trabajo analítico debe ser escrito en términos accesibles a los grupos de base.

- 8) Observamos que el mundo que nos rodea está en continuo movimiento, pero parece que DPH no es capaz de modificar concomitantemente sus análisis, sus estructuras, sus metodologías, sus herramientas y sus principios, para que conserven su validez.

En general vemos a DPH como una entidad en continuo movimiento. De ser un simple programa de la FPH, se ha convertido en una red de redes – plural, diversa e rica. Hemos pasado de la actividad de producción de información en bruto a actividades de producción de información elaborada. No estamos demasiado en la retaguardia. Pascale (quien redactó la afirmación provocadora) opina, incluso, que DPH evoluciona tan rápidamente que se vuelve “inasequible para los que no se sujetan firmemente al barco”.

Esta transformación puede resultar invisible para el nuevo público, pues sólo presentamos lo que somos (o queremos ser) y no lo que fuimos, lo que logramos cambiar, lo que inventamos. Para subsanar esta carencia, André propone unas jornadas “sabáticas” de DPH vía el Foro.

François subraya la importancia de seguir evolucionando: “necesitamos cuestionarnos, continuar la descentralización, crear nuevos polos”.

Frédéric cuestiona que haya una sola práctica DPH, para poder decir que esta práctica está evolucionando. Cada quien en DPH evoluciona a su manera. Él nos invita a abrirnos a nuevos métodos de análisis y a nuevas fuentes de información.

Más allá de estas consideraciones generales, hubo dos formas de responder a esta constatación o pregunta provocadora: Una aborda el asunto de si queremos

o podemos ofrecer respuestas a los problemas mundiales. Otra concierne la adopción o falta de adopción de las herramientas modernas de comunicación.

La incidencia de DPH a nivel mundial

¿Se plantea ejercer una acción a nivel mundial como Red? La mayoría de los miembros de DPH trabajamos a nivel local. Actualmente el compromiso en una acción de escala mundial no forma parte de nuestros principales ejes estratégicos. Según Magaly, Alexandre y Joël, nos corresponde a cada uno de los miembros tomar postura ante el cambio. Bastante haremos si logramos readecuar las estrategias locales para responder a esos cambios. Si pretendemos actuar en el nivel global sin considerar lo local, puede ser que no logremos ninguno de los dos objetivos.

Gerardo expresa su impresión de que tenemos cierto retraso con respecto a la velocidad de los cambios planetarios, si bien poco a poco hemos ido reformulando nuestras utopías y readecuando nuestras estructuras y metodologías. Él considera que nuestras principales dificultades son salir de la marginalidad, rebasar el círculo de los convencidos, romper la lógica sectaria de las ONGs, involucrar a otros sectores sociales, ampliar los espacios ciudadanos en los medios masivos y formular e impulsar propuestas alternativas (pero viables) de política a nivel nacional, sectorial e internacional.

DPH ante las nuevas tecnologías de la comunicación

Señala Vladimir que “con el advenimiento de Internet apareció la idea de que estábamos entrando en una nueva era marcada por la democratización de la información. El problema del dominio de la información se reducía de algún modo al del acceso a ella. [...] Muchas personas nos dijeron que, para adaptarnos a esta realidad, era necesario abandonar nuestro sistema de palabras clave para adoptar el de los vínculos de hipertexto (html); dejar nuestro sistema de búsqueda selectiva para lanzarnos al sistema mucho más intuitivo del índice de ‘relevancia’. [...] El reto mayor de los años que vienen no será el del acceso a la información, sino el de su estructuración. Poder disponer de una información útil, seleccionada por las redes comprometidas en la acción y que han construido una pertinencia colectiva en la materia es algo visionario, estratégico, adaptado a los retos actuales”.

Françoise, en esta misma línea, opina que “DPH está en movimiento, lo que no necesariamente significa una sumisión a la moda -en particular en lo tocante a las nuevas tecnologías-. La Red se adhiere a la reflexión sobre la cultura informática que tiene lugar hoy en día, y aporta a esta reflexión (que hasta ahora se ha circunscrito casi exclusivamente a los círculos universitarios) la ventaja de una experimentación efectiva”.

Pascale reconoce que “no es siempre posible mover al conjunto de la Red inmediatamente (sobre todo al nivel de las técnicas)”. Pero esto no es un problema, sino quizá una ventaja: “siempre y cuando no nos volvamos una red inmóvil y rígida, no es indispensable volar tan rápido como el viento, para no llegar a donde no hemos concienzudamente decidido ir”. François expresa su deseo de, al menos, poder contar con un sistema que trabaje en ambiente Windows.

Propuestas

Vladimir sugiere utilizar las nuevas tecnologías de la información para que un socio pueda consultar a distancia el directorio de la Red, para que una misma experiencia sea observada, analizada, re-ordenada por otros, para dejar una huella de estos aportes a la experiencia original, para hacer visibles las ideas clave que sirven para identificar lo que hacemos, para hacer visibles los vínculos entre los problemas, los vínculos entre las cosas.

Anna Teti considera, por otro lado, que podemos recurrir a la agilidad de las nuevas tecnologías de comunicación para responder a situaciones particularmente graves.

- 9) Opongámonos a una estrategia de apertura de la red DPH (por ejemplo a través del World Wide Web) que nos obligue a intercambiar nuestras experiencias con gente que tenga una ideología diferente, aún si aceptan compartir nuestra metodología DPH.

Los amigos de DIALOGO constatan que la actitud corporativista dentro de DPH se ha sentido en algunos encuentros y seminarios. Pero la provocación logró poner a todo el mundo de acuerdo: DPH necesita abrirse hacia fuera del círculo de los convencidos.

Tom: “Nuestras experiencias, nuestras acciones, nuestra memoria, son portadoras de nuestra ideología, de nuestras convicciones”. Las acciones existen para promover lo que nuestras convicciones dictan. Por ello, es esencial una amplia difusión de la experiencia, la memoria y el saber. La evolución de DPH no va a venir de nuestras ideas (ideologías, experiencias) sino de las dinámicas surgidas de las interacciones y confrontaciones.

DIALOGO: Necessitamos adoptar una estrategia de “divulgação e democratização das informações que dispomos, propaganda e marketing da rede DPH etc. Desta forma poderemos disputar, ou ajudar a construir, uma hegemonia cultural, como diria o sempre atual Antônio Gramsci”.

Anna, François y Hermila establecen la relación entre nuestra capacidad de relacionarnos con gente de ideología diferente y el proceso de construcción colectiva de principios filosóficos y éticos comunes.

Joël desea que en DPH haya un mayor intercambio entre personas de culturas diferentes, intercambio hasta hoy muy reducido.

Algunas respuestas (Anna Teti, Gerardo, Alexandre, Joël y Hermila) hablan de los límites que puede tener la apertura y reivindican la voluntad de poder escoger con quién dialogar. No existe la menor voluntad de establecer cualquier intercambio con el Frente Nacional francés, o con cualquier extremista de derecha, fascista o neonazi, ni con los representantes de la OCDE para el Acuerdo Multilateral sobre Inversiones.

Pascale señala que abrir el banco de experiencias a personas con ideas diferentes implica al menos dos cosas: “Por un lado, estar atentos a la manipulación que eventualmente tratan de hacer estas personas; y, por otro lado, admitir que si éstas encuentran interesante nuestro punto de vista, seguramente nosotros también tenemos mucho que aprender del de ellas”.

Vladimir, ante la perspectiva de que mediante el Web el banco de experiencias se abra a aportes de gente desconocida, plantea la necesidad de que exista cierta vigilancia. “Un sistema para que alguien lea sus experiencias antes de meterlas a la base de datos”... “apoyos y filtros humanos que permitan, a partir de una regla colectiva, que todo mundo encuentre su camino (vitrinas públicas, contraseñas, acompañamiento, etc.)”. Hermila señala la necesidad de vigilancia sobre nuestras propias fichas, tanto en términos de redacción como de indización.

Propuesta

Por lo que concierne a internet, la base de datos debería ser accesible en un sitio Web. Si queremos, podemos recurrir a contraseñas para administrar el acceso a algunas secciones.

- 10) En los hechos, constatamos que los trabajadores “de campo” no necesitan a DPH, y que es más bien la red DPH la que necesita tener acceso a las experiencias de campo, con el fin de alimentar el proceso de reflexión de algunos intelectuales.

En respuesta a esta provocación, bastante similar a la número 7, los compas de DIALOGO reivindican la noción de “praxis”: “uma ‘teoria’ baseada em uma ‘pratica’ que volta ser testada no trabalho concreto e pratico, que assim se reformula, formando uma nova teoria, que volta a ser testada na pratica repensada e modificada constantemente”.

También retoman el “conceito de ‘intelectual organico’ do italiano Gramsci e o conceito de ‘processo de aprendizagem’ de Paulo Freire: ‘no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, re-

inventa-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas”.

Muchas respuestas señalan que el intelectual y el actor de base pueden ser la misma persona. La vieja dicotomía entre “trabajadores de campo” e intelectuales no existe en DPH, afirman Françoise y los amigos de RITIMO. Para éstos últimos, el problema ya está superado: “Los trabajadores sociales, los mediadores, los educadores, los técnicos, todos hacen trabajo de campo. Trabajan con quienes no tienen expresión pública, a la vez que reflexionan sobre sus prácticas y a partir de lo que los sin voz pueden inventar”.

Los movimientos se crean modos de acumular y transmitir los conocimientos que van generando, ha observado André. Muchas veces estos son interpersonales, con diálogos directos, reuniones de trabajo, etc. Que DPH como sistema no se haya implantado en estos medios, debería hacernos reflexionar.

Tom habla de la importancia de los esfuerzos que buscan unir la acción a la reflexión. En un DHEPS (Diplôme des Hautes Études en Pratiques Sociales), por ejemplo, los cursos tienen un fuerte componente metodológico y se basan en el principio de la investigación-acción. El proceso permite que los “actores de terreno” tomen distancia respecto a su práctica y se conviertan en investigadores. Joël, Ricardo, Alexandre y Gerardo lamentan que, en efecto, el banco de datos DPH puede no ser de mucha utilidad para los grupos de base. En cambio, “a metodologia DPH, sua filosofia e mesmo seus instrumentos podem contribuir, e muito, para uma nova concepção do que seja a produção coletiva de conhecimentos ou para uma nova política de produção e circulação da informação”.

También se hace alusión, reiteradamente, a la función de los mediadores. Joël dice por ejemplo que, “si el mediador (el organismo miembro de DPH) utiliza la base de datos como instrumento didáctico y pedagógico, puede hacer que DPH sea muy útil para las bases (campesinos, organizaciones urbano-populares, etc.)”. La cuestión, según él, es “inventar los medios de trabajar a la vez sobre la reflexión y la acción: La ficha DPH lo permite: Es de lectura rápida y fácil; es accesible y ofrece un ejemplo y una capacidad de síntesis que les hace a menudo falta a la gente de base”.

Anna Teti opina que “si la gente de la base no necesita a DPH, hay que convencerlos de la utilidad de nuestra filosofía y manera de hacer las cosas. Este es un papel pedagógico que tenemos que desempeñar en nuestra calidad de mediadores”. Patricia pone un ejemplo en el que Juristes Solidarités cumplió un papel de “partero”, ayudando a la reflexión de los grupos de base sobre sus prácticas.

Gerardo plantea el reto de “aceitar las cadenas de transmisión que van hacia (y vienen desde) los grupos de base y las organizaciones sociales, apoyando por ejemplo a los escribanos locales, a los métodos de difusión que no pasan por lo escrito y mucho menos por la informática, y al trabajo de reflexión que llevan a

cabo esos grupos y organizaciones (por lo pronto aprovechando sus encuentros), etc.”. François piensa que es responsabilidad de cada red encontrar formas de ampliar el uso de las fichas en campo. PRODAR, por ejemplo, elabora fichas técnicas que no comparte con DPH pero son importantes para los grupos de productores.

Respecto al uso de las informaciones “de campo” por parte de los intelectuales, Joël y Vladimir opinan que “es preferible un proceso de reflexión que parta de experiencias de campo concretas, que uno que parta de ideas preconcebidas, de lugares comunes, de malos manuales de sociología y de estadísticas dudosas. Si unos intelectuales se alimentan de experiencias concretas para su reflexión, tanto mejor” (Joël).

Frédéric plantea que un compromiso mínimo de quienes usan informaciones de terreno como insumo para sus reflexiones es restituir la información obtenida y analizada.

Vladimir dice que DPH necesita el terreno, así como el terreno necesita un sistema como DPH (aún si esta demanda no siempre se formula claramente). Él concibe a DPH como un conglomerado de actores diferentes, de medios diferentes y con funciones diferentes.

11) Al fin y al cabo, la mayoría de los miembros de la Red utilizan solamente las fichas que ellos mismos producen, y no el resto de la base de datos. Esto muestra que la utilidad de las fichas DPH es muy limitada, y si a los miembros de la Red les interesa producirlas, es porque les permite tener acceso a un financiamiento de la FPH, o bien porque les da una herramienta para capitalizar su propia experiencia, estrictamente para su propio uso.

Esta provocación es similar a la n° 2, referente a la memoria colectiva. Tenemos la impresión de que, en efecto, somos pocos los usuarios de las fichas de los demás. Hay un potencial desaprovechado. ¿Será que carecemos de suficiente información sobre casos de utilización de DPH en su parte global?

Para Ricardo, la cuestión de la utilidad pone bajo una luz preocupante todo el concepto mismo de la base de datos y de la red DPH. Otros, como Joël, Patricia y los DIALOGOs, consideran que es “natural que seja assim no principio” y que lo importante es tener un capital de base de datos que pueda ser consultado en cualquier momento.

Estos últimos observan además que “algumas iniciativas de redes temáticas e regionais utilizam as fichas de outras bases, esporadicamente. Hoje qualquer grupo que tenha uma perspectiva e uma visão estratégica de mundo, tem que ter uma visão macro e conhecer ‘os outros’, ou numa linguagem da era da globalização, ‘os vizinhos’”. En palabras de Ana y André, “una preocupación macro es indispensable para tener ganas de leer la base, y considerar que nuestra acción no es ni la única ni la mejor, y que nos queda mucho por aprender. Lo que hay que desarrollar, es una actitud permanente de intercambio, lo que a veces se llama trabajo en red”. Las experiencias que relata Ina en su mensaje, son ilustrativas de ello.

Por su parte, Gerardo constata que no es fácil “desarrollar en nosotros mismos una cultura, un hábito de recurrir al banco de experiencias cada vez que nos involucremos en un proceso de discusión, de análisis, de formulación de alternativas, de trazo de estrategias a futuro”. Asomarse a ver a los demás presupone – como bien señala Vladimir – un estado de ánimo completamente diferente del que tenemos normalmente. Quizá, si nos preocupáramos por informarnos más acerca de la llegada de nuevas fichas, como hace Alexandre, estaríamos más motivados a hacer búsquedas. Aunque suene paradójico, “iríamos a explorar más fácilmente la base de datos si supiéramos lo que contiene” (Vladimir).

De cualquier manera, varios son los que afirman consultar la base de datos, aunque sea coyunturalmente: Ana y André, Anna Teti, Frédéric, Patricia, Ina y otros. Por ejemplo, Joël hace búsquedas en la base para satisfacer necesidades precisas (un proyecto, una investigación sobre un tema, etc.) Cuando encuentra algo, identifica experiencias interesantes para su investigación. “Esto me permite ponerme en contacto, ya sea con el autor de la ficha o con el organismo responsable de la experiencia. Esta es la utilización normal de las fichas comunes”.

Ina no queda muy satisfecha de lo que ha logrado recuperar en las búsquedas que ha hecho. Los amigos de RITIMO consideran que el envejecimiento de las fichas es un problema, y que es necesario actualizarlas.

Vladimir nota la importancia de la estructuración interdisciplinaria de la información; es decir la visibilidad de los vínculos entre los problemas. Algo tiene que ver esto con lo que señala Ariel: “el uso colectivo de la base de datos se desarrollará paralelamente al intercambio de información más elaborada”.

Finalmente, existe un factor relacionado con las herramientas de las que disponemos. Herramientas como el sistema de navegación con base en el tesoro permiten hacer visibles esos vínculos. “Com a utilização crescente da internet pela Rede DPH, de programas mais interativos (isis-windows, etc.), colocação da base em WWW, tradutores de linguas automáticos e outras ferramentas que devem surgir, a tendência é de uma maior utilização da base DPH” (DIALOGO).

Propuestas

Pascale: Elaborar un número de Passerelles y/o un catálogo de ideas con ejemplos de uso de la base DPH.. “Esto resulta esencial si pensamos en la comercialización hacia el exterior o en la búsqueda de proveedores de fondos potenciales”. En el mismo sentido, Ana Larrègle sugiere “poner en la mesa ejemplos concretos para mostrar que cosas podemos hacer, y el desperdicio que significa no usar la base”.

Un comentario final

El ejercicio dio sus frutos. Las veintidós respuestas a la provocación permiten dibujar un rico panorama de nuestros cuestionamientos, problemas, sensaciones, avances. No estamos en ninguna situación ideal, pero definitivamente tampoco nos encontramos en el escenario catastrófico que caricaturizaron las afirmaciones provocadoras. Resulta visible la vigencia de un proyecto colectivo, más allá de las numerosas dificultades. Las respuestas proporcionan abundantes elementos para redefinir nuestros principios filosóficos y políticos y para diseñar estrategias que nos permitan avanzar.

Quizá, como señala Ina, estamos todavía en un nivel demasiado teórico. Mi impresión es que estamos empezando a repensar a DPH desde nuestras prácticas, más allá de los buenos propósitos. Ustedes ¿qué opinan?

Ojalá pudiéramos, como dice Pascale, reunirnos para debatir directamente estas cuestiones. Por otro lado, ella ha planteado claramente la responsabilidad del CENO en cuanto al seguimiento de los debates surgidos de la provocación: “El CENO debería encargarse de identificar algunos elementos y de relanzarlos al debate, para que éste tenga vida”.

